

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Vanessa dos Santos Milder

**Sistemas tecnológicos e a história indígena em três sítios cerâmicos  
Guarani, situados nos distritos de São Valentim e Boca do Monte,  
Santa Maria/RS**

São Paulo  
2021

VANESSA DOS SANTOS MILDER

**Sistemas tecnológicos e a história indígena em três sítios cerâmicos Guarani, situados nos distritos de São Valentim e Boca do Monte, Santa Maria/RS**

**Versão Revisada**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia e Sociedade

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Angelina Alves

São Paulo  
2021

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dos Santos Milder, Vanessa  
Sistemas tecnológicos e a história indígena em três  
sítios cerâmicos Guarani, situados nos distritos de  
São Valentim e Boca do Monte, Santa Maria/RS /  
Vanessa dos Santos Milder; orientadora Márcia  
Angelina Alves. -- São Paulo, 2021.  
248 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em  
Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia,  
Universidade de São Paulo, 2021.

1. Guarani. 2. cerâmica. 3. contextos. 4.  
escolhas. 5. história indígena. I. Angelina Alves,  
Márcia, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:  
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Nome: MILDER, Vanessa dos Santos

Título: Sistemas tecnológicos e a história indígena em três sítios cerâmicos Guarani, situados nos distritos de São Valentim e Boca do Monte, Santa Maria/RS.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Arqueologia.

Aprovado em: 26 de agosto de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr.<sup>a</sup> Márcia Angelina Alves.

Instituição: MAE-USP

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Alexandre Henrique Delforge.

Instituição: MAE-USP

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Camilo de Mello Vasconcellos.

Instituição: UFSJ

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. André Luis Ramos Soares.

Instituição: UFSM

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Lucio Lemos.

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Ao (antigo LEPA) – laboratório de estudos e pesquisas arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria e toda sua equipe, pelo acolhimento, apoio e aprendizados adquiridos.

Ao professor Victor Hugo (em memória), sua esposa Rosane Pedrollo e sua equipe: Edio Erni Prade, Ana Inez Klein, João Elíbio Ziegler, Neida Ceccin Moralles, Roselene Gomes e Elisabete Coelho Batista, pela coleta e guarda dos materiais arqueológicos e documentos analisados nesta pesquisa.

Aos amigos, Genício Karaí e Guilherme Benites, pela recepção, conversas e acolhimento na aldeia Guarani *Guaviraty Porã* (Santa Maria-RS). À aldeia Guarani, agradeço pelo espaço e abertura que me foi concedido. Pela vivência, aprendizado e pela incorporação e mergulho na cultura indígena, tanto na visão acadêmica quanto pessoal/simbólica.

À comunidade dos Distritos de São Valentim e Boca do Monte (Santa Maria) e as localidades do entorno: Alto da Palmeiras, Rincão dos Flores e Estância Velha.

Ao Sr. Arani e sua família pela gentileza e disposição em me receber, ouvir e ensinar sobre a área em estudo do sítio Rincão dos Flores.

Ao Sr. Régis D'Ávila, pela gentileza e compreensão constantes em apoiar e disponibilizar o espaço para a pesquisa acadêmica em um sítio arqueológico tão importante e relevante nesta pesquisa: o Alto das Palmeiras (VAC. M6).

Ao Sr. Márcio Ilha, agradeço por intermediar algumas atividades junto à comunidade e disponibilizar tempo e recursos para as tarefas prospectivas. Agradeço também ao Alex pelo apoio em campo.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia Angelina Alves, orientadora desta tese de doutorado. Agradeço pela firme orientação durante o tempo de curso: apoiando, incentivando, indicando leituras, sugerindo discussões. Agradeço por todos os ensinamentos e pela orientação nos momentos difíceis do processo de pesquisa, pois soube, de maneira sensível e humana, mostrar que são necessárias etapas, uma após a outra, e que os altos e baixos fazem parte do processo de aperfeiçoamento e aprendizagem.

Em memória, ao professor, arqueólogo e coordenador do LEPA/UFSM - Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Saul Eduardo Seiguer Milder: pelo aprendizado em campo e laboratório, pelos pareceres e discussões sobre o tema proposto nesta tese – o qual já

estava sendo delineado em 2010. Agradeço pelo incentivo e por ter sido a primeira pessoa a acreditar nesta proposta de pesquisa, quando eram apenas ideias e pensamentos.

À equipe do Laboratório de Topografia e Geodésia Espacial do DER/CCN/UFSM, coordenado pelo Prof. Dr. Jaime Freiburger Junior, e as alunas Flaviana Máris de Paiva e Silva e Daniela Daiane Walker, pelo levantamento topográfico, o qual representou um importante apoio na atividade de campo.

Aos técnicos do Laboratório de Laminação Ronaldo Fontoura e, do Laboratório de Sedimentologia, Rômulo Aita do departamento de Geociência do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM.

A Prof<sup>a</sup>. Dra. Andrea Valli Nummer, coordenadora do PPGGEO do Departamento de Geociência da UFSM.

A Dra. Natália de Freitas Daudt, responsável pelo Laboratório de Microscopia Eletrônica de Varredura do Departamento de Engenharia Mecânica da UFSM.

Ao técnico do Laboratório de magnetismo e materiais magnéticos Gustavo Luiz Callegari e, ao mestrando Bruno Monteiro Figueiró do curso de Física do Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE) da UFSM.

Ao professor Dr. Júlio Quevedo, docente do curso de História e do PPGH (CCSH) da UFSM pelo apoio e incentivo desde a época de graduação no curso de História e por sua orientação no trabalho de conclusão de curso.

Ao museólogo do LASCA (Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas) – antigo LEPA /UFSM, Bernardo Duque de Paula, que esteve sempre disposto a discutir e trocar ideias sobre as incógnitas do Acervo Victor Hugo.

Ao professor Dr. André Luis Ramos Soares, docente do Curso de História e do PPGH (CCSH) e Coordenador do LASCA/UFSM, pelo apoio institucional e acadêmico. Aos bolsistas do LASCA: Patrick, Willian, Maria Eduarda e Amanda.

Ao apoio de amigos e colegas.

Em especial, ao apoio do Dr. Lucio Lemes, arqueólogo, historiador e um amigo muito querido.

Ao apoio de minha família, principalmente ao de minha mãe Jane e ao de meu filho Lucas Soares.

## RESUMO

MILDER, Vanessa dos Santos. **Sistemas tecnológicos e a história indígena em três sítios cerâmicos Guarani, situados nos Distritos de São Valentim e Boca do Monte, Santa Maria/RS**. 2021. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Na década de 80, o professor Victor Hugo Oliveira da Silva, que coordenava o Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria/RS evidenciou e escavou sítios arqueológicos na região do Sétimo Distrito de Santa Maria/RS e, em várias localidades rurais do entorno. A revelação dos sítios se dava por meio de informações dos agricultores da região, pois, estes encontravam cacos de cerâmica ao lavrarem a terra. Os materiais, aos quais se referiam, são utensílios, resquícios de artefatos, confeccionados e utilizados por grupos indígenas que habitaram o território que hoje é Santa Maria. Porém, as atividades arqueológicas se restringiram basicamente ao campo arqueológico e coleta de fragmentos cerâmicos, chegando até os dias atuais com poucos registros documentais das atividades, incluindo o extravio da localização dos sítios arqueológicos. Ao retomarmos as pesquisas, desenvolvemos, analisamos e interpretamos os contextos arqueológicos e históricos, com objetivos de recuperar parte da história dos habitantes que um dia ocuparam a área dos três sítios arqueológicos: Alto das Palmeiras, (VAC.M 6), Rincão dos Flores (VAC 3) e Estância Velha (VAC 1, VAC 2 e VAC4). Através de uma pesquisa histórica e arqueológica, que busca compreender até mesmo uma heurística extraviada pelo tempo; conversas informais com ex-membros da equipe de arqueologia; realocização de sítios através de diferentes fontes e *insights* durante o percurso, análises das coleções cerâmicas, bem como a recuperação das localizações dos três sítios supracitados, além da análise contextual e cronológica, alguns aspectos tecnológicos sobre a cerâmica e a história que permeia os contextos no qual esta foi utilizada, são tecidos e encadeados neste discurso. Os levantamentos dos dados históricos e arqueológicos nos possibilitou construir argumentos que dão suporte para a compreensão da ocupação e reocupação do território por grupos indígenas durante diferentes períodos em que o estreitamento e alargamento das fronteiras territoriais e os mecanismos de conquista reducional mudaram o ritmo de vida das populações indígenas da região. A pesquisa apresenta um estudo tecnológico de 5.545 elementos cerâmicos guarani. As análises das coleções cerâmicas pressupõe e evidenciam algumas tendências particulares das (os) artesãs (ãos) relacionadas às suas escolhas tecnológicas, bem como juntamente com os contextos históricos, nos fornecem particularidades e questionamentos sobre a história indígena e colonial local, do Distrito de Boca do Monte e do Distrito de São Valentim - Santa Maria/RS.

**Palavras-chave:** Guarani. Cerâmica. Contextos. Escolhas. História indígena.



## Abstract

MILDER, Vanessa dos Santos. Technological systems and indigenous history in three Guaraní ceramic sites, located in the Districts of São Valentim and Boca do Monte, Santa Maria/RS. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

In the 1980s, Professor Victor Hugo Oliveira da Silva, who coordinated the Laboratory for Archaeological Studies and Research at the Federal University of Santa Maria/RS, discovered and excavated archaeological sites in the region of the Seventh District of Santa Maria/RS and in various rural locations in the surrounding area. The sites were revealed through information provided by the farmers of the region, as they found pottery shards while plowing the soil. The materials, to which they referred, were utensils, remains of artifacts, made and used by indigenous groups that inhabited the territory that is now Santa Maria. However, the archeological activities were basically restricted to the archeological field and the collection of ceramic fragments, reaching the present day with few documentary records of the activities, including the loss of the location of the archeological sites. When we resumed our research, we developed, analyzed, and interpreted the archaeological and historical contexts, with the aim of recovering part of the history of the inhabitants who once occupied the area of the three archaeological sites: Alto das Palmeiras, (VAC.M 6), Rincão dos Flores (VAC 3) and Estância Velha (VAC 1, VAC 2 and VAC 4). Through historical and archeological research, which seeks to understand even a heuristic lost to time; informal conversations with former members of the archeology team; relocation of sites through different sources and insights along the way, analysis of the ceramic collections, as well as the recovery of the locations of the three aforementioned sites, in addition to contextual and chronological analysis, some technological aspects about ceramics and the history that permeates the contexts in which it was used, are woven and chained together in this discourse. The survey of historical and archeological data has allowed us to construct arguments that support an understanding of the occupation and reoccupation of the territory by indigenous groups during different periods in which the narrowing and widening of territorial frontiers and the mechanisms of the reducional conquest changed the rhythm of life of the indigenous populations of the region. The research presents a technological study of 5,545 Guaraní ceramic elements. The analysis of the ceramic collections presupposes and evidences some particular tendencies of the artisans related to their technological choices. Together with the historical contexts they provide us with particularities and questions about the local indigenous and colonial history of the District of Boca do Monte and the District of São Valentim -Santa Maria - RS.

**Keywords:** Guaraní. Pottery. Contexts. Choices. Indigenous history.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização dos sítios arqueológicos.....	26
Figura 2 - Mapa da Província Jesuítica do Paraguay.....	42
Figura 3 – Missões do Tape antes da transmigração em 1630.....	44
Figura 4 – Modelo da espacialização de uma redução. Missão de Nossa Senhora de Candelária (1767) .....	45
Figura 5 – Fonte dos Jesuítas.....	81
Figura 6 – Fonte ou bica indígena-jesuítica. Na foto, o Sr. Régis D’Ávila, proprietário da área.....	81
Figura 7 – Detalhe construtivo da bica (empilhamento de blocos médios e grandes de arenito friável já cobertos por musgo.....	82
Figura 8 – Croqui do sítio Alto das Palmeiras com referência ao local da fonte.....	83
Figura 9 – Trabalho de campo em novembro/2018. Relocalização do sítio arqueológico Estrada Alto das Palmeiras.....	83
Figura 10 – Mancha do solo antropogênico. Sítio Estrada/Alto das Palmeiras Mancha de solo antropogênico.....	84
Figura 11 – Perfil da estrada. Solo antropogênico associado à cerâmica (30 cm de profundidade). Na figura inferior direita, solo antropogênico associado à cerâmica (30 cm de profundidade). Na figura inferior direita, solo antropogênico, associado à cerâmica arqueológica.....	84
Figura 12 – Croqui do perfil estratigráfico do sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras-lado direito da estrada.....	85
Figura 13 - Paisagem relacionada ao sítio arqueológico Estrada Alto das Palmeiras (Vacm6) .....	85
Figura 14 - Imagem de satélite (Vacm 6) .....	86
Figura 15 – Entorno do sítio Alto das Palmeiras, próximo à fonte.....	87
Figura 16 – Paisagem da área que recebeu intervenções arqueológicas em 1985.....	88
Figura 17 – Estabelecimento de um ponto referência para delimitar áreas potenciais do sítio.....	89
Figura 18 – Atividade de levantamento topográfico no terreno do sítio arqueológico Alto das Palmeiras.....	90
Figura 19 – Atividade de levantamento topográfico realizado pela equipe do Laboratório de Topografia e Geodésia Espacial do DER/CNN/UFSM.....	91

Figura 20 – Mapa hidrográfico.....	93
Figura 21 – Topografia do terreno em metros. (Sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras Vacm.6).....	94
Figura 22 – Topografia do terreno em metros. (Sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras (Vacm.6) ).....	94
Figura 23 – Localização do sítio arqueológico VAC 3. À direita da imagem, a cabeceira de nascente cercada por uma taquaireira.....	96
Figura 24 – Vegetação do entorno do sítio arqueológico.....	97
Figura 25 – Fragmentos cerâmicos encontrados na intervenção de maio/2020.....	97
Figura 26 – Fragmentos cerâmicos encontrados na intervenção de maio/2020.....	98
Figura 27 – Madeira petrificada encontrada na barranca da cabeceira de nascente, próximo ao sítio.....	98
Figura 28 – Perfil com exposição não recente do solo. Limite Norte do sítio arqueológico, no corte da estrada.....	99
Figura 29 – Perfil do talude do córrego que se formou na cabeceira de nascente localizada no sítio arqueológico.....	99
Figura 30 – Perfil do talude na estrada, com a exposição da formação geológica.....	100
Figura 31 – Alunos bolsistas no NEPA/UFSM: Antônio João Vogt, João Elíbio Ziegler e José Mauro Machado e o professor Victor Hugo da Silva – (V. H. ao centro da imagem) .....	101
Figura 32 – Paisagem do sítio arqueológico Estância Velha/Anos 80.....	102
Figura 33 – Trincheira em terreno com solo arenoso (sítio Estância Velha) .....	102
Figura 34 – Paisagem do sítio arqueológico Estância Velha (Junho/2021) .....	103
Figura 35 – Evidência de cerâmica (borda de cambuchí) e ossos em meio ao solo antropogênico (Sítio Estância Velha) .....	103
Figura 36 – Paisagem atual do sítio arqueológico Estância Velha.....	104
Figura 37 – Paisagem atual do sítio Estância Velha, de outro ângulo, a partir da estrada, e local da área do sítio.....	105
Figura 38 – Paisagem circundante ao sítio Estância Velha (RS) .....	106
Figura 39 – Processo de ravinamento em constante erosão causando as voçorocas.....	106
Figura 40 – Exemplos de Técnicas de produção (A-modelagem, B-roletado, C-moldado, D-torneado) e Tipos de tecnologia para controle térmico (E, F, G, H, I, J) .....	122
Figura 41 – Desenho demonstrativo da morfologia de um vasilhame.....	123
Figura 42 – Fragmentos de paredes com decoração plástica corrugada (simples) .....	133
Figura 43 – Fragmentos com presença de antiplásticos (calcário, caolim ou ossos) .....	133

Figura 44 – Fragmento de parede com decoração plástica espatulada.....	133
Figura 45 – Fragmentos com engobo branco e vermelho, respectivamente, nas faces internas.....	134
Figura 46 – Face interna dos fragmentos.....	134
Figura 47 – Fragmento de parede com decoração plástica ungulada. Nº de catálogo15/Profundidade (35-45cm) .....	134
Figura 48 – Fragmentos com decoração plástica corrugada-ungulada.....	135
Figura 49 – Fragmento de parede com evidência de antiplástico mineral (nódulo de óxido ferroso).....	135
Figura 50 – Fragmentos de paredes com reforço interno.....	136
Figura 51 – Fragmentos de bases (Ct. 45/E, com positivo e negativo dos roletes.....	137
Figura 52 – Perfis de bases convexa côncava e convexa plana, respectivamente.....	138
Figura 53 – Antiplásticos.....	139
Figura 54 – Fragmentos de paredes com decoração ungulada ou pseudo-ungulada (imbrincado) .....	139
Figura 55 – Tipos de queima cerâmica.....	140
Figura 56 – Fragmento com pasta e ângulo similar aos fragmentos de telhas, com aplicação da decoração corrugada.....	143
Figura 57 – Material construtivo (fragmentos de telhas) – Rincão dos Flores (VAC 3) .....	143
Figura 58 – Fragmentos de telhas encontrados no nível superficial do sítio.....	143
Figura 59 – Moedas – sítio arqueológico Rincão dos Flores.....	144
Figura 60 – Moeda com inscrição do ano 1869 (à esquerda). Peça fragmentada em bronze (à direita) .....	144
Figura 61 – Morfologia dos fragmentos.....	145
Figura 62 – Fragmentos de bases (ct. 5) .....	146
Figura 63 – Bases convexas (faces externas e internas, respectivamente) .....	148
Figura 64 – Fragmentos de parede. Decoração plástica corrugado imbricado.....	148
Figura 65 – Face interna dos fragmentos da Figura 64.....	148
Figura 66 – Fragmento de parede com decoração plástica escovada (ct. 3) .....	151
Figura 67 – Paredes alisadas com engobo branco sob grafismos em vermelho (ct. 5) .....	152
Figura 68 – Vasilha remontada parcialmente (ct. 32).....	154
Figura 69 – Fragmentos de paredes com aplicação de engobo branco e pintura (faixas ou bancas) vermelhas, características de um vasilhame do tipo cambuchí.....	155

Figura 70 – (1) Queima da pasta com zonas bem marcadas. (2) Remontagem de fragmentos (face externa). (3) face interna.....	155
Figura 71 – Vasilha fragmentada (ct. 5). Forma e dimensões de um Ñamôpyu, ñamypiu.....	156
Figura 72 – (A) – Fragmento de parede, com resquício de pintura vermelha na face externa. (B) – Técnica de manufatura: torneada. ct. 30/Sítio Estância Velha I.....	157
Figura 73 – Fragmento de vasilha Guarani (ct. 4) .....	157
Figura 74 – Fragmentos remontados (bordas e paredes)/ ct. 40/39.....	158
Figura 75 – Fragmento de borda espatulado (ct. 5) .....	159
Figura 76 – Fragmento de grês.....	159
Figura 77 – Representação gráfica de borda (ct. 67). Diâmetro da abertura (boca): 23 cm....	163
Figura 78 – Representação gráfica de borda (ct. 67). Diâmetro da abertura (boca): 32 cm....	163
Figura 79 – Representação gráfica de borda (ct. 68). Diâmetro da abertura (boca): 28 cm....	164
Figura 80 – Representação gráfica de borda (ct. 81). Diâmetro da abertura (boca): 28 cm....	165
Figura 81– Representação gráfica de borda (ct. 76). Diâmetro da abertura (boca): 24 cm....	166
Figura 82– Representação gráfica de borda (remontada) ct. 78. Diâmetro da abertura (boca): - 15 cm.....	166
Figura 83 – Fragmento de parede com decoração plástica escovada.....	167
Figura 84 – A – Fragmento de base (s/catálogo), com face interna alisada e pintada (vermelho). B – Fragmento de parede (s/catálogo), com face interna alisada e pintada (vermelho). Fragmentos coletados no perfil da estrada.....	169
Figura 85 – Fragmentos corrugados/espatulados com colorações diferentes em sua superfície externa (A). Fragmento com queima 5 (ct. 64) .....	170
Figura 86 – Fragmentos cerâmicos com núcleos escuros e superfícies de tratamento alisadas com engobo e/ou pintura vermelha.....	171
Figura 87 – Equipamento utilizado na primeira fase de análises por Difratomia.....	173
Figura 88 – Amostra 07: amostra preparada em laboratório para procedimento de análise por Difratomia.....	174
Figura 89 – Metalizador: equipamento para a preparação das amostras metalizadas.....	178
Figura 90 – Equipamentos de MEV e EDS.....	179
Figura 91 – Amostra I (face interna) /sítio arqueológico em Estância Velha.....	180
Figura 92 – Amostra I (face externa) .....	181
Figura 93 – Mapa dispersivo dos elementos da Amostra I – face externa.....	181
Figura 94 – Amostra I – face externa (Ponto 1) .....	182
Figura 95 – Amostra I – face externa (Ponto 2) .....	183

Figura 96 – Amostra J – face externa (engobo branco)/sítio arqueológico Estância Velha.....	184
Figura 97 – Amostra N – Microscopia.....	184
Figura 98 – Amostra N/Microscopia.....	185
Figura 99 – Amostra N/Microscopia .....	186
Figura 100 – Amostra B – ponto 1.....	186
Figura 101 – Amostra B – ponto 2.....	187
Figura 102 – Amostra A – Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura...187	
Figura 103 – Amostra A – Fragmento de telha colonial.....	188
Figura 104 – Amostra A – Microscopia – Ponto 1.....	188
Figura 105 – Amostra A – Microscopia – Ponto 2.....	188
Figura 106 – Amostra A – Microscopia – Ponto 3.....	189
Figura 107 – Amostra C – Microscopia.....	189
Figura 108 – Amostra C – Microscopia.....	189
Figura 109 – Amostra V – Microscopia.....	190
Figura 110 – Amostra V – Microscopia – Ponto 1.....	190
Figura 111 – Amostra V – Microscopia – Ponto 1.....	191
Figura 112 – Lâmina petrográfica da Amostra 7.....	191
Figura 113 – Minerais observados na Amostra N. À direita, um quartzo.....	191
Figura 114 – Sondagem A.....	238
Figura 115 – Sondagem C.....	238
Figura 116 – Sondagem B.....	238
Figura 117 – Sondagem B – Material cerâmico.....	238
Figura 118 – Indígenas da etnia <i>Mb'ya Guarani</i> no calçadão de Santa Maria/RS.....	239
Figura 119 – Aldeia Guarani <i>Guaviraty Porã</i> .....	239
Figura 120 – Diálogo com Genício Karaí ( <i>Papá</i> ) .....	240
Figura 121 – Genício Karaí analisando as formas das vasilhas.....	240
Figura 122 – Diálogo com Genício Karaí, em sua primeira intervenção.....	240
Figura 123 – Diálogo com as mulheres Guarani artesãs.....	241
Figura 124 – Apresentação dos espaços da aldeia pelos Guarani.....	241
Figura 125 – Mulheres Guarani reunidas.....	241
Figura 126 – Diálogo com as mulheres Guarani artesãs. Explicação da simbologia.....	242
Figura 127 – Ritual de recepção, entrega de fumo em corda.....	242
Figura 128 – Participação da <i>Abuela</i> durante o ritual.....	243

Figura 129 – Mulheres utilizando cachimbo.....	243
Figura 130 – Trincheiras com material cerâmico.....	244
Figura 131 – Trincheira com 3 quadrículas.....	244
Figura 132 – Proprietário da área.....	245
Figura 133 – Trecho da nascente.....	245
Figura 134 – Alguns membros da equipe de campo.....	246
Figura 135 – Equipe de campo.....	246
Figura 136 – <i>Uprooting</i> .....	247
Figura 137 – Processo de confecção de uma lâmina petrográfica.....	248

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação de sítios arqueológicos.....	27
Quadro 2 - Conjuntos cerâmicos Guarani e Tupi Norte Oriental.....	38
Quadro 3 - Atuação dos jesuítas de linhagem espanhola.....	40
Quadro 4 - Disputas territoriais na região setentrional do Prata, após 1700.....	40
Quadro 5 - Sistematização dos tratamentos de superfícies.....	121
Quadro 6 - <i>Yapepó</i> .....	125
Quadro 7 - <i>Cambuchi</i> .....	125
Quadro 8 - <i>Cambuchi Caguâba</i> .....	125
Quadro 9 - Nãe (ñaembé, tembiiru).....	126
Quadro 10 - <i>Ñaetá, ñaetá</i> .....	126
Quadro 11 - <i>Ñamôpyu, ñamypiu</i> .....	126
Quadro 12 - Relação diâmetro e volume (litros).....	126
Quadro 13 - Datação: Estrada/Alto das Palmeiras e Rincão dos Flores.....	128
Quadro 14 - Datação: Estrada/Alto das Palmeiras, Rincão dos Flores e Estância Velha.....	128
Quadro 15 - Datação: sítios arqueológicos do entorno.....	128
Quadro 16 - Intervenção Fev./1984. Níveis verticais e números de catálogos (VAC. 3).....	129
Quadro 17 - Quadro com a variação métrica das espessuras dos fragmentos).....	131
Quadro 18 - Quadro com a classificação quanto aos antiplásticos.....	131
Quadro 19 - Fragmento de Borda (Ct.12).....	137
Quadro 20 - Fragmento de Borda (Ct.13).....	137
Quadro 21 - Sistematização da relação entre queima e decoração plástica corrugada.....	141
Quadro 22 - Sistematização da relação entre queima e decoração plástica ungulada.....	142
Quadro 23 - Variação métrica das espessuras dos fragmentos.....	147
Quadro 24 - Relação dos antiplásticos x decorações.....	147
Quadro 25 - Fragmento de borda.....	149
Quadro 26 - Fragmento de borda.....	149
Quadro 27 - Fragmento de borda.....	149
Quadro 28 - Fragmento de borda.....	149
Quadro 29 - Fragmento de borda torneada (ct. 33).....	150
Quadro 30 - Fragmento de borda – ct.40. Desenho e projeção do diâmetro.....	151
Quadro 31 - Fragmento de borda Ct. 38 e Ct. 40.....	152



Quadro 32 - Fragmento de borda. Ct.4.....	149
Quadro 33 - Relação da queima x tratamento de superfície.....	159
Quadro 34 - Quadro com a sistematização das três intervenções realizadas no Sítio VAC M. 6.....	160
Quadro 35 - Variação métrica das espessuras dos fragmentos.....	161
Quadro 36 - Relação dos antiplásticos x decorações.....	161
Quadro 37 - Morfologia e quantificação da coleção arqueológica cerâmica do sítio Alto das Palmeiras. ....	162
Quadro 38 - Fragmento de borda (ct. 68). ....	162
Quadro 39 - Fragmento de borda (ct. 67) .....	163
Quadro 40 - Fragmento de borda (ct.68) .....	164
Quadro 41 - Fragmento de borda (ct.81) .....	164
Quadro 42 - Fragmento de borda (remontagem) (ct. 76).. ....	165
Quadro 43 - Representação gráfica de borda (remontada) /ct.78. Diâmetro de abertura (boca): 27 cm.....	163
Quadro 44 - Representação gráfica de borda ct.76. Diâmetro de abertura (boca): 16 cm.....	163
Quadro 45 - Representação gráfica de borda (remontada) /ct.68. Diâmetro de abertura (boca): 56 cm.....	164
Quadro 46 - Representação gráfica de borda /ct.63. Diâmetro de abertura (boca): 15 cm.....	164
Quadro 47 - Representação gráfica de borda /ct.98. Diâmetro de abertura (boca): 22 cm.....	169
Quadro 48 - Amostras cerâmicas analisadas por microscopia eletrônica de varredura.....	179

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Classificação dos fragmentos do sítio Rincão dos Flores. ....	130
Gráfico 2 - Gráfico com a quantidade referente à classificação morfológica.....	131
Gráfico 3 - Sistematização da queima.....	141
Gráfico 4 - Morfologia dos fragmentos. ....	145
Gráfico 5 - Tratamentos de superfície e decorações de 435 fragmentos cerâmicos. ....	147
Gráfico 6 - Queima das pasta cerâmica de 357 fragmentos cerâmicos. ....	159
Gráfico 7 - Gráfico quantitativo da classificação do tratamento de superfície. ....	161
Gráfico 8 - Difratoograma de Raio –X da Amostra 1.....	175
Gráfico 9 - Difratoograma de Raio–X da Amostra 2.....	175
Gráfico 10 - Difratoograma de Raio–X da Amostra 3.....	176
Gráfico 11 - Difratoograma de Raio–X da Amostra 4.....	176
Gráfico 12 - Difratoograma de Raio–X da Amostra 5.....	176
Gráfico 13 - Difratometria de Raio–X da Amostra 6.....	177
Gráfico 14 - Gráfico. Difratometria de Raio–X da Amostra 7. ....	177
Gráfico 15 - Gráfico quantitativo e de identificação dos elementos – face interna da amostra I. .....	180
Gráfico 16. Gráfico quantitativo e de identificação dos elementos – face externa da amostra I.. .....	182

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	22
1 OS GUARANI DA DEPRESSÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	31
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DE SANTA MARIA/RS.....	31
1.2 PRIMEIRA FASE DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL – OS SÍTIOS CERÂMICOS.....	33
1.3 A TRADIÇÃO TUPIGUARANI.....	34
1.4 OS ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS E AS DISPUTAS TERRITORIAIS ENTRE PORTUGAL E ESPANHA NA REGIÃO PLATINA.....	38
1.5 AS MISSÕES JESUÍTICO-GUARANIS.....	42
1.6 PERÍODO COLONIAL: PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	46
1.6.1 <i>A Redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária/1633 – RS.....</i>	<b>46</b>
1.6.2 <i>A Redução Jesuítico-Guarani de Nossa Senhora da Candelária do Caaçapamini/1627.....</i>	<b>47</b>
1.6.3 <i>A Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel ou São José.....</i>	<b>48</b>
1.7 CONTRIBUIÇÕES HERMENÊUTICAS: CONCEPÇÕES QUE PERPASSAM A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PESQUISA.....	49
1.7.1 <i>O conceito de “zona de fronteira” e território .....</i>	<b>49</b>
1.7.2 <i>Habitus e o capital cultural (simbólico) acumulado.....</i>	<b>51</b>
1.7.3 <i>As metáforas na atividade oleira: o nó simbólico entre pensamento e confecção cerâmica .....</i>	<b>53</b>
1.7.3.1 <i>A hipótese termodinâmica.....</i>	<b>55</b>
1.8 SOBREPOSIÇÕES E SIGNIFICADOS DOS DESENHOS GUARANI (ETNOGRAFIA DO PRESENTE).....	56
1.8.1 <i>Cosmologia Guarani e os padrões gráficos (Etnoarqueologia).....</i>	<b>58</b>
1.9 AS FONTES ETNO-HISTÓRICAS.....	61
2 CONTEXTUALIZAÇÃO AMBIENTAL, PAISAGEM, PESQUISA DE CAMPO E CRONOLOGIA NA DEPRESSÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	64
2.1 ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM.....	64
2.2 O CONCEITO DE ESPAÇO.....	65
2.3 HIBRIDISMO CULTURAL (ZONAS DE FRONTEIRA OU DE CONTATO CULTURAL).....	68

2.4 O FATOR-GEO.....	69
2.5 MÉTODOS.....	69
2.5.1 Totalidade Social na concepção sistêmica: amarrando as noções de Marcel Mauss....	70
2.5.2 Prospecção e sondagem.....	71
2.5.3 Superfícies amplas, perfil e decapagem.....	72
2.5.4 Núcleos de solo antropogênico.....	74
2.5.5 Georreferenciamento e sensoriamento remoto.....	74
2.6 ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM E OS SÍTIOS GUARANI DE SANTA MARIA.....	75
2.6.1 Unidade do Relevo, Clima e Solos.....	77
2.7 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO ESTRADA/ ALTO DAS PALMEIRAS (VAC.M6).....	79
2.8 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO RINCÃO DOS FLORES (VAC 3).....	95
2.9 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO ESTÂNCIA VELHA (VAC 1), II (VAC 2), III (VAC 4).....	101
3 TEORIA E VARIABILIDADE ARTEFATUAL NA CERÂMICA GUARANI DA DEPRESSÃO CENTRAL.....	108
3.1 APORTES PARA UMA DISCUSSÃO DA VARIABILIDADE DOS ARTEFATOS...108	
3.2 CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS.....	111
3.2.1 Técnica e fato social total.....	113
3.2.2 Sistema Tecnológico.....	116
3.2.3 Cadeia operatória.....	117
3.2.4 Escolhas tecnológicas.....	118
3.3 TÉCNICAS DE ANÁLISE CERÂMICA.....	119
3.3.1 Quanto ao estudo tipológico.....	120
3.3.1.1. Quanto ao tratamento de superfície.....	120
3.3.1.2 Precisoões sobre as técnicas de montagem.....	121
3.3.1.3 Atributos Morfológicos.....	122
3.3.1.4. As pinturas.....	123
3.3.1.5 Banhos, Barbotina e Engobo.....	124
3.3.1.6 Formas.....	125
3.4 DATAÇÃO POR TERMOLUMINESCÊNCIA.....	127
3.4.1 Datações.....	127
3.5 ANÁLISE TIPOLÓGICA – SÍTIO ARQUEOLÓGICO RINCÃO DOS FLORES (VAC. 3).....	129
3.6 ANÁLISE TIPOLÓGICA – SÍTIO ARQUEOLÓGICO ESTÂNCIA VELHA I, II E III (VAC 1, VAC 2 E VAC 4).....	145

3.7 ANÁLISE TIPOLOGICA – SÍTIO ARQUEOLÓGICO ESTRADA/ALTO DAS PALMEIRAS.....	160
4 MÉTODOS E ANÁLISES TÉCNICAS DA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA.....	172
4.1 MÉTODOS E TÉCNICAS PARA O ESTUDO TÉCNICO.....	172
4.1.1 <i>Difração de RX</i> .....	173
4.1.2 <i>As Análises: Microscopia Eletrônica de Varredura (Mev) e Espectroscopia de Dispersão de Energia (Eds)</i> .....	178
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	192
5.1 ANÁLISE INTRA-SÍTIO.....	192
5.1.1 <i>Sítio arqueológico Estância Velha I, II e III (VAC 1, VAC 2 E VAC 4)</i> .....	192
5.1.2 <i>Sítio Arqueológico Rincão dos Flores (VAC 3)</i> .....	194
5.1.3 <i>Sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras (VAC M.6)</i> .....	196
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	198
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	212
ANEXOS.....	221

*“El pasado, los pasados, están aquí ahora, en todos lados, bajos nuestros pies [...], delante de nuestros ojos cuando vemos un castro, o en nuestras manos cuando utilizamos un hacha [...] El pasado, frente a lo que piensan muchos, no pasan tan facilmente. Insiste en asirse al presente y, a veces, en envenenarlo.”*  
(GONZÁLEZ-RUIBAL, 2012, p. 106).

## INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada possui como objetivos principais: a realocização de três sítios arqueológicos e a análise das coleções cerâmicas dos mesmos. Estes sítios estão localizados no município de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul. As coleções cerâmicas de tais sítios estão armazenadas na reserva técnica do LASCA<sup>1</sup>/UFSM desde os anos 80.

Parte dos registros de campo (croquis e anotações), referentes aos sítios arqueológicos, ficaram perdidos por aproximadamente 20 anos, fato que inviabilizou o desenvolvimento das pesquisas nos referidos sítios. Em 2014, localizamos alguns documentos, depois de uma longa e exaustiva investigação, e do contato com um antigo membro da equipe do laboratório de arqueologia da Universidade Federal de Santa Maria. Na documentação recuperada, encontramos croquis de sítios arqueológicos, dentre eles os que estão contemplados na presente pesquisa.

Assim, abriu-se a possibilidade de relacionar o estudo da cultura material e as observações dos contextos, nos quais os artefatos estavam inseridos. Porém, tornou-se prioridade a realocização das áreas potenciais e dos próprios sítios, pois como foram descobertos nos anos 80 do século passado, muitas tecnologias, como o GPS e outros instrumentos não foram utilizados nos trabalhos de registro de campo.

Tendo isso em vista, diante da abertura contextual possibilitada pelos registros recuperados, associados à cultura material, bem como na oportunidade inusitada de um resgate histórico através da arqueologia, reiteramos os focos principais: em primeiro, a análise dos sistemas tecnológicos das coleções arqueológicas cerâmicas de três sítios que foram registrados na década de 1980, na região Central do Rio Grande do Sul. Em segundo, a realocização dos mesmos sítios (Figura 1). Em terceiro, a reconstrução parcial de aspectos históricos através dos dados empíricos, arqueológicos e documentais que incorporam a região do Distrito de São Valentim e do Distrito de Boca do Monte (Santa Maria/RS).

Em relação ao primeiro objetivo, enfatizamos a necessidade de explorar a dimensão social da ação tecnológica, ou seja, buscar hipóteses e conclusões plausíveis e coerentes de

---

<sup>1</sup> Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas / Universidade Federal de Santa Maria.

acordo com o contexto cultural e simbólico do grupo ceramista, sem esquecer dos diferentes contextos históricos ao qual já estavam submetidos. Assim, o estudo dos sistemas tecnológicos engloba o estudo das técnicas em si, dos conjuntos das técnicas, e, enfaticamente, o (s) conjunto (s) de técnicas relacionadas às esferas culturais e simbólicas.

Simultaneamente aos questionamentos referentes às escolhas tecnológicas – incluindo em diferentes contextos sociais, históricos, culturais, simbólicos e geográficos – são avaliadas e inseridas na compreensão das mudanças e permanências técnicas para a cerâmica, as zonas de fronteira da região Central do Rio Grande do Sul, pois, estas eram móveis e tênues, uma vez que estes espaços são os locais arqueológicos estudados e estavam no passado, diretamente sobre limites territoriais traçados durante Tratados entre a Coroa Portuguesa e Espanhola durante o século XVIII.

Dessa forma, se faz necessário dialogar com o conceito de fronteira em suas versões, que seguem: zona de fronteira – em que a cultura e a sociedade são manejadas – e fronteira-barreira, principalmente quando se delimitam as fronteiras nacionais e que, teoricamente, isolam populações (FARINATTI, 2009).

Além disso, durante o período pré-colonial existiam fronteiras étnicas, que segundo os dados etnográficos e históricos da região, também há presença abundante de sítios arqueológicos registrados. Em geral, estes sítios estão associados a grupos agricultores ceramistas e caçadores coletores, geralmente atribuídos aos cerriteiros, dispersos, respectivamente, próximos das cabeceiras dos rios ou de seus arroios, e em locais alagadiços. Além disso, a Serra Geral encosta na Depressão Central, deixando os sítios arqueológicos aqui contemplados, no “pé da Serra Geral”, onde se dispersam e aparecem as casas subterrâneas, frequentemente pesquisadas pelos arqueólogos da região Sul.

Para o período pós-colonial, avaliamos alguns aspectos dos sistemas tecnológicos, referentes a possíveis manutenções tecnológicas, cancelamento de operações ou substituições – conforme sugere Lemonnier (1992). Desta forma, utilizando os recursos cartográficos e documentais referentes às Estâncias de gado jesuíticas, postos indígenas e/ou unidades domésticas do final do século XVIII e início do século XIX – objetivamos, secundariamente, delimitar o período aproximado em que a escolha cultural da fabricação de cerâmica indígena foi substituída pelo uso das cerâmicas industrializadas na região, e quais foram as causas deste abandono.

Sobre as técnicas em si e sobre o conjunto das técnicas, permitimo-nos refletir acerca das indagações de Monticelli (2007, p. 113) no que diz respeito ao estudo da cerâmica do sítio U-470, e, por isso, incorporamos alguns questionamentos, considerando que há viabilidade e

potencial para que itens que receberam pouca atenção dentro das pesquisas de campo da Arqueologia Guarani sejam explorados, embora a bibliografia seja vasta e os estudos altamente contemplados no Brasil. Além disso, nossa escolha teórica permite uma maior flexibilidade em relação às associações étnicas e arqueológicas, já que levar em consideração as zonas de fronteira possibilitou-nos perceber o quão fluído podem ser os lugares, suas gentes, suas ações/atividades, e como tudo isso se refletiu materialmente nos objetos.

Logo, um olhar diferente sobre a cerâmica busca, dentro da variabilidade artefactual diferentes formas, funções e tratamentos de superfícies, isto é, uma tendência particular, ou padrões que se repetem.

Cada sítio arqueológico compõe um universo que se difere uns dos outros. Assim, as pessoas que um dia habitaram, construíram e se relacionaram naqueles locais, nunca seriam as mesmas. Neste sentido, as análises cerâmicas são permeadas não somente pela atenta observação dos atributos pré-determinados, mas também pela ação humana de preenchimento e esvaziamento das ideias (que também podem ser entendidas dentro do jargão científico como cancelamento ou substituições das operações técnicas).

Diante disso, adicionamos às nossas indagações a busca pela singularidade dentro do coletivo, não como objetivo único e linear, mas sim com o intuito de entender a tecnologia cerâmica dentro do universo social das pessoas, ou seja, de suas próprias tendências e perspectivas artesanais. Acreditamos que assim, além das decorações e formas dos fragmentos, um campo extra se abra, o da percepção social dos indivíduos que moldaram e aplicaram suas técnicas sobre as argilas hoje estudadas. Nossos questionamentos perpassam sobre a ideia de “[...] como explicar a variabilidade, a diversidade de tendências no meio de um universo considerado tradicional e prescritivo? Isso nos remete aos aspectos que fazem a cerâmica Guarani diferente e ao mesmo tempo tão única” (MONTICELLI, 2007, p. 113). Que aspectos são esses? Os contextos arqueológicos e históricos, bem como os documentos materiais apontam para uma zona de fronteira, uma área de influência das reduções jesuíticas dos séculos XVII e XVIII?

O Acervo Victor Hugo comporta, majoritariamente, coleções de natureza cerâmica que foram incluídas, inicialmente, dentro da Tradição Tupiguarani. Estas estão armazenadas no Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da UFSM, atualmente LASCA. Os materiais líticos, ossos e sedimentos, em menor quantidade também estão relacionados com a Tradição Tupiguarani, segundo o registro no Livro Catálogo da instituição LEPA/UFSM.

A arqueologia Guarani fez avanços significativos a partir dos anos 90. Tais contribuições ocorreram por meio de pesquisas que relacionam arqueologia e etno-história. Podemos citar como exemplo a dissertação defendida por Noelli (1993), “Sem *Teko'há* não há *Tek'ó*”;



Soares (1996); Zuse (2009). Além dessas, há outras pesquisas de igual importância que contribuíram significativamente para a compreensão da forma com que os grupos Guarani pré-coloniais submetiam o espaço a seu favor. Dessa maneira, podemos compreender a complexidade de um território Guarani, a espacialidade de uma aldeia e as áreas que possuíam determinada funcionalidade.

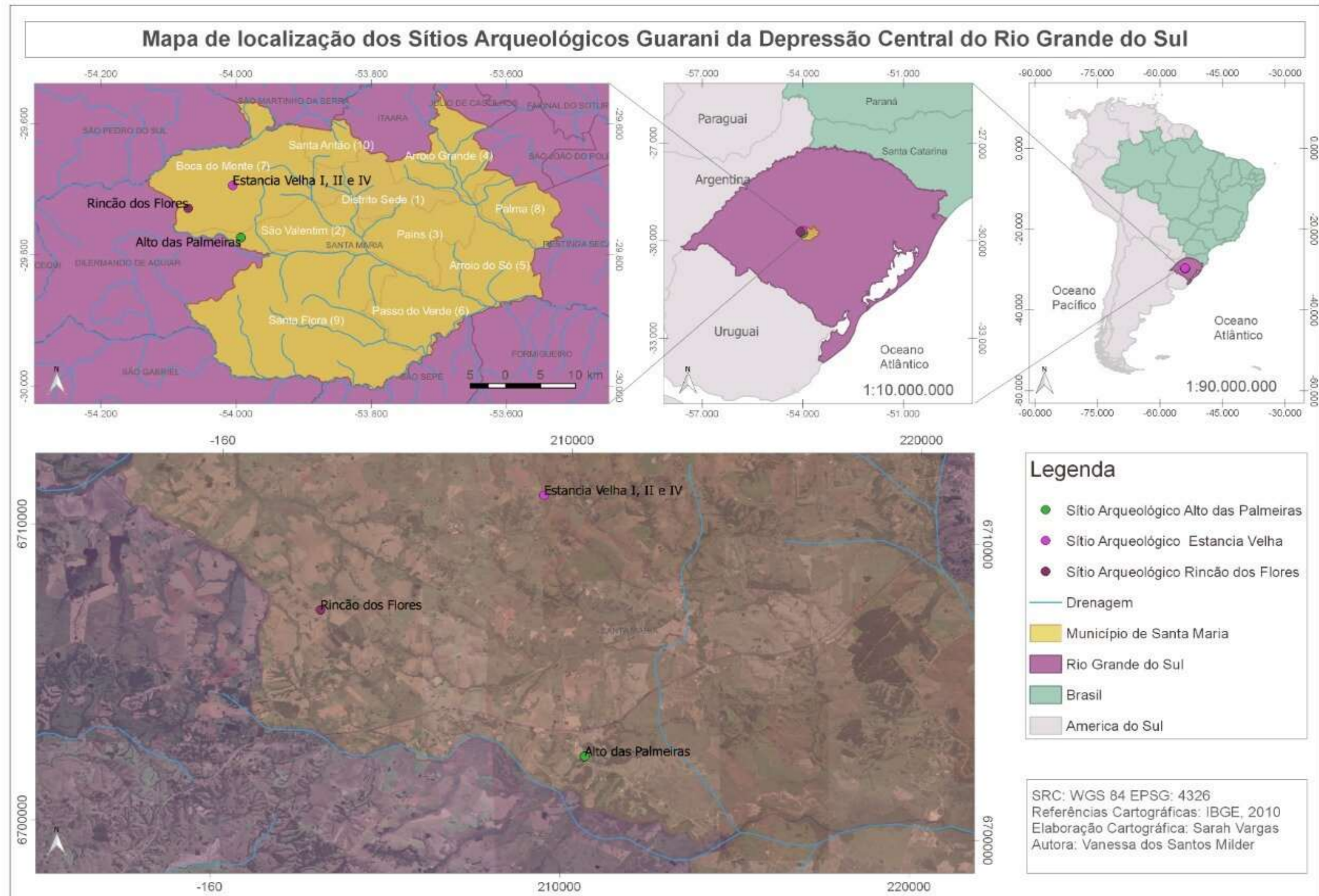
Na região estudada em Santa Maria, as atividades agropastoris são intensas, o que acaba levando a dois extremos, um positivo e outro negativo: ao lavrarem a terra, fragmentos cerâmicos sobem a superfície, permitindo a localização destas concentrações de material, porém, esse tipo de ação causa a destruição parcial dos materiais arqueológicos, além de comprometer a estratigrafia, dificultando a interpretação e compreensão das áreas ocupadas.

Os trabalhos de campo do professor Victor Hugo representam a primeira fase de estudos e pesquisas do Laboratório de Arqueologia da UFSM. Os sítios selecionados para este estudo estão localizados na região Central do Rio Grande do Sul, entre as províncias geomorfológicas do Planalto Meridional Brasileiro e a Depressão Central. Segundo Muller Filho (1970) apud Zuse (2009:66), a Depressão Central “foi esculpida em terrenos sedimentares, com as características coxilhas, e nela se desenvolvem as calhas dos rios Santa Maria, Vacacaí, Jacuí, Ibicuí [...] onde as altitudes são baixas, não atingem a cota dos 200 metros”.

Segundo dados do projeto RADAMBRASIL, existem duas unidades geomorfológicas na Depressão Central Gaúcha: Depressão Rio Jacuí (para sítios no município de Santa Maria) e Depressão Rio-Ibicuí – Rio Negro (para sítios no município de São Pedro do Sul).

Em 2014, foi desenvolvida uma pesquisa para conclusão de graduação, no Departamento de História da UFSM, que contemplou a compreensão da manutenção cultural e da resistência indígena, investigadas através do estudo da cultura material (cerâmica) proveniente de sítios arqueológicos do 7º Distrito de Santa Maria, Boca do Monte, RS, associado a dados etno-históricos dos séculos XVII e XVIII (MILDER, 2014). A partir dessa incursão inicial ao tema, foram realizados desdobramentos para o desenvolvimento desta pesquisa, através de questionamentos sobre os contextos históricos e arqueológicos das cerâmicas do Acervo Victor Hugo.

Figura1. Mapa de localização dos sítios arqueológicos.



Neste sentido, a proposta, vinculada aos objetivos gerais, consistiu em dar continuidade às pesquisas arqueológicas da região central do Rio Grande do Sul. Além disso, acreditamos que o engajamento durante o desenvolvimento deste estudo permitirá uma maior visibilidade às áreas com potencial arqueológico da cidade, afim de que sejam mais valorizadas pela comunidade. O sítio Estrada/Alto das Palmeiras foi cortado por uma estrada, em um de seus quadrantes, e por isso o material arqueológico está exposto sem suporte acadêmico e de preservação.

Tendo isso em vista, acreditamos que nossa pesquisa possa contribuir com as demais áreas do entorno, as quais possivelmente possam se encontrar na mesma situação. Em relação aos objetivos específicos, elencamos: 1-análises dos sistemas tecnológicos dos artefatos, os quais compõem as diferentes coleções arqueológicas dos sítios relacionados no quadro abaixo, com intuito de verificar a singularidade dentro do coletivo. 2 – As cerâmicas em estudo foram classificadas como sendo da Tradição Tupiguarani pelos arqueólogos. Assim, um dos objetivos consiste em representar o olhar sobre a cerâmica de forma menos rígida; buscando, dentro de cada coleção, as tendências individuais e os padrões já pré-definidos pela literatura arqueológica.

Quadro1. Relação de sítios arqueológicos, suas localidades, datações e a natureza das peças das coleções estudadas nesta pesquisa.

Sítio Arqueológico/UTM		Datação	Localidade	Natureza / Número de fragmentos
1) Estância Velha I (VAC 1) II (VAC 2) III (VAC 4)	21 J 788987.00 m E 6711238.00 m S (UTM aproximada)	Amostra D <b>1599 A.D.</b> <sup>2</sup> (+ ou – 45 anos) <b>Séc. XVI</b>	Estância Velha - 7º Distrito de Santa Maria – Boca do Monte	Cerâmica/ 2.250
2) Estrada Alto das Palmeiras e Alto das Palmeiras (VAC M6) UTM 22J 210609.99 m E 6702547.14 m S		Amostra A <b>1803 A.D.</b> (+ ou – 30 anos) <b>Séc. XIX</b>	Alto das Palmeiras – 2º Distrito de Santa Maria – São Valentim	Cerâmica/ 2.554
		Amostra C <b>1489 A.D.</b> (+ ou – 55 anos) <b>Séc. XV</b>		
3) Rincão dos Flores (VAC 3) UTM 21J 781892.00 m E 6704666.00 m S		Amostra B <b>1883 A.D.</b> (+ ou – 20 anos) <b>Séc. XIX</b>	Rincão dos Flores – 2º Distrito de Santa Maria – São Valentim	Cerâmica/ 741
		Amostra F <b>1569 A.D.</b> (+ ou – 50 anos) <b>Séc. XVI</b>		
Total de fragmentos				5.545

Fonte: Milder (2019).

<sup>2</sup> Ano Domini.

Outros objetivos específicos consistiram em: realização de prospecções de reconhecimento das áreas, afim de registrar, a partir das possíveis realocações dos sítios arqueológicos, as UTM's, aspectos paisagísticos e outros elementos; intervenção em pelo menos um dos sítios arqueológicos; avaliação se as mudanças tecnológicas para a cerâmica indígena representam operações de cancelamento ou operações de substituição (conforme sugestão de Lemonnier, 1992: 15) nos períodos pré-colonial, colonial e/ou pós-colonial.; construção de um mapa com o georreferenciamento dos sítios arqueológicos dentro da cidade de Santa Maria; e apresentação de um quadro crono-arqueológico para a microrregião estudada.

Nossa problemática está calcada no coletivo e no individual das escolhas tecnológicas, buscando um leve desvio dos objetivos, canônica e religiosamente, perseguidos pela maioria das pesquisas arqueológicas: o prescritivismo da cerâmica arqueológica Guarani.

Sem refutar essa constatação, partimos em busca da compreensão do preenchimento e esvaziamento de ideias e tendências tecnológicas de forma a compreender, na longa duração temporal de um grupo (indígena Guarani ou outros), o cruzamento e o encadeamento dos conhecimentos técnicos no aspecto empírico.

A problemática está fundamentada nas diferenças e idiosincrasias dos grupos humanos. Embora a literatura arqueológica sobre os grupos Guarani seja vasta e muito estudada no Brasil, nossa área de pesquisa representou, no passado, um território muito disputado e uma zona perimetral entre regiões: culturais, geomorfológicas e paisagísticas. A Depressão Central do Estado do Rio Grande do Sul está cercada por diferentes aspectos: de um lado, o pampa, de outro, a Serra Geral.

Segundo dados etnográficos, a região da Depressão Central contava com a presença dos índios Minuanos e Guarani. Além disso, há massivos dados arqueológicos da presença pretérita dos Grupos Jê, na Serra do Rio Grande do Sul. Desta forma, não podemos deixar velada a presença de outros grupos culturais na presente pesquisa, embora afirmar e definir quais destes foram os responsáveis pelas ocupações pretéritas na região, seja na maioria das vezes, uma inferência – baseada em fontes documentais. Não há possibilidades de afirmarmos a qual etnia os grupos indígenas pertenciam, porém, o capital científico acumulado durante várias décadas de estudo, indica-nos caminhos e, por isso, o utilizamos como um suporte teórico neste estudo.

Assim, a problematização perpassa por questões, como, por exemplo, qual a relação entre as mudanças ou permanências tecnológicas na cerâmica arqueológica dos sítios pesquisados na região Central do RS, levando em consideração a diversidade dos grupos culturais que lá habitaram. As escolhas tecnológicas representam influências culturais de que natureza?

Foram imposições técnicas (principalmente para os grupos que tiveram contatos com técnicas jesuíticas/europeias), invenções, adoções com adaptações ou apropriações?

Qual foi o papel que as tensões das disputas territoriais (tratado de Santo Ildefonso e Madri), vigilância e cercamento das aldeias por sedes católicas, possui sobre a alteração dos sistemas tecnológicos? Pode não haver considerações a serem feitas nessas esferas (técnicas e sociais) em relação as coleções cerâmicas arqueológica analisadas nessa pesquisa, no período colonial e mesmo no pós?

Lemonnier (1992, p. 6) sugere um importante questionamento: qual a relação entre a tecnologia e outros fenômenos sociais, ou seja, como os sistemas tecnológicos estão integrados nos sistemas mais amplos?

A problemática recai, principalmente, sobre a compreensão dos sistemas tecnológicos dentro dos diferentes contextos sociais dos grupos que produziram os objetos cerâmicos em estudo, incluindo o maior número de dados do universo cultural e social desses grupos.

Assumindo a postura teórica, através da qual a compreensão se dá pela percepção do sistema social total, lançamos nossos esforços a fim de inserir o estudo sociológico das mudanças e permanências técnicas das cerâmicas arqueológicas, de modo a percebê-las como partes arbitrariamente delimitadas (LEMONNIER, 1992),

A pesquisa compõe-se de diferentes etapas investigativas, com diferentes fontes de pesquisa. Embora a nossa fonte primária e principal seja a cultura material cerâmica, utilizaremos os dados referentes às fontes documentais, estabelecendo assim uma forma de interpretação relacional para o contexto arqueológico e histórico dos sítios em estudo.

As análises de cultura material nos permite evidenciar regularidades ou não dentro das coleções – principalmente de caráter tecnológico -, e a partir das análises individuais das coleções, podemos observar a variabilidade das técnicas de manufatura, além de outras variáveis que possam ser evidenciadas entre os sítios arqueológicos da província geomorfológica Depressão Central do Rio Grande do Sul.

A abordagem, que nos permite realizar a evidenciação de determinadas regularidades na cultura material, possui uma base conceitual que inicia com os estudos pioneiros sobre tecnologia e técnica de etnólogos franceses. Dessa forma, a Arqueologia, ao apropriar-se dos conceitos de cadeia operatória e de sistema tecnológico, trabalhados inicialmente por Mauss, Leroi-Gouhan, Balfet, Lemonnier e Bourdieu, nos permite realizar um estudo que comporte a relação entre as técnicas e seus desdobramentos – as quais foram utilizadas nos diferentes assentamentos pré-coloniais ou coloniais, contemplados neste projeto de pesquisa. A Arqueologia da Pai-

sagem enreda outro ponto de partida para relacionar a interpretação dos contextos arqueológicos relacionados à cadeia operatória, principalmente para a compreensão dos deslocamentos intrasítios ou entre os sítios, na busca pelas matérias-primas ou para diferentes etapas do processo técnico.

Segundo Mauss (2003, p. 407), “[...] Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição”, portanto, é indispensável o estudo das técnicas utilizadas nas etapas de confecção das cerâmicas das sociedades pré-coloniais da região Central do RS, a fim de compreender a apreensão e a transmissão da tecnologia, suas especificidades, regularidades e fugas às normas, o que somente poderá ser observado através do estudo analítico da cultura material cerâmica.

A observação das escolhas dos artesãos que confeccionaram os vasilhames dá suporte para construir parte do contexto histórico do período pré-colonial e colonial. As informações contidas nas fontes e nas observações de pesquisadores que realizaram trabalhos na região são essenciais para compor o contexto regional e local dos sítios arqueológicos.

# 1 OS GUARANI DA DEPRESSÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

## 1.1 CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA/RIO GRANDE DO SUL

Antes da formação das fronteiras territoriais dos municípios de Santa Maria e São Pedro do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul, habitavam nas matas os índios Guarani. Estes eram agricultores e seus utensílios eram de cerâmica e de pedra lascada e polida.

Para o antropólogo Bartomeu Melià (2011), a história dos Guarani não tem sido entendida pelos historiadores (ao menos pela história convencional). Por isso, para tal compreensão a história abre-se por outros caminhos. Ao se escrever sobre a história dos grupos indígenas, estas ficam apenas como “subsidiárias e dependentes” de uma outra história, nas qual os Guarani são deixados como coadjuvantes e não como protagonistas.

Os caminhos para escrever a história das populações originárias que habitaram o território que hoje é o Rio Grande do Sul, abrem-se principalmente através da Arqueologia, por isso, nossa proposta além de recorrer a esta ciência, está associada à uma recuperação histórica para as áreas arqueológicas contempladas neste estudo, uma vez que as informações empíricas, as quais foram parcialmente coletadas naquelas áreas, estão sujeitas ao abandono e uma consequente destruição, seja através da agricultura, pecuária ou do interesse político em esquecer que um dia o território foi habitado por grupos indígenas.

A ocupação do território pelos grupos agricultores da tradição Tupiguarani está vinculada a vários momentos históricos, desde o período 100 d.C. até o século XVIII, tendo como principal diagnóstico o fato de que “a continuidade material é inegável [...] reconhece-se a existência de diversas particularidades [...] exterminadas ou incorporadas devido às novas necessidades do grupo e também ao contato com o europeu, sem abandonar [...] a tradição” (MILDER et al., 2010).

Conforme o historiador Júlio Quevedo (2010, p. 107), a cidade de Santa Maria teve uma forte presença Guarani, memória essa que foi apagada pela sociedade colonial. Ao incorporar à América Portuguesa essa região, os luso-brasileiros foram negando os vestígios da dominação espanhola no local, porém é possível perceber essa memória Guarani em sinais, emblemas, signos, ou rastros, das mais variadas formas.

Para Santos (2010), conforme o território da região de Santa Maria era incorporado à América Portuguesa, a história era construída negando as evidências de que a Coroa Espanhola

havia, em certo período, dominado tal região. Desta maneira, o autor afirma que um dos primeiros núcleos de colonização ibérica na cidade de Santa Maria/RS, reporta-se ao período das Reduções do Tape<sup>3</sup>. Assim, de fato houve uma experiência reducional sistemática ancestral na região que hoje localiza-se tal cidade.

Santos (2010), também se refere aos embates que ritmizam o desapontar da cidade, quando as fronteiras eram móveis, fazendo com que, ora pertencesse ao espaço espanhol, ora ao português. O autor se refere a esse movimento como um peculiar movimento de (des) construção. “Nesse processo, a herança missioneira só pode ser percebida muito mais como um sistema simbólico historicamente constituído de toda e qualquer atividade e pensamentos humanos (SANTOS, 2010, p. 108).

Soares e Milder (2002, p. 287) realizaram uma intervenção no sítio arqueológico Marafiga, localizado no distrito de Água Negra em São Martinho da Serra- RS, a 27 quilômetros do município de Santa Maria. Foram coletadas duas vasilhas, “associada à cultura dos índios Guaranis identificados no período de contato e colonial”. Além das vasilhas, foram coletadas duas lâminas de metal, diversos fragmentos cerâmicos utilizados como anexo funerário, alguns vestígios ósseos e em torno de 40 contas de colar de vidro azul.

As datações retiradas a partir das amostras das cerâmicas encontradas nos enterramentos demonstram três cronologias para a ocupação da região central: 1530 A.D. (1ª urna a 80 cm de profundidade), 1620 A.D. (2ª urna a 80 centímetros de profundidade), e 1835 A. D. (3ª urna – superficial / 20 cm). Os materiais encontrados dentro das urnas são históricos (contas de colar são do século XVIII), e “no contexto local serve bem como material de cooptação das chefias indígenas no período reducional” (SOARES; MILDER, 2002, p. 292).

Para Soares e Milder (2002), o enterramento guarani evidenciado, levanta questões pertinentes sobre: o contato com os europeus, as manutenções dos rituais de morte e a aquisição dos bens de consumo<sup>4</sup>. A área onde localiza-se o sítio Marafiga é reconhecida historicamente como pertencente à região do Tape<sup>5</sup>.

As datações (análises por termoluminescências - TL) da cerâmica do sítio arqueológico Cabeceira do Raimundo, estudado por Fajardo (2001), situado a 21 Km da sede de Santa Maria, apresentam uma cronologia que perpassa desde o ano 1 da Era Cristã até o ano 1060 d. C., e segundo o pesquisador foi possível, através das reconstituições dos utensílios cerâmicos, inferir

---

<sup>3</sup> Santos (2010), faz referência as origens remotas da Redução Jesuítica de São Cosme e São Damião, da primeira fase missioneira (1634-1639).

<sup>4</sup> Soares e Milder (2002), referem-se aos bens de consumo que eram trocados e trazidos por jesuítas para a região, corroborado pelo fato de que, naquele período somente os espanhóis haviam estado presentes no território.

<sup>5</sup> “[...] região do Tape, [...] é uma subdivisão da Província Jesuítica do Prata” (SOARES; MILDER, 2002, p. 291).



que se tratava de uma aldeia pequena, com número reduzido de indivíduos, devido ao tamanho das panelas (pequenas).

Para Fajardo (2001), o sítio “Cabeceira do Raimundo” estaria localizado em uma área de menor influência da organização central, que envolve a bacia hidrográfica Vacacaí-Vacacaí-Mirim. A organização central estaria em uma localização geográfica onde a água seria mais abundante e, onde certamente haveria um número mais elevado de indivíduos na aldeia. Dessa maneira, a ocupação próxima de córregos daria uma configuração em menor escala desses grandes centros, de acordo com a proporção do córrego ou do rio.

## 1.2 PRIMEIRA FASE DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL – OS SÍTIOS CERÂMICOS

As pesquisas arqueológicas realizadas na região Central do Rio Grande do Sul durante os anos 60 do século passado, contemplaram vastas áreas ao longo de grandes rios da região. Entre elas está o rio Jacuí, que nasce no noroeste do Estado e corre para leste, em direção à Lagoa dos Patos que, por sua vez, desagua no Oceano Atlântico.

José J. J. Proença Brochado realizou intervenções na área entre os rios Ibicuí-Mirim e o Jacuí Médio, portanto, na confluência de duas grandes bacias hidrográficas, mais a Leste a do Jacuí e à Oeste do rio Uruguai. Esta característica que, remete à uma divisa natural na região, encontrou no decorrer dos séculos outros tipos de fronteiras, durante o período pré-colonial. Grupos indígenas das etnias Guarani e Minuanos ocuparam a área e, segundo a literatura arqueológica produzida é possível observar as manifestações dessas ocupações através da cultura material.

A associação entre cultura material e grupos étnicos é alvo de reviravoltas e de grandes debates críticos dentro da discussão acadêmica. Neste sentido, objetivamos pontuar alguns dos argumentos que buscam definir a identidade cultural que foi correlacionada na região Central do Rio Grande do Sul, especificamente, entre os municípios de Santa Maria e São Pedro do Sul – localizados na Depressão Central do Estado.

Durante as pesquisas de Brochado (1969; 1971) foi definida a fase Vacacaí para alguns sítios (22) da região. O termo Vacacaí provém do rio Vacacaí - afluente do Jacuí que contorna ao Sul a cidade de Santa Maria. Sendo assim, os sítios, que se localizam próximos aos pequenos arroios da bacia hidrográfica do Vacacaí-Vacacaí-Mirim (Jacuí), foram associados na sua grande maioria às pesquisas arqueológicas pioneiras da região. O mesmo ocorre no município vizinho – São Pedro do Sul (à oeste de Santa Maria) onde, nas proximidades foi definida a fase

Toropi. O termo provém também do nome do rio Toropi (afluente do Ibicuí – Bacia do rio Uruguai).

A região em estudo está, pois, entre duas bacias hidrográficas importantes do RS e os sítios estão localizados em áreas relativamente periféricas em relação aos grandes rios. Nos levantamentos preliminares desta pesquisa, constatamos que alguns sítios arqueológicos estão localizados nas cabeceiras de nascentes dos pequenos arroios, tema que abordaremos no decorrer dos capítulos.

Além da correlação entre o que se verifica nas descrições pioneiras, relativa às fases arqueológicas (Vacacaí e Toropi – Tradição Tupiguarani)<sup>6</sup> e os atributos observados nas coleções cerâmica dos sítios em estudo, serão necessárias ainda observações no que concerne a outros estudos de cunho etnohistóricos e etnológicos, os quais apresentam dados que, agregados uns aos outros, oferecem hipóteses para a compreensão da ocupação Guarani na região. A ocupação de longuíssima duração desses grupos está permeada de variáveis e de micro histórias. Cada uma delas relativa aos contextos e à cultura material presente em cada sítio arqueológico.

### 1.3 A TRADIÇÃO TUPIGUARANI

O estudo sobre arqueologia Tupiguarani foi amplamente investigado por pesquisadores, em diferentes momentos e lugares, de maneira que seria impossível abarcar nesta pesquisa todas as contribuições provenientes da análise de materiais dos vários sítios investigados. Noelli (1993), sistematiza o histórico geral da dessa Tradição.

O histórico geral das pesquisas a respeito da Tradição “Tupiguarani” foi sintetizado por Brochado (1984:49-81), Costa (1980), Prous (1979-1980, 1985-1986, 1992) e Meggers (1985a). Sínteses históricas regionais: São Paulo até 1981 (Morais, 1981); Rio de Janeiro até 1978 (Beltrão, 1978:7-12); Rio Grande do Sul até 1982 (Brochado, 1969; Schmitz, 1973; Schmitz; Brochado, 1982); Santa Catarina até 1973 (Rohr, 1973); Paraná até 1966 (Menezes, 1967). Na Argentina, até 1981, (Fernandez, 1982) e no Uruguai (Cabrera Perez, 1988). (NOELLI, 1993).

Chmyz (1976), menciona que o PRONAPA<sup>7</sup> engloba, dentro da tradição Tupiguarani, as seguintes características:

---

<sup>6</sup> BROCHADO, José Proença. Pesquisas arqueológicas nos vales do Ijuí e Jacuí. In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 3**. Resultados preliminares do terceiro ano. 1967-1968. Museu Paraense Emílio Goeldi, publicações avulsas n. 13, 1969. p. 31-62.

<sup>7</sup> Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.

Tradição (Tradition). Grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal. [...] Tradição Tupiguarani (Tupiguarani Tradition). Uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e, pelo uso de tembetás. (CHMYZ, 1976, p.145-146).

Brochado (1984), afirma que o que se descreve como Tradição Tupiguarani constituem-se em dois desdobramentos diferentes da Tradição Policroma Amazônica no leste da América do Sul “[...] e portanto deve ser dividida em duas subtradições que representem as cerâmicas produzidas por dois grupos Tupi distintos – os Guarani e os Tupinambá – os quais tiveram histórias totalmente separadas durante os dois últimos dois mil anos” (BROCHADO, 1984, p. 566).

Para Noelli (1993), o PRONAPA buscava sistematicamente a compreensão da ocupação pré-histórica do Brasil. Os objetivos perseguidos de maneira primordial eram: “1) dados para a elaboração de uma sequência do desenvolvimento cultural; 2) dados para o conhecimento definitivo das direções de influências, migração e difusão” (EVANS, 1967, p. 9; NOELLI, 1993, p. 34).

Dias (1995), afirma que o PRONAPA objetivava estudar as principais rotas de migração, estabelecer um esquema cronológico e a difusão cultural, baseando-se no pressuposto de que as populações pré-históricas se moviam em grandes proporções ao longo dos principais rios.

Segundo Soares (2004), o PRONAPA, entre os anos de 1962 e 1990 influenciou as pesquisas brasileiras através de um *corpus* teórico. Este buscou dar conta da necessidade de uma sistematização e cronologia, a fim de ordenar os achados arqueológicos referentes aos grupos pré-coloniais no Brasil, tornando-se indispensável para a compreensão dos sítios Guarani, pois os métodos e técnicas do programa procuravam dar conta e abarcar, através de uma visão geral, toda a extensão territorial.

Chmyz (1976, p. 119), em nota explicativa no artigo “Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica”, afirma a necessidade que sentiram os participantes do “Seminário de ensino e pesquisas em sítios cerâmicos”, em uniformizar os termos técnicos que já estavam em uso, bem como a criação de novos, que pudessem tornar as suas definições claras e completas.

Soares (2004), argumenta que algumas pesquisas referentes a Tradição Tupiguarani realizadas durante o período em que os pressupostos do PRONAPA eram largamente utilizados no Rio Grande do Sul, fazem menção às manchas pretas. Essa denominação colocava a ocupação dos sítios Guarani de tal estado (RS), quase (na prática) em igualdade às terras pretas. Nesse

caso, o PRONAPA, lançava um conceito afim de uniformizar essas noções. Além disso, a referência a presença da cerâmica já estaria implícita na ideia de tais termos.

Prous (2006) considerou confusa a denominação “Tupiguarani” para caracterizar uma tradição cerâmica. Desde o século XIX, os termos “Tupi” e “Guarani” são utilizados, porém devemos salientar que o tronco linguístico comum dessas populações falantes é chamado de “tupi-guarani”. Ao Sul estão os falantes do Guarani, ao Norte estão os falantes do Tupi. Muitos grupos, que estavam nesses territórios durante o século XVI, extinguiram-se, porém outros ainda povoam regiões paraguaias, bolivianas e brasileiras. Segundo o autor, durante o século XVI, os ibéricos, ao chegarem a este território, perceberam a “existência de hábitos e crenças comuns entre as populações que falavam essas línguas aparentadas”. A este fato, muitos pesquisadores consideraram que os restos arqueológicos de natureza cerâmica, os quais são similares na sua forma e decoração, teriam sido deixados pelos grupos pretéritos “ancestrais desses povos, possivelmente, de fala tupi-guarani”.

Em razão de não poderem definir com exatidão a língua, falada pelos nativos que estavam neste território, os estudiosos criaram um termo, no mínimo ambíguo, pois este sugere uma relação “entre membros de um tronco linguístico (tupi-guarani), etnias reconhecidas pelos europeus (os Tupi e os Guarani) e os fabricantes e usuários pré-históricos da cerâmica policroma, sem afirmar que se trataria de uma identidade”. Soares (2004), alerta sobre o uso indiscriminado do termo “Tradição Tupiguarani” para uma associação direta e inequívoca entre sociedades arqueológicas, ou para inferir etnicidade ou parentesco linguístico.

Dessa forma, o termo ‘Tupiguarani’ se refere a achados, ligados a um tipo de cerâmica e não se aplica a questões de cunho linguísticos e de costumes. Os vestígios arqueológicos (cerâmicos principalmente) podem ser atribuídos a grupos que tiveram contatos com europeus, porém, deve-se levar em consideração os relatos dos viajantes, dos cronistas e dos etnólogos, mas também tomar cuidado para não cairmos na armadilha de descontextualizar artefatos, pois ao longo dos milênios várias modificações ocorreram nesta Tradição ceramista.

Segundo Jacques (2007), José Proença Brochado, em 1984, retomou o termo ‘Subtradição Guarani’, utilizado na literatura arqueológica para se referir à cultura material, associada à tradição Tupiguarani presente no sul do Brasil.

A associação da cultura material com estas características remonta ao tronco linguístico Tupi, cuja população teria migrado da região da Amazônia em direção ao sul (Brochado, 1984; Noelli, 1994). A ‘Subtradição Guarani’ seria, então, empregada por Brochado (1984) para diferenciar a cultura material arqueológica de grupos do tronco linguístico Tupi do sul do Brasil em relação à Subtradição Tupinambá do Sudeste. (JACQUES, 2007, p. 14-15).

Prous (2006) reforça a noção da diferença estabelecida entre uma Subtradição Proto-guarani e uma Subtradição Prototupi. Para o autor, o termo Tupinambá é muito específico e ligado a uma tribo particular, não representando, assim, todos os grupos setentrionais (PROUS, 2006, p. 97).

Ângelo Corrêa (2014) realizou um forte levantamento bibliográfico, referente as variabilidades dos conjuntos artefatuais cerâmicos Tupi do Brasil, com intuito de dar organicidade aos dados coletados por vários pesquisadores, incluindo assim, além das pesquisas arqueológicas, estudos que vão ao encontro e complementam as teorias das rotas de migração (expansão geográfica) e difusão da cultura Tupiguarani, entre tais, estudos linguísticos, antropológicos e ecológicos históricos (abordagem analítica interpretativa interdisciplinar).

Além de procurar organizar os dados, Corrêa (2014), realizou um estudo comparativo, a fim de construir conjuntos cerâmicos regionais, para compreender a diversidade de formas e acabamentos das vasilhas cerâmicas, situadas no tempo e no espaço, de Norte a Sul do Brasil, incluindo percepções de coleções oriundas de países vizinhos, vencendo assim os limites políticos dos Estados Nacionais e, levando em consideração as fronteiras étnicas e arqueológicas definidas por nosso campo de pesquisa.

Corrêa (2014, p. 244) afirma que devido à quantidade de pesquisas relacionadas aos grupos Guarani<sup>8</sup>, os modelos apresentam distorções, quando estes buscam comparar os elementos (arqueológicos) de diferentes regiões geográficas. Utilizando um arcabouço que esboça diferentes modelos dos movimentos de expansão Tupiguarani (BROCHADO, 1984; MEGGERS, 1988; RODRIGUES, 2000; MELLO, 2005), Corrêa (2014) pensa (estrutura) conjuntos artefatuais cerâmicos associados aos Tupi, relacionados às suas respectivas regiões.

Segundo o autor, o conjunto cerâmico Guarani comporta diversos elementos que pertencem originalmente ao centro do tronco Tupi e centro da origem da família Tupi-Guarani. Além disso, o conjunto cerâmico também apresenta elementos comuns às cerâmicas descritas nas etnografias e nas encontradas pela Arqueologia – o que torna este conjunto coeso, identificável, talvez mais do que os conjuntos de outras regiões.

Ao realizar uma descrição das formas dos vasilhames já conhecidas e amplamente disseminadas para a região Sul, Corrêa (2014) menciona que existem outras morfologias (representativas de regionalismos ou modas temporárias). O autor elenca os elementos emblemáticos que o conjunto cerâmico Guarani comporta, revivendo as descrições, pesquisadas e garimpadas

---

<sup>8</sup> Tópico estruturado em Corrêa (2014, p. 244): *Conjunto 5 – Guarani (do Sul da Bolívia e do Mato Grosso até a foz do rio da Prata, do litoral até a bacia do rio Paraguai)*.

em documentos oficiais - *Vocabulário y tesoro de la lengua guaraní ó mas bien tupi* – e, em pesquisas de campo que surtiram análises de milhares de peças arqueológicas, realizadas por arqueólogos gaúchos, neste caso em específico, por Brochado (1994).

Afim de ratificar os modelos de expansão que sugerem um centro de origem do Tronco Tupi e origem da família Tupi-Guarani para os grupos humanos ceramistas deste contexto, Corrêa (2014, p. 246-248) aproxima, através de suas análises, os conjuntos cerâmicos Guarani e Tupi Norte-Oriental.

O Conjunto 2 *Tupi Norte- Oriental* foi definido para as cerâmicas à leste da bacia do rio Tapajós até as bacias dos rios Gurupi-Tocantins. O Conjunto 5 *Guarani* foi definido para as cerâmicas que estão nos territórios do Sul da Bolívia e do Mato Grosso até a foz do rio da Prata, do litoral até a bacia do rio Paraguai (CORRÊA, 2014).

Quadro 2. Conjuntos cerâmicos Guarani e Tupi Norte Oriental.

Elementos emblemáticos (Corrêa, 2014)	
Conjunto 5 (cerâmico) Guarani (Corrêa, 2014, p. 248)	Conjunto 2 (cerâmico) Tupi Norte-Oriental (Corrêa, 2014, p. 228-229)
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recorrências de bordas carenadas;</li> <li>- Recorrência de ombros escalonados;</li> <li>- Contorno de abertura raramente elíptico e nunca quadrangular;</li> <li>- Lábios serrilhados são raros;</li> <li>- Bordas com reforço são raras, ocorrendo bordas carenadas, quando há reforço este é externo e em vasilhas grandes;</li> <li>- Maior ocorrência de policromia e de tipos de acabamentos plásticos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vasilhas carenadas;</li> <li>- Bordas reforçadas e lábios serrilhados;</li> <li>- Bordas cambadas, contraídas e extrovertidas com ponto angular bem marcado;</li> <li>- Bases planas;</li> <li>- Maior ocorrência de policromia e acabamentos plásticos;</li> <li>- Inciso formando composição semelhante a pintura;</li> <li>- Pintura com linhas grossas vermelhas e preenchimento com preto formando triângulos e retângulos.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Corrêa (2014).

#### 1.4 OS ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS E AS DISPUTAS TERRITORIAIS ENTRE PORTUGAL E ESPANHA NA REGIÃO PLATINA

Segundo Miguel Frederico do Espírito Santo (2006), o meridiano de Tordesilhas serviu como referência para a delimitação dos espaços lusos e castelhanos dos países ibéricos, durante dois séculos e meio. Foi traçado em 7 de junho de 1494 na Capitulação do Mar Oceano.

Tal meridiano foi uma linha imaginária que o papa Alexandre VI traçou na bula *Inter Caetera* em maio de 1493: um marco referencial dos confins da América meridional. Segundo os preceitos da organização religiosa daquele período, a propriedade era uma concessão divina, operada pela intermediação papal (ESPÍRITO SANTO, 2006).

Em 1680, foi fundada a Colônia do Sacramento, no rio da Prata, pelo governador português Dom Manuel Lobo. Porém, a notícia do avanço territorial português foi mal recebida

pelo governador espanhol de Buenos Aires, Dom José de Agarro, pois, este considerou que se tratava de uma apropriação ilegal em sua jurisdição. Assim, ‘[...] travou-se, então, o primeiro debate sobre o domínio que Portugal e Espanha reivindicavam nas campanhas setentrionais do rio da Prata’ (ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 27).

Após a ocupação da terra firme na Colônia do Sacramento pelos portugueses e a reação de Dom José de Agarro, houve um ataque surpresa, com mortes e aprisionamentos de portugueses, incluindo o governador Dom Manuel Lobo.

O exército espanhol contava com três mil índios das Missões. Fato que procurou servir como uma afirmação sobre o domínio daquelas terras. Após este episódio, Portugal esteve prestes a declarar guerra à Espanha – o que não ocorreu devido a celebração de outro tratado: o Tratado Provisional de 1681.

O Tratado Provisional ordenou que Espanha devolvesse o domínio da Colônia do Sacramento à Portugal. No entanto, tal tratado ordenou também a definição dos direitos das propriedades, num prazo de três meses. Nesse prazo, a definição – dos direitos das propriedades – deveria ser acordada por uma Junta composta por comissários espanhóis e portugueses.

No embate travado entre os países ibéricos para demonstrar o verdadeiro domínio daquela jurisdição, foram apresentados argumentos sobre os cálculos territoriais designados para cada país. Porém, sem acordo foram encerradas as conferências de Badajoz, sendo a decisão enviada ao Papa, a qual foi adiada indefinidamente.

Os portugueses sofriam um tipo de vigilância constante pelos espanhóis durante esse período, na Colônia do Sacramento. Foi nesse mesmo período que a ‘[...] Companhia de Jesus transpôs, pela segunda vez, no século XVII, o rio Uruguai [...]’ (ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 27). Mesmo com esse episódio, os jesuítas e os índios reduzidos nunca deixaram de percorrer os campos da margem esquerda do Uruguai e do Prata.<sup>9</sup>

A Região Platina, portanto, foi um espaço de disputas entre os países ibéricos: Portugal e Espanha. As fronteiras Sul e Oeste do Rio Grande do Sul integravam esse espaço. Neste sentido, há que se compreender que a região estava constantemente fluída por relações sociais, as quais possuíam características que, de certo modo, identificavam as pessoas daquela região.

A presença indígena era constante e foi em um dos movimentos que a bacia do Prata foi utilizada por jesuítas e espanhóis para penetrarem nas terras do interior e, aí, estabelecerem suas

---

<sup>9</sup> Para maiores detalhes consultar ESPÍRITO SANTO, M. F. do. Fundamentos da incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao espaço português. In: **História Geral do Rio Grande do Sul/Colônia**. Passo Fundo, Editora Méritos, 2006, p. 23-41.

reduções e seus povoados. Segundo Reichel (2006), os indígenas cruzavam os rios com seus pertences, suas tendas e suas famílias durante os movimentos migratórios.

Quadro 3. Atuação dos jesuítas de linhagem espanhola, na primeira incursão ao espaço do atual Rio Grande do Sul, com objetivo de fundar as reduções.

<b>Data</b>	<b>Jesuítas</b>	<b>Eventos</b>
3 de maio de 1626	Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz	Fundou a redução de São Nicolau. Entrada pela região Noroeste do atual Rio Grande do Sul.
1634	Padre Cristóvão de Mendonza	Introduziu o gado na campanha rio-grandense.
1641	Derrota portuguesa de M' Bororé. Jesuítas e índios missionados trasladaram-se para a margem direita do rio Uruguai.	

Fonte: Espírito Santo (2006, p. 23-41).

Assim, foi fundamentada uma rede de povoações através do projeto espanhol da Companhia de Jesus. Isso na prática representava não só as reduções de índios, mas também uma barreira à expansão lusa na bacia platina. Segundo Reichel (2006), a presença das estâncias jesuíticas e dos Sete Povos das Missões mostram que o território Oeste esteve ocupado desde o final do século XVII. Era uma extensa área influenciada pela dominação espanhola, portanto, fazia parte do Império Espanhol – do ponto de vista dos limites territoriais. Inclusive, os intercâmbios eram realizados dentro dessa mesma região.

O papel dos diferentes tratados e limites territoriais era justamente por fim a disputa das terras. A problemática, que nos surge diante do estudo dos tratados e do vai e vem das fronteiras ibéricas, recai no fato de que as alterações nas linhas divisórias causaram um impacto nos habitantes da região Platina.

Quadro 4 - Disputas territoriais na região setentrional do Prata, após 1700 (morte de Carlos II da Espanha e ascensão de Felipe de Anjou) e o processo de concessão de sesmarias no Rio Grande de São Pedro.

<b>Data</b>	<b>Tratados/Eventos</b>	<b>Objetivos</b>
1701	Tratado de Aliança Hispano-Português em Lisboa.	Comprometimento de Portugal a prestar auxílio à Espanha tratando como inimigos todos os que se opusessem ou perturbassem a execução do testamento de Carlos II. Renúncia da Espanha às terras estipuladas no Tratado Provisional (1681), incluindo a colônia do Sacramento.
1703	Rompimento do Tratado de Aliança Hispano-Português. Celebração do Tratado de Lisboa.	Portugal retira o apoio a Coroa Espanhola de Felipe V em apoio a Carlos III (pretendente austríaco). Felipe V (1704) declara guerra a Portugal, a Áustria e aos seus aliados, declarando-os inimigos da Espanha. Colônia do Sacramento foi despovoada pelos portugueses.
1715	Tratado de Paz e Amizade, ou de Utrecht	Garantiu de modo absoluto a Colônia do Sacramento a Portugal.
1732	Concessão de sesmarias	O processo de concessão de sesmarias antecede a fundação oficial do Rio Grande de São Pedro.



1737	Fundação do presídio Jesus-Maria-José, o qual deu origem à cidade de Rio Grande. Esse fato assegurou aos portugueses as Campanhas do Sul.	
1750	Tratado de Madri	Portugal e Espanha revogam as disposições do Tratado de Tordesilhas e estabeleceram as fronteiras dos domínios portugueses e espanhóis na América meridional.
1777	Tratado de Santo Ildefonso	Portugal recuperou a ilha de Santa Catarina e voltou a ocupar as terras ao Sul do canal de Rio Grande, porém perdeu definitivamente a colônia de Sacramento.

Fonte: Espírito Santo (2006) e Reichel (2006).

Para a compreensão mais ampla dos movimentos que ocorreram durante os períodos de exploração, ocupação e formação do atual território do Rio Grande do Sul, sugerimos a observação dos diferentes pontos de vista que compõem a historiografia gaúcha, uma vez que, as incursões tiveram duas orientações territoriais: Norte-Sul – quando da descida dos portugueses que estavam na capital da colônia (Rio de Janeiro) em direção a região Sul, afim de afirmar os domínios junto ao Rio da Prata - e Leste-Oeste: do Litoral para o interior (REICHEL, 2006).

O conflito territorial travado pelas Coroas Ibéricas, durante o período colonial (século XVII e XVIII) movimentou o espaço da região platina, pois além da rica pecuária e das terras disputadas, houve a formação de milícias, construção de fortes, contrabandos de mercadorias, escaramuças e outros processos que tornaram a região um espaço de fronteira. Com a militarização das fronteiras, de ambas as Coroas, houve um movimento que forçou a expansão da linha demarcatória em direção à fronteira Oeste do atual estado do Rio Grande do Sul. A concessão de sesmarias foi uma estratégia portuguesa para tal movimento. Como os espanhóis não demonstraram naquele momento interesse na ocupação daquelas terras, os nativos e os portugueses continuaram a ocupá-las.

Yapeju foi a maior estância de gado das Missões Jesuíticas. Houve que, após a expulsão dos jesuítas (1768) do Império espanhol, o território de Yapeju e das demais estâncias foram mal administradas. Além disso, segundo Reichel (2006, p. 50), ‘[...] a população nativa ficou desassistida e tendeu a se dispersar’.

Diante da instabilidade política e da constante disputa territorial, a fronteira tinha um peso significativo no viver da sua população, quer rural, quer urbana. [...]ela unia e separava, afastava e atraía. As linhas demarcatórias eram estabelecidas no além-mar e, no aquém, era difícil delimitá-las. Não eram precisas, não havia interesse em obedecer a elas. Pelas raias fronteiriças bandeavam-se pessoas, animais, transportavam-se mercadorias, inclusive, dentre essas, escravos. Enquanto os governos coloniais ibéricos estipulavam domínios, a população transitava livremente sobre marcos e linhas imaginárias. (REICHEL, 2006, p. 51).

Os indígenas (Charruas, Minuanos e Guarani) transitavam e realizavam atividades relacionadas a pecuária, nessa região. Eles eram os conhecidos gaúchos ou peões de estância. Devido ao fato de os Guarani passarem pelo processo missioneiro, onde aprenderam a organizar o espaço conforme instituído pelos padres da Companhia de Jesus, suas funções estavam mais relacionadas a atividades sedentárias, como o aquerenciamento dos rebanhos (REICHEL, 2006).

### 1.5 AS MISSÕES JESUÍTICO-GUARANIS

De 1609 a 1768, na região que se chamava Paraguai (Figura 2), (mais vasta que o atual Paraguai), articularam-se as chamadas reduções de índios – uma experiência colonial que envolveu padres da Companhia de Jesus, o governo da Espanha e os indígenas Guarani (DALCIN, 1993). A experiência de catequese e contato cultural rendeu o que chamamos de os “30 Povos Missioneiros” – sendo 7 deles no atual território do Rio Grande do Sul (SANTOS, 2016).

Antes da colonização portuguesa, do território que hoje pertence ao Rio Grande do Sul, houve naquelas terras uma experiência colonial espanhola missioneira projetada e organizada, afim de converter e reduzir os grupos indígenas que lá viviam. O projeto das Missões Jesuítico-Guarani foi planejado e articulado pela Companhia de Jesus, tendo o apoio do Estado Moderno espanhol (SANTOS, 2006).

Figura 2. Mapa da Província Jesuítica do Paraguay.



Fonte: Santos (2016).

A experiência colonial missioneira foi iniciada no século XVII, porém consolidou-se apenas no século XVIII. Segundo Santos (2006: 104), o índio guarani-missioneiro<sup>10</sup> trabalhava a terra em nome da fé e do poder político – uma articulação que foi o ponto de sustentação à cristandade ocidental, uma afirmação entre o trono e o altar.

Foi a partir de 1610 que os jesuítas entraram na região do Guairá (à Oeste do atual estado do Paraná), afim de fundaram quatorze reduções entre os rios Tabagi e Iguaçu. Os padres da Companhia de Jesus procuraram consolidar um modelo reducional que garantisse temporalmente a organização das missões por meio do trabalho indígena – o qual transformou-se em mão-de-obra especializada.

A organização social fica nítida ao evidenciarmos também a organização espacial das Missões Jesuíticas, bem como a introdução das tarefas desempenhadas pelos índios, as quais tinham o objetivo de garantir a sobrevivência através das lides campeiras. A introdução do gado, o plantio de trigo e cana de açúcar foi uma estratégia missioneira para efetivar o processo de aldeamento e sedentarização dos grupos indígenas. Os objetivos consistiam em transformar os índios em cristãos fiéis e vassalos do monarca espanhol, dentro do espaço colonial. Assim, foi o emprego de um sistema de trabalho metódico à moda do camponês europeu, onde o uso do arado e da tração animal ganharam força (DALCIN, 1993).

Os *encomienderos* espanhóis e os bandeirantes paulistas ficaram interessados em adquirir o trabalho indígena, pois esses possuíam mão de obra especializada. Assim, em 1618, foi declarada guerra aos jesuítas do Guairá e houve a escravização de um grande número de indígenas (em torno de vinte mil). O trabalho indígena mostrou-se como um objeto de disputa entre os colonos.

Após a devastação na região do Guairá, os padres jesuítas transmigraram para a região do Itatin - a 500 Km ao Norte de Assunção no Paraguai, onde foram fundados outros povoados - e para a região Sul, onde implantaram as reduções na região do Tape (Figura 3): Oeste do atual estado do Rio Grande do Sul. Nessa região foi concedido, em 1626, aos padres, o direito de redução indígena (Figura 4), pelo governador da Província do Rio da Prata.

Além das disputas pela mão de obra indígena entre os colonos e os padres jesuítas, o Guarani esboçou resistência, o que pode ser observado, segundo Santos (2006), nos martírios dos padres Roque Gonzáles e Juan de Castilhos. De um lado o Guarani encontrava adversidades referentes a um modo de vida e de cultura diferentes do seu, junto a experiência colonial missioneira. De outro eram ameaçados pelas bandeiras escravistas e *encomiendas* espanholas.

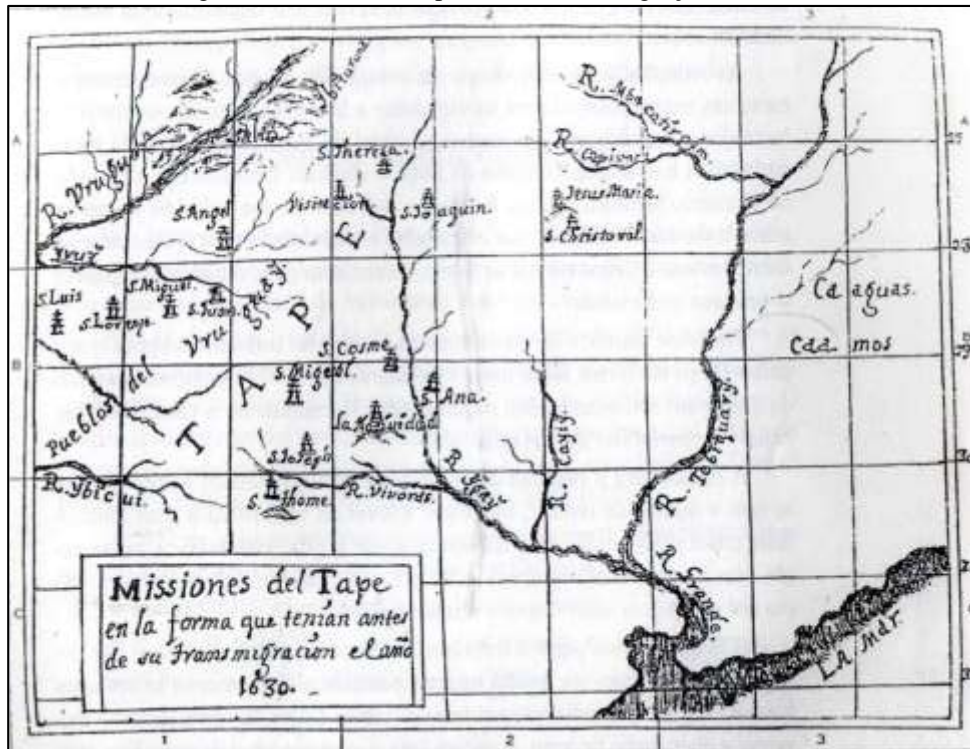
---

<sup>10</sup> Segundo Santos (2006), o guarani-missioneiro foi uma identidade peculiar dentro do sistema colonial espanhol.

A bandeira de Raposo Tavares, em 1635, formada em São Paulo, ‘iniciou o processo de destruição, pilhagem e rastro de sangue sobre os trinta mil indígenas catequizados e reduzidos’ (SANTOS, 2006, p. 110). Assim, os jesuítas sentiam-se em guerra santa, uma luta do bem contra o mal, pois, as bandeiras que desciam ao Tape, matavam ou aprisionavam os indígenas.

Alguns índios reduzidos faziam parte de uma pequena milícia dentro das reduções Jesuítico-Guarani. Foi a partir dessa iniciativa que, em 1641, a bandeira de Jerônimo Pedrosa de Barros foi derrotada pelas tropas de guarani-missioneiros, em uma batalha que ficou conhecida como Batalha de M’Bororé, coibindo o processo de entradas na região do Tape (SANTOS, 2006)

Figura 3. Missões do Tape antes da transmigração em 1630.



Fonte: Santos (2006, p. 105).

Segundo Santos (2006), a vitória das tropas guarani-missioneiras representou a capacidade jesuítica no projeto de missionarização de indígenas Guarani. Assim, o projeto não tinha em si apenas o intuito de converter os nativos à fé católica, mas também tinha a Missão religiosa, na América do Sul, de representar um processo político, defensor dos espaços fronteiriços e do avanço para o interior – uma estratégia da Coroa Espanhola.

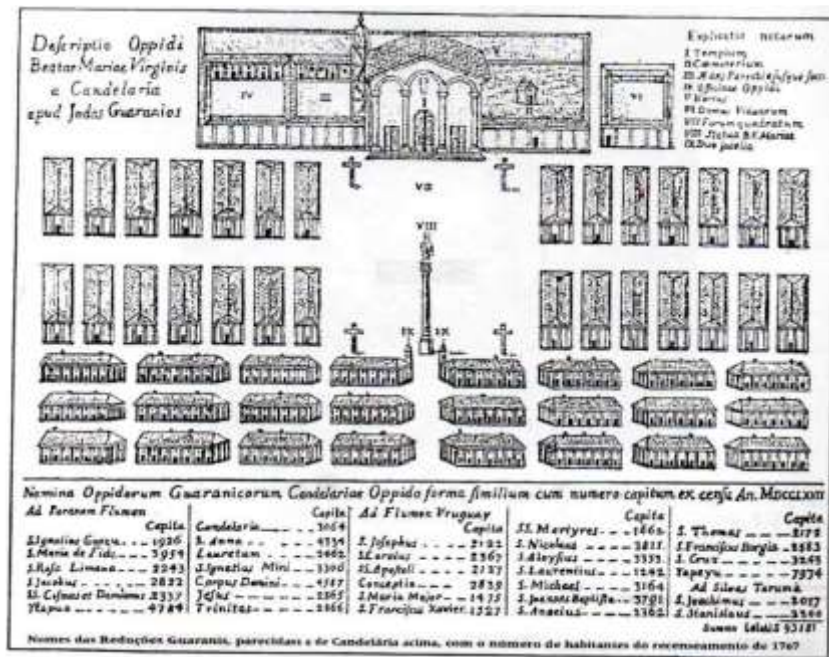
As Missões estipularam um modelo colonial político e religioso aos índios reduzidos. Nos povoados missioneiros, a igreja era a imponente estrutura – ao estilo barroco. O Cabildo

era a representação da unidade do Estado espanhol dentro destes espaços missionários, ou seja, o conselho político dentro dessas comunidades.

Além disso, por ser considerada como um todo orgânico, a missão contava ainda com as residências, as oficinas, a escola, a praça, o *cotiguaçu*, o hospital e o cemitério. Por ser um espaço dinâmico, as Missões tinham suas fronteiras alargadas ou diminuídas. Santos (2006) afirma que todos esses elementos eram determinações que faziam parte do modelo urbano das *Leyes de Indias*. Do entorno rural faziam parte: o erval, o curral, as vacarias, as estâncias e as lavouras, sendo estas duas últimas parcialmente de caráter coletivo.

Assim, a igreja era um instrumento de poder político, ‘Os Guarani tinham a missão de proteger a fronteira, guarnecendo-a e atendendo às determinações das autoridades espanholas da região do Rio da Prata’ (SANTOS, 2006, p. 117).

Figura 4. Modelo da espacialização de uma redução. Missão de Nossa Senhora de Candelária (1767).



Fonte: Santos (2000).

Segundo Farinatti e Ribeiro (2016), foi a partir de 1767 que os Guarani sofreram um processo de erosão no interior do projeto missionário, administrativo e territorial, devido à expulsão jesuítica do domínio espanhol. Assim houve uma desarticulação do antigo espaço das Missões. Entre 1810 e 1828, a região foi novamente colocada no olho do furacão, pois devido ao rompimento da ordem colonial, as disputas estenderam-se por meio de projetos conflitantes, no período de construção dos Estados americanos (FARINATTI, 2016).

Para Garlet (1997), os primeiros contatos e tentativas de reduções que ocorreram na segunda metade do século XVII (na antiga Província do Paraguai), tinham como principal motivação da expansão colonial as grandes reservas naturais de erva-mate e madeira ao leste de Assunção.

Os Guarani não contatados e não reduzidos que habitavam as terras onde ocorreu a expansão colonial eram chamados *Ka'ygua* ou Monteses – os do mato. Nos discursos atuais dos *Mbya* que habitam o Rio Grande do Sul, há uma insistência em serem originários do Centro da Terra do Mundo, o qual situam no centro do Paraguai. Esta constatação indica que a memória espacial do grupo remete a um território de origem comum. Para eles, a disputa territorial durante o contato, e atualmente, permite estabelecer uma permanente situação de tensão interétnica (GARLET, 1993).

Assim, a supressão territorial sofrida pelos *Mbyá*, devido a expansão das fronteiras e após longas resistências sustentadas por mais de duzentos anos (CADOGAN, 1961), o grupo desenvolveu outros mecanismos em relação a guerra de conquista. Garlet (1993, p. 26), infere que o “desterritorializar-se” pode ser interpretado como um destes mecanismos.

## 1.6 PERÍODO COLONIAL: PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

### 1.6.1 A Redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária/1633 – RS

Mentz Ribeiro et al. (1976), realizou uma intervenção no sítio arqueológico da Redução jesuítica de Jesus-Maria no município de Candelária – RS. Primeiramente, as pesquisas foram realizadas por estudiosos do Museu do Colégio Mauá (Porto Alegre) – instituição que Mentz Ribeiro também esteve vinculado durante os anos de pesquisa na área da mencionada redução.

Localizada na região Leste do Rio Grande do Sul, a Redução de Jesus-Maria, foi localizada através de achados arqueológicos e com auxílio do livro de Aurélio Porto (História das Missões Ocidentais, Volume III). Além disso, o sítio pertence a bacia do rio Jacuí.

Segundo Mentz Ribeiro et al. (1976), Jesus-Maria foi fundada em 1633. Foi considerada umas das mais importantes reduções da primeira fase das Missões religiosas na região do Tape, e em que foram distribuídas o maior número de cunhas de metal.

Foi observado pelos pesquisadores uma camada de ocupação, que atinge em média, 20 cm de profundidade. Lá foram encontradas cerâmicas (Tupiguarani) e transicional para a Neo-brasileira, materiais líticos (alisadores, batedores, machado, *itaizás*, boleadeiras, pederneiras e

lascas com marcas de utilização), metais (cunhas, pontas de lança, foices, pregos, fivelas, fragmento de crucifixo, etc.), contas de vidro esféricas e cilíndricas, fragmentos de louça majólica e cachimbos.

Segundo os autores, a redução de Jesus-Maria foi ocupada por um grupo da Tradição ceramista Tupiguarani. Além disso, segundo Mentz Ribeiro (1976), os relatos históricos fornecem dados sobre a localização dos índios chamados de Tapes, exatamente na região da redução de Candelária, o que diverge do ponto de vista de outro pesquisador (CHIARA, 1956), que acredita serem os Tupiguarani. Portanto, há uma divergência quanto à família que pertenciam os Tapes, mencionados nos documentos oficiais.

### **1.6.2 A Redução Jesuítico-Guarani de Nossa Senhora da Candelária do Caaçapamini/1627**

Neli Machado (1999), motivada pelas pesquisas e levantamentos arqueológicos ocorridos em 1971, cujo principal mentor foi o arqueólogo Pedro Ignacio Schmitz, propôs a reconstituição da história da Redução de Nossa Senhora da Candelária do Caaçapamini, através do estudo da coleção pertencente a este sítio histórico do período de contato entre indígenas e europeus.

Com base em dois conjuntos de fontes diferenciadas: documentos oficiais e cultura material, Machado (1999) procurou identificar o grau de interferência cultural causado aos Guarani aldeados, pela fundação da, então, Redução Jesuítico-Guarani, no ano de 1627, na região do Alto rio Uruguai. Além disso, a autora procurou suporte em trabalhos pioneiros do entorno da região: Chmyz (1990) e Mentz Ribeiro et al. (1976), os quais serviram como auxílio para uma comparação em relação à estruturação física da missão religiosa, bem como dos detalhes que foram atribuídos aos materiais arqueológicos considerados por estes arqueólogos (a), como sendo “de contato” por apresentarem atributos diferentes, dos materiais que, eram considerados tipicamente de tecnologia Guarani.

Machado (1999) observou que a mudança técnica, imposta pelos jesuítas, na produção cerâmica, foi apresentada de forma abrupta aos aldeados Guarani. Porém, na prática as mudanças ocorreram de forma paulatina, sem o abandono de certas técnicas, como a de montagem dos vasilhames que continuou disseminada mesmo após a apresentação da técnica torneada (europeia).

Outras técnicas receberam poucas modificações, por isso Machado (1999) justifica, através da aplicação de conceitos, um vislumbre do que teria sido a vida e sua transformação,

entre indígenas e colonos na Redução de N. S. C. do Caaçapamini. Assim, a autora sugere que o conceito de identidade se aplica ao que foi pesquisado por esta, diante do contexto histórico e arqueológico do sítio colonial. O conceito de identidade se modifica e se molda com o tempo, o que explica as diferenças entre os conteúdos materiais e entre o Guarani nativo e o Guarani cristão e colonial (MACHADO, 1999, p. 200).

### **1.6.3 A Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel ou São José**

Silvana Zuse (2009) realizou pesquisas arqueológicas em áreas específicas e próximas dos municípios de São Pedro do Sul e Toropi (Lindeiros com Santa Maria-RS). Através da ênfase no estudo analítico das cadeias operatórias para a cerâmica Guarani arqueológica, a autora buscou compreender a ocupação da região, onde estão inseridos os sítios arqueológicos contemplados por ela: Ibm 4 Pedra Grande e Ibm 14 Rodolfo Mariano, bem como os seus entornos.

Com intuito de compreender como se deu a ocupação na região, na longa escala cronológica dos grupos Guarani, Zuse (2009) também objetivou a compreensão do impacto que o contato com europeus causou nas percepções tecnológicas do grupo social, com ênfase para as artesãs (ãos) que confeccionavam a cerâmica. Ao abordar o conceito de cadeia operatória em sua pesquisa, a autora já estabelece de antemão, como pretendeu compreender as mudanças e permanências tecnológicas nas cerâmicas oriundas dos sítios mencionados.

A partir das problemáticas inauguradas em 1960, pelas pesquisas arqueológicas que contemplaram o estudo do sítio Pedra Grande, sendo algumas destas estabelecidas *à priori* pelos arqueólogos José J.J.P Brochado e Pedro I. Schmitz, Zuse (2009) pesquisou a ocupação do local pelos jesuítas e Guarani durante o período de contato, quando se implantou naquela área, no início do século XVII, uma Redução Jesuítico-Guarani (São José ou São Miguel), estabelecida na primeira fase das Missões religiosas jesuíticas, na Frente Missionária do Tape.

A partir da noção de que, através da inserção de novos instrumentos e técnicas após a chegada dos europeus (jesuítas e outros), Zuse (2009), concluiu que os Guarani adicionaram ou refutaram novas técnicas e formas para as cerâmicas do grupo.



## 1.7 CONTRIBUIÇÕES HERMENÊUTICAS: CONCEPÇÕES QUE PERPASSAM A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PESQUISA

A seguir, apresentamos algumas sistematizações de estudos com contribuições teóricas e metodológicas que fazem parte, mesmo que em segundo plano, da estruturação do pensamento que permeia a presente pesquisa. As concepções são utilizadas como contribuições da visão de mundo sobre estudos cerâmicos, portanto, um capital cultural e científico, incorporado e associado aos conceitos e abordagens supracitados nos tópicos anteriores.

### 1.7.1 O conceito de “zona de fronteira” e território

O conceito de zona de fronteira é preponderante neste estudo. A partir do momento em que, durante o final do Século XVIII e início do XIX, as fronteiras do Rio Grande do Sul, tornaram-se um espaço de integralização cultural.

Segundo Thompson (2009, p. 2), “[...] a expansão luso-brasileira sobre os territórios disputados com o Império Espanhol [...] acelerou-se em 1801, com a incorporação dos ‘Sete Povos das Missões’”. Os Guarani Missioneiros utilizavam aqueles campos com intuito de estabelecer as estâncias de gado, por isso, não podemos aceitar a ideia de que “eram terras de ninguém”, pois grupos indígenas de diferentes etnias (Guarani, Charruas, Minuanos) habitavam esses locais.

Segundo os historiadores supracitados, ao Sul dos Sete Povos, passando o Ibicuí, existiam as boas pastagens povoadas por manadas de gado não domesticados. Na região, que hoje é Santa Maria, existiam postos missioneiros que tinham como principal função amansar reses e estabelecer o processo de criação. Nesses espaços, portanto, no Centro do Estado do Rio Grande do Sul, naquele período (XVIII e XIX), existiam zonas de fronteiras entre populações que começavam a se estabelecer no território ou que já estavam estabelecidas.

As zonas de fronteiras eram instáveis e manejadas ao mesmo tempo. Esta afirmação não nos permite, no presente, tratar os sítios arqueológicos que hoje se revelam, de forma estanque e isolada, uma vez que a cultura material, bem como dados cronológicos nos fornecem evidências de que o contato era iminente ou estava acontecendo paulatinamente entre os diferentes grupos (indígenas e ibéricos).

O território é conceituado como o local de reprodução da identidade. Para Garlet (1997, p. 17), ‘as sociedades humanas apresentam, em comum, a necessidade de uma referência espacial como condição elementar para projetar-se [...]. O território é o *locus* onde uma sociedade vive e se reproduz de acordo com seus preceitos culturais.’

Garlet (1997) debruça-se sobre o porquê dos deslocamentos dos *Mbyá*. Para o autor, o qual busca responder suas inquietações também através de experiências vividas em sua própria trajetória, dar visibilidade às peculiaridades de uma sociedade humana possuiu um significado que vai além da divulgação ao círculo acadêmico pois, significou atender às solicitações dos próprios *Mbyá*, que insistiram em fazer com que os brancos os conhecessem.

LEROI-GOURHAN (1965, p. 131) sobre o espaço humanizado, alega que em todos os grupos humanos conhecidos, o habitat corresponde a uma tripla necessidade: a de criar um meio tecnicamente eficaz, a de assegurar um enquadramento ao sistema social, e a de ordenar, a partir de um ponto, o universo circundante. Para o autor, o ambiente é também um instrumento e a habitação ou habitat é um símbolo concreto do sistema social.

A questão do território para os *Mbyá* perpassa pelo significado mítico-religioso e não se trata apenas de atos jurídicos, característicos da sociedade branca. A luta indígena é incompreendida. Nesse sentido, não basta falarmos em conhecer as diferenças, se faz necessário respeitá-las.

Garlet (1997), ao observar as permanências transitórias do grupo *Mbyá* dentro de um território e os insistentes deslocamentos de ir e vir, sistematizou elementos para compreender o perfil de “terra *Mbyá*”, buscando nas raízes da história destes grupos, a relação entre espaço e movimento. Por isso, “Terra sem Males” foi uma expressão unânime entre os pesquisadores do tema, pois estão relacionadas as migrações e a sua ampla abrangência temporal e espacial. (GARLET, 1997, p. 11).

NIMUENDAJU (1987, p. 101-102), afirma que a marcha dos Guarani se deu exclusivamente com o medo da destruição do mundo e à esperança de ingressar na Terra sem Mal. Embora NIMUENDAJU tenha feito esta afirmação em 1987, o autor escreveu no ano de 1954, que “pode-se ver as inúmeras epidemias, expulsões, explorações de toda ordem, conflitos com tribos inimigas, escravidão que se abatia sobre as ‘hordas’ Guarani e seu território” (GARLET, 1997 apud NIMUENDAJU, 1954).

Outros pesquisadores como Mètraux (1927), Shaden (1974), Hélène Clastres (1975), trabalharam a expressão “terra sem mal”, aprofundando o seu significado de acordo com fundamentos filosóficos e sociológicos da sociedade Tupi-Guarani (GARLET, 1997). Para a atualidade, o autor se refere a esse paradigma como sendo um mito nos espaços acadêmicos. Infere

isso tendo em vista outros estudos tão importantes quanto os dos autores citados acima. Seu argumento recai sobre pesquisas que privilegiam a releitura de fontes, dentre estas, os estudos de MELIÀ. Para MELIÀ (1989), os deslocamentos também são considerados da mesma natureza que as migrações.

Desse modo, a Terra sem Mal seria a terra boa e produtiva, e que permite a dinamização das estruturas sociais e culturais. As migrações seriam também mecanismos de resistência (MELIÀ, 1981). As pesquisas de MELIÀ renovam e tornam a Terra sem Mal um conceito com significado polissêmico, que se modifica a cada evento, conjuntura e/ou estrutura (MELIÀ: 1988).

Portanto, a migração e a reterritorialização estão vinculadas à recriação de memórias. Estas, por sua vez, são as pontes que justificam a ocupação dos espaços em que são incorporados. Do mesmo modo que todas as sociedades humanas, os Guarani se readaptam, fatos que estão em sua história, inclusive na intervenção da sociedade branca. Todos os fatos são reelaborados dentro da memória e do discurso mítico, para dar conta de explicar e compreender os episódios. Os eventos (epidemias, contatos, guerras, etc.) impelem os Guarani a elaborarem e reelaborarem as suas respostas, dentro de uma lógica que tem como alicerce as categorias simbólicas de sua sociedade, ou seja, dentro de sua estrutura social (GARLET, 1997).

### **1.7.2 *Habitus* e o capital cultural (simbólico) acumulado**

Pierre Bourdieu, um expoente da sociologia francesa, foi responsável pela introdução e reintrodução (*habitus*) de conceitos que fazem parte de um sistema de leitura das relações sociais. Estudou profundamente os mecanismos de dominação que agentes e instituições utilizam na luta simbólica para estabelecer uma autonomia hegemônica, dentro e fora de seus campos de poder. Disputas por nomenclaturas, modelos e concepções fazem parte do meio científico e de outras instâncias, caracterizando o que Bourdieu (1990) chama de relações de força – uma noção ou ideia social que tende, no interior da sociedade, reforçar e reproduzir a estrutura do espaço social e monopólio de nomeação legítima (uma imposição oficial).

Para a presente pesquisa, utilizaremos a noção de *habitus* relacionado ao capital cultural acumulado, seja para a compreensão de certas estruturas estruturadas dos grupos que produziram e utilizaram os materiais cerâmicos abordados aqui ou para compreender a utilização e manutenção de conceitos dentro do círculo acadêmico. Assim, poderemos compreender as escolhas técnicas, metodológicas e estruturais apreendidas e acumuladas – o que significa um capital cultural e científico construído socialmente dentro da trajetória da pesquisadora.

Na educação, na cultura e no engajamento político, Bourdieu atuou fortemente, inspirando a reflexão crítica sobre as funções sociais das práticas culturais. Assim, desenvolveu conceitos largamente utilizados no meio sociológico, como a “violência simbólica”, o “capital cultural”<sup>11</sup> e mais tarde o de “campo social”<sup>12</sup>. Além disso, introduziu noções interessantes que perpassam os conceitos supracitados, como a noção de posição social (relativa)<sup>13</sup> dos agentes, bem como a compreensão da busca da consagração no meio profissional para a legitimidade cultural dentro de um campo social científico, entre outras.

A noção de *habitus* é reintroduzida por Bourdieu em 1963, após uma longa pesquisa sobre a agricultura argelina, pois durante a “passagem de um sistema tradicional ao capitalismo moderno, o campesinato está em plena transformação [...]”, assim sendo, portanto, terreno fértil para o sociólogo investir na construção conceitual, referente as disposições apreendidas de um grupo social (VASCONCELLOS, 2002, p. 78).

O conceito de *habitus*, desenvolvido por Pierre Bourdieu, está diretamente relacionado com a posição social que determinado agente ocupa no universo, assim, essa noção pode ser entendida como uma força no interior da ordem social, traduzindo formas de vida e de agir no mundo, em todas as instâncias: na política, na moral, na tecnologia, no saber-fazer, na estética, etc.

[...] Bourdieu propõe que a prática não é nem o precipitado mecânico de ditames estruturais nem o resultado da perseguição intencional de objetivos pelos indivíduos, mas antes ‘o produto de uma relação dialética entre a situação e o *habitus*, entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas’ adquiridos numa prática anterior. (WACQUANT, 2004, p. 2-3).

Para Bourdieu, a inclusão da percepção do mundo social deve integrar uma sociologia das visões de mundo para que assim se contribua para a construção deste mundo também. As

---

<sup>11</sup> Para Bourdieu o capital cultural (o capital simbólico e o capital econômico), são constituídos por poderes sociais fundamentais. O capital se reveste de diferentes maneiras, sendo que o capital cultural é composto pela apropriação de bens raros que têm lugar no universo social. Os bens raros nessas instâncias podem ser entendidos como os conhecimentos apreendidos e incorporados ao *habitus* – pois este “[...] nunca é a réplica de uma única estrutura social, na medida em que é um conjunto dinâmico de disposições sobrepostas em camadas que grava, armazena e prolonga a influência dos diversos ambientes sucessivamente encontrados na vida de uma pessoa” (WACQUANT, 2004).

<sup>12</sup> “Pode-se descrever o campo social como um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição actual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes [...]” (BOURDIEU, 2001, p. 135).

<sup>13</sup> Segundo Bourdieu (2001), pode-se representar o mundo em forma de um espaço com várias dimensões, onde alguns agentes tornam-se detentores de um poder, devido aos vários fatores de diferenciação ou distribuição, que estão na base das forças que regem esse universo (social). Por isso, “[...] Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço” (BOURDIEU, 2001, p. 134).

percepções a que o sociólogo se refere são as apreensões ativas no universo social, as quais são operadas sob coações estruturais.

Os indivíduos tendem a compreender suas percepções como uma modalidade dóxica – onde as ideias e ações são compreendidas como naturais. Isso ocorre porque o seu *habitus* (as disposições dos agentes) está firmado sobre as “estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social” (BOURDIEU, 1990, p. 158).

[...] O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social. Assim, o *habitus* implica não apenas um *sense of one's place*, mas também um *sense of other's place*. (BOURDIEU, 1990, p. 158).

Assim, concluímos que, ao aplicar o conceito de *habitus*, há a necessidade de observar que o mundo social dos agentes pode ser construído e representado de diferentes maneiras, que incluem uma gama de princípios de visão e divisão (existem diferentes estruturas econômicas, políticas, sociais, religiosas, por exemplo, em diferentes grupos étnicos).

### **1.7.3 As metáforas na atividade oleira: o nó simbólico entre pensamento e confecção cerâmica**

De abordagem estruturalista, Olivier Gosselain busca compor o pensamento relacional entre elementos pertencentes à esfera humana e ao processo técnico de confecção de vasilhas de argila. O autor se empenha em trabalhar com as hipóteses sugeridas por dois pesquisadores, Barley (1984, 1994) e De Heusch (1982), sobre o processamento de argila e de símbolos na África Subsaariana, utilizando uma compilação de dados de 102 sociedades africanas da região do Sahel, em sua maioria.

Na África Subsaariana, as oleiras e os ferreiros sofrem com a segregação. São considerados sujos e possuem, segundo informantes da etnia Dowaió, uma tosse que é especial deles. Portanto, Gosselain (1999) dá organicidade estrutural às informações que reúne, levando em consideração aspectos que estariam subjacentes aos mais ilógicos dados que possam surgir em diferentes temas revelados pelos indivíduos africanos no processamento da argila para confecção de potes.

Gosselain relaciona a metalurgia com a tecnologia cerâmica, com intuito de salientar o “nó simbólico” que possivelmente emaranha essas experiências humanas na África. Ao mesmo tempo que invoca os relatos sobre a segregação de oleiros e ferreiros, que aliás são indivíduos que se unem matrimonialmente e são responsáveis pelos processos de ritos funerais.

Para compreender os princípios subjacentes, o autor tenta compreender o porquê das proibições, metáforas e rituais que envolvem a atividade cerâmica, estruturado na noção de que as prescrições e/ou proibições, referentes à cerâmica, foram instituídas pelos antepassados das famílias, mas não reveladas, tornando o assunto um emaranhado e um complexo processo, que se complementam entre o fazer cerâmica e o dar sentido a ela ou às etapas de sua confecção.

A antropologia da tecnologia e os conceitos da abordagem estruturalista norteiam a pesquisa de Gosselain. Assim, o autor considera o pensamento simbólico como um acompanhamento do processo técnico, pois o que os dados mostram é que cada etapa da confecção de uma vasilha é permeada por um pensamento simbólico, que poderá ser compreendido a partir do ponto de vista das proibições, metáforas ou rituais que envolvem a atividade oleira, tornando toda essa materialização de símbolos (na argila e/ou na cerâmica) um conjunto que, ao ser posto na ordem correta, poderá revelar algumas facetas do diálogo que se coloca entre natureza, cultura, mundo material e indivíduos na África.

Na perspectiva de Gosselain, cada etapa da confecção de um pote pode estar relacionada com etapas da vida humana, portanto, as metáforas explicariam aspectos da experiência humana e até mesmo a estrutura de certos ritos de passagem, como ocorre entre os indivíduos Kono de Serra Leoa ou entre os Gisu de Uganda, onde a maneira de anunciar a uma mãe sobre a morte de seu filho, em um campo de iniciação é dizer-lhe que seu pote quebrou, ou quebrar um pote à porta de sua casa.

A hipótese do envasamento, modelo sugerido por Barley (1984, 1994), envolve uma série de mudanças concernentes ao ciclo que a argila é submetida, desde sua modelagem, transformação em diferentes níveis funcionais, movidos pela operação do calor, a secagem, o cozimento e pôr fim a transformação do natural para o cultural. Nessa hipótese, os recipientes também serão pensados como para se referirem a alguns tipos de cavidade corporais.

O investimento simbólico e prático da atividade cerâmica na África Subsaariana é muito grande, assim como as proibições e/ou tabus são comuns, porém, observa Gosselain (1999:2008), que algumas considerações devem ser salientadas, porque apesar de a tecnologia cerâmica ser considerada mais explorada para “pensar o mundo”, existem outras tecnologias na África. Além disso, todas as sociedades irão considerar as hipóteses de Barley (envasamento modelo), ou de De Heusch (1982) (hipótese termodinâmica).

### 1.7.3.1 A hipótese termodinâmica

O controle de temperatura, como uma metáfora, é proposto por De Heusch (1982), que ao pesquisar a cultura Thonga, fornece uma interpretação termodinâmica, a qual considera que em determinadas etapas do processo técnico, pessoas em algumas situações são consideradas como momentaneamente quentes e que, portanto, ficam impedidas de participar do processamento dos produtos em argila, os potes.

A filosofia termodinâmica preocupa-se com a luta contra as formas de aquecimento que prejudicam os potes em suas diferentes etapas, portanto, o universo e as ações humanas devem permanecer em temperatura baixa e constante – a temperatura ideal.

Existem determinados contextos e temas nos quais as proibições, concernentes à cerâmica são explorados na pesquisa de Gosselain. Os contextos do processamento da argila, no que se refere a sua extração, secagem e cozimento, considerados a partir de um ponto de vista técnico, podem comprometer a finalização de um pote, se as temperaturas e a técnica não forem corretamente aplicadas. Isso seria considerado, principalmente pelos estudiosos da tecnologia cerâmica, como sendo acidentes característicos de fatores externos, porém, para algumas sociedades africanas, esses acidentes são característicos de fatores internos, associados ao campo do simbólico, pois a causa do acidente seriam as violações de proibições.

A evocação do rompimento de uma proibição explica os motivos pelos quais ocorrem rachaduras, durante a etapa de secagem ou os motivos pelos quais os vasos explodem durante o cozimento. Da mesma maneira que explica porque a argila perde sua capacidade ou o barreiro se torna inexplorado, caso os oleiros estejam impuros.

Portanto, considerar as proibições é indissociável para o ofício oleiro, uma vez que estar ciente dos tabus é essencial para o não comprometimento do ofício. Os temas mais frequentes no continente africano dizem respeito à gravidez, às relações sexuais, à menstruação, ao gênero e à idade.

Comparando os dados, Gosselain sugere que a fertilidade é um tema recorrente e que suas diferentes formas são pensadas como sendo incompatíveis com a cerâmica, por isso, o amplo conjunto de proibições, em relação a não participação de indivíduos, considerados impuros ou quentes momentaneamente, durante as etapas de confecção das vasilhas.

Além disso, a cerâmica também pode estar associada à morte, quando sua funcionalidade está direcionada a abrigar um espírito.

Gosselain (1999) sugere, portanto, que os potes são pessoas e a argila deve suportar os mesmos processos de transformação, muito semelhante ao que as pessoas fazem durante seu ciclo de vida. Possivelmente, Gosselain está utilizando uma metáfora, ao afirmar que os potes são pessoas, pois o conceito de “pessoa” ou “gente” pode ser diferente para as sociedades africanas, fazendo com que haja um abismo linguístico e interpretativo em muitos casos.

O autor do texto *In pots we trust: the processing of clay and symbols in Sub-Saharan Africa*<sup>14</sup>, publicado no *Journal of Material Culture*, em 1999, assume a postura teoria estruturalista, e, assim, costura as informações, metáforas e o pensamento relacional de modo a construir um sistema que se estrutura na ação prática dos indivíduos juntamente com a ação simbólica instituída aos objetos e ao processo técnico desses objetos.

Com isso, Gosselain constrói um suporte para as explicações mais profundas, subjacentes e metafóricas, ao utilizar as hipóteses sugeridas por Barley e De Heusch. Isso com intuito de compreender os campos antagônicos que movem a atividade oleira na África, examinando o conjunto de proibições e de temas que permeiam o assunto.

## 1.8 SOBREPOSIÇÕES E SIGNIFICADOS DOS DESENHOS GUARANI (ETNOGRAFIA DO PRESENTE)

Arnd Schneider, autor de *Beyond appropriation: Significant overlays in Guaraní-inspired designs*<sup>15</sup>, publicado em 2012, no *Journal of Material Culture*, trabalha fortemente com o conceito de “overlays”<sup>16</sup>. Seu objetivo principal consiste em investigar e teorizar as práticas de apropriação das culturas indígenas na província de Misiones, nordeste da Argentina.

Em particular, aborda criticamente a noção de apropriação através da introdução de “sobreposição”, como um novo conceito de apreender analiticamente o tráfego cultural desigual dos artesãos nativos e da sociedade em geral. Schneider argumenta que o processo de “significação” dos projetos originais Guarani é suspenso. No entanto, não devemos insistir em uma “perda de sentido” desses objetos. Em vez disso, colocamos em primeiro plano as noções de materialidade, criatividade e inovação em relação às relações econômicas e de trabalhos específicos entre artesãos e *designers* Mbyá Guarani.

---

<sup>14</sup> “Em potes nós confiamos: o processamento de argila e símbolos na África Subsaariana” (tradução livre).

<sup>15</sup> “Além da apropriação: sobreposições significativas inspiradas em desenhos (grafismos) Guarani” (tradução livre).

<sup>16</sup> Sobreposições (tradução livre).



*Overlay* é entendido como uma combinação de dois (ou mais) sistemas diferentes de significado/sentido, que coexistem absolutamente um ao lado do outro – um tipo de alteridade composta, onde um lado não imediatamente muda o outro ou, na verdade, transmuta dentro do outro (e assim se torna o outro).

Para os artistas da comunidade indígena de Ka’aguy Poty (Misiones), os elementos artesanais contribuem para o produto final. Entre estes são mobiliário - (cadeiras, armários, artigos de designes para interiores, lâmpadas, espelhos, bolsas, caixas, cestarias, almofadas, placas e esteiras) - e acessórios pessoais. Todos estes objetos são decorados com diferentes desenhos Guarani, principalmente, cestarias ou vimes. Segundo Schneider, os Guarani simbolizam, com geométricos intrincados, que são desenhos abstratos, mas que para eles representam muitos animais e plantas de sua mitologia.

Carlos Mordo (1997, 2000, 2001) foi criticado por seus estudos, por haver ausência de interesse nas mitologias, nos simbolismos e no aprofundamento dos padrões dos desenhos das cestarias Guarani. Ele descreveu em detalhes os processos de fabricação das cestarias e descreveu qualidades gráficas, em que, com o contraste da luz, alcança diferentes tipos de fibras de plantas e técnicas (SCHNEIDER apud MORDO, 1997, p. 80-84; 2001, p. 199-209).

Mordo (2001: 204-206) problematiza a valorização da estética da cestaria Guarani, afirmando que se trata de uma forma de arte *sui generis*, enfatizando o padrão rítmico do aparentemente design geométrico abstrato, enquanto claramente indicativo de referências simbólicas, tais como pele de cobra, motivos muito comuns e compartilhados nos designs (*jegua-mboi* – adorno de víbora) (MORDO, 1997, p. 82).

Mais recentemente, Blanca Barrios (2004, 2009) esteve investigando o significado da cestaria Guarani, como uma boa forma de arte com técnicas específicas e significados simbólicos, anexados aos padrões decorativos individuais. Barrios incluiu, em seus estudos a produção das técnicas e entrevistas com fabricantes de cestas.

O material básico para cestaria são *tacuaras*, uma fibra obtida a partir da raiz aérea da planta *güambé* (...) e catiguá (casca de árvore) (SCHNEIDER APUD BARRIOS, 2004, 2009, 2010; SUSNIK, 1986, p. 9-21). As decorações são baseadas em padrões retangulares, onde luzes e fibras escuras são contrastadas e tecidas. Barrios (2009, p. 79-80) e Mordo (2001, p. 199-209) listam como seis “módulos”: o ponto (*pete í*), padrões retangulares de linhas oblíquas (*richy*), linhas angulares (*Karê*), a cruz (*Kuruzú*), padrões rômnicos, padrões retangulares e paralelogramos (*Korâ*), a borboleta (*panambí pepó*) e o padrão *snake-like* de linhas contínuas (*pukú*).

Um número de combinações de padrões básicos pode ainda ser elaborado e expressar boa parcela dos complexos mitológicos e significados simbólicos, a maioria dos quais são apenas inteligíveis para os *Mbyá* Guarani artesãos. Especificamente, certos padrões representam os chocalhos das cobras (*mboi chini pará*), uma cobra inofensiva (*ñacaniná pará*) e a maioria, cobras perigosas (*aká kuruchú pará*). Para Schneider apud Barrios (2009), os chocalhos das cobras são admirados, como sendo da esfera da coragem, seus padrões tem o poder de proteção e são colocados em pulseiras. O *ñacaniná parnçaá*, por outro lado, é considerado uma mascote de Deus e o *Mbyá* Guarani sente proteção quando eles encontram um pelo caminho. Schneider apud Barrios (2009: 98) escrevem que mulheres que deram a luz também os ligam no entorno de sua cintura para conseguir um parto sem dor.

Há variações dos relatos representados para várias subespécies que habitam as árvores, a água e o terreno aberto. Em adição, os *Mbyá* Guarani usam uma grande variedade de combinações de todos os elementos, alcançando assim novos padrões. Como *Opyguá Rosendo Moreira*, um artesão, expôs para Barrios (2009, p. 106), que tais trabalhos podem ser chamados *parâ etâ*, ou “embelezado, ou bela decoração (floreado) com muitos designs”.

Em algum grau, para os Guarani, estes produtos de designs tornam-se “sem significado”, ou melhor, o significado é suspenso. Assim, para os Guarani, seus atos são indiscutivelmente em relação aos atos contemporâneos de esquecimento, observados também em outras instâncias históricas.

Os padrões geométricos dos *designs* dos objetos das *Missiones* são os melhores para compreender como algumas representações fecham por encapsulamento do significado que é inteligível para os artesãos *Mbyá Guarani*, mas se oculta para os compradores brancos. Assim, o senso do que é o sentido dos padrões geométricos não é revelado para os “brancos” observadores ou os consumistas daqueles produtos.

Portanto, os padrões são visíveis, os significados são residuais, embora haja o processo de sobreposição e transferência de contextos. Posto de outra forma, (1983, p. 1) esta metáfora nos diz que significados tornam-se, passam, sobrepostos nas camadas de fundo.

### 1.8.1 Cosmologia Guarani e os padrões gráficos (Etnoarqueologia)

Silva (2010) articula analogicamente dados etnográficos (sociedade indígena Guarani *Mbyá*, Guarani *Nhandeva* e Guarani *Kaiowá*) e arqueológicos (cerâmica da Tradição Policroma Amazônica). Através de uma leitura da esfera simbólica da cultura material, o autor perspectivou realizar uma etnoarqueologia (principalmente através dos grafismos), embasado na teoria

cognitiva, a qual dá suporte para a interpretação de conteúdos gráficos. Esses conteúdos estão estritamente relacionados com o universo mítico-cosmológico dos Guarani pré-coloniais, cujos significados permaneceram entre os Guarani etnográficos, o que, portanto, permite correlações dos significados da linguagem cerâmica entre os tempos passado e presente.

Antes de prosseguirmos com o raciocínio de Silva (2010), é interessante dialogar com Monticelli (2007), a qual realizou pesquisa arqueológica na região do Alto Uruguai. Deste trabalho de campo, foram localizados 64 sítios, entre eles o U-470, o qual recebeu uma análise de seus elementos – a cerâmica arqueológica – por esta apresentar, conforme a autora: “uma fábrica de ideias”.

Um grande número de peças arqueológicas do U-470 foram coletadas, as quais juntamente com o contexto preservado do sítio, puderam subsidiar uma interpretação e possibilidades diferentes para os sítios Guarani.

A cerâmica ganhou um enfoque diferente, por apresentar esse potencial. A cerâmica Guarani é considerada como sendo “prescritiva” por alguns arqueólogos. Isso significa que a reprodução dos significados da cultura material se mantém ao longo do tempo, assim como seus aspectos funcionais.

Subsidiando-se nas ideias de Jacobus (comunicação pessoal, 2005), a Monticelli (2007) justifica as variações nas vasilhas, a partir do pressuposto de que os indígenas, falantes do mesmo Tronco Linguístico Tupi-Guarani, “são populações que guardam diferenças entre si”, e, assim, a cultura material, como outras esferas culturais, possui variações.

Com base nessas variações e argumentando com os escritos de Noelli (1999, 2000), que afirma que não se devem fazer generalizações, pois os Guarani representam diversas populações. Soares (1996) afirma que não podemos associar nenhuma das parcialidades como “remanescentes das sociedades arqueologicamente conhecidas”. Nesse ponto, ao retomarmos as ideias de Silva (2010), observamos que um dos elementos que fazem parte da estrutura de uma população é trazida à cena: a língua Guarani subdividida em três dialetos (*mbyá*, *nhandeva* e *kaiowá*) que agregados a identidade sociocultural, permite falar “de três parcialidades étnicas atuais (*Mbyá*, e *Xiripá* (ou *Kaiowá*).

Mesmo ciente dos diferentes processos históricos que essas parcialidades Guarani sofreram durante a formação dos Estados Nacionais, ainda se assegura que o povo Guarani possui uma “unidade cultural mito-cosmológica [...] expressa na sua etnoarte”. Essa unidade às vezes é atritada entre as relações entre grupos étnicos ou entre as próprias *tekoá*'s.

Silva (2010), realiza uma analogia etnográfica, utilizando informações provenientes de interlocutores *Mbyá*, *Nhandeva* e *Xiripá* e de grafismos presentes na cultura material dos grupos

envolvidos. As pinturas corporais foram levadas em consideração, assim como desenhos e nomes feitos e ditos pelos interlocutores. Com essas informações, o autor relacionou o significado aos grafismos que encontrou no âmbito da cosmologia e dos mitos dos Guarani.

Vários elementos gráficos observados na cultura material dos grupos puderam ser vinculados ao universo sagrado do cosmos para os Guarani. Por exemplo: existe uma decoração de cestaria, a *Ipará Pirárãinhykã*, que representa o desenho de uma mandíbula de peixe, entre outros. Os grafismos encontrados nos cestos possuem um significado que remete ou a trechos dos mitos ou a elementos destes. A ecologia simbólica é representada nos grafismos presentes da cultura material, principalmente, pelas cobras (cascavel, cruzeira, jararaca, jiboia e coral-desenhos em vários padrões), mariposa e lagarto (esculpido em madeira). Ainda existem os grafismos fitomorfos: milho, folha do feijão, flor e representações gráficas do Sol e estrelas.

O autor tenta traçar um paralelo entre o que ele chama de grafismos Proto guarani (cerâmica arqueológica), a nomeação e os significados, dados pelos interlocutores do presente (dados etnográficos). Conclui que o que permanece é a semelhança formal entre os grafismos do passado (pré-história) e do presente.

Assim, Silva (2010) salienta que os Guarani dão ênfase ao domínio da natureza e da sobrenatureza condensados, nesse caso, nos grafismos. Essa ideia traz a noção de que a atribuição de significados aos elementos que constituem os grafismos é construída culturalmente, mas pode sofrer alterações de local para local.

Silva (2010) explica, utilizando a definição de Arqueologia Cognitiva, sobre a cultura material enquanto categoria de entendimento. A perspectiva é de que seja possível perceber e reconhecer, no registro arqueológico, a mente e cognição humanas. O apoio para esse reconhecimento das cognições humanas na cultura material e/ou no registro arqueológico é dado pela astuta utilização de fontes etnohistóricas e/ou etnográficas, além da observação meticulosa em relação à metodologia. O risco perpassa pelo anacronismo do resultado que se chega, cabendo, portanto, ao pesquisador fazer um recorte que contemple aspectos contextuais das fontes que se conectam com aspectos contextuais sobre a arte indígena, a qual nos fornece elementos residuais, indispensáveis à interpretação.

Tocchetto (1996) propõem a possibilidade de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani, através de uma comparação destes com a arte gráfica *Asuriní* e *Kayabí* (grupos Tupis do Xingu). A autora afirma que a analogia etnográfica dos grafismos apresentou limites, pois os signos utilizados são “únicos e específicos da sociedade que os produz.” Tocchetto trabalhou com vasilhas inteiras e com grandes fragmentos, e relacionou as narrativas míticas Guarani com os elementos gráficos possíveis de leitura simbólica.

A representação dos grafismos da cerâmica Guarani é produzida pelos artesãos locais e compartilhados por todos do grupo e as experiências, a maneira de pensar sobre o mundo, os valores tradicionais, são traduzidos em signos (gráficos) “produzidos e reproduzidos pela coletividade” (VIDAL; SILVA, p. 287). Da mesma maneira, o conteúdo não-gráfico aplicado sobre a argila e reproduzido, também expressam, segundo os autores supracitados, de representações compartilhadas pelo grupo ao longo do tempo.

### 1.9 AS FONTES ETNO-HISTÓRICAS

Segundo o antropólogo Bartomeu Melià (2011, p. 81), “*la historicidade no es exclusividad de pueblos literatos, pues su esencia está más en la memoria que en la escritura.*”. A partir desta perspectiva, abrem-se as possibilidades para se refletir as construções discursivas sobre o Guarani.

Ao longo dos anos, pesquisadores debruçaram-se sobre as fontes documentais etno-históricas, (na sua grande maioria documentação oficial escrita pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus/ séculos XVI, XVII e XVIII), e assim a grande parcela de produção acadêmica realizada a partir desses documentos revelam uma história sem o protagonismo indígena. Ou seja, se Melià se refere a historicidade de um povo ágrafo, que traz a sua essência na memória, devemos nos atentar ao que a documentação oficial revela quando invertemos as questões colocadas por nós, no presente, procurando nas entrelinhas como sustenta Wittmann (2014, p. 51) “uma leitura nas entrelinhas pode revelar, em meio aos discursos etnocêntricos, muitas surpresas não limitadas ao universo dos produtores do documento textual”, mas observando o que é relevante de registro pelos padres jesuítas durante o período colonial brasileiro.

Se os indígenas eram considerados demônios ou bestas pelos religiosos da Ordem, nossas conclusões inferem que as maneiras de agir e de aparecer dos Guarani estavam em desacordo com a lógica e noções de mundo ocidental.

Assim, as fontes etno-históricas têm sido, muitas vezes, mal utilizadas, porque esquecemos de utilizar a lente ou filtro histórico para compreendermos que as ações e as manifestações dos agentes indígenas sempre estiveram nas linhas dos documentos.

O que acontece é que os Guarani sempre estiveram na história contada pelos jesuítas, mas segundo Melià (2011, p. 81) “*no se había hecho propiamente historia indígena.*”. A observação de elementos que demonstram a perspectiva indígena parte dos antropólogos, que reviram a História e que trouxeram noções e conceitos para se pensar a cultura do outro. Segundo Schwarcz (1994, p. 70), “o enfraquecimento de uma história do tipo *événementielle* e o reconhecimento de lógicas culturais diversas [...] a “vizinhança” [...] passa a ser pensada em termos

de relações [...] de trocas recíprocas.”. Schwartz (1994, p. 70) aponta para a diluição da fronteira entre mito (subjetivo) e história (objetivo), o que sugere a união ou a irmandade entre Antropologia e História para compreender “a estrutura e a história, e mesmo “quando o mito é realidade e a história vira metáfora”.

A historicidade dos grupos humanos ganha espaço nas pesquisas históricas, ao “abandonarmos a história para chegar ao mito, saímos dos contextos determinantes para descobrirmos cosmologias quase estruturais e anteriores ao fato em si. [...] existem animais bons para comer, mas outros são bem melhores ‘para pensar’” (SCHWARCZ, 1994, p. 71).

Robert Darnton (1990), historiador da cultura, discute a concepção polifônica dos símbolos, pois estes devem ser pensados nas utilizações locais, pois a cada história contextual, específica e singular “reelabora-se uma narrativa cosmológica” (SCHWARCZ, 1994, p. 71). Diante disso, ao apresentarmos os dados que, de acordo com nossos critérios, podem fornecer suporte para a reflexão de uma história da cosmologia Guarani atrelada a símbolos que fazem parte da natureza e sobre natureza desse grupo.

Nesse sentido, buscamos, na sequência da pesquisa, demonstrar que a significação destes símbolos não é absoluta, “é somente de posição”, “os mitos acionam uma pluralidade de símbolos, dos quais nenhum, tomado isoladamente, significa o que quer que seja. Só adquirem significação na medida em que entre eles se estabelecem relações” (SCHWARCZ, 1994, p. 72).

Torna-se importante esclarecermos que as fontes, sejam elas etno-históricas, arqueológicas ou etnográficas, todas relatam uma história parcial. Cabe ao pesquisador, porém, não confundir documento histórico com história, e analisá-lo como tal. Fontes são históricas, têm sua história, porém não são História” (WITTMANN, 2014, p. 50).

Para Wittmann (2014, p. 51) é extremamente importante estar atento aos indícios aos discursos dos outros para “acessar códigos da cultura indígena”, pois “a observação minuciosa das fontes irá nos permitir “enxergar detalhes – às vezes [...] insignificantes ou mesmo incompreensíveis – que podem dar a chave para a análise de um contexto cultural.”

Os dicionários *Tesoro* e *Vocabulario de la lengua Guarani*, produzidos pelo jesuíta Antonio Ruiz de Montoya são utilizados como fonte para a pesquisa de linguística histórica comparada (NOELLI et al., 2018). Isso porque os termos registrados naqueles livros – documentos podem embasar os processos de confecção cerâmica, ao contextualizarmos os episódios do uso e da produção das cerâmicas pelos indígenas dentro da conjuntura que pertencem.

Há algum tempo os termos são pesquisados em diferentes estudos e nos fornecem subsídios para construir um passo a passo das escolhas tecnológicas, mesmo que de forma fragmentária, para que no presente possamos compreender a esfera técnica da produção cerâmica dentro da sociedade indígena arqueológica Guarani e também às demais línguas do tronco Tupi.

A compilação apresentada por Noelli et al. (2018), representa uma importante ferramenta utilizada por arqueólogos e historiadores. Com isso, os autores deram organização ao sistematizarem os termos, relacionando-os com demais conhecimentos adquiridos e incorporados ao longo da construção historiográfica e bibliográfica do estudo das vasilhas cerâmicas arqueológicas (principalmente Guarani) que incluem os estudos pioneiros de José Proença Brochado. Outros autores utilizaram o capital cultural acumulado para a reconstrução de um cenário que vincula as observações e análises que realizamos na cerâmica arqueológica, com os significados e contextos dos termos apresentados e registrados por Montoya, nos anos de 1639 e 1640.

Para Noelli et al. (2018, p. 168), as regularidades linguísticas têm correspondência na tecnologia cerâmica, sendo possível propor uma teoria de que havia uma uniformização da linguagem da cerâmica em todos os assentamentos Guarani até então estudados no país.

A utilização dos dicionários de Montoya como fontes de pesquisas para o estudo das cerâmicas arqueológicas ultrapassa a compreensão dos significados dos termos. Para um olhar atento, os termos podem ser postos ao avesso dentro dos contextos históricos e arqueológicos para assim serem vinculados e interpretados de uma forma mais profunda às estruturas do conhecimento do processo de confecção cerâmica, levando inclusive o pesquisador a entender, quiçá, a relação do universo tecnológico com o universo simbólico e/ou outros.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO AMBIENTAL, PAISAGEM, PESQUISA DE CAMPO E CRONOLOGIA NA DEPRESSÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

### 2.1 ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

De caráter interdisciplinar, a arqueologia se relaciona com diferentes áreas do conhecimento. Sendo assim, um dos aspectos da pesquisa arqueológica consiste em entender a ambientação dos sítios arqueológicos, com intuito de relacionar as pessoas e o seu meio ambiente.

A Arqueologia da Paisagem desempenha um papel quase onipresente nas pesquisas arqueológicas que possuem uma abordagem situada na perspectiva holística, à qual se vincula, segundo Morais (1999), à uma concepção sistêmica.

A concepção sistêmica é ‘entendida como a maneira de ver todos os fenômenos ou eventos de um todo coordenados entre si, de modo que funcionem como uma estrutura organizada. (MORAIS, 1999, p. 39).

Um dos aspectos do estudo da arqueologia da paisagem consiste em buscar o entendimento do processo de organização espacial de uma dada sociedade, ou seja, sua colocação e criação no meio ambiente. Assim, entender a geografia e o meio ambiente de uma determinada área são fatores fundamentais para entender o entorno da ambientação onde os sítios arqueológicos estão inseridos (MORAIS, 1999).

Morais (1999) construiu modelos regionais<sup>17</sup> para o Projeto do Rio Paranapanema em São Paulo, onde estabelece as classes de tipologia topo morfológicas, relacionadas aos parâmetros de um modelo locacional e preditivo que direcionou os levantamentos de sítios arqueológicos pré-coloniais em sua pesquisa.

Assim, aqui nos debruçamos sobre os modelos preditivos que Morais (1999) define como sendo ligados à função “Morar”. São eles: terraços fluviais, vertentes, patamares de vertentes, cabeceiras de nascentes<sup>18</sup> e topos de interflúvio. Os modelos foram um recurso extra para as realocações dos sítios arqueológicos que estavam sem coordenadas geográficas na pesquisa, o que possibilitou uma orientação para as áreas prospectadas dentro de limites pré-estabelecidos.

---

<sup>17</sup> Milder (2000) adapta os modelos locacionais com base nas UNDR – Unidade Natural de Design do Relevo, para os sítios de caçadores-coletores das regiões Sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>18</sup> “Áreas onde existem os olhos d’água que dão origem a um curso fluvial. [...] As cabeceiras são também denominadas de nascente, fonte, minadouro, mina, lacrimal, pantanal manancial, etc.” (GUERRA, A.T.; GUERRA, A.J.T., 1997, p. 97).



## 2.2 O CONCEITO DE ESPAÇO

A concepção de espaço, como elemento central na experiência e na pesquisa das sociedades humanas, perpassa por diversas abordagens da Arqueologia da Paisagem. Segundo Criado-Boado (2015), o espaço, tomado como elemento central, é percebido como inseparável à própria possibilidade de realidade.

Assim, utilizaremos algumas noções foucaultianas que perpassam pela construção discursiva de Felipe Criado-Boado, para pensarmos a organização espacial de uma paisagem. A primeira destas noções, reporta à percepção da construção do espaço como uma parte essencial do processo social, sendo, portanto, considerado como um tema histórico. Segunda, que o espaço *'en vez de ser una entidad física 'ya dada', estática y mera ecología, es también una construcción social, imaginaria, en movimiento contínuo y enraizada com la cultura'* (CRIADO-BOADO, 1993, p. 11-12).

O espaço físico, portanto, proporciona a criação de uma nova realidade, onde o simbólico está subjacente no visível e representa, portanto, uma paisagem significativa para determinado grupo que o habita, constrói ou transforma. A forma espacial não é independente dos sistemas de representação e, por isso, a partir de uma perspectiva de interpretação simétrica da paisagem, podemos compreender que o aspecto significativo de como as pessoas moldam seus espaços articula-se com o visível, ordenando e arranjando a vida social (CRIADO-BOADO, 2015).

Desta maneira, entendemos que o estudo da paisagem implica a compreensão de diferentes dimensões (econômicas, territoriais, simbólicas, metafóricas, etc.).

Dimensões sociais e categorias que, ao serem analisadas empírica e sociologicamente, induzem-nos a apreender como os espaços naturais, sociais e culturais eram manipulados pelas sociedades pretéritas, mas também para que possam ser recompostos (parcialmente) no presente, afim de estruturar também a nossa construção social, através de uma hermenêutica histórica do passado e do presente.

A interação entre as pessoas e os seus ambientes moldam os espaços – os quais são heterogêneos dentro de uma paisagem. Por isso, é de interesse da arqueologia compreender, através dos estudos paisagísticos, a ação humana que está subjacente intrasítio e em determinados estudos, correlacionados aos agrupamentos de sítios arqueológicos dentro de microrregiões ou de amplas áreas.

Criado-Boado (1993) sugere que a abordagem de Foucault (1989) sobre as noções de espaço possa ser útil para a pesquisa arqueológica. Para isso, o autor elenca três pontos que

acredita serem importantes para se pensar e aplicar o conceito de espaço nos termos arqueológicos. O primeiro ponto evidencia a intrínseca relação entre espaço, pensamento e sociedade. Assim sendo, a construção do espaço é indissociável do processo social de construção da realidade. Tal construção se realiza por meio de um saber específico em dada época. Segundo ponto: o espaço não é uma entidade física já pronta. Ele está em movimento contínuo e enraizado na cultura. O espaço não é estático. Terceiro ponto: dentro do nosso sistema cultural de saber moderno, atribuímos a categoria de espaço um valor e algumas percepções diferentes. Dessa maneira, a utilização de conceito requer que reconheçamos os limites entre a visão de mundo de um grupo humano e de outro, em diferentes locais e períodos.

Além disso, rebate fortemente as concepções sobre o conceito e a noção de espaço estabelecida pela sociedade moderna, afirmando que esta compreende-o (espaço) com pouca profundidade, caracterizando, assim, uma miséria conceitual e contextual para o conceito.

A miséria conceitual, a qual Criado-Boado se refere, é compreendida através da análise da construção social da própria modernidade, pois esta estabeleceu um mecanismo de produção da realidade social. Assim, a sociedade criou suas próprias dicotomias, limites e sistemas de controle, a fim de tornar-se moderna. A tecnologia que promove uma percepção superficial do espaço está mascarada, destacando-se, principalmente, em pesquisas que contemplam apenas as análises dos contextos sociais-econômicos, nomeada por Michel Foucault de *bio-poder* – uma tecnologia política e estratégica que visa a construção social e a incorporação capitalista.

Dentro da lógica moderna ocidental, o espaço modela o indivíduo, portanto, o *bio-poder*, endurecido no pensamento moderno, coloca em ação várias estratégias que direcionam a construção social e, portanto, são incorporadas aos indivíduos de uma dada realidade, afim de que estes compreendam o espaço como um conceito que está relacionado com as fronteiras territoriais. Isso ocorre devido ao sistema moderno entender que o espaço não pode estar vazio, que deve haver produção, pois a natureza é o contrário da cultura, “[...] *Así pues, como reflexión acerca del entorno, la concepción del espacio y el concepto de espacio geográfico están en armonía com um sistema que necessita creer que la naturaleza es enemiga de la cultura [...]*” (CRIADO-BOADO, 1993, p. 13).

Criado-Boado sugere uma nova concepção para o conceito de espaço e, a partir da crítica que realiza, argumenta que devemos revitalizar a relação natureza-homem, reconciliar a alma e o corpo<sup>19</sup>:

---

<sup>19</sup> Segundo CRIADO-BOADO (1993), a separação entre corpo e espírito, ou corpo e instintos está na base da criação de um outro conceito – o de sujeito. Por sua vez, esse também faz parte do rol de concepções construídas na instauração do pensamento moderno. Para isso, o autor explica que na Grécia o corpo se equiparava ao espaço

*[...] hay sociedades (normalmente las primitivas) en las cuales existió ‘una consciencia de la unidad de la naturaleza’, y que es esa consciencia lo que nuestra cultura tiene que recuperar si es que quiere lograr un desarrollo armónico (Tricart y Kilian, 1982: 281). La ‘interdependencia entre hombre y la naturaleza’ fue sentida en esas sociedades, fue condición de supervivencia de las mismas y es, siguiendo su ejemplo, que debemos eliminar ‘el falso problema que consiste en enfrentar la naturaleza y el hombre’ (1982, p. 8-9). (CRIADO-BOADO, 1993, p. 17).*

Assim, Criado-Boado (1993) infere que existe uma correspondência estrutural entre o conceito de espaço e as estratégias socioculturais dentro de cada sociedade. Em algumas destas, a não transformação do meio natural através da prática de produção de alimentos e manejo do entorno, sugerem que o pensamento do grupo e sua forma de construir o espaço não tinham a pretensão de se diferenciar da natureza através de construções monumentais. Para o autor supracitado, existem quatro tipos de atitude racional do homem frente a natureza. São elas: passiva, participativa, ativa e destrutiva.

*[...] La actitud pasiva sería la vigente en la humanidad cazadora, la participativa habría caracterizado a la humanidad recolectora [...], la activa a la humanidad domesticadora o campesina y la destructora a la humanidad subordinada a sistemas dominados por racionalidades maximizadoras. (CRIADO-BOADO, 1993, 20-21).*

Por fim, devemos saber diferenciar a realidade empírica do espaço com o seu conceito. A realidade empírica é formada pelo ambiente, de maneira organizada por uma dada cultura no tempo, e, em tempos diferentes, o espaço se reconfigura de acordo com o pensamento vigente. Criado-Boado (2015) afirma que qualquer paisagem é composta não só pelo que nossos olhos podem ver, mas também pelo que está dentro de nossa mente. São as coisas materiais – percebidas pelos nossos sentidos e imateriais – pensadas.

A sintaxe existe para que possamos reconhecer as características ou regularidades nos objetos ou nos espaços, está concretizada, visivelmente e simbolicamente, ou seja, as práticas culturais estão materializadas.

O acesso à dimensão central da experiência humana é a chave para a revelação da configuração espacial. Voltaremos a este ponto no tópico *Métodos*. Em suma, apresentamos o conceito de espaço que será aplicado nessa pesquisa, de acordo, principalmente, com o pensamento de Criado-Boado.

---

e o espírito ao tempo. A máxima que diz “a perpetuação através do tempo” nada mais é do que a vitória do tempo sobre o espaço e do espírito sobre o corpo. Assim sendo, essa visão ocidental moderna compromete o entendimento do espaço, por isso devemos abstrair um pouco mais o tempo e a considerar mais o corpo e o espaço. Talvez seja tão mais importante e necessário para que possamos compreender a ambientação dos grupos humanos que habitaram os lugares (sítios arqueológicos) que hoje pesquisamos.

Porém, outras noções estão no mesmo patamar – o de expansão das fronteiras conceituais para a pesquisa arqueológica, e, em muitos casos, oriundas de pensamentos de teóricos que possuem como base as mesmas referências intelectuais e as mesmas raízes, em suas construções sociais sobre o conhecimento científico. Como exemplo, o pensamento de Michel Foucault (e muitos outros) é virado e revirado, articula o pensamento de Criado-Boado e Tim Ingold (e muitos outros). Assim, nossas escolhas teóricas estão relacionadas aqui, porém salienta-se que estamos abertos a novas tendências conceituais que sejam coerentes com os contextos arqueológicos e históricos, como os que foram apresentados em tópicos extras.

### 2.3 HIBRIDISMO CULTURAL (ZONAS DE FRONTEIRA OU DE CONTATO CULTURAL)

O conceito de hibridismo será utilizado conforme a necessidade em relacionar zonas de fronteiras ou contato cultural entre grupos humanos. As áreas onde estão localizados os sítios arqueológicos em estudo, distanciam-se no espaço (empírico) e conceitual (mesmo que a perpetuação de elementos da racionalidade seja compartilhado). Distanciam-se, quiçá, diacronicamente no tempo.

A Depressão Central do Rio Grande do Sul consiste em uma região geomorfológica onde se localizam os sítios arqueológicos em estudo, faz fronteira com a Serra Geral – uma região geomorfológica onde são encontrados sítios arqueológicos com objetos de diferentes padrões tecnológicos, fato que não nos diz muito sobre uma provável diferença cultural. Porém cabe ao pesquisador apontar (hermeneuticamente e heurísticamente) seu recorte espacial e conceitual. Assim, o conceito de hibridismo situa-se no pano de fundo, pois geralmente as sociedades e grupos fazem fronteiras com outros, seja de forma pacífica ou não.

Geralmente o conceito é utilizado em contextos coloniais, onde enfatizam a ação indígena nos espaços fronteiros, com processos de mestiçagem e hibridação (TORRES, 2012). Assim, o conceito poderá ser utilizado, como um instrumento versátil, para entender os espaços, os palimpsestos de janelas de ocupação, bem como combinar os terceiros espaços (habitação colonial após a habitação indígena, gera um terceiro), pois em sua grande maioria os sítios arqueológicos estão em áreas rurais, próximas de casas e lavouras de moradores atuais.

Com datações para o sítio Estrada Alto das Palmeiras (1773 A.D.)<sup>20</sup> e o sítio Rincão dos Flores (1873 A.D.)<sup>21</sup>, há uma cautela interpretativa quanto à cronologia dos contextos arqueológicos, pois as situações de contatos entre indígenas e a sociedade colonial ocorreu em conjunturas intermediárias. O século XVIII foi marcado neste território, por diferentes incursões de demarcação de terras das Coroas Espanhola e Portuguesa, o que tornou a região vulnerável à expansão e retração de áreas delimitadas ou de desorganização territorial originária.

Além disso, os *cercamientos* reduccionais de indígenas – o projeto jesuítico de conversão dos nativos à fé católica também gerou contatos, resistências e outras idiosincrasias que revoloveram o espaço empírico, bem como reformularam os conceitos mentais desta noção.

Hibridismo faz referência a composição diversa. É fruto da prática mista reproduzida em situações coloniais. As populações locais ou nativas poderiam transformar as trocas (impostas), dando lugar a múltiplos casos de mescla cultural, apropriação e outros processos (TORRES, 2012).

## 2.4 O FATOR-GEO

Para Morais (1999) o *fator-geo* é constituído pelas contribuições da Geografia, Geomorfologia e da Geologia que em confluência geram resultados para a Arqueologia – que em sua essência é interdisciplinar, assim como o *fator-geo*.

A inserção da Geoarqueologia na análise da paisagem é praticamente uma necessidade, quando há intenção de uma compreensão mais densa, contextualizada no espaço ou no ambiente, onde se insere o sítio arqueológico (BITENCOURT, 2008).

Em específico, as informações sobre os diferentes recursos – as fontes de matérias-primas para a confecção dos artefatos, as proveniências destas e a matriz rochosa da área na qual o sítio está situado - são importantes contribuições geoarqueológica para a pesquisa empírica de campo (BITENCOURT, 2008).

## 2.5 MÉTODOS

Abaixo, relacionamos o arcabouço metodológico que orienta a operacionalização, direcionada e planejada, em situações empíricas de campo e de laboratório. Como todo o método

---

<sup>20</sup> Milder, V. (2014)

<sup>21</sup> Milder, V. (2014)

ou técnica requer a interiorização de conceitos, estabelecemos na sequência as principais noções que estão no centro de comando das ações dos contextos arqueológicos e de suas etapas de levantamentos de dados, intervenções e análise da cultura material.

### **2.5.1 Totalidade Social na concepção sistêmica: amarrando as noções de Marcel Mauss<sup>22</sup>**

Marcel Mauss, considerado por Lévi-Strauss (2003) uma influência profunda no pensamento etnológico e sociológico, construiu ao longo de seus escritos, ideias que demonstram a sua preocupação em compreender o sistema que rege as ações dos indivíduos sociais. Buscou, nas raízes profundas dessas ações, as questões subjacentes que orquestram as atitudes sociais em diferentes grupos humanos (polinésios, melanésios e outros).

Foi em *Ensaio sobre a Dádiva*, segundo Lévi-Strauss (2003, p. 23), que Mauss “[...] introduziu e impôs a noção de fato social total; mas percebe-se sem dificuldade de que maneira essa noção se liga às preocupações, diferentes apenas em aparência [...]”, e, nas demais incursões teóricas (ricas e diversificadas) realizadas ao longo da carreira deste influente etnólogo.

Mauss, desde 1926, relacionava o fisiológico com o social, afim de adentrar a profundidade das relações entre indivíduo e grupo. Além disso, deu ênfase também ao estudo das técnicas corporais, relacionando, assim, as maneiras que cada sociedade impõe o uso do corpo, a fim de regradar rigidamente as atividades dentro da estrutura social.

Ao abordar as técnicas do corpo, Mauss abriu um leque de possibilidades, até então pouco exploradas que consiste em inventariar e descrever “os usos que os homens, ao longo da história e sobretudo através do mundo, fizeram e continuam a fazer de seus corpos [...]” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 13).

O corpo humano é um instrumento à nossa disposição, através do qual nos servimos de diferentes maneiras, variando muito em relação ao grupo social e cultural, no tempo e no espaço. Assim, as técnicas tradicionalmente aprendidas e transmitidas durante as gerações envolvem uma cooperação, coletiva e simultânea de nossos esforços sociais e físicos para fortalecer e integrar ainda mais a estrutura social, tornando o corpo um patrimônio comum e original, à disposição do indivíduo e do coletivo. Mauss insere, desta maneira, a noção de solidariedade social que será observada em outras atividades e situações, constituindo uma nova categoria de fatos caracterizada pela confluência entre a natureza social e a natureza biológica do homem.

---

<sup>22</sup> Ver tópico: 3.2.1 Técnica e fato social total.

O fato social total assume um caráter tridimensional, ao explicar simultaneamente um sistema que integra aspectos físicos, fisiológicos, psíquicos e sociológicos.

Afim de apreendermos uma dada realidade social, faz-se necessário observá-la, considerando ao mesmo tempo que, no fato social total tudo deve participar da observação, inclusive o próprio observador precisa se colocar como parte de seu objeto. Portanto, apreender totalmente o fato social requer uma subjetividade na observação, embora o objetivo e o subjetivo possam ser delineados claramente em algumas ciências, no tocante à pesquisa social, pode-se utilizar a fluidez entre a passagem de um conceito ao outro, pois segundo Mauss há uma “multiplicidade de coisas sociais em movimento” (MAUSS, 2003, p. 187).

### 2.5.2 Prospecção e sondagem

Segundo Bicho (2006), não existe um modelo padrão de abordagem para as prospecções de reconhecimento ou superfície. No entanto, muitos detalhes são importantes e imprescindíveis para a realização de intervenções prospectivas. Entre eles, a predisposição do arqueólogo, consistindo assim, nos fatores culturais e físicos do pesquisador, no treino ou formação acadêmica, bem como à adaptação da visão humana para certos tipos de informação, segundo Bicho (2006), “[...]aquilo para que se tem olho [...]”.

O objetivo principal da prospecção é realizar um levantamento completo, afim de, na sequência, planejar ações dirigidas que consistam basicamente no estabelecimento das áreas que receberão as sondagens, perfis, trincheiras, “*open areas*” e as coletas superficiais, bem como os limites dessas intervenções e os limites do próprio sítio arqueológico.

As prospecções contribuem fortemente para a compreensão parcial da relação existente entre espaço e paisagem. Para a compreensão de como estes recursos foram utilizados, explorados e incorporados pelos grupos humanos.

A unidade de prospecção adotada nesta pesquisa é definida pela presença de cultura material, tendo como observação em segundo plano, as unidades geográficas ou naturais, afim de contemplar a metodologia de Morais (1999)<sup>23</sup>, no tocante aos modelos preditivos de inserção de sítios na paisagem. No entanto, serão privilegiadas as áreas com presença de cultura material, independente dos modelos locacionais definidos à priori para o estabelecimento de assentamentos de grupos ceramistas pré-coloniais e/ou coloniais.

---

<sup>23</sup> Observar referência no item “Arqueologia da Paisagem”.

As áreas do entorno próximas aos sítios arqueológicos, sem cultura material, foram cuidadosamente avaliadas, afim de explorar possíveis locais de passagem (lugares persistentes) e dinâmicas de mobilidades dos grupos que habitaram a área.

As sondagens têm por finalidade a ratificação da existência de depósitos arqueológicos. Logo após a identificação de artefatos na superfície em que se define a abertura dessas intervenções, se realiza a abertura de uma pequena área, afim de avaliar a estratigrafia e a presença ou ausência de material arqueológico associado. Geralmente, as sondagens são realizadas através de equipamentos como o trado, resultando em uma tradagem, ou através da abertura de pequenas áreas de 1m x 1m ou de 0,50 m x 0,50 m – dependendo sempre da necessidade de cada situação e caso, pois os sítios arqueológicos possuem demandas interventivas diferentes devido aos graus de contextos, diversidades, tipologias, entre outros.

Como resultado da aplicação metodológica da prospecção, são obtidos dados referentes ao sítio arqueológico, tais como: localizações geográficas; ambiente geológico e topográfico, características da cobertura vegetal, tipos de artefatos e estruturas (quando em evidência), tamanho das áreas a receberem uma segunda intervenção e dispersão dos achados, por exemplo. Os resultados são processados através da observação do entorno, definidas e orientadas afim de obter-se dados empíricos para a operacionalização das intervenções mais complexas. Assim, equipamentos como escalas, GPS, bússolas e outros são básicos para o eficiente registro dos itens supracitados.

### **2.5.3 Superfícies amplas, perfil e decapagem**

A aplicação da abordagem em “superfícies amplas”, com a realização de decapagens por níveis naturais, foi “[...] preconizada por Leroi-Gourhan (1972) e adaptada por Pallestrini (1975)”, no Brasil (PALLESTRINI, 1983, p. 7). O objetivo de tal abordagem consiste em uma evidenciação da totalidade das estruturas e/ou dos conjuntos de instalações pré-coloniais dos sítios arqueológicos.

Parte-se da ideia de uma visão tridimensional dos sítios e contextos arqueológicos, os quais são abordados verticalmente e horizontalmente. Conforme Pallestrini (1983), o conceito de “superfícies amplas” é relativo, podendo, assim, ser rearranjado a cada caso.

Conforme Alves (2002), o método topográfico/etnográfico de Leroi-Gourhan constitui-se como um dos pilares para a pesquisa de campo, pois enfatiza os indícios espaciais dos documentos materiais abandonados *in loco*. A técnica de decapagem, aborda os estratos arqueológicos, sob uma ótica sincrônica e temporal.



[...] centrado na abordagem tridimensional, mas privilegia a horizontalidade para evidenciar e decifrar os solos arqueológicos concebidos como cenas congeladas e arquivos materiais – mas repletos de informações em nível sincrônico do cotidiano pré-histórico e, objetiva a detecção/evidenciação da totalidade social dos assentamentos, ocupados por populações sem escrita, extintas, nômades e em processo de sedentarização (ALVES, 2013, p. 99).

A partir do planejamento - que consiste em realizar prospecções, aberturas de sondagens e identificação de áreas potenciais (áreas com cultura material em evidência, seja superficial ou em profundidade), além dos indicativos estratigráficos, a evidenciação de manchas pretas no solo, conhecidas também na literatura, como solo antropogênico - delimita-se, então, as áreas para abertura de uma malha de quadriculagem.

A decapagem representa uma abordagem horizontal, enquanto que em “Superfícies amplas”, através de trincheiras e/ou perfis, a abordagem é vertical. Além disso, através da técnica de decapagem por níveis naturais, é possível se obter a posição dos vestígios arqueológicos, de modo que estes fiquem evidenciados.

Segundo Alves (2002), Leroi-Gourhan adotou e alterou a metodologia de campo “*The Open Area*”, de Mortimer Wheeler (1954). Além disso, a presença de concentrações de cultura material em pontos férteis, se define pelos ataques horizontais, ratificados verticalmente, com a prática de “decapagens por níveis naturais” (LEROI-GOURHAN, 1950; ALVES, 2002).

As decapagens por níveis naturais têm por finalidade estipular uma possível diversidade do contexto arqueológico na dimensão temporal, espacial, cultural e social. O “contexto arqueológico é ‘espaço, tempo, cultura e sociedade’ (LEROI-GOURHAN, 1950; ALVES, 2002). Os contextos, referente às populações ágrafas, são dimensões empíricas à espera de um desvelamento. Constituem-se pelo ambiente e pelas cenas percebidas, ancoradas dentro de um rigor científico empirista (LEROI-GOURHAN, 1972; AUDOUZE, 1981; ALVES, 2002).

Os perfis estratigráficos fornecem as indicações cronológicas dos solos arqueológicos habitados por grupos pré-coloniais. Além disso, fornecem dados de caráter geológico, em muitos casos, podendo, assim, o pesquisador observar as formações rochosas que antecedem as camadas de ocupação humana, identificando desta maneira sequências que podem iniciar com a rocha mãe (mais antiga) de uma determinada área até a cobertura vegetal (mais recente). Fornecendo, assim, um quadro arqueológico e geológico da formação do sítio arqueológico, bem como as possíveis matérias-primas minerais que podem estar associadas à matriz rochosa.

#### 2.5.4 Núcleos de solo antropogênico

Segundo Morais (1999, p. 15) os núcleos de solo antropogênico consistem “[...] aos remanescentes dos fundos de habitações das aldeias [...]. No trecho citado, Morais refere-se especificamente às aldeias Guarani encontradas no trecho paulista da bacia do Rio Paranapanema (pesquisa iniciada em 1978).

Segundo Morais (1999), Luciana Pallestrini (1983) foi a primeira a observar tais fenômenos em sítios do Paranapanema, referindo-se às intervenções em trincheira, onde segundo a estratégia utilizada, foi possível evidenciar as “[...] manchas escuras correspondentes aos espaços habitacionais que constituem as aldeias pré-históricas de organização espacial diversa [...] (PALLESTRINI, 1983, p. 11).

Morais (1999) considera que o conjunto de núcleos de solo antropogênico constituem um único sítio arqueológico, enquanto que Chmyz (PRONAPA), considera cada núcleo de solo antropogênico um sítio-habitação. A escolha metodológica de Chmyz foi adotada para os sítios arqueológicos durante os anos 70 e 80, pelo professor Victor Hugo Oliveira<sup>24</sup> – responsável pelas intervenções e coletas referente aos sítios em estudo nesta pesquisa. No entanto, aplicaremos o conceito definido por Morais (1999), o qual estipula que os núcleos de solo antropogênico constituem uma aldeia remanescente, formando em conjunto, um único sítio arqueológico.

#### 2.5.5 Georreferenciamento e sensoriamento remoto

O georreferenciamento está calcado no processamento dos SIG's<sup>25</sup>, os quais integram informações espaciais e de atributo, armazenando informações sobre a localização dos sítios arqueológicos, estruturas, conjuntos e/ou concentrações de artefatos, fontes de matéria-prima, caminhos viscerais ou centrais do entorno, por exemplo. Os dados integrados são chamados de informações geográficas.

Para o eficiente funcionamento dos SIG's, cinco componentes devem estar envolvidos no gerenciamento do processamento de informações: hardware, software, os dados as pessoas e um fluxo de trabalho.

---

<sup>24</sup> Primeiro coordenado do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Responsável pelas primeiras intervenções nos sítios arqueológicos contemplados nesta pesquisa.

<sup>25</sup> Sistemas de Informações Geográficas.

Com a qualidade das informações mapeadas e gerenciadas nos SIG's é possível integrar informações geográficas com outros recursos de dados – processo que poderá gerar um sistema de banco de dados espaciais. Além disso, as pessoas envolvidas precisam coletar os dados, compreender as metodologias e processar estes de maneira bem-sucedida, uma vez que cada etapa é interdependente da outra.

Os SIG's serão amplamente abordados no decorrer do desenvolvimento da tese, afim de atingir, em primeiro plano, um dos objetivos de tal pesquisa, que consiste em georreferenciar os sítios arqueológicos que ainda não possuem coordenadas UTM's nos seus registros documentais<sup>26</sup>.

Segundo David (2006), os sistemas de informação geográfica contribuem para a localização de sítios arqueológicos, mas também ajudam a identificar fatores que influenciam na recorrência de padrões. Fato que pode possibilitar a modelagem ou prever a presença de sítios praticamente invisíveis a partir da superfície.

Associado ao SIG's, está a utilização de sensoriamento remoto – um fenômeno que inclui figuras e fotografias a partir de uma certa distância, como as obtidas por satélites, por exemplo. Tal recurso constitui um reforço e uma visão diferenciada das áreas potenciais a serem prospectadas, escavadas ou analisadas. (DAVID, 2006).

## 2.6 ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM E OS SÍTIOS GUARANI DE SANTA MARIA (RS)

A partir da percepção do espaço como movimento contínuo e enraizado na cultura, é que poderemos enredar e situar a história dos lugares arqueológicos Guarani dentro da província geomorfológica da Depressão Central (município de Santa Maria) do Rio Grande do Sul, especificamente, entre os rios Ibicuí-Mirin e Vacacaí (ambos de diferentes bacias hidrográficas). Para tal processo, é necessário que compreendamos, assim como sugere Moraes (1999), os eventos coordenados da estrutura organizada.

Associada à ideia de compreensão da paisagem dos sítios arqueológicos está o contexto e os seus elementos. Embora as esferas paisagísticas, contextuais e artefatuais possam receber diferentes conceitos, técnicas e métodos, estas devem convergir para o entendimento de um

---

tudo. Desta maneira, quando propomos o estudo da paisagem nesta pesquisa, ela não está isolada e recebe, portanto, um entendimento de que a cena arqueológica está na paisagem, assim como a paisagem está apreendida no contexto.

Todos os elementos do sítio arqueológico recebem, portanto, uma significância específica. A fonte de pesquisa empírica dos sítios Guarani de Santa Maria (RS) desta pesquisa são as coleções cerâmicas e, através delas, podemos acessar o processo técnico dessas manufaturas, bem como as escolhas dos artesãos. Isso implica muitas questões, que não só irão explorar os conceitos da tecnologia cerâmica, mas também o entorno e a ambientação que os indivíduos assimilavam, incorporavam e vivenciavam naqueles lugares.

Compreender o processo técnico cerâmico dos artefatos, oriundos dos sítios Guarani em estudo, vai além da compreensão operacional das etapas de fabricação, pois permite também perceber o ambiente, os recursos e os meios pelos quais os artesãos (ãs) encadeavam o processo de confecção dos artefatos cerâmicos. Parcialmente, podemos reconstruir os processos tecnológicos relacionados à arqueologia da Paisagem, quando no olhar arqueológico sobre o contexto e os vestígios, permitimos conectar o horizonte e a extensão paisagística de um sítio arqueológico aos seus testemunhos. Sendo assim, a paisagem em si também se torna um testemunho cultural (residual) do grupo ou grupos que habitaram, transformaram e/ou reocuparam os espaços.

Por isso, quando Criado-Boado (1993) se refere ao espaço como construção social que está em movimento contínuo e enraizado na cultura. O autor está sugerindo não apenas a percepção da transformação do espaço, mas também que este, está subjacente na cultura (enraizado). Nosso desafio é encontrar esse ponto, onde o enraizamento cultural se revela na tênue percepção entre a cultura material/contexto e seu entorno imagético, onde está o espaço ocupado dentro de uma paisagem transformada, utilizada e continuamente reconfigurada pela mão humana.

Fagundes e Piuzana (2010), afirmam que os humanos percorrem o ambiente em que vivem, assim, os conceitos e as percepções são estabelecidos por meio do processo cognitivo, abrindo espaço para serem incorporados na cultura do grupo. Neste sentido, quando nos referimos aos lugares arqueológicos, nos referimos também aos não-sítios e/ou espaços sociais, o que implica a ampliação da própria noção de sítio arqueológico. Para os autores, a noção de domínio que Mauss definiu, está muito próxima, ao conceito de lugares persistentes, embora esse seja mais específico no estudo arqueológico.

Assim, lugares persistentes, “[...] pressupõem a paisagem em sua totalidade, em que o *Locus* de ocupação ultrapassa o sítio arqueológico, estando constituído por elementos bem demarcados no sistema sociocultural [...] formados por todos os locais de uso continuado [...]” (FAGUNDES; PIUZANA, 2010, p. 216).

### **2.6.1 Unidade do Relevo, Clima e Solos**

Segundo Ross (1998, p. 52), o relevo brasileiro apresenta três tipos de unidades geomorfológicas: os planaltos, as depressões e as planícies. O autor afirma que as depressões no território brasileiro (com exceção da depressão amazônica), apresentam características genéticas muito marcantes, pois, foram geradas por processos erosivos com grande atuação nas bordas das bacias sedimentares. Assim, tais atividades erosivas que alternavam entre ciclos secos e úmidos esculpiram, ao longo do Terciário e do Quaternário, as depressões periféricas, as marginais [...] que aparecem circundando as bordas das bacias e se interpondo entre essas e os maciços antigos do cristalino (ROSS, 1998, p. 60).

A depressão periférica central ou sul-rio-grandense é a unidade geomorfológica na qual estão inseridos os três sítios arqueológicos em estudo: Estrada/Alto das Palmeiras, Rincão dos Flores e Estância Velha. Entre a depressão e as bordas da bacia sedimentar do Paraná, onde ocorrem os planaltos e chapadas de tal bacia, a Serra Geral na cidade de Santa Maria é um exemplo prático do que ROSS (1998) afirma ao referir-se sobre o processo erosivo nas bordas das bacias sedimentares e a abrupta depressão.

Ayoade (1986) atribui ao conceito de região climática uma área onde o clima é relativamente uniforme entre diversos lugares. Embora a autora saliente que, não existam dois lugares na superfície da terra com climas idênticos, as variações e os padrões do clima de uma área podem fornecer as características para se identificar uma região climática, dentro de critérios adequados da ciência climática.

De acordo com Gonçalves et al. (1997), em Recursos Naturais e Meio Ambiente, o território brasileiro possui uma diversidade climática, devido à atuação combinada de diferentes fatores como: a configuração geográfica, a maritimidade, a extensão territorial (tanto latitude, quanto longitude), o relevo e a dinâmica das massas de ar. Assim, as regiões climáticas (AYOADE, 1986) ou os domínios climáticos (IBGE) podem ser compartimentados quanto ao aspecto térmico.

Quanto aos aspectos térmicos o domínio do clima Mesotérmico, brando e médio, está restrito à região Sul e as maiores elevações da região serrana do Sudeste. Em relação a caracterização climática da região Sul, esta apresenta duas características próprias: a homogeneidade em relação à pluviometria e ao ritmo estacional, a segunda caracterização refere-se ao domínio quase absoluto do clima mesotérmico do tipo temperado. (GONÇALVES et al., 1997).

Devido aos condicionamentos que se impõem as características climáticas da região Sul atuam em conjunto devido à fatores geográficos e processos genéticos. A temperatura anual da região Sul situa-se entre 14° C e 22° C. No verão nos vales dos rios Ibicuí-Jacuí (Rio Grande do Sul), a média é superior a 24° C. No inverno (entre os meses de junho e julho) a média varia entre 6° C e 12° C, porém, é comum a temperatura chegar a 0° C ou até mesmo a temperaturas negativas, com ocorrência de geadas ou neve (em alguns lugares), devido à invasão das massas polares. (Gonçalves et al., 1997). A pluviosidade anual oscila entre 1250 a 2000 mm. No geral a região possui chuvas bem distribuídas ao longo do ano.

As variáveis climáticas, como intensidade de chuvas e a variação da temperatura influencia na formação dos solos, pois, a origem destes resulta das alterações de rochas e sedimentos. Além disso, a fauna e a flora também são variáveis que podem alterar as características de um solo, ao longo do tempo.

Streck et al. (2018), afirma que para o Rio Grande do Sul, a combinação da diversidade geológica, climática e do relevo originou uma grande variedade de solos, fato que contribuiu para os diferentes padrões de ocupação das terras, no uso agrícola e no desenvolvimento regional. Assim, Streck et al. (2018: 11), define os solos como “corpos naturais que cobrem a superfície terrestre, são constituídos por materiais minerais e orgânicos, contêm organismos vivos e têm potencial para o desenvolvimento de vegetação onde ocorrem [...]” (STRECK et.al., 2018, p. 11).

O entendimento do perfil do solo em um talude de estrada, ou perfil de uma trincheira é a primeira etapa para uma posterior interpretação das características do solo. As sequencias verticais que aparecem mais ou menos paralelas à superfície, são as sequencias que resultaram da ação dos processos de formação destes solos, chamados de processos pedogenéticos.

Assim é importante reconhecer os horizontes pedogenéticos<sup>27</sup> e os perfis culturais que aparecem ao escavarmos uma trincheira, quadrícula ou uma área mais ampla. No que concerne

---

<sup>27</sup> Horizonte A (na superfície, com concentração de matéria orgânica, incorporada por atividade biológica. Esse horizonte possui uma coloração mais escura que os outros); Horizonte E (horizonte mineral com cores mais claras devido à perda de argila, óxidos de ferro ou matéria orgânica – os quais foram transferidos para o horizonte B.; Horizonte B (Horizonte mineral formado abaixo de horizontes E, A ou H. É identificado pela coloração mais viva

aos horizontes pedogenéticos podem ser classificados de acordo com as características estabelecidas para os horizontes.

No Rio Grande do Sul, na área de pesquisa dos sítios arqueológicos deste estudo, na região da Depressão Central, ocorrem os Argissolos. Estes possuem classificação e características que os diferenciam em regiões do Estado. Por isso, os conceitos de Unidade (Unidade Santa Maria), por exemplo, foram criados a fim de comportar os tipos de solos, nas diferentes regiões. Em tal Unidade, ocorrem os argissolos bruno-acinzentados alíticos úmbricos e argissolos amarelos alíticos húmicos (STRECK et al., 2018, p. 46).

## 2.7 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO ESTRADA/ ALTO DAS PALMEIRAS (VAC.M6)

O sítio arqueológico Estrada Alto das Palmeiras / Alto da Palmeiras (VAC.M6)<sup>28</sup>, localizado no 2º distrito de Santa Maria – São Valentim, foi localizado pelos arqueólogos José Brochado e Pedro Schmitz, nos anos 60, e caracterizado, como sendo um sítio da tradição Tupiguarani. Nos anos 80, o sítio foi revisitado pelo professor Victor Hugo da Silva e recebeu intervenções, e nestas, foram coletados os fragmentos cerâmicos que compõem a coleção analisada nesta pesquisa.

Em 1968, o PRONAPA realizou atividade de prospecção arqueológica no Médio Jacuí. Destas intervenções, ficaram registrados os sítios arqueológicos que foram encontrados pelo professor José Brochado (MILDER, 2014).

O sítio registrado por Victor Hugo como VAC.M 6, recebeu, conforme nossas análises documentais, outra nomenclatura, durante as pesquisas dos anos 60 e 70, pelo PRONAPA: O sítio arqueológico RS-MJ-06 a.b. Este sítio foi descrito da seguinte forma:

Proprietário: Eugênio Luiz de Avila (Faria) e filho. Alto das Palmeiras, ou Passo do Raimundo, município de Santa Maria. Sítio: Tupiguarani. Superficial Secundário. Numa coxilha para o leste da casa do proprietário (pai), aparecem manchas de terra preta. No lugar assinalado como a no croqui foi encontrada uma panela inteira, grande, corrugada, de base cônica, contendo numerosos ossos humanos (crânio, ossos longos). Foi encontrada pela década de 1950, quando o filho Diniz Farias Avila lavrava a terra. [...]segundo croqui de Schmitz, acompanhado por Vitor Riffel e Daniel Cargnin (22.01.1966), trata-se de dois núcleos com cerâmica a e b. [...] Segundo José Proença

---

(vermelha, amarela ou cinza); Horizonte C: horizonte mineral situado abaixo do horizonte B. ; Horizonte O: horizonte ou camada orgânica superficial constituído de restos orgânicos pouco ou não decompostos, em ambiente drenado ou saturado de água.; Horizonte H: horizonte ou camada orgânica, superficial ou não, constituído de resíduos orgânicos, pouco ou não decompostos, acumulados sob prolongada estagnação de água. Pode estar soterrado por material mineral. (STRECK et.al., 2018: 20).

<sup>28</sup> UTM: 22J 210609.99 m E 6702547.14 m S.

Brochado, que visitou a área em 09.02.1968, seriam quatro núcleos com muita cerâmica: A= 15 x 10 m, B= 10 x 8 m, C= 15 x 10 m, D=? A terra ainda era bem escura dentro das manchas. Nos cortes da estrada e nos testes se notou que o estrato arqueológico é de 10 cm de espessura. (SCHMITZ, 2000, p. 12).

Na Revista do IAP<sup>29</sup>, há um registro sobre a visita da área, em 1966, realizada por Schmitz, Vítor Riffel e Daniel Cargnin. Na ocasião, a localidade de Alto das Palmeiras, em Santa Maria, foi visitada pelos arqueólogos que registraram o sítio cerâmico “Alto das Palmeiras” (MILDER, 2014). Tal sítio se encontra em estudo na presente pesquisa.

Devido ao fato de não termos acesso ao croqui elaborado pelos arqueólogos da década de 60, tornou-se impossível a reconstituição do registro arqueológico, tanto do período em questão, quanto de uma possível relação entre as intervenções de 1966 (Schmitz), 1968/69 (Brochado) e 1985/86/87/88 (Victor Hugo) (MILDER, 2014).

Intervenção de 1985/1986/1987 e 1988: de modo geral, as intervenções realizadas sob a coordenação do professor Victor Hugo Oliveira da Silva, somaram uma quantidade significativa de fragmentos cerâmicos. Embora a pesquisa tenha se limitado basicamente a coleta dos materiais arqueológicos, sem uma posterior análise contextual, o trabalho realizado pela equipe nos anos oitenta foi de fundamental importância para a preservação de parte da cultura material do sítio.

A pouca documentação que conseguimos reunir e reordenar, afim de compreender não somente a heurística, mas também a hermenêutica que foi aplicada em outro período, foi o primeiro passo para compor de forma mais organizada o quadro contextual que o sítio Alto das Palmeiras apresentava. A partir do desenrolar desse emaranhado de ideias, é que conseguimos delinear, através da leitura dos elementos do sítio, coletados no passado (anos oitenta) e no presente, uma projeção do lugar que um dia foi habitado por grupos humanos, mais precisamente os índios Guarani, de acordo com a identidade cerâmica, já largamente reiterado na bibliografia arqueológica.

---

<sup>29</sup> Instituto Anchieta de Pesquisas.



Figura 5. Fonte dos Jesuítas<sup>30</sup>.



Fonte: Arquivo pessoal Victor Hugo Oliveira da Silva (1986).

Figura 6. Fonte ou bica indígena-jesuítica. Na foto, o Sr. Régis D'Ávila, proprietário da área.



Fonte: Milder (2021).

<sup>30</sup> “Observações sobre a fonte: Estando localizada aproximadamente a 500 metros do sítio Alto das Palmeiras em sentido oeste-leste, em plano mais baixo que o referido sítio. Esta fonte ou bica dos jesuítas como é conhecida pelos moradores próximos a ela, apresenta aspectos bastante interessantes. A medida total da parte frontal da fonte é de 2,40 metros com uma altura de 1,40 metros; a parte propriamente dita da fonte (onde se apanha a água) possui 80 cm de largura por 1,30 metros de frente a fundo; a profundidade da água é de 50 cm. O local aonde a água se deposita é muito bem revestido com blocos de pedras. Lajes de arenito. Há no lado direito da fonte, na parede frontal uma pequena abertura, (um pequeno quadro) com as medidas de 25 cm tanto de altura como de largura por 33 cm de frente a fundo. Esta fachada frontal da fonte é ligada tanto a esquerda como a direita por paredes construídas de pedra sobre pedras com formatos dos mais variados, mas tem que se salientar que as colocações estão muito bem superpostas; a extensão da parede a esquerda até a parte frontal da fonte propriamente dita é de 4,60 metros com uma altura de 1,25 metros, sendo que a extensão da parede a direita até a parte frontal da fonte [...] é de 5,00 metros com uma altura de 1,25 metros. A largura da parede à esquerda para com a parede a direita é de 2,40 metros. Entre estas ambas as paredes se estende o piso que se apresenta calçado por lajes de arenito. Há de se colocar como observação ainda o visível formato de tijolos principalmente na parte frontal da fonte. Situa-se hoje, próximo a ela um pequeno açude que está no sentido leste” (Registro da descrição da fonte ou bica dos jesuítas na Folha 17 – Diário de campo do professor Victor Hugo Oliveira da Silva em 21/03/1986).

Figura 7. Detalhe construtivo da bica (empilhamento de blocos médios e grandes de arenito friável já cobertos por musgo).

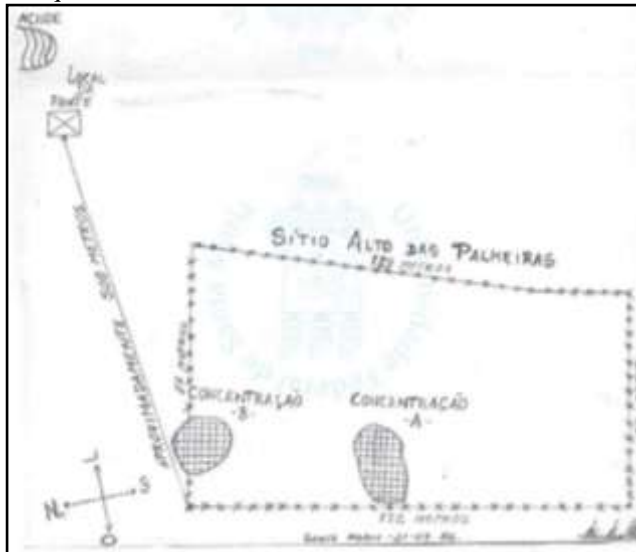


Fonte: Milder (2021).

A fonte (figura 7), ou bica situada em meio a vegetação densa dentro de uma área protegida do cultivo de milho, ainda fornece água para uma família que mora próximo ao local nos dias atuais. O local recebeu alguns materiais que fazem parte da manutenção do local, como uma tela de metal e uma cobertura de brasilit. Seu interior é em forma de cúpula e a origem da água é de uma nascente. Na área existe mais de uma cabeceira de nascente.

A paisagem observada a partir do exterior da vegetação, onde está localizada a bica, deixa evidente sua posição na paisagem, estando situada próxima à depressão do terreno. Situada na meia encosta, a fonte fica em local acessível, onde o caimento do terreno permite boas condições para o escoamento da água que ocorre de forma perene.

Figura 8. Croqui do sítio Alto das Palmeiras com referência ao local da fonte, em 1980. ( Figura 5).



Fonte: Arquivo pessoal Victor Hugo Oliveira da Silva (21/03/1986).

Figura 9. Trabalho de campo em novembro/2018. Relocalização do sítio arqueológico Estrada Alto das Palmeiras.



Fonte: Milder (2018).

Figura 10. Mancha de solo antropogênico. Sítio Estrada/Alto das Palmeiras.



Fonte: Autora (2014).

Intervenções de 2014 – 2020: foram realizadas intervenções no sítio Estrada/Alto das Palmeiras onde privilegiou-se sua realocização. Para este objetivo, fez-se necessário um estudo anterior do local, por meio das documentações reunidas (croquis e informações coletadas em diferentes fontes, desde relatos até buscas em imagens via satélite). Após a realocização do sítio, foi realizada uma primeira intervenção no barranco da estrada Cirineu Rocha (maio/2014), na localidade de Alto das Palmeiras, em que podemos observar, após uma limpeza da vegetação e retificação do perfil, a presença de muitos fragmentos cerâmicos (Figuras 9,10 e 11). Ressaltamos que alguns fragmentos estavam expostos cobertos com musgo.

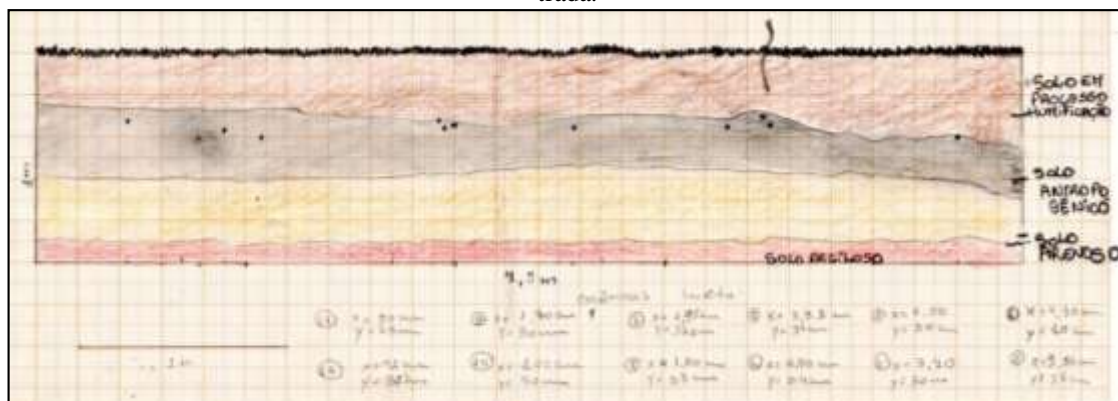
Figura 11. Perfil da estrada. Solo antropogênico associado à cerâmica (30 cm de profundidade). Na figura inferior direita, solo antropogênico, associado à cerâmica arqueológica.



Fonte: Autora (2014).

Na Figura 9, pode-se mensurar a extensão horizontal do sítio arqueológico, aproximadamente, 10 metros. A profundidade consiste em 30-40 cm de profundidade, dependendo da área. A cerâmica arqueológica está presente em toda a extensão horizontal verificada.

Figura 12. Croqui do perfil estratigráfico do sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras-lado direito da estrada.



Fonte: Milder (2014).

Na Figura 12 é apresentado o perfil estratigráfico do sítio arqueológico. Os pontos, representados dentro da mancha de solo antropogênico, referem-se aos fragmentos cerâmicos observados e plotados.

Figura 13. Paisagem relacionada ao sítio arqueológico Estrada Alto das Palmeiras (Vacm6).



Fonte: Autora (2014).

Localizado na bacia hidrográfica Vacacaí-Vacacaí-Mirim<sup>31</sup>, o sítio VAC.M 6 (Figura 13) dista aproximadamente 1,5Km do Arroio Sarandi. As cabeceiras de nascentes das ramificações, do dito arroio, são caracterizadas por pequenos córregos, os quais no número de quatro estão no entorno do sítio arqueológico a distâncias que variam de 0,5Km à 1Km. Sendo assim, observamos que o sítio VAC.M 6 localiza-se na confluência das pequenas nascentes, onde a altitude é mensurada em 173m e representa o ponto mais alto entre as cabeceiras que nascem ao seu redor. Segundo Moraes (1999, p. 89), as cabeceiras de nascentes “suportaram, com certa frequência, assentamentos indígenas pré-coloniais.”

A paisagem que predomina consiste em um relevo com pequenas ondulações ao Sul (Planalto Rebaixado Marginal), ao Norte: a imponente Serra Geral, e os Patamares da Serra Geral – limite da Depressão Central do Rio Grande do Sul, onde inicia-se o Planalto Meridional do Sul, a Leste limita-se com a Planície Lagunar e a Oeste: com a Depressão Rio Ibicuí – Rio Negro (PROJETO RADAMBRASIL, 1986).

A depressão periférica central ou sul-rio-grandense [...] está esculpida, principalmente, em sedimentos na borda da bacia sedimentar do Paraná, encontrando-se entre o planalto Sul-rio-grandense e a escarpa da borda da bacia. Mas, sua posição altimétrica, situa-se em torno de 200m, sendo drenada pelas bacias do Jacuí, para leste, e do Ibicuí, para oeste. (ROSS, 1998, p. 63-64).

Figura 14. Imagem de satélite (VAC.M 6).

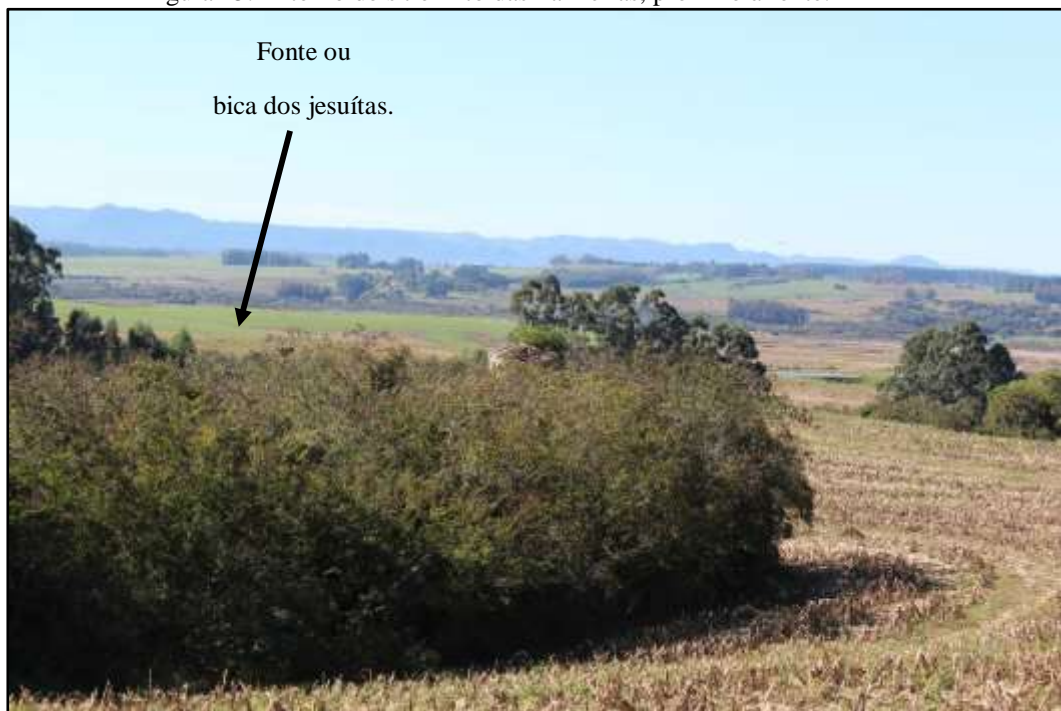


Fonte: Google Earth (2019).

<sup>31</sup> Ver mapa hidrográfico da região onde os sítios arqueológicos estão inseridos. (Figura 20).

Na Figura 14, são apresentados alguns pontos de referência dentro da paisagem do sítio arqueológico como, por exemplo, o córrego e a malha de quadriculagem (retângulo vermelho). Esta, medindo sessenta e dois metros de comprimento por dezessete metros de largura. Foi realizada uma projeção da extensão na área a ser escavada, porém esta atividade ficou comprometida, devido à fatores que impediram determinadas incursões de caráter destrutivo no terreno, como a época de plantio e colheita de soja, com movimentação de máquinas agrícolas na área em estudo. Além disso, a ocorrência do distanciamento social e dos cuidados básicos durante o primeiro ano de pandemia afetou a dinâmica e a segurança para realizar um trabalho de campo com o apoio de alunos ou voluntários.

Figura 15. Entorno do sítio Alto das Palmeiras, próximo à fonte.



Fonte: Milder (Junho/2021).

Segundo a documentação<sup>32</sup>, o sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras possui duas concentrações principais com manchas de solo antropogênico associado à cerâmica arqueológica. Durante o trabalho de realocização do sítio, entre Maio/2014 e Junho/2021 e o reconhecimento das áreas potenciais, foi possível situar os locais que receberam intervenção pela equipe do professor Victor Hugo Oliveira da Silva em 1986.

<sup>32</sup> Croquis (Anexos 5 e 6).

De acordo com a metodologia de campo utilizada em 1986, foi possível determinar que foram marcados dois sítios arqueológicos com a mesma sigla<sup>33</sup> que distam entre si 880 metros (Alto das Palmeiras e Estrada Alto das Palmeiras). A análise do contexto arqueológico, levando em consideração a distância (menos de 1 Km), permitiu-nos tratar os dois locais como sendo parte de um único sítio. Ademais, levamos em consideração o conceito de Morais (1999), que considera que o conjunto de núcleos de solo antropogênico constituem um único sítio, referentes aos remanescentes fundos de habitações das aldeias Guarani. As manchas de solo antropogênico escavadas pelo professor Victor Hugo não foram localizadas, porém, segundo informações do proprietário<sup>34</sup> estas ficavam nas proximidades da fonte, onde hoje estão as lavouras de milho.

As Figuras 15 e 16 referem-se ao local denominado no croqui (Anexo 6), Alto das Palmeiras. Na Figura 15, o capão de mato que aparece, protege a fonte dos jesuítas da ação antrópica causadas pelo plantio das lavouras de milho ou soja (dependendo da época). Além, disso, o local comporta ao mesmo tempo duas nascentes com água perene. Deste modo, se percebe a proximidade da fonte com parte do sítio arqueológico. Na Figura 16, a lavoura divide a paisagem com a mata Atlântica residual da área. As araucárias fazem parte da paisagem, bem como a ampla visão que se tem das coxilhas.

Figura 16. Paisagem da área que recebeu intervenções arqueológicas (manchas A e B – sítio Alto das Palmeiras – Anexo 6), em 1985.



Fonte: Milder (Junho/2021).

<sup>33</sup> Vac. M-6.

<sup>34</sup> O Sr. Régis D'Ávila e a sua mãe Sra. Euci Jaques D'Ávila residem ainda na propriedade. Nos anos 60 e 70 foi o senhor Eugênio Luiz de Ávila, quem recebeu a visita de arqueólogos (Schmitz, Vitor Riffel, Daniel Carginin e Brochado) que denominaram o sítio de RS-MJ-06 a.b.



Em outro ponto do sítio, denominado no croqui de “Estrada Alto das Palmeiras” (Anexo 5), é o local onde foram realizadas a maior parte das atividades de caráter destrutivo – Figura 19, (retificação do perfil da estrada e abertura de três sondagens). A retificação do perfil possibilitou-nos observar a estratigrafia do sítio, suas dimensões, seu lugar na paisagem e entorno.

A Figura 12 é uma representação gráfica do processo estratigráfico que observamos no perfil da estrada (Figura 17). As sondagens (A, B e C) – (Figuras 114, 115, 116 e 117), corroboram os detalhes referente às profundidades e perfis. As manchas de solo antropogênico podem ser evidenciadas em seus níveis naturais, a partir de uma profundidade de 20 cm no terreno. As manchas alcançam até 30 cm de profundidade, podendo alcançar até 40 cm de profundidade.

A poucos metros do entorno do local encontramos uma fonte de água (nascente) e uma fonte de matéria prima (banco de argila), a qual também pode ser evidenciada a partir do perfil da estrada.

Figura 17. Estabelecimento de um ponto referência para delimitar áreas potenciais do sítio.



Fonte: Milder (2019).

As prospecções, o reconhecimento do terreno e as incursões arqueológicas de caráter não destrutivos foram intensificadas com o intuito de complementar e aprofundar o entendimento do sítio e das escolhas humanas naquela paisagem.

Acreditamos que os grupos de agricultores que ocuparam o sítio em estudo tinham uma referência forte aos rios e córregos, pois as fontes de água eram essenciais para o cultivo das roças, para a pesca, sendo também indispensável à sobrevivência humana.

Assim, primeiramente verifica-se que o local de habitação seria a meia-encosta, muito próximo ao ponto mais elevado do entorno. As evidências de ocupação pelos grupos agricultores no período pré-colonial/ colonial são caracterizados por apresentarem manchas de solo antropogênico associados à cerâmica e, geralmente, com outros materiais arqueológicos (vestígios de carvão, hematitas e madeira petrificada).

Foi realizado um levantamento topográfico (Figura 18 e 19, 21 e 22) do terreno onde localiza-se a área “estrada Alto das Palmeiras”, afim de entender o sítio arqueológico dentro da topografia do terreno. Foi possível constatar que o sítio se encontra em um local menos elevado dentro da área que recebeu o levantamento. Este dado associado ao fato de que o sítio possui uma sanga e uma cabeceira de nascente no entorno da depressão da área, sugerem que o sítio está ligado ao modelo locacional “terraços fluviais”<sup>35</sup>.

Figura 18. Atividade de levantamento topográfico no terreno do sítio arqueológico Alto das Palmeiras.



Fonte: Fonte: Milder (2019).

---

<sup>35</sup> Referência ao conceito na página 96.

Figura 19. Atividade de levantamento topográfico realizado pela equipe do Laboratório de Topografia e Geodésia Espacial do DER/CCN/UFMS. Equipe: Prof. Dr. Jaime Freiburger Junior.



Fonte: Fonte: Milder (2019).

Trabalha-se com a hipótese de que as roças se localizavam à uma determinada distância entre o local de moradia e as várzeas dos pequenos córregos. Milder (2014, p. 37) sugere que as escolhas na paisagem pelos grupos Guarani na região de Boca do Monte (Mato Grande – no período da invasão europeia) estão relacionadas minimamente à dois elementos que podemos inferir a partir dos dados sobreviventes. O primeiro, já exposto anteriormente, está relacionado a geografia da área, a qual apresenta mesmo que em pequena escala as condições e recursos necessários para a manutenção do estilo de vida dos grupos agricultores. O segundo que está subjacente ao primeiro, e que se ramifica para as várias esferas culturais da vida cotidiana, religiosa, etc.

Neste sentido, a arqueologia da paisagem desempenha um papel muito importante, que requer uma sensibilidade de previsões para os vários processos que se relacionam com a interação entre o meio ambiente e as pessoas. Para a produção cerâmica, podemos elencar as diferentes cadeias operatórias, desde a extração da argila até a finalização de um vasilhame cerâmico.

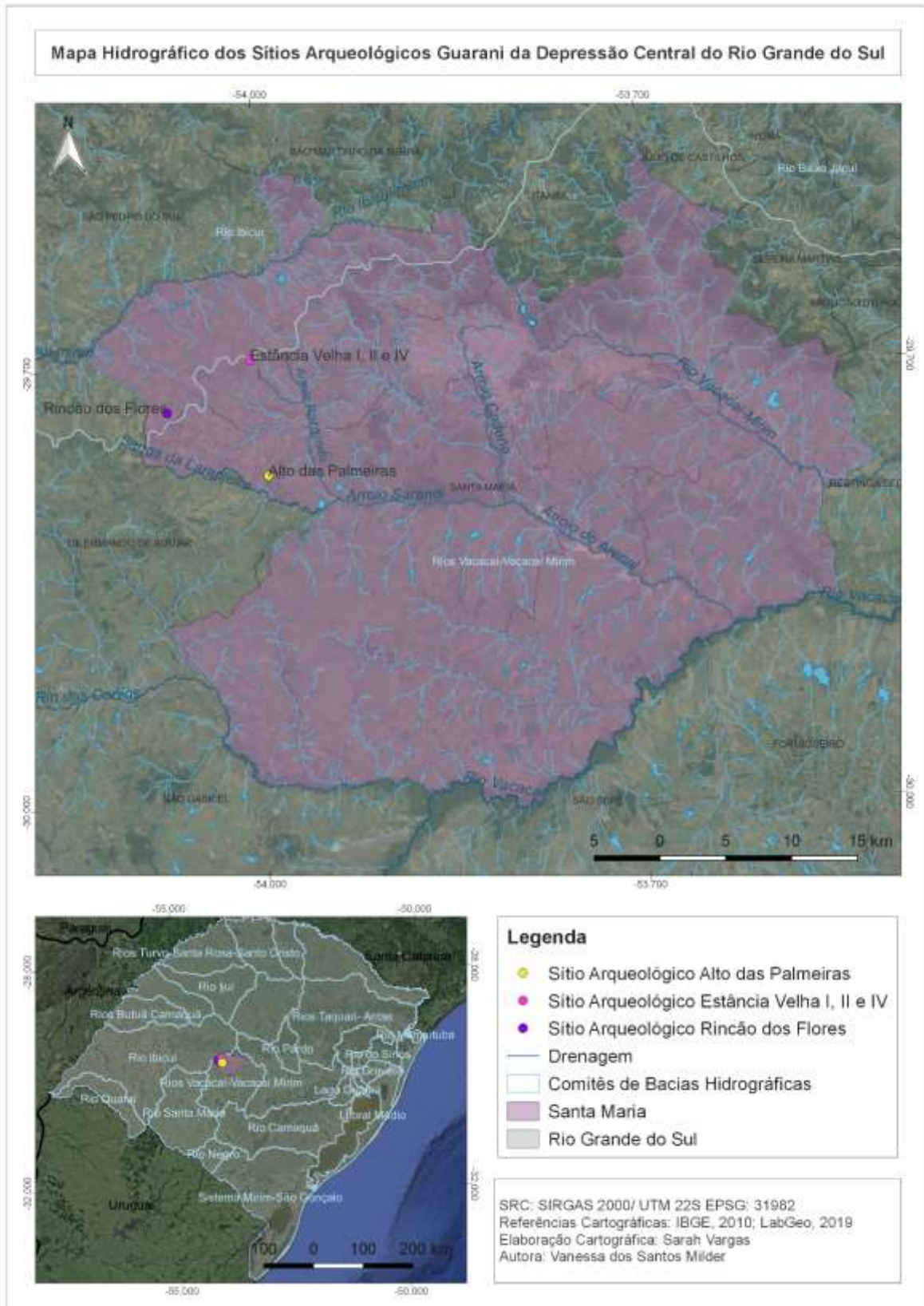
O encadeamento do processo técnico pode ser reconstituído, pelo menos parcialmente, dentro de uma perspectiva tecnológica. Para adentrarmos o processamento da cerâmica, para além do aspecto tecnológico, podemos inferir, através da paisagem, relacionada aos elementos da natureza que a compõem, alguns aspectos cosmológicos e ritualísticos. Assim, o local de

extração da argila, da coleta dos antiplásticos (tempero da pasta cerâmica), da queima, dos utensílios utilizados, das pessoas envolvidas, dos lugares e dos elementos da paisagem podem interferir no processo técnico. Assim, a paisagem faz parte do nó simbólico que está subjacente na cultura de um grupo.

Entendemos que com a pressão da sociedade colonial, os grupos indígenas, que não aceitavam o aldeamento e a redução a fé católica, foram obrigados a se refugiar nas matarias do entorno da área em estudo, segundo informações etnohistóricas.

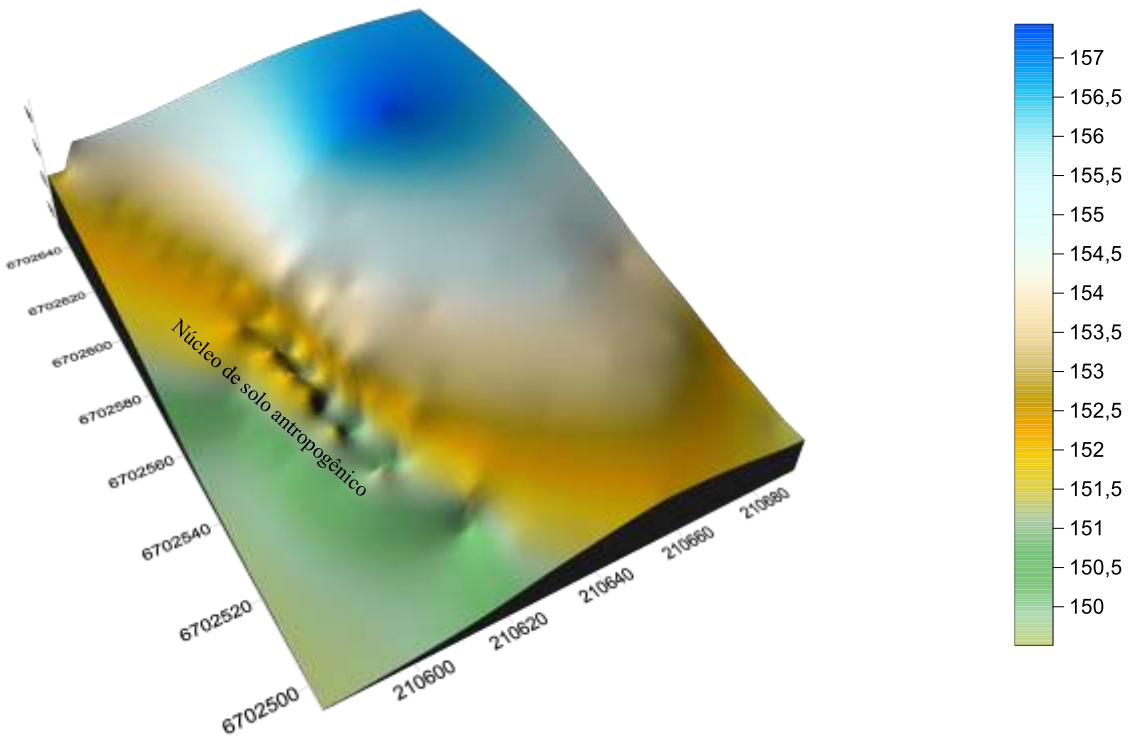
A Figura 20 refere-se ao mapa hidrográfico dos três sítios arqueológicos em estudo. De acordo com os dados do mapa, os sítios estão localizados próximos dos divisores de água (topo de interflúvio), onde ocorrem as cabeceiras de nascentes. Os sítios Estrada/Alto das Palmeiras e o Estância Velha estão georreferenciados em áreas que fazem parte da bacia hidrográfica Vacacaí-Vacacaí-Mirim. O sítio Rincão dos Flores está localizado próximo à uma cabeceira de nascente que pertence ao rio Ibicuí- Mirim (bacia hidrográfica Ibicuí).

Figura 20. Mapa hidrográfico.



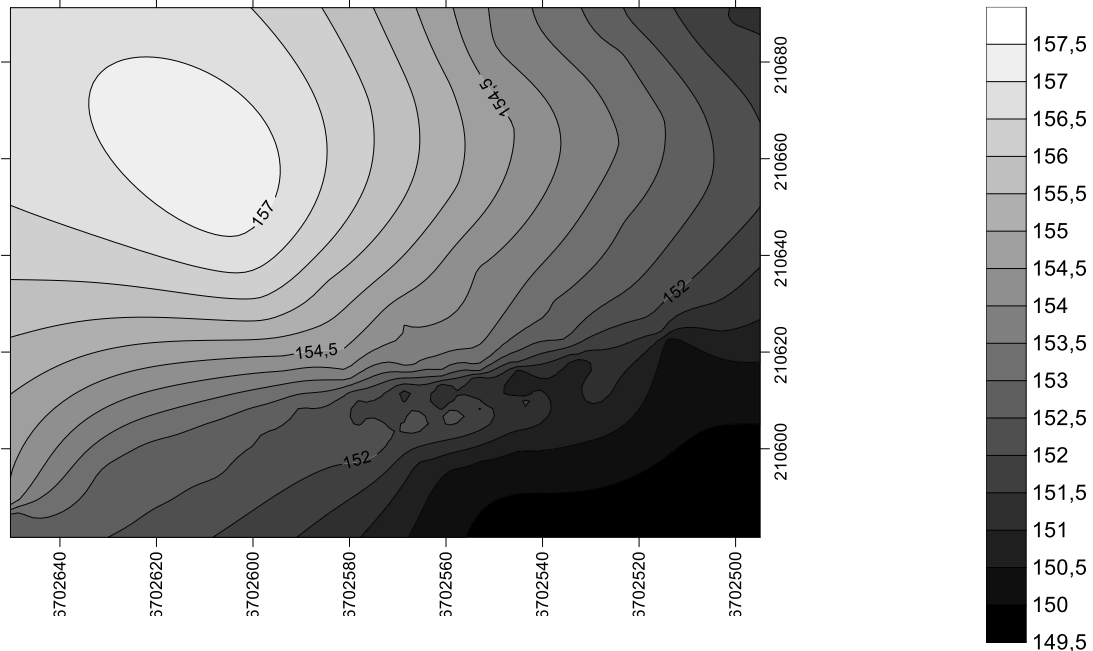
Fonte: Milder (2014).

Figura 21. Topografia do terreno em metros. (Sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras VACM. 6).



Fonte: Laboratório de Topografia e Geodésia Espacial do DER/CCN/UFSM. Equipe: Prof. Dr. Jaime Freiburger Junior, Flaviana Máris de Paiva e Silva e Daniela Daiane Walker. Software: TopoEVN e Surfer 8.

Figura 22. Topografia do terreno em metros. (Sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras (VACM. 6).



Fonte: Laboratório de Topografia e Geodésia Espacial do DER/CCN/UFSM. Equipe: Prof. Dr. Jaime Freiburger Junior, Flaviana Máris de Paiva e Silva e Daniela Daiane Walker. Software: TopoEVN e.

## 2.8 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO RINCÃO DOS FLORES (VAC 3)

O sítio arqueológico Rincão do Flores (VAC 3)<sup>36</sup> localiza-se no 2º Distrito de Santa Maria, São Valentim. Outrora, era anexado ao 7º Distrito de Boca do Monte (SM). A nomenclatura do sítio está associada a localidade, a qual denomina-se Rincão dos Flores. Este, recebeu as primeiras intervenções entre setembro e novembro de 1984, pela equipe do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA – antigo NEPA/UFSM). Naquele ano, o laboratório era coordenado pelo professor Victor Hugo Oliveira – responsável pela descoberta dos sítios arqueológicos analisados nesta pesquisa.

Uma das intervenções no terreno do sítio, denominada de “Corte 1” (0 – 45 cm de profundidade) e uma coleta superficial assistemática, revelaram vestígios cerâmicos e vestígios de caráter construtivo (telhas coloniais). Conforme informado na introdução, o sítio possui registros no sistema documental do laboratório de arqueologia da UFSM, porém, após o falecimento do professor Victor Hugo, as informações necessárias e exatas para uma localização da área extraviaram-se.

Assim, com o auxílio de um croqui (Anexo 4), de fotos dos materiais cerâmicos coletados em 1984 e, de informações dos moradores da localidade de Rincão dos Flores e de Alto das Palmeiras, foi possível a realocação do sítio em maio de 2020, contemplando, assim, um dos objetivos desta pesquisa. O proprietário da área em que localiza-se o sítio VAC 3, informou-nos que o terreno sofre diversos tipos de antropização, entre o uso do terreno para pecuária e plantio. Porém, relata que sempre observou a presença de cerâmica – fato que ocorre desde a visita do professor Victor Hugo, em 1984.

A informação sobre a localização do sítio perdeu-se também devido à distância existente entre a pesquisa universitária e a comunidade. Nesse sentido, reforçamos a importância de um investimento acadêmico junto à comunidade, de forma que exista uma colaboração e valorização das informações de uma e de outra, elevando assim a comunidade como protagonista de sua própria história. O diálogo entre pesquisador e comunidade é um elemento essencial para a pesquisa científica. Pois o conhecimento local dos moradores tem a capacidade de agregar ao pensamento arqueológico toda uma contextualização, que até então era uma lacuna.

Localizado na bacia hidrográfica Vacacaí-Mirim, o sítio VAC. 3 localiza-se em um terraço fluvial, a alguns metros das margens de uma cabeceira de nascente (Figura 23). Logo, o

---

<sup>36</sup> UTM 21J 781892.00 m E 6704666.00 m S.

sítio situa-se na porção mais elevada do terreno, próximo de pequenos capões de mato nativo, preservados.

Terraços fluviais: acumulações fluviais com superfícies planas, levemente inclinadas, com diferentes graus de retrabalhamento, alçadas por ruptura de declive em alguns metros com relação ao nível da lâmina d'água ou às várzeas recentes, suficientemente extensos para terem suportado, no passado, assentamentos de grupos indígenas (mais frequentemente, caçadores-coletores e, excepcionalmente, horticultores).

Figura 23. Localização do sítio arqueológico VAC 3. À direita da imagem, a cabeceira de nascente cercada por uma taquaireira.



Fonte: Milder (2020).

De acordo com o testemunho do proprietário, o Sr. Arani, a área do terreno em que aparecem mais evidências de cerâmicas arqueológicas, ocorre em campo aberto. Esse fato foi observado por ele durante as diversas vezes em que a terra foi arada.

Sabemos que em 1984 os vestígios materiais encontrados pelo professor Victor Hugo foram: cerâmica Guarani e cacos de telhas. A fim de iniciar um contexto para o sítio, agregaremos outras informações, as quais são discutidas no capítulo final.

Em maio de 2020, durante nossa intervenção ao sítio VAC 3 – que resultou em sua realocação, foram também encontradas evidências cerâmicas (Figuras 25 e 26). Além disso, moedas (Figura 59) do período imperial também compõem parte da cultura material do sítio.

Embora haja a presença de solo antropogênico associado à cerâmica arqueológica em campo aberto a uma profundidade de no máximo 20 cm, o solo por sofrer com o pisoteio do rebanho de gado e uso do arado, em diferentes períodos, possui uma compactação mais alta em



relação à outros solos da região. Essa observação é relevante, pois, interfere diretamente na preservação de uma estratigrafia.

A vegetação do entorno (Figura 24) do sítio ainda guarda a presença de uma mata com árvores de grande porte em alguns trechos, revelando assim uma vegetação residual primária que ainda está preservada nas bordas das lavouras.

Figura 24. Vegetação do entorno do sítio arqueológico.



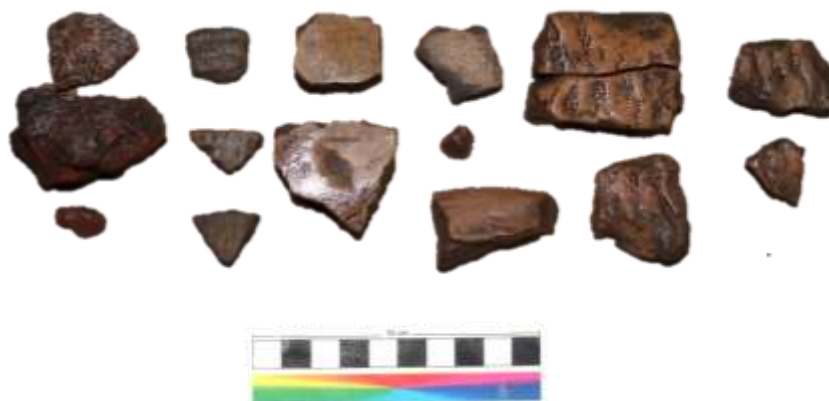
Fonte: Milder (2020).

Figura 25. Fragmentos cerâmicos encontrados na intervenção de maio/2020.



Fonte: Milder (2020).

Figura 26. Fragmentos cerâmicos encontrados na intervenção de maio/2020.



Fonte: Milder (2020).

A prospecção no entorno do sítio nos possibilitou evidenciar alguns indícios sobre possíveis locais de extração de matéria prima (banco de argila) para a cerâmica e, blocos rochosos de madeira petrificada (Figura 27), que ocorrem em toda a superfície do terreno, o qual encontra-se em processo erosivo (Figura 28 e 29), nas proximidades da nascente e do banco de argila. A madeira petrificada pode ter sido utilizada, de forma triturada, em adições na pasta argilosa para a confecção das vasilhas cerâmicas. Nas coleções dos sítios Rincão dos Flores e Estrada/Alto das Palmeiras, foi observado em alguns fragmentos a presença de um antiplástico rochoso (madeira petrificada).

Figura 27. Madeira petrificada encontrada na barranca da cabeceira de nascente, próximo ao sítio.



Fonte: Milder (2020).

Figura 28. Perfil com exposição não recente do solo. Limite Norte do sítio arqueológico, no corte da estrada.



Fonte: Milder (2020).

Figura 29. Perfil do talude do córrego que se formou na cabeceira de nascente localizada no sítio arqueológico.



Fonte: Milder (2020).

A nascente que se localiza nas proximidades do sítio arqueológico faz parte da paisagem do entorno e do próprio sítio. Foi evidenciada, através da observação e análise dos taludes que se formam, no córrego da nascente e na estrada, a formação rochosa referente à região.

Segundo referência em Edegar Valdir Streck et al., (2018), em Solos do Rio Grande do Sul / EMATER-RS (2018, p. 57), o perfil geológico observado no entorno do sítio vincula-se ao denominado Perfil Argilossolo Bruno-Acinzentado Alítico ou Argilossolo Amarelo Alítico endoredóxico (Figura 30).

Segundo o autor, os argissolos ocorrem de relevos suaves ondulados até fortes ondulados e ocupam a maior parte do Rio Grande do Sul. Na Unidade de Santa Maria<sup>37</sup> ocorrem os supracitados argissolos. Estes são originados de siltito e arenito, que ocorrem em duas situações da paisagem: em relevos suaves ondulares e em coxilhas com cotas intermediárias com outro argissolo de cotas mais altas (argissolo vermelho – encontrado na Unidade São Pedro) (STRECK et al., 2018, p. 46).

Streck et al. (2018, p. 47), explica que as cores bruno-acinzentadas indicam solos com drenagem moderada ou imperfeita que os mantém saturados com água em alguns períodos do ano. Além disso, os argissolos possuem baixa fertilidade natural, forte acidez, alta saturação por alumínio e são suscetíveis à erosão hídrica.

Figura 30. Perfil do talude na estrada, com a exposição da formação geológica



Fonte: Milder (2020).

---

<sup>37</sup> Denominação encontrada em Edegar Valdir Streck et al., em Solos do Rio Grande do Sul / EMATER-RS, 2018.

## 2.9 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO ESTÂNCIA VELHA (VAC 1), II (VAC 2), III (VAC 4)

O sítio arqueológico Estância Velha<sup>38</sup> (VAC 1, VAC 2 e VAC 4) está localizado no 2º Distrito de Santa Maria – São Valentim<sup>39</sup>. Nesta pesquisa, os três sítios arqueológicos supracitados foram considerados como sendo um único sítio, devido fatores contextuais que ligam os fragmentos sincrônica e diacronicamente. Foram georreferenciados nos anos 1983 e 1984 pelo professor Victor Hugo e equipe do NEPA/UFSM (Figura 31). Dentro de nossa interpretação, tratam-se de três concentrações de material cerâmico, distantes espacialmente, dentro de uma área específica do terreno, ambas associadas ao solo antropogênico. (Ver Anexo 1, 2 e 3 para elucidar o contexto).

Figura 31. Alunos bolsistas do NEPA/UFSM: Antônio João Vogt, João Elibio Ziegler e José Mauro Machado e o professor Victor Hugo da Silva – (V.H. ao centro da imagem).



Fonte: Acervo documental/fotográfico do LEPA/UFSM (1984).

A concepção de sítio arqueológico, para esse caso, associa-se ao conceito de Morais (1999), o qual estipula que os núcleos de solo antropogênico constituem uma aldeia remanescente, formando em conjunto, um único sítio arqueológico. Na Figura 32, a imagem representa a paisagem observada na primeira intervenção nos anos 80 do século passado. De acordo com as Figuras 32 e 33, o sítio estava localizado em uma área de lavoura, possivelmente de milho.

<sup>38</sup> UTM: 21 J 788987.00 m E 6711238.00 m S.

<sup>39</sup> Devemos levar em consideração que, em meados do Século XX, a região onde hoje estão os sítios arqueológicos aqui pesquisados, fazia parte do Distrito de Boca do Monte – um distrito que abrangia uma grande parte do território do entorno do núcleo urbano da cidade de Santa Maria. Houve uma divisão distrital posterior na região. Essa informação é relevante na medida que, ao utilizarmos dados ou registros históricos da região em estudo, levamos em consideração a antiga configuração do território (Distrito de Boca do Monte), afim de compreendermos a linguagem e a espacialidade da época de sua produção, afim de compreender referências dentro daquele distrito.

O solo é arenoso e, devido a sua característica erosiva tende a misturar-se com o núcleo de solo antropogênico.

Figura 32. Paisagem do sítio arqueológico Estância Velha/Anos 80.



Fonte: Acervo documental/fotográfico do LEPA/UFSM (1984).

Figura 33. Trincheira em terreno com solo arenoso (sítio Estância Velha).



Fonte: Acervo documental/fotográfico do LEPA/UFSM (1984).

Desde a última visita ao sítio, nos anos 80 (Figura 32), até o presente (Figura 34), a paisagem do sítio não se alterou completamente. De forma geral, o local ainda é utilizado para o plantio. O sítio localiza-se em campo aberto e em constante processo erosivo, devido a sua natureza arenosa e o impacto antrópico provocado por máquinas agrícolas e manuseio do gado, em caráter rotativo, dependendo da época do ano.

Figura 34. Paisagem do sítio arqueológico Estância Velha (Junho/2021).



Fonte: Milder (Junho/2021).

Na Figura 35, destaca-se a profundidade da mancha de solo antropogênico associada ao material arqueológico, a qual não ultrapassa os 25 cm, de acordo com a escala utilizada. Além disso, os bolsões de areia misturam-se com os perfis culturais, o que pode indicar uma possível perturbação antrópica ou até uma bioturbação, devido aos pequenos roedores que existem na região.

Figura 35. Evidência de cerâmica (borda de *cambuchê*) e ossos em meio ao solo antropogênico (Sítio Estância Velha).



Fonte: Acervo documental/fotográfico do LEPA/UFSM(1984).

Em 2019 (Figura 37), após a realização de algumas prospecções e de muito diálogo com os moradores da localidade de Estância Velha, foi possível localizar a área (Figura 34) que recebeu intervenção no ano de 1983 pela equipe do NEPA/UFSM. Além disso, através dos croquis elaborados no dito ano, tornou-se possível delimitar a área a ser prospectada. A

localidade de Estância Velha possui muitos hectares com cultivos de soja e de milho, bem como outras culturas da estação. Os campos (Figura 36) recebem um revezamento de plantio. Estas intensas atividades agrícolas ocorrem há muitos anos na região e, por este motivo, em muitas situações há uma antropização da área que é irreversível aos contextos arqueológicos. Além disso, em algumas propriedades, a criação de gado compromete ainda mais a preservação dos estratos arqueológicos, devido ao pisoteamento, revolvimento da terra e destruição do material arqueológico cerâmico.

Embora os vestígios materiais *in loco* não puderem ser registrados devido a alta destruição estratigráfica, oriunda de uma severa antropização de caráter agro-pastoril da área, a informação de que o local recebeu intervenção arqueológica pela equipe da UFSM em meados dos anos 80 do século XX, fortalece nosso argumento para considerar o local como sendo parte do sítio arqueológico, principalmente em caráter paisagístico. Além do mais, os registros fotográficos realizados nos anos 80 e os croquis com referências às distâncias de localização do sítio em relação à rodovia e bifurcações de estradas, confirmam nossa hipótese de localização para tal sítio.

O sítio Estância Velha foi o único desta pesquisa que apresentou destruição total de seus vestígios em campo nas áreas prospectadas. Apesar disso, apresentamos o contexto histórico nas conclusões através de um olhar sobre a cerâmica arqueológica, fortalecendo assim, o protagonismo da cultura material como memória e para a reconstrução da História.

Figura 36. Paisagem atual do sítio arqueológico Estância Velha.



Fonte: Milder (Junho/2021).



Figura 37. Paisagem atual do sítio Estância Velha, de outro ângulo, a partir da estrada, e local da área do sítio.



Fonte: Marcio Ilha - morador e agricultor da região (2019).

Na localidade de Estância Velha ocorre um fenômeno de ravinamento (Figura 39) em determinadas áreas, o qual chamamos de voçoroca<sup>40</sup>. Os sítios arqueológicos destas regiões, incluindo o de Estância Velha, estão sujeitos a este fenômeno, seja ele de origem natural (do passado geológico) ou atual pela interferência do homem (desmatamento, agricultura, pecuária – Figura 38), por mudanças da cobertura da vegetação natural ou por mudanças climáticas, por isso o seu desenvolvimento pode ocorrer por fatores físicos e de uso da terra, influenciando diretamente a drenagem do terreno.

Segundo Bigarella (2003, p. 928-930), as voçorocas originam-se de um desequilíbrio hidrológico, causado principalmente pela ocupação das terras, com remoção generalizada das florestas protetoras. A ação dos agentes erosivos da superfície e na subsuperfície é facilitada pelo caráter arenoso do subsolo e sua baixa compacidade [...].

<sup>40</sup> “O termo voçoroca [...] refere-se a ‘Desmoronamento resultante de erosão produzida por águas subterrâneas ou águas pluviais.’ [...] trata-se de ‘vale ou ravina de erosão anormal e acelerada’. A variante boçoroca refere-se à ‘fenda provocada por enxurrada’ (BIGARELLA, 2003, p. 928).

Figura 38. Paisagem circundante ao sítio Estância Velha (RS).



Fonte: Marcio Ilha-morador e agricultor da região (2019).

Figura 39. Processo de ravinamento em constante erosão causando as voçorocas.



Fonte: Milder (Junho/2021).

Para compor o contexto histórico da região onde o sítio localiza-se, inserimos a narrativa que o Diário do Dr. Jozé de Saldanha impele, consistindo em um dado etnográfico valioso para entendermos a conjuntura do século XVIII na localidade de Estância Velha. Assim, os contextos históricos e arqueológicos dão suporte para compreender o espaço geográfico da cidade de Santa Maria pelos olhos do demarcador de terras Portuguesas, que no século XVIII, deixou registrada a citação abaixo. Além disso, as interpretações de fontes distintas, bem como o cruzamento de dados, fornecem uma visão do contexto de diferentes períodos.

Terça feira 27.

Foi a jornada deste dia sempre pelo Albardão Grande, e suas próximas faldas da parte do Norte, por onde continua a geral estrada para S. Martinho, conhecida por aqui com o nome de aguada de S. João. [...] Esta vertente nasce de hum cotovello, que faz neste sitio a Coxilha Grande, mais para Leste, e entra a curta distancia no Ybicuy-miri, junto com outras cahidas por terreno dobrado de collinas baixas e seguidas, couza de meya Legua ao Sul deste Acampamento preziste ainda sobre huma Lomba do Albardão Grande, hum pequeno Bosque de Pessegueiros, signal de hum Posto de Indios, que antigamente ali houve, do que lhe ficou conhecido o título de Durasnal de S. João. (SALDANHA, 1787, p. 251).

A localidade de Estância Velha é conhecida na região como o antigo Durasnal de São João. Além disso, outras referências na narrativa de Jozé de Saldanha (ver mapa demarcação, em Anexo 9), entre elas o arroio Ferreira e Arenal, o caminho da estrada até São Martinho, os rios e a própria vila de Boca do Monte<sup>41</sup>, são mencionadas no documento. Ademais, a cartografia da cidade faz ressalva quanto a antiga nomenclatura de tal localidade dentro de Boca do Monte.

---

<sup>41</sup> Segundo informações no Diário sobre a primeira entrada ou picadas do Monte Grande, os índios Tapes chamam de três modos: Caa-roque (porteira do mato) ou caa-guasú-roque (porteira do grande mato) ou Caa-yuru (boca do mato). Bocca do Monte Grande (Diário do Dr. Jozé de Saldanha (1787, p. 254).

### 3 TEORIA E VARIABILIDADE ARTEFATUAL NA CERÂMICA GUARANI DA DEPRESSÃO CENTRAL

#### 3.1 APORTES PARA UMA DISCUSSÃO DA VARIABILIDADE DOS ARTEFATOS

Schiffer e Skibo (1997) discutem os limites sobre o estudo da variabilidade artefactual, quando estas são abordadas por causas evolutivas, na ordem do tempo-espaço. Ao realizar críticas sobre os argumentos que os arqueólogos utilizam para explicar a variabilidade dos artefatos, os autores supracitados, se referem principalmente a um *corpus* teórico que restringe e limita a percepção do indivíduo que produziu o (s) artefatos, os quais estão sob análise. Assim, as explicações da variabilidade que se fazem a partir de abordagens que contemplam estilo e função, por exemplo, são consideradas fragmentárias, uma vez que existem diferentes fontes de variabilidades para os artefatos. Estas precisam de um olhar integrador.

Baseados na estrutura comportamental das diferentes interações que regem a vida do indivíduo e do artefato, bem como do desempenho destes nas atividades, Schiffer e Skibo (1997) afirmam que a abordagem, sugerida por eles, estabelece conexões a diversas perspectivas teóricas sobre a variabilidade de artefatos.

Desta forma, quando o pesquisador se debruça sobre a variabilidade formal de um vasilhame, por exemplo, engloba a análise de categorias tais como: os tratamentos de paredes internos e externos, espessuras, formato da borda, diâmetro do orifício, antiplásticos e outros.

Segundo Schiffer e Skibo (1997), a variabilidade formal é alcançada quando são executadas diferentes sequências pelo (os) artesão (ãos), sendo estas pertencentes à etapa de aquisição de matéria prima, fabricação dos artefatos e até mesmo na etapa de reparação/manutenção do mesmo.

Isto sugere que, as diferentes etapas que causam diferenças formais (variabilidade) possuem diferentes estratégias que são cuidadosamente selecionadas através das relações e experiências que o artesão (ã) incorporou ao longo de sua vida com tal artefato. Sendo, portanto, a performance deste, o ponto que desencadeia as escolhas técnicas durante as etapas de aquisição e manufatura, mas, principalmente, no desempenho das atividades do artefato, por isso, está relacionada com o comportamento do artesão.

Assim, podemos inferir que ao analisarmos artefatos de um mesmo sítio arqueológico, aos quais atribuímos diferenças sensíveis ou não, em sua forma, portanto, quando estamos diante da variabilidade artefactual, explorar e inferir através de hipóteses plausíveis, a diversidade

de comportamentos dos diferentes indivíduos que quiçá, coletaram as matérias primas, confeccionaram e usaram os vasilhames, são fundamentais. Isso inclui também a percepção do pesquisador, o qual poderá obter maior sucesso se souber os princípios gerais das técnicas, mas também, e quem sabe principalmente, as dinâmicas sociais que os indivíduos estavam expostos (contextos), e como o comportamento destes pode ter influenciado nas mudanças ou permanências na materialidade observada hoje.

Um desafio consiste na tentativa de detecção da persistência de uma determinada etapa técnica ou de uso ou na sua alteração (que pode ser por substituição ou cancelamento de uma etapa) – conforme indica Lemonnier (1992, p. 15).

Para Schiffer e Skibo (1997), as escolhas técnicas estão localizadas dentro de um amplo leque de segmentos, os quais compreendem as atividades (implícitas e explícitas) de aquisição e fabricação de um vasilhame. Assim sendo, estas escolhas consistem nas variáveis comportamentais, que estão de acordo com a nossa interação com tal artefato. Os autores reforçam que a interação à qual devemos nos aperceber entre artefatos, pessoas ou animais<sup>42</sup>, pode estar baseada em qualquer tipo de transação de matéria – energia. Dessa forma, o conceito de interação extrapola as fronteiras do mecanicismo, expandindo-se a outras esferas, tais como: a mecânica, térmica, química, elétrica, visual, acústica e outras. Logo, cada conjunto de interações, o qual poderá ser entendido através de sequências (estas podem variar de pessoa para pessoa, de acordo com sua experiência de vida com tal artefato). As variações que ocorrem dentro das sequências são as escolhas técnicas e são apontadas por Schiffer e Skibo (1997) como sendo os conjuntos de componentes. Assim, há de se ter em mente as diferentes trajetórias e experiências de pessoas com artefatos – para se projetar dentro de uma sequência os diferentes caminhos e opções. Portanto, a percepção, através da observação de atividades empíricas, eleva o nível de elucidação, em relação à simples descrição abstrata e de forma geral.

Devemos levar em consideração que, as pessoas possuem recursos específicos (características de desempenho), às quais Schiffer; Skibo (1997) chama de desempenho sensorial e estas possuem uma base físico-química. O desempenho sensorial de uma pessoa também depende de nossa percepção e cognição, pois, é necessário que haja uma progressão da interação entre os elementos, a qual poderá ser estimulada ou provocada. Por isso, os autores afirmam que as atividades podem ser implícitas ou explícitas, pois o aroma, o gosto, o tato, a visão e o som são

---

<sup>42</sup> Segundo Schiffer; Skibo, (1997), pelo menos um dos elementos da interação (pessoas, artefatos e animais), é uma fonte de energia. Cada um desses elementos possui um conjunto de recursos específicos de interação: as características de desempenho.

capazes de causar diferentes comportamentos e estratégias nas diferentes pessoas que executam uma mesma atividade.

As escolhas técnicas têm efeitos reais sobre as propriedades formais de artefatos. Desta forma, ao selecionar uma escolha, em situações específicas, o artesão, também estará escolhendo uma ação persistente sobre a matéria. Em relação à confecção cerâmica, diferentes matérias primas, de diferentes depósitos, adicionadas à pasta em quantidades diferentes ou iguais, inclusive as percentagens de tempero (antiplástico), são, durante as sequências (em cada conjunto de componentes) da elaboração, definidoras de suas características de desempenho.

Há uma ação, portanto, da variação formal do artefato sobre o indivíduo – o qual sabe sobre o desempenho deste artefato. Porém, antes disso, existe a influência do indivíduo sobre a matéria – a qual recebe a forma, conforme as intenções, necessidades, aprendizado ou dinâmicas necessárias à um lugar, contexto ou à própria criatividade do indivíduo. Essas esferas devem ser pensadas em relação ao coletivo, mas também em relação ao individual. Levando-se em consideração, os aspectos regionais e locais.

Schiffer; Skibo (1997) afirmam que uma escolha técnica pode afetar as características de desempenho em muitas atividades ao longo de uma cadeia comportamental, portanto, uma determinada característica de desempenho pode ser afetada por muitas escolhas técnicas. (SCHIFFER, 1987; 1997).

Para Schiffer; Skibo (1997), as correlações descritas, em uma cadeia comportamental artefactual, principalmente, sobre os desempenhos mecânicos e térmicos, afim de explicar a variabilidade, foram trazidas à luz, com auxílio da etnoarqueologia, teorias, estudos transculturais e a experimentação das técnicas associadas às diferentes escolhas. Porém, para os mesmos autores, os estudos sobre as correlações sensoriais são poucos. Assim, os autores sugerem que o conceito abstrato de “matriz correlacionada” representa a totalidade de princípios relevantes para entender todas as interações nas atividades da cadeia comportamental de um artefato (SCHIFFER; SKIBO 1997).

A utilização da matriz correlacionada explora as diferentes opções técnicas que o artesão poderia ter a sua disposição, tanto para avaliar o desempenho (testar) do artefato, ou seja, sua performance diante de uma atividade, bem como para corrigir um problema na sua utilização ou até mesmo na tentativa de uma remodelagem da estrutura para facilitar o desempenho.

Sabe-se que, no processo de aprendizado, uma tradição tecnológica pode ser passada de geração em geração. Mesmo assim, é a partir dos erros e acertos que, um artesão pode descobrir quais escolhas técnicas afetam ou não as performances dos artefatos durante as interações.

Por sua vez, os artesãos, possuem diferentes experiências e conhecimentos em relação aos artefatos, pessoas e animais, portanto, as interações diferem, influenciando suas percepções sobre dado desenvolvimento e desempenho de um projeto artefactual, seja ele cerâmico ou de qualquer outra natureza.

Além disso, existem as influências de fatores situacionais (SCHIFFER; SKIBO, 1997) que são constituídas pelas externalidades comportamentais relacionadas ao meio social e ambiental. Estes fatores, causam efeitos sobre os componentes das atividades dos artefatos, o que gera uma avaliação, que é entendida pelo grupo ou indivíduo (artesão) como a correta ou ideal, para seu desempenho.

As interações durante o processo de análise da cadeia comportamental de um artefato, deve levar em consideração seus diferentes conjuntos de componentes, onde as pessoas: adquirem a matéria-prima, fabricam, transportam, distribuem, utilizam, fazem a manutenção e/ou reparo, reutilizam, ou conforme elas dispõem os artefatos em sua sociedade.

### 3.2 CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS

Para que compreendamos a história dos grupos humanos pretéritos que habitaram o território da Depressão Central do Rio Grande do Sul, pelo menos em parte, é necessário percorrer uma estrada, a qual chamaremos aqui longa duração. Segundo Braudel (1978, p. 8), “o entendimento útil deveria fazer-se [...] sobre a longa duração, essa estrada essencial da história [...] É a única linguagem que liga a história ao presente, convertendo-a em um todo indissolúvel”.

De imediato, podemos concluir que não se trata de uma história precipitada e curta (evento), pois a história dos grupos ceramistas é de amplitude secular. Por conta disso, a multiplicidade do tempo é capaz de desvelar elementos sociais do todo estrutural dessa sociedade. Sabemos que o tempo para o historiador é fragmentado, no entanto, um tempo está inserido no outro, assim, todos os elementos que extrapolam as conjunturas fazem parte da estrutura, por isso, tempo longo e múltiplo. Sendo assim, compreender o encadeamento contextual e tecnológico dos grupos sociais, que fabricaram as cerâmicas dos sítios arqueológicos em estudo, consiste no desafio de desvelar não só as técnicas em si, mas também a articulação entre etapas mais amplas, envolvendo assim a paisagem, a organização social, as concepções de mundo e a dinâmica cultural no decorrer do tempo (responsável pelas transformações da sociedade).

Todavia, não devemos excluir movimentos rápidos de uma sociedade, estes devem ser averiguados, pois podem se tratar de atitudes relacionadas à história estrutural. Quando nosso

olhar observa a transformação na vida dos homens do passado e do presente, o que tentamos compreender nesses movimentos são as negociações entre as pessoas e suas tradições, abandonos e modificações, desencadeando continuidades, rupturas e dinâmicas que reconfiguram os aspectos do mundo.

A arqueologia, por sua interdisciplinaridade e sua temporalidade (estuda diferentes escalas de tempo), está apta a se debruçar sobre o estudo das sociedades. Aqui abordaremos o estudo dos grupos humanos ceramistas do passado, através da cultura material oriunda de três sítios arqueológicos da região Central (Província Geomorfológica *Depressão Central*) do RS.

Ao passo que delineamos a engenharia estrutural das raízes sociais dos grupos humanos que ocuparam a região em estudo no passado, (sejam elas tecnológicas, cosmológicas, simbólicas ou outras), também englobamos as percepções da prática arqueológica, com o intuito de que esta pesquisa seja uma forma de colaboração entre pessoas – moradores dos sítios, indígenas da etnia Guarani, moradores dos municípios envolvidos, especialistas diversos e materiais arqueológicos.

Segundo Hamilakis (2011), o campo da etnografia arqueológica, além de oportunizar a aproximação entre estas ciências, é definido como um espaço transcultural, o qual está centrado em torno da temporalidade, onde, portanto, há a oportunidade de se relacionar passado e presente. Ainda segundo Hamilakis (2011), o espaço transcultural facilita várias coexistências, encontros, conversas, diálogos e críticas.

Desta forma, selecionar um caminho retilíneo duro - sem as percepções e “*insights*” (etnográficos e etnohistóricos), sem avançar nos meandros labirínticos de outras oportunidades colaborativas - seria negligenciar que os desdobramentos das várias agências que comportam a prática arqueológica não são importantes e que não estão enraizadas no presente. Neste sentido, o engajamento e as interações com as pessoas fazem parte insistentemente desta pesquisa, afim de que os preenchimentos conceituais e históricos possam ser visualizados de uma maneira fluída: passado-pessoas-presente e presente-pessoas-passado.

Não negligenciamos aqui a coexistência de uma construção textual ou oral que identifique a concepção estrutural de uma sociedade e a interação entre as diferentes vozes e tempos, tornando assim, a prática arqueológica colaborativa. Com este intuito, abrimos o leque conceitual que perpassa a construção da presente pesquisa, afim de elucidar teórica e metodologicamente as cadeias operacionais dos pressupostos e ideias que serão o esteio de idas e vindas para o entendimento dos sítios arqueológicos e seus contextos.

Alguns autores pioneiros, nos estudos das técnicas e tecnologia, trabalharam com conceitos que permitem, através de sua aplicação, uma compreensão do encadeamento das etapas



que transformam uma determinada matéria-prima em um objeto. Desta forma, relacionamos na sequência um conjunto de conceitos que deverão ser entendidos dentro de uma abordagem sistêmica, ou seja, a cultura material, as pessoas, o meio ambiente e a cultura são indissociáveis e agem uns sobre os outros de diferentes maneiras.

Por fim, a nossa abordagem tem por intuito tornar a pesquisa mais fluida, porém, amparada em dados empíricos, os quais nos guiam para os diferentes caminhos a serem seguidos através de seus indícios. Os dados etnohistóricos por sua vez, necessitam de um olhar crítico afim de serem filtrados e incorporados na estruturação das nossas hipóteses.

### 3.2.1 Técnica e fato social total<sup>43</sup>

Durkheim cristaliza seu projeto, entre 1885 -1888, de fundar um novo campo científico na França: a Sociologia.

Segundo Ortiz (1989), houve um recuo da ideia em 1848, ressurgindo apenas em 1870 após a guerra, coincidindo com o fim do regime imperial e início da Terceira República. A emergência de uma reflexão sociológica se dá justamente pelo desmoronamento do fim do Antigo Regime francês. Por fim, a Revolução Francesa desorganiza o quadro de referência intelectual, abrindo espaço para novas ideias. Durkheim se ausenta da França e busca influências e referências sólidas na Alemanha, Bélgica e Inglaterra para, enfim, retornar à França em 1886 afim de consolidar o conhecimento através de sua equipe: um grupo de pesquisadores com diferentes especializações no estudo de diferentes ramos da sociedade.

Na última década do século XIX, Marcel Mauss iniciou seus estudos em Filosofia na Universidade de Bordeaux, instituição na qual seu tio Émile Durkheim lecionava – fato que gerou uma grande influência no pensamento de Mauss.

Com a criação do *L'Année Sociologique* em 1898, o pensamento durkeimiano é definido e suas ideias são apresentadas de forma didática e com espírito sistemático. Marcel Mauss, em contrapartida, caracteriza-se por apresentar um *esprit de système* – [...] “que seria responsável por sua postura teórica e metodológica diante da realidade objeto de investigação, e que resultaria na noção [...] de ‘fato social total’” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1979, p. 8).

Marcel Mauss, após sua formação em Filosofia, debruçou-se sobre a História das Religiões e do pensamento hindu. Um estudo que o coloca questões interessantes, expressas em sua

---

<sup>43</sup> Ver tópico: 2.5.1 Totalidade Social na concepção sistêmica: amarrando as noções de Marcel Mauss.

aula inaugural na cátedra de História das Religiões de Povos não-civilizados<sup>44</sup>. A preocupação de Mauss quanto a complexidade da investigação etnológica fica clara na seguinte passagem de seu discurso: “[...]. Com efeito, não existem povos não civilizados. Existem apenas povos de civilizações diferentes. A hipótese do homem ‘natural’ está definitivamente abandonada” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1979, p. 10).

No mesmo discurso, Mauss afirma que as sociedades australianas ou americanas, possuem todas, atrás de si uma longa duração. Além disso, nessa primeira etapa de seu pensamento será afirmada a característica inconsciente dos costumes: uma importante postura teórica e metodológica do pesquisador.

A partir dos anos de 1930, as problematizações de Mauss avançam para o campo da Sociologia Geral, versando sobre aculturação e tecnologia. Nesse período foi ele quem fortaleceu o interesse mais arrojado pelas pesquisas etnográficas na França.

O *esprit de système* de que se falou [...] foi sempre um componente atuante em seu pensamento e sempre presente em suas reflexões. Pensar sociologicamente para Mauss é realizar de modo sistemático a ruptura epistemológica preconizada por Durkheim e integrada pela ‘*École Française*’ em sua prática teórica cotidiana; é integrá-la quase como um hábito mental [...]. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1979, p. 21).

Marcel Mauss (2003), ao trabalhar com o conceito de *técnica*, o aplicou inicialmente ao estudo das técnicas do corpo, subentendendo-se que as diferentes sociedades (e também as diferentes gerações que fazem parte desta), de maneira tradicional, servem-se de seu corpo.

Chamo técnica um ato tradicional eficaz [...]. Ele precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. [...] o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem é seu corpo. [...] Antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo. (MAUSS, 2003, p. 407).

Segundo o prefácio do antropólogo Lévi-Strauss (2003, p. 230), no livro “Sociologia e Antropologia”, de Marcel Mauss, a noção de fato social total foi introduzida. Para se compreender essa noção, deve-se percebê-la através de uma sociedade concreta, na qual existam sujeitos sociais totais naquele contexto. Os sujeitos sociais totais estão inseridos em espaços onde as mais diferentes características do grupo agem para conformar as ações.

---

<sup>44</sup> Marcel Mauss, sucede Léon Marillier na cátedra de História das Religiões de Povos Não-Civilizados na *Ecole Pratique des Hautes Etudes* (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1979).

Lévi-Strauss (2003, p. 23) afirma que “o social não é real senão integrado em sistema, e esse é um primeiro aspecto da noção de fato total: ‘Depois de terem inevitavelmente dividido e abstraído um pouco em excesso, os sociólogos devem buscar recompor o todo’”.

Utilizando fragmentos de diferentes estudos, Mauss aborda os fatos, os quais considera muito complexos, uma dimensão onde tudo se mistura.

[...]Nesses fenômenos sociais ‘totais’, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição-; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (MAUSS, 2003, p. 187).

Leroi-Gourhan (1985) formaliza a relação entre as técnicas tradicionais e as técnicas do corpo – apresentada por Mauss. Associado a essa relação, a noção de cadeia operatória será vinculada às análises tecnotipológicas. O pesquisador ultrapassa a simples descrição de um objeto, e, assim passa a estudar também a gestualidade que, torna o objeto eficiente, pois “o utensílio só existe realmente no gesto que o torna tecnicamente eficaz” (1985, p. 33).

O pensamento e conceitos do antropólogo e arqueólogo francês, especialista em pré-história, André Leroi-Gourhan (aluno de Marcel Mauss), constituem um vértice fundamental dos estudos tecnológicos relacionados a antropologia, os quais são essenciais para compreender as concepções para a presente pesquisa, uma vez que relaciona cultura e técnica.

Em seus escritos realiza um longo empreendimento, a fim de reunir o encadeamento dos conhecimentos, dados e problemas que envolvem a linha gradativa de transições do homem, realizando a sistematização dos elementos que definem os critérios de humanidade. Assim, dando ênfase “à mão que liberta a palavra [...] a mobilidade como a característica significativa da evolução para o homem [...] a ascensão a bipedia [...]” (LEROI-GOURHAN, 1985; 2002) e muitos outros fatores que relacionam o progresso da adaptação locomotora ao cérebro, nas diferentes espécies de *homo*. Para, enfim, construir e deixar didática a relação entre as técnicas corporais e as que são apreendidas culturalmente entre os *sapiens*.

Da mesma forma, Leroi-Gourhan traça o desenvolvimento das técnicas da humanidade e verifica “que o progresso dessa ligação se desenvolve rigorosamente em paralelo com a evolução dos homens [...] o que confere um caráter singular biológico à pré-história dos objetos cortantes. Esse paralelo é ainda mais nítido se considerarmos [...] o encadeamento das formas” (LEROI-GOURHAN, 1985, p. 135).

### 3.2.2 Sistema Tecnológico

Lemonnier (1983) atribui ao termo “sistema” qualquer parte da realidade social, para fins de estudos. Ao abordar o conceito de sistema tecnológico há uma extensão da dimensão do entendimento da técnica por si só. As cadeias de operações que estão justapostas para o desenvolvimento de uma técnica de produção material nos fornecem o desenvolvimento de uma dada matéria prima e sua transformação, etapa a etapa em produto final. Na dinâmica do sistema tecnológico, o artesão faz as escolhas tecnológicas de acordo com diferentes critérios. O principal deles, o cultural, mas também, como afirma Dean (2011), de acordo com fatores externos e significados simbólicos e estruturais de cada sociedade.

Em 1992, Pierre Lemonnier sugere uma definição (provisória) para o conceito de tecnologia, afirmando que este engloba todos os aspectos do processo de ação sobre a matéria, sendo, portanto, a tecnologia, a expressão material das ações/atividades culturais que estão envolvidas em uma dada sociedade. As ações ou atividades culturais estão envolvidas e emaranhadas de forma profunda (praticamente representam condutas naturais para os indivíduos) e, fortemente, socializadas na estrutura social, pois elas são os produtos dos processos de aprendizagem.

*Las tecnologías no son sólo cosas y médios usados por las sociedades para actuar sobre su ambiente físico. Para el etnólogo, así como para el arqueólogo y el historiador también, las tecnologías son – como los mitos, las prohibiciones maritales, o los sistemas de intercambio – producciones Sociales em sí mismas. (LEMONNIER, 1992, p. 1).*

Para o entendimento do sistema tecnológico de um determinado grupo social, Lemonnier (1992) atenta para uma compreensão onde o “processo produtivo é carregado de significados e não pode ser estudado isolado (como algo independente) de suas matrizes sociais” (FAGUNDES, 2007, p. 91).

Assim sendo, a fim de compreendermos a noção sistêmica dentro do amplo universo tecnológico, é essencial partir do pressuposto de Lemonnier (1992), que consiste na observação e percepção de três pilares: das técnicas em si, do conjunto das técnicas e do sistema tecnológico em comparação aos demais sistemas culturais.

Para Lemonnier, o sistema tecnológico possui raízes mais profundas, o que torna essa concepção dinâmica. A transformação da matéria prima em objeto requer muitas formas de conhecimentos, seja das formas, decorações, escolhas das argilas, da temperatura de queima, seja referente aos temperos, aos minerais e aos utensílios utilizados. Assim, cada estudo isolado

parece artificial para o autor. Por isso, a inter-relação entre as técnicas está no centro do entendimento do sistema tecnológico.

Ao explorar a produção social das técnicas, Lemonnier (1992) afirma que qualquer técnica ou gesto, por menor que seja, é sempre uma representação física dos esquemas mentais, apreendidos através das tradições associado a dinâmica de funcionamento e uso dos objetos. Além disso, as representações das técnicas também abordam outros domínios, pois os processos mentais que estão na base de nossas ações estão inseridos em um sistema simbólico que combina perfeitamente as técnicas e suas lógicas. Para os grupos sociais, não há uma separação entre técnicas e o social, pois ambas estão associadas em sua visão de mundo desde o início.

Para o manuseio e aplicação das técnicas para a confecção cerâmica, muitos outros elementos técnicos estão envolvidos no processo, por isso Lemonnier (1983) afirma que para determinada ação sobre a matéria, existem outras que antes já foram incorporadas cognitivamente (conscientes ou não). Para o preparo da fogueira ou forno que fará parte de um dos conjuntos operacionais do processamento das argilas, será necessária a madeira, utilizada como combustível, para a queima das vasilhas. Porém, para a extração da madeira, outras técnicas estão envolvidas, o corte da árvore, o manuseio dos instrumentos para tal, bem como a própria técnica de construção da fogueira. Estas técnicas estão interligadas com outras cadeias de operações, tornando assim o conjunto destas etapas um sistema – o sistema tecnológico.

Embora muitas pesquisas limitam-se a isolar o estudo de determinada técnica, é somente com a percepção sistêmica que haverá a possibilidade de compreender a interação dinâmica entre cerâmica, cultura e meio ambiente. Além disso, existe dentro do sistema tecnológico o compartilhamento e/ou empréstimos de princípios técnicos, recursos, matérias-primas, atores sociais, lugares e conhecimentos, por exemplo. O que demonstra, segundo Lemonnier (1983), que o sistema é uma combinação de múltiplos processos, articulados e ajustados entre si.

### **3.2.3 Cadeia operatória**

O conceito de *cadeia operatória* foi utilizado primeiramente em análises etnográficas por pesquisadores franceses, os quais relacionavam suas pesquisas de acordo com o aprimoramento das técnicas. Posteriormente, a Arqueologia apropriou-se do conceito afim de realizar o estudo das técnicas e da tecnologia utilizadas na cultura material de grupos pré-coloniais.

Desrosiers (1991) afirma que foi Maget o primeiro teórico a mencionar a noção de cadeia de operações, ao observar que existe um encadeamento das diferentes etapas do processo de produção. Estas podem ser estudadas em diferentes níveis, que podem ser cortadas em fases,

gerando assim uma análise parcial que demonstre o gesto elementar de uma ação dentro do processo e das etapas de operação da fabricação.

Balfet (1991) utiliza o conceito de cadeia operatória como o encadeamento das operações mentais e dos gestos técnicos, ou seja, a cadeia operatória é um encadeamento de fatos técnicos onde as ações possuem um vínculo que ao mesmo tempo as articula e as deixam inter-relacionadas. Segundo a autora, a cadeia operatória pode ser estudada unitariamente ou multiplemente – processo em que várias cadeias estão articuladas em relação umas às outras.

Balfet (1991) elenca a importância de dominar cadeias operatórias subsidiárias para o processamento cerâmico, as quais fazem parte do sistema tecnológico. Alguns conhecimentos sobre o tempo de queima e seus desdobramentos interferem na compreensão do sistema, pois durante o processo pode haver quebra das vasilhas, pausas, falta de material combustível e muitos outros fatores que tornam diferentes e dinâmicas as cadeias operatórias no interior de uma sociedade e entre estas. Por isso, a abordagem etnológica de observação das cadeias operatórias é considerada uma ferramenta versátil, flexível, pois abarca uma diversidade de dimensões técnicas, eficaz na percepção do movimento dinâmico que consiste um sistema tecnológico.

Balfet (1991, p. 15) questiona ao mesmo tempo que infere a importância do lugar onde se confecciona a cerâmica. Assim, a autora insere (mesmo que este não tenha sido seu principal objetivo no tópico) um olhar sobre o meio ambiente, a paisagem que envolve a produção e o investimento do espaço do entorno. As cadeias subsidiárias que Balfet se refere, podem ser compreendidas através da reconstrução operacional das etapas, quando se expande a percepção da utilização dos recursos e da incorporação destes à realidade dos atores que produzem os objetos.

### **3.2.4 Escolhas tecnológicas**

O arqueólogo Arnold Dean (2011) realiza uma avaliação de alguns dos resultados e objetivos obtidos durante suas pesquisas etnográficas na Guatemala, México e Peru, onde abordou as escolhas tecnológicas dos oleiros. Entre essas escolhas tecnológicas<sup>45</sup>, a preocupação recaiu principalmente sobre as escolhas de recursos das formas e design das vasilhas cerâmicas. No entanto, perceber as escolhas que oleiros realizam não foi suficiente para compreender as relações dinâmicas entre a cerâmica, a cultura e o meio ambiente.

---

<sup>45</sup> Arnold Dean (2011) utiliza como referência para a noção de “escolha tecnológica” Pierre Lemonnier (1978, 1986, 1992, 1993).

Assim, Dean (2011) atenta para a observação mais detalhada e profunda para o meio ambiente em que as pessoas que produzem a cerâmica estão inseridas, não somente no sentido determinista da produção e utilização dos recursos, mas também na relação ambiental, na qual o ofício de oleiro (a) está vinculado.

Com o objetivo de realizar um estudo teórico e conceitual que pudesse ajudar na compreensão dos estudos tecnológicos sobre a cerâmica, através da etnografia, Arnold Dean avança ainda mais seus questionamentos ao problematizar a produção cerâmica em diferentes áreas das quais ele esteve imerso durante sua pesquisa de campo.

Assim, o autor infere que muito além de compreender as escolhas tecnológicas em si, é necessário um mergulho nos seus significados e estruturas. O conhecimento indígena das argilas, dos temperos, da madeira para o fogo, o conhecimento da variação climática e das chuvas também fazem parte da percepção do estudo das escolhas tecnológicas, uma vez que o oleiro também é agricultor, produz vasilhas, mas também planta, em diferentes períodos, seguindo uma dinâmica que varia de sociedade para sociedade. Assim, os fatores climáticos são considerados como limitantes a determinado procedimento para a confecção de uma vasilha, mas não determinantes. A secagem das vasilhas ocorrerá de maneira eficiente quando o tempo estiver seco, em períodos chuvosos esta etapa demandará muito mais tempo. O mesmo pode ser pensado para as outras decisões tecnológicas.

Segundo Trigueiro (2003), “A partir da análise e da observação das categorias nativas tem-se, então, o acesso ao sistema simbólico que estrutura uma sociedade.

### 3.3 TÉCNICAS DE ANÁLISE CERÂMICA

A abordagem para a análise cerâmica parte dos pressupostos que orientam os estudos *Tecnotipológicos*, os quais fundamentam as pesquisas para a cerâmica arqueológica, através da manipulação destas em duas etapas distintas, mas que se inter-relacionam: a classificação tipológica e o estudo técnico.

Abaixo relacionamos os conceitos, terminologias e noções que serão empregadas na análise tipológica, a fim de dar organicidade aos dados.

### 3.3.1. Quanto ao estudo tipológico

A observação dos atributos, referente a morfologia, consiste na construção de fichas<sup>46</sup> para a coleta dos dados empíricos observados. As fichas são formuladas dinamicamente de acordo com categorias e subcategorias (variabilidade de atributos). As categorias iniciais e básicas da classificação tipológica são: técnicas de montagem (acordelada; blocos; torno), tratamento/acabamento de superfície (alisamento, polimento, brunidura, banhos, superfícies pintadas ou modificadas plasticamente) e decorações (plásticas e pintadas).

#### 3.3.1.1. Quanto ao tratamento de superfície

Durante a etapa de confecção dos vasilhames, as oleiras (os) aplicam diferentes técnicas, nas diferentes etapas de operação. Essas técnicas podem variar muito ou apresentar desvios, conforme o grupo, o tempo, a intensidade, a intencionalidade, a representação coletiva e individual da pessoa que a aplica. La Salvia (1989, p. 25) chama “modo de acabamento” ao tratamento aplicado sobre as superfícies das paredes das vasilhas. Os modos de acabamento são elementos mentalizados pelas oleiras e, portanto, intrínsecos ao processo produtivo. Deste modo, foi definido, para fins de classificação para os estudos arqueológicos, que cada etapa de produção cerâmica possui escolhas.

De forma cartesiana, os arqueólogos construíram ao longo do tempo, maneiras de compreender a aplicação das diferentes escolhas tecnológicas, estabelecendo nomenclaturas e sequências que orientam o passo a passo do processo produtivo. Assim, os tratamentos de superfícies são divididos em “acabamentos de cunho prático” e “acabamentos de cunho artístico”. Para a classificação, devemos levar em consideração a superfície dos fragmentos cerâmicos e observar as faces interna e externa dos mesmos.

O tratamento de cunho prático, se caracteriza pela construção de um vasilhame, onde são fixados os roletes e fechados os interstícios entre eles. Com a solidificação e acabamento final da parede, tem-se a forma pronta. O acabamento de cunho artístico possui a intenção de agregar elementos através de técnicas específicas de aplicação de expressões plásticas ou de pinturas (LA SALVIA, 1989).

As decorações plásticas, definidas por La Salvia (1989) para a cerâmica Guarani, tiveram suas nomenclaturas construídas a partir da identificação da sequência de expressões (elemento unitário que compõem uma decoração) sobre as paredes dos vasilhames: Corrugado,

---

<sup>46</sup> Ver modelo da ficha simplificada de análise para as cerâmicas no Apêndice A.



Digitado, Dígito-ungulado, Imbricado, Acanalado, Ungulado, Beliscado, Serrungulado, Pontado, Estampado, Estocado, Inciso, Escovado, Espatulado, Estriado, Roletado, Nodulado e Exciso. Além disso, as decorações plásticas também possuem variações (exemplo: Corrugado Imbricado, Corrugado Clássico), podendo ser também classificadas quanto à intensidade da aplicação da expressão decorativa e de acordo como as decorações são aplicadas sobre as paredes (exemplo: simétrica, assimétrica, circular, tangente).

Quadro 5. Sistematização dos tratamentos de superfícies para as cerâmicas arqueológicas.

<b>Tratamentos de Superfícies dos Vasilhames</b>	
Alisado	Processo de nivelção das superfícies (úmidas), tendo como objetivo a eliminação da rugosidade através do aplanamento.
Polimento	Processo que é executado a seco com objeto duro que dá um brilho variável.
Brunidura	Processo pelo qual uma peça altamente polida, e em brasa quente, é mergulhada em um ambiente de material orgânico, assim, produzindo um processo de redução. (MILLER et al., 2012)
Modificado Plasticamente	Processo pelo qual a oleira (o) aplica uma ação sobre a argila ainda úmida, resultando em uma modificação tridimensional da superfície do vasilhame (anterior à queima).
Pintado	Processo final de um artefato através de técnicas de pintura. São utilizados pigmentos minerais e vegetais.
Engobado	Processo que objetiva a diminuição da porosidade. O engobo é aplicado após a primeira queima e depois a vasilha é queimada novamente. As cerâmicas pintadas (Guarani) com grafismos, faixas e bandas vermelhas geralmente possuem engobo branco sob estas.
Com técnicas combinadas	Utilização das diferentes técnicas, relacionadas acima, em um mesmo vasilhame. As técnicas de decoração plástica também podem ser sobrepostas ou mistas.

Fonte: Adaptado de Chymz (1976); Balfet (1981); La Salvia (1989); Miller (2012).

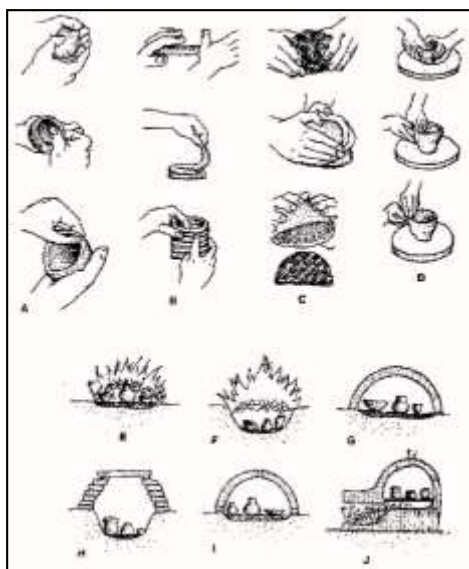
### 3.3.1.2 *Precisões sobre as técnicas de montagem*

Acordelada: Cordéis de argila justapostos um sobre o outro. Os vasilhames recebem alisamento na parte interna e na externa, caracterizam-se por diferentes acabamentos (de cunho prático ou artístico): corrugados, ungulados, escovados, beliscados, serrungulados, nodulados, pintados, etc. (BICHO, 2006).

Modelada: Consiste em uma técnica à mão livre, partindo de uma massa uniforme, até atingir a forma objetivada (CHMYZ, 1976).

Moldada: Consiste na utilização de um molde, o qual auxilia o artesão (ã) na aplicação da técnica (CHMYZ, 1976).

Figura 40. Exemplos de Técnicas de produção (A-modelagem, B-roletado, C-moldado, D-torneado) e Tipos de tecnologia para controle térmico (E, F, G, H, I, J).



Fonte: BICHO (2014).

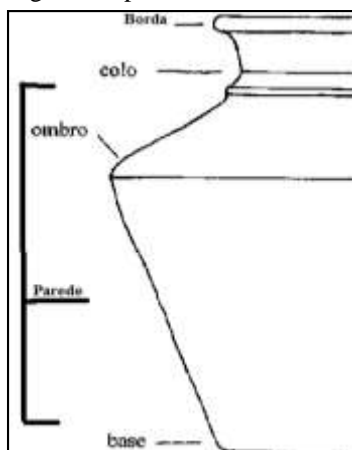
Torneada: Esta técnica está relacionada ao uso do torno (torno de oleiro), caracterizada na literatura arqueológica como sendo utilizada após as situações de contato europeu, com o efetivo estabelecimento das reduções jesuíticas e/ou comunidades coloniais.

Segundo La Salvia; Brochado (1989, p. 11), a técnica do modelado é utilizado para a confecção de contas de colar circulares, esféricas, em forma de pingo d'água ou pequenos ovoides perfurados. Também são utilizadas nas confecções de asas tipo botão (ou) salientes, retas ou convexas, coladas às superfícies ou delas tendo sido repuxadas. Os autores chamam a atenção para o fato de que as peças confeccionadas pela técnica do modelado possuem aparência arredondada, lembrando um “dedal” de costureira.

### 3.3.1.3 Atributos Morfológicos

A borda é a seção superior da vasilha, onde na sua extremidade está o lábio. Ela funciona como um elemento funcional e estilístico, geralmente recebe tratamentos específicos (decorações, pinturas), não sendo regra. Em relação às formas da borda, Chmyz (1976) estabelece da seguinte maneira: elas podem ser diretas, expandidas, introvertidas (extrovertida), reforçada internamente, dobrada, reforçada externamente, cambada, contraída, vasada, introvertida, vertical, inclinada internamente ou inclinada externamente.

Figura 41. Desenho demonstrativo da morfologia de um vasilhame. Os vasilhames possuem uma variabilidade de formas. Aqui apresentamos, de maneira geral, as partes constitutivas de um pote cerâmico (Borda, Parede e Base).



Fonte: BICHO (2014).

A parede é uma seção do vasilhame localizada entre a borda e a base. As paredes aparecem em maior quantidade e são campo fértil para encontrarmos uma grande variação e quantidade de elementos decorativos e produtivos, tais como decorações plásticas, grafismos, faixas e decorações em relevo, por exemplo.

A base, segundo La Salvia (1989, p. 119), é “o ponto de contato da vasilha com uma superfície no momento em que se mantém de pé”. Na Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica, Chymz (1976) relaciona as seguintes formas de base: plana, côncava, plano-côncava, convexa, em pedestal, anelar, cônica, trípada, tetrápoda e polípoda.

As bolotas de argila são excessos da argila retiradas das vasilhas enquanto elas ainda estão úmidas, representando, assim, uma etapa do processo de aprimoramento do produto final.

#### 3.3.1.4. As pinturas

São caracterizadas como sendo parte das etapas finais do processo produtivo, podendo expressar as representações dos processos de origem dos grupos. Possuem motivos variados, os quais podem ser encontrados em diferentes seções da vasilha, sendo mais comum na face externa, entre a borda e as delimitações das seções do bojo, para as cerâmicas encontradas nos sítios do Rio Grande do Sul (animais, vegetais, entidades e outros elementos simbólicos) (LA SALVIA, 1989).

Em menor número, também se encontram algumas cerâmicas com pinturas vermelhas internas. São mais comuns elementos gráficos construídos com base em linhas oblíquas, onduladas e outros estilos, em relação à boca do vasilhame. As bandas e faixas são elementos que aparecem, com frequência, geralmente delimitando campos e seções.

As cores mais usuais encontradas são o vermelho, o preto e o branco, sendo este último conhecido como o engobo que é aplicado antes da decoração gráfica. O engobo é classificado como um tratamento de superfície, conforme já apresentado anteriormente.

### 3.3.1.5 Banhos, Barbotina e Engobo

A barbotina constitui-se de um revestimento argiloso refinado que é aplicado na superfície de alguns vasilhames. Uma de suas características recai sobre a diferença entre a pasta utilizada para a produção cerâmica. La Salvia; Brochado (1989), atribuem à barbotina o refinamento da argila, que pode obter a consistência de um caldo ou nata até uma pasta mais compacta.

O banho de barbotina, geralmente, é mais evidente nas faces internas dos fragmentos cerâmicos. Além disso, sua aplicação possui uma intenção proposital, diferente dos banhos (acabamentos naturais) que formam uma pseudo barbotina, justamente pelo processo de umidificação e alisamento das paredes do vasilhame.

O banho consiste em um revestimento superficial, composto por argila e água em suspensão, portanto, um caldo delgado, que geralmente se diferencia da barbotina. Essa diferença é melhor observada, quando há aplicação de banho e de barbotina em diferentes seções da mesma vasilha ou fragmento.

O engobo é um tratamento de superfície em que a (o) artesã (ão), aplica antes da queima uma camada de barro mais espessa que o banho, com ou sem pigmentos (CHMYZ, 1976). Miller (2012, p. 119), diz que o engobo tem a finalidade de diminuir a porosidade e, assim, diminuir a absorção de líquidos pelas paredes da peça. Miller (2012), afirma que o engobo é aplicado após a primeira queima e, logo após a peça recebe uma segunda queima. O autor infere que a necessidade da segunda queima está relacionada com o desaparecimento da cor do mineral do engobo, após a lavagem, ou seja, a segunda queima reforça a cor do mineral presente no engobo, na superfície da peça.

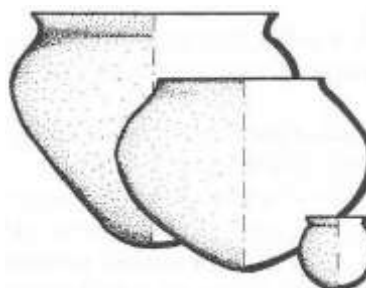
Segundo Miller (2012), os arqueólogos brasileiros têm usado o termo engobo indiscriminadamente, tanto para se referir ao próprio engobo ou ao banho (ou meio-banho). Este fato se deve, segundo tal autor, porque no Brasil as artesãs indígenas não usam a segunda queima.

## 3.3.1.6 Formas

Abaixo, realizamos uma sistematização simplificada, construída por Brochado e Monticelli (1994), para as vasilhas que receberam uma classificação através da analogia etnográfica entre os dados etnohistóricos e as coleções depositadas em laboratórios de arqueologia e museus.

Quadro 6. *Yapepó*.

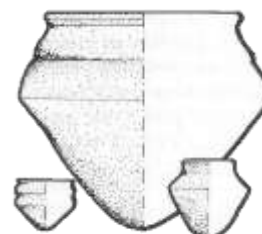
<b><i>Yapepó</i></b>	
Bordas	Vertical; extrovertida; introvertida.
Base	Conoidal; arredondada.
Dimensões	<i>Yapepó myri</i> – d.b. <sup>47</sup> entre 12 e 16 cm.
	<i>Yapepó boyá</i> – d.b. entre 18 e 30 cm.
	<i>Yapepó guaçu</i> – d.b. maior que 32 cm.
Função	Eram usadas como panelas para cozinhar e uso secundário como urna funerária.



Fonte: Brochado (1994).

Quadro 7. *Cambuchí*.

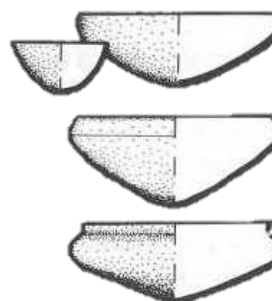
<b><i>Cambuchí</i></b>	
Bordas	Bordas carenadas ou reforçadas na face externa. <sup>48</sup>
Base	Conoidal; arredondada; aplanada
Dimensões	<i>Cambuchí myri</i> – d.b. entre 18 e 34 cm.
	<i>Cambuchí guaçu</i> – d.b. maior que 36 cm.
Função	Eram usadas para armazenar líquidos, servir bebidas fermentadas alcoólicas, guardar água, uso secundário para enterramentos.



Fonte: Brochado (1994).

Quadro 8. *Cambuchi Caguâba*.

<b><i>Cambuchí Caguâba</i></b>	
Bordas	Bordas carenadas ou reforçadas na face externa. <sup>49</sup>
Base	Conoidal; arredondada; aplanada
Dimensões	Não há informações quanto às dimensões. Foram consideradas: Pequenas (12-16 cm – d.b.); Medianas (18 – 26 cm – d.b.); Miniaturas (não teriam a mesma função).
Função	Eram usadas como vasilhas de beber.



Fonte: Brochado; Monticelli (1994).

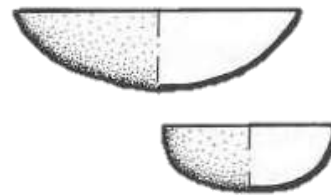
<sup>47</sup> (d.b.) – diâmetro da boca.

<sup>48</sup> Brochado; Monticelli (1994) fazem uma ressalva quanto aos *cambuchis* com bordas côncavas extrovertidas, uma característica observada mais raramente nas urnas funerárias pintadas, descritos em como *cambuchi* em forma de *yapepó*.

<sup>49</sup> Brochado; Monticelli (1994) fazem uma ressalva quanto aos *cambuchis* com bordas côncavas extrovertidas, uma característica observada mais raramente nas urnas funerárias pintadas, descritos em como *cambuchi* em forma de *yapepó*.

Quadro 9. *Nãe (ñãembé, tembiiru)*.

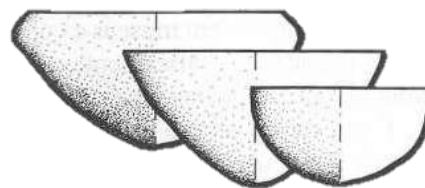
<i>Nãe (ñãembé, tembiiru)</i>	
Bordas	Vertical; extrovertida. Convexas, contínuas com as paredes.
Base	Conoidal; arredondada; aplanada
Dimensões	Pequenos – d.b. 12-16 cm (pratos individuais); Medianos – d.b. 18-26 cm (usados por pequenos grupos); Grandes d.b. 28-34 cm (pratos comunais, usados por grandes grupos).
Função	Tigelas (pratos) que eram usados para comer.



Fonte: Brochado (1994).

Quadro 10. *Ñaeá, ñaetá*.

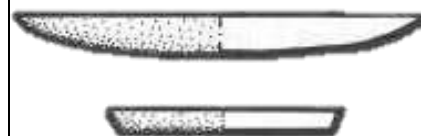
<i>Ñaeá, ñaetá</i>	
Forma	Recipientes abertos de forma Conoidal.
Dimensões	Normal – d.b. 30-48 cm. Grande – d.b. maior que 50 cm.
Função	Eram usadas para cozinhar alimentos por fervura sobre o fogo.



Fonte: Brochado (1994).

Quadro 11. *Ñamôpyu, ñamypiu*.

<i>Ñamôpyu, ñamypiu</i>	
Bordas	Bordas convexa muito baixa ou apenas vestigial.
Dimensões	Prato ou tigela muito rasa. Normais – d.b. 18-32 cm. Grandes – d.b. maior que 34 cm. Miniaturas – d.b. igual ou menor que 12 cm (não teriam a mesma função).
Função	Eram usadas para torrar farinha de mandioca e/ou assar o beiju.



Fonte: Brochado; Monticelli (1994).

Segundo Schmitz (2010) se as medidas da boca forem transformadas em conteúdo (litros), teremos a seguinte situação:

Quadro 12. Relação diâmetro e volume (litros).

Diâmetro da vasilha <sup>50</sup>	Volume	Diâmetro da vasilha	Volume
22 cm	1 litro	34 cm	5 litros
30 cm	3 litros	40 cm	8-10 litros

Fonte: Adaptado de Schmitz (2010, p. 16).

<sup>50</sup> Diâmetros da boca das vasilhas com medidas aproximadas as apresentadas no Quadro 12.

### 3.4 DATAÇÃO POR TERMOLUMINESCÊNCIA

As amostras foram submetidas ao procedimento de datação pelo método de Termoluminescência (TL), a fim de obter subsídios empíricos e científicos, que possam estabelecer, na escala temporal, um ponto específico no tempo, de onde a pesquisa poderá embasar e articular contextos históricos e arqueológicos (coloniais ou pré-coloniais) para a compreensão do sítio arqueológico.

Baseado na exposição à radiação térmica [...] (BICHO, 2006), detalha que

No caso da cerâmica, os cristais inclusos nas argilas utilizadas para a produção de cerâmica são expostos a radiação térmica no momento da cozedura, levando a que o “relógio atômico da termoluminescência” seja repostado a zero. A partir do arrefecimento da cerâmica, a emissão de radiação por elementos como o urânio e o potássio faz com que se reinicie o processo de ionização dos elétrons [...] nos cristais de quartzo e de feldspato presentes na argila. Com a medição desta, a datação resulta do aquecimento em laboratório da amostra. (BICHO, 2006, p. 260).

Assim, para cada sítio arqueológico foi selecionada uma ou mais amostras, respeitando as proporções e pesagens orientadas pelo laboratório de datação<sup>51</sup>. Além disso, todas as amostras passaram antes por um processo de liberação que incluem o Laboratório de Arqueologia LEPA/UFSM<sup>52</sup>, o IPHAN<sup>53</sup> e o CNA<sup>54</sup>.

#### 3.4.1 Datações

As primeiras datas para os sítios Estrada/Alto das Palmeiras e Rincão dos Flores, foram obtidas em 2014, por Milder, no decorrer do desenvolvimento do trabalho de conclusão do curso (História- UFSM) e, são apresentados no Quadro 13.

A segunda etapa da obtenção das datas (Quadro 14), englobou três sítios arqueológicos: Estrada/Alto das Palmeiras, Rincão dos Flores e Estância Velha, contemplando de forma exclusiva e inédita esta pesquisa.

<sup>51</sup> Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA, localizado no Estado de São Paulo, sob a responsabilidade do Dr. Silvio Luiz Miranda Brito. [http://www.datacao.com.br/home\\_1.html](http://www.datacao.com.br/home_1.html)

<sup>52</sup> Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>53</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

<sup>54</sup> Centro Nacional de Arqueologia do IPHAN.

Quadro 13. Datação: Estrada/Alto das Palmeiras e Rincão dos Flores.<sup>55</sup>

Sítio Arqueológico “Estrada /Alto das Palmeiras”		
Amostra	Cronologia	Observação
Amostra A (caco de vasilha cerâmica)	1803 (+ ou – 30) A.D.	15 cm
Sítio Arqueológico “Rincão dos Flores		
Amostra	Cronologia	Observação
Amostra B (telha)	1883 (+ ou – 20) A.D.	15 cm

Fonte: MILDER, 2014/ (Anexo 4).

[Relatório de ensaio/2013 (Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA.).

Quadro 14. Datação: Estrada/Alto das Palmeiras, Rincão dos Flores e Estância Velha.

Sítio Arqueológico “Estrada /Alto das Palmeiras”			
Amostra	Catálogo	Cronologia	Observação
Amostra C (caco de vasilha cerâmica)	Ct.78	1489 (+ou - 55) A.D.	20-30cm
Sítio Arqueológico “Rincão dos Flores			
Amostra	Catálogo	Cronologia	Observação
Amostra F (caco de vasilha cerâmica)	Ct.45	1569 (+ ou – 50) A.D.	Superficial
Sítio Arqueológico “Estância Velha”			
Amostra	Catálogo	Cronologia	Observação
Amostra D (caco de vasilha cerâmica)	Ct.40	1599 (+ ou – 45) A.D.	25-40cm

Fonte: Relatório de ensaio/2019 (Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA.). Anexo 5.

Quadro 15. Datação: sítios arqueológicos do entorno.<sup>56</sup>

Sítio Arqueológico “Marafiga”		
Amostra	Cronologia	Observação
Amostra cerâmica (urna) -01	1530 A.D.	80 cm profundidade
Amostra cerâmica (urna) -02	1620 A.D.	80 cm profundidade
Amostra cerâmica (urna) - 03	1835 A.D.	Superficial (20cm)
Sítio Arqueológico “Cabeceira do Raimundo”		
Amostra Cerâmica	Cronologia	Observação
Q.10E/	750 A.D.	20 cm
Q.10E/	720 A.D.	20 cm
Q.10C/	740 A.D.	20 cm
Q.10C/	1000 A.D.	20 cm
Q.10D/	700 A.D.	20 cm
Q.10D/	500 A.D.	20 cm

Fonte: MILDER; SOARES, 2002 e FAJARDO, 2001.

As demais datações (Quadro 15) são de sítios arqueológicos do entorno e são, portanto, dados para a compreensão dos contextos arqueológicos e históricos da região estudada.

<sup>55</sup> Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA, localizado no Estado de São Paulo, sob a responsabilidade do Dr. Silvio Luiz Miranda Brito. [http://www.datacao.com.br/home\\_1.html](http://www.datacao.com.br/home_1.html)

<sup>56</sup> Datação por TL (termoluminescência) no – Laboratório de Vidros e Cristais Iônicos do Instituto de Física da USP.



### 3.5 ANÁLISE TIPOLOGICA – SÍTIO ARQUEOLÓGICO RINCÃO DOS FLORES (VAC. 3)

A coleção cerâmica do sítio Rincão dos Flores (VAC. 3) é composta por 744 unidades de fragmentos. Segundo informações do Livro Catálogo do LEPA/UFSM, as coletas estão divididas em duas intervenções, sendo a primeira realizada em fevereiro de 1984 e a segunda em setembro do mesmo ano. Ambas intervenções tiveram como coordenador o professor Victor Hugo Oliveira da Silva.

O sítio Rincão dos Flores está localizado no Sétimo Distrito do município de Santa Maria, próximo aos arroios do rio Vacacaí. No quadro abaixo, apresentamos os números de catálogo (Ct.) e suas relações com os níveis verticais, estabelecidos durante a intervenção de 1984.

Quadro 16. Intervenção Fev./1984. Níveis artificiais e números de catálogos (VAC. 3).

Concentrações de Solo Antropogênico / Rincão dos Flores	
Mancha com material – coleta superficial	Mancha solo (cinza escuro) - Corte 1
Ct.11/ superficial	Ct. 12/ 0-15cm
-	Ct.13/ 15-25cm
-	Ct.14 / 25- 35cm
-	Ct. 15 / 35- 45 cm

Fonte: Milder (2014).

Na intervenção de setembro de 1984 foram coletadas fragmentos cerâmicos que receberam o número de catálogo 45. Todas as coletas ocorreram no nível superficial do sítio arqueológico. Nesta etapa, foram encontrados e coletados, também os fragmentos de telhas coloniais (ver datação em Quadro 13).

No geral, a coleção apresenta características marcantes quanto às identidades das decorações plásticas aplicadas, ou seja, alguns fragmentos que apresentam superfície modificada plasticamente (corrugadas e unguladas/pseudo-unguladas ou incisa), possuem tendências análogas, sendo essas perceptíveis em fragmentos de mesma decoração, que podem revelar a assinatura de uma artesã (ão). A respeito dessa observação analítica, apresentaremos (Figuras) no decorrer com os principais indícios, os quais de antemão detalhamos: O tratamento de superfície Corrugado (Figura 42) apresenta dígitos profundos com alta intensidade de arraste da argila. Para o Ungulado/Pseudo-ungulado ou Inciso (Figura 54), os fragmentos cerâmicos se manifestam com aplicações miniaturais e simétricas, além disso, a delgada parede nos faz inferir que se tratam de fragmentos de vasilhas pequenas. Esse padrão observado *a priori* está presente em toda a estratigrafia do sítio arqueológico (superficial à 45 cm de profundidade).

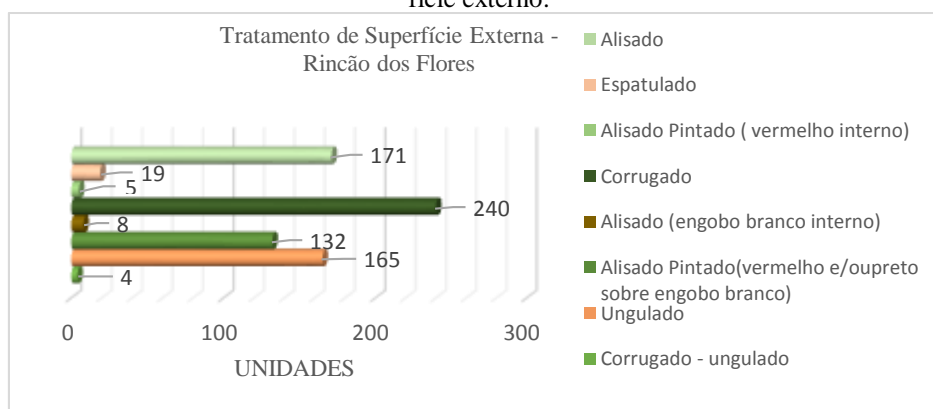
Na análise comparativa geral, as tendências do sítio Rincão dos Flores - aqui entendidas como uma assinatura específica da artesã - diferenciam-se das demais tendências, encontradas em outros sítios, em especial pela decoração ungulada.

No sítio Rincão dos Flores é expressivo o número de fragmentos que apresentam o ungulado imbricado. Aqui caímos em uma discussão controversa que nos dá margem para que possamos designar a decoração plástica em pauta como ungulada e não como corrugada, conforme apresentada na bibliografia tradicional e repetida em muitos trabalhos acadêmicos. Em La Salvia (1989) é dúbio o entendimento sobre o corrugado telhado e imbricado. Nesse sentido, adotamos os termos que mais se aproximam das noções de classificação utilizada pelo consagrado manual de Cerâmica Guarani (LA SALVIA, 1989), para expor as nossas observações concernentes às análises tipológicas para as coleções cerâmicas em estudo, neste caso em específico, tratamos alguns fragmentos “telhadinhos” como ungulados telhadinhos ou imbricado.

Além disso, o sítio Rincão dos Flores possui outras diferenças interessantes, sendo o único sítio a apresentar em sua cultura material fragmentos de telhas coloniais e calcário/caolim ou ossos moídos como antiplástico (Figura 43). O número de remontagens supera significativamente as remontagens das coleções apresentadas anteriormente.

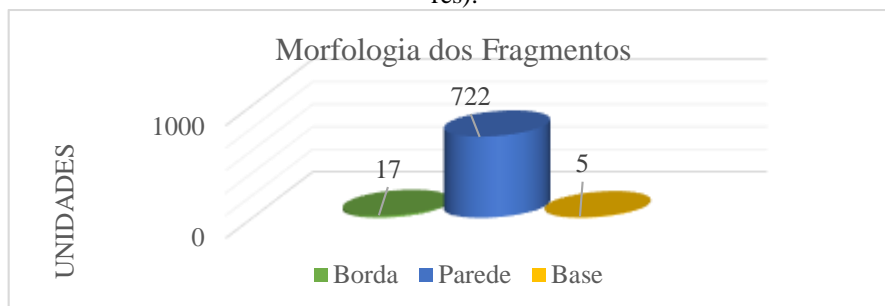
Abaixo, relacionamos no Quadro 17 uma sistematização quanto às variações métricas das espessuras dos fragmentos, associadas às classificações tipológicas dos atributos, referentes às decorações plásticas, pintadas e/ou outros tratamentos de superfícies. A sistematização consiste em uma observação do campo metodológico e técnico da pesquisa, de onde se elaborou um quadro simplificado, representativo das características dos fragmentos em relação aos atributos de tratamentos superficiais e suas variáveis métricas.

Gráfico 1. Gráfico com a classificação dos fragmentos do sítio Rincão dos Flores, quanto ao tratamento de superfície externo.



Fonte: Milder (2019).

Gráfico 2. Gráfico com a quantidade referente à classificação morfológica (sítio arqueológico Rincão dos Flores).



Fonte: Milder (2019).

No Quadro 18, elaboramos uma relação dos antiplásticos identificados, durante o processo de análise primária, consistindo também em uma sistematização simplificada que, relaciona tratamentos de superfícies, pinturas e decorações plásticas às naturezas dos temperos adicionados intencionalmente ou não à pasta cerâmica dos fragmentos.

Quadro 17. Quadro com a variação métrica das espessuras dos fragmentos (sítio arqueológico Rincão dos Flores – VAC 3).

<b>Varição Métrica das Espessuras</b>			
	Mínima	Máxima	Unidades
Corrugado (ungulado sobreposto)	1mm	1mm	4
Alisado Pintado (vermelho e/ou preto sobre engobo branco)	5mm	18mm	132
Alisado Pintado (engobo branco externo)	7mm	7mm	37
Alisado (engobo branco interno)	5mm	6mm	8
Alisado Pintado (vermelho interno)	5mm	6mm	5
Corrugado	6 mm	18 mm	240
Alisado	6mm	25mm	134
Ungulado	5mm	14mm	116
Ungulado (imbricado)	5mm	7mm	49
Espatulado	6mm	14mm	19

Fonte: Milder (2019).

Quadro 18. Quadro com a classificação quanto aos antiplásticos observados nos diferentes conjuntos tipológicos.

<b>Antiplástico</b>	
Corrugado (ungulado sobreposto)	Quartzo anguloso (4mm)
	Nódulos óxido ferroso
	Caulim moído
	Caulim moído
	Quartzo

Alisado Pintado (engobadas e pintadas em vermelho e/ou preto - interno e externo)	Quartzo leitoso
	Nódulos de óxido ferroso
	Mica
Corrugado	Quartzo
	Nódulos de óxido ferroso
	Mica
	Grãos de areia
Ungulado	Grãos de areia
Ungulado (imbricado)	Quartzo arredondado
	Nódulos de óxido ferroso
	Grãos de areia
Espatulado	Nódulos de óxido ferroso
	Quartzo
	Mica
	Caulim moído
	Mica
	Quartzo
Alisado	Nódulos de óxido ferroso
	Caulim (4mm) e moído
	Quartzo

Fonte: Milder (2019).

A análise apontou para uma expressiva presença de minerais: quartzos e nódulos de óxido ferroso. Como as observações primárias se referem às análises simples, realizadas no momento anterior às análises químicas, destaca-se que a inclusão dos minúsculos grãos de quartzo na pasta cerâmica, podem, fortemente, estarem associados às areias agregadas às argilas, naturalmente encontradas na formação geológica da região.

A seguir apresentamos alguns fragmentos cerâmicos com paredes alisadas e engobadas, presentes na coleção do sítio Rincão dos Flores (VAC 3). Na Figura 50, o detalhe da pasta cerâmica, indica que esta apresenta uma homogeneidade em sua queima, com coloração cinza.

Figura 42. Fragmentos de paredes com decoração plástica corrugada (simples). Número de catálogo 12/ Profundidade (0-15 cm)



Fonte: Milder (2014).

Figura 43. Fragmentos com presença de antiplásticos (calcário, caolim ou ossos).



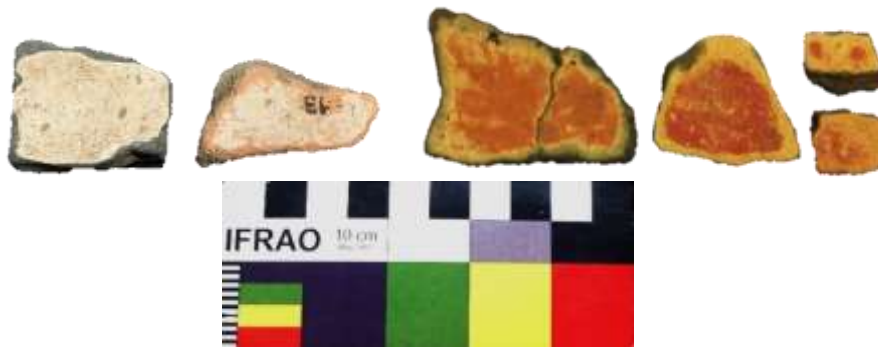
Fonte: Milder (2014).

Figura 44. Fragmento de parede com decoração plástica espatulada. Nos detalhes, à direita, presença de antiplásticos: calcário, caolim ou ossos e quartzo leitoso, respectivamente.



Fonte: Milder (2014).

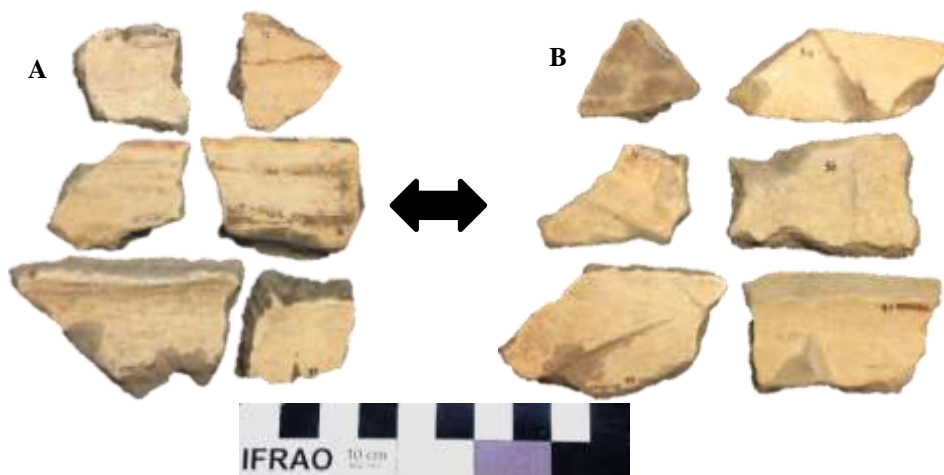
Figura 45. Fragmentos com engobo branco e vermelho, respectivamente, nas faces internas.



Fonte: Milder (2019).

Abaixo, na Figura 46, os fragmentos (B) possuem marcas oriundas da lâmina do arado, em decorrência do processo de antropização do sítio. Na Figura A, as marcas nas paredes são de instrumentos utilizados para o alisamento da barbotina, aplicada durante o processo técnico de confecção cerâmica.

Figura 46. Face interna dos fragmentos.



Fonte: Milder (2019) /Acervo LEPA/UFSM.

Figura 47. Fragmento de parede com decoração plástica ungulada. N° de catálogo 15/ Profundidade (35-45cm).



Fonte: Milder (2019) /Acervo LEPA/UFSM.

Figura 48. Fragmentos com decoração plástica corrugada-ungulada.



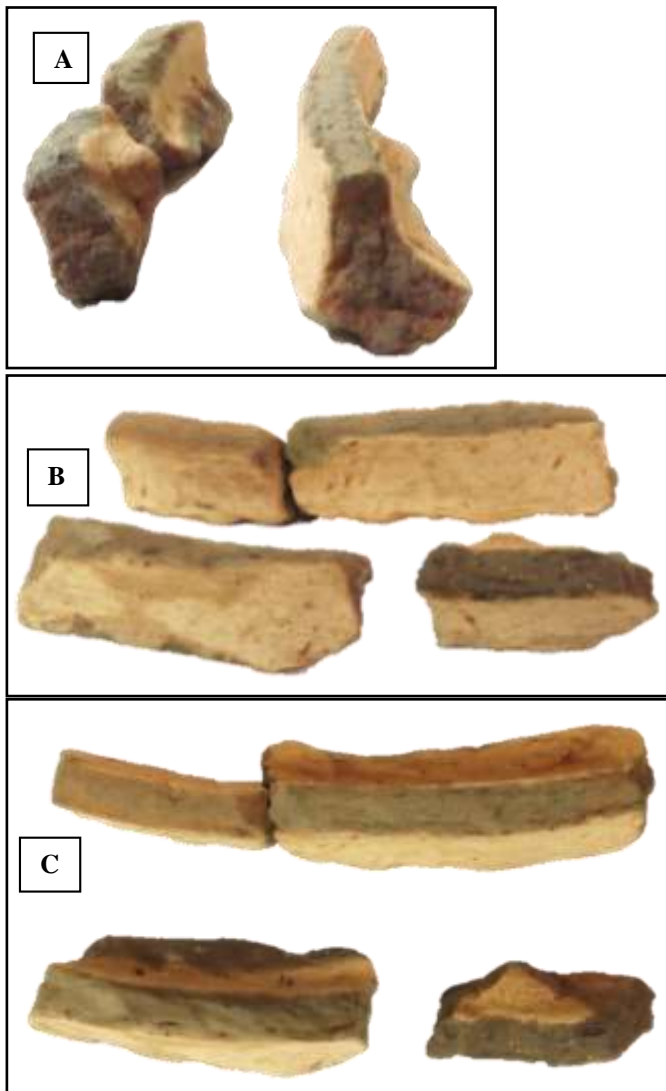
Fonte: Milder (2019) /Acervo LEPA/UFSM.

Figura 49. Fragmento de parede com evidência de antiplástico mineral (nódulo de óxido ferroso).



Imagem: Milder (2019) /Acervo LEPA/UFSM.

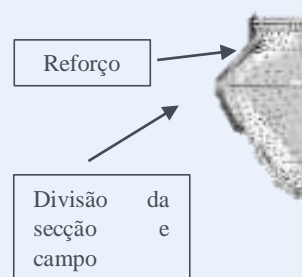
Figura 50. Fragmentos de paredes com reforço interno.



Fonte: Milder (2019).

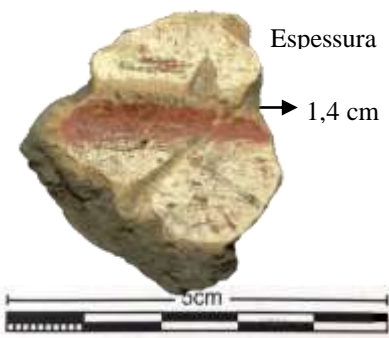
### Reforço interno (Pescoço do vasilhame)

Os fragmentos de paredes, com reforço interno, representam os únicos exemplares na coleção cerâmica do sítio arqueológico Rincão dos Flores. Espessura máxima dos fragmentos: 1,9 cm. A hipótese para o conjunto de peças com características semelhantes consiste na inferência de que pertenciam a um vasilhame de forma similar aos *cambuchis*, uma vez que os grafismos se encontram no que acreditamos ser o bojo da vasilha. **A** – Visão de perfil (lateral). **B** – Visão das faces externas. Nota-se a presença de resquícios de grafismos vermelhos (linhas paralelas) sobre engobo branco. **C** – Vista de cima.





Quadro 19. Fragmento de Borda (Ct. 12).

<p>Forma da Borda: Direta com reforço externo e ponto angular.          Forma do Lábio: Arredondado.          Técnica de manufatura: Roletado/Acorde lado.</p> <p>Descrição: Fragmento de borda com tratamento de superfície externa alisada e pintada (engobo no lábio e faixa vermelha logo abaixo do ponto angular). Na porção da parede do fragmento, abaixo do ponto angular, a superfície é engobada na cor branca sob resquícios de grafismos vermelhos. Apresenta barbotina bege na face interna e externa.</p>	 <p>Espessura → 1,4 cm</p> <p>5cm</p>
---	---

Fonte: Milder (2019).

Quadro 20. Fragmento de Borda (Ct.13).

<p>Forma da Bordas: Diretas.          Forma do Lábios: Arredondados.          Técnica de manufatura: Roletado/Acordelado.</p> <p>Descrição: Fragmentos de bordas com tratamento de superfície externa alisada e pintada (engobo no lábio na face externa e pintura vermelha no lábio na face interna) Apresenta barbotina bege claro na face interna e externa.</p>	 <p>Espessura → 1,0cm</p> <p>→ 1,8cm</p> <p>5cm</p> <p>Face interna</p>
---	--

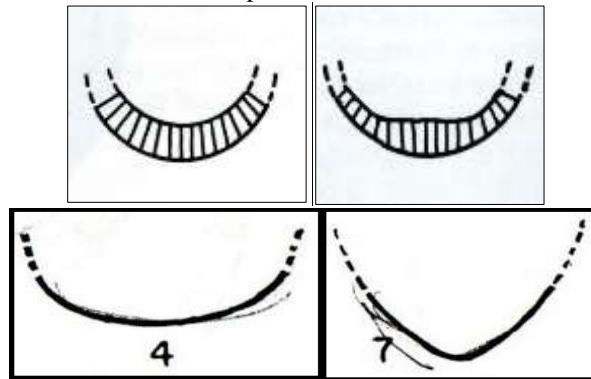
Fonte: Milder (2019).

Figura 51. Fragmentos de bases (Ct. 45/E), com positivo e negativo dos roletes.



Fonte: Milder (2019).

Figura 52. Perfis de bases convexas cônica e convexas planas, respectivamente. Abaixo, convexas (4) e cônica (7), respectivamente.



Fonte: La Salvia; Brochado (1989, p. 129); Chymz (1976, p. 123). Adaptado pela autora.

As peças que foram classificadas morfologicamente como sendo fragmentos de bases dos recipientes cerâmicos, podem ser compreendidas dentro dos conceitos de Convexa Plana ou Convexa Côncava<sup>57</sup> (Figura 52) ou Convexa (Chmyz, 1976, p. 123). Além, disso como se trata de fragmentos de bases, que possuem características que as aproximam também das bases cônicas devido aos ângulos que formam quando são postas em superfícies planas. Desta forma, todas as bases podem ser caracterizadas como arredondadas e, como técnica de confecção, o acordelado.

O ponto mais espesso e central de um fragmento com superfície externa alisada possui espessura de 25 mm – representando os valores mais expressivos em relação a espessura de base dentro da coleção. A menor espessura, de 5 mm, está associada com uma base com tratamento plástico superficial ungulado. Em relação à queima dos fragmentos, foram observadas seções transversais com uma camada clara na parte externa e uma camada escura na parte interna – Queima 5, conforme figura 55. As decorações plásticas observadas nas bases são: alisada, ungulada e corrugada.

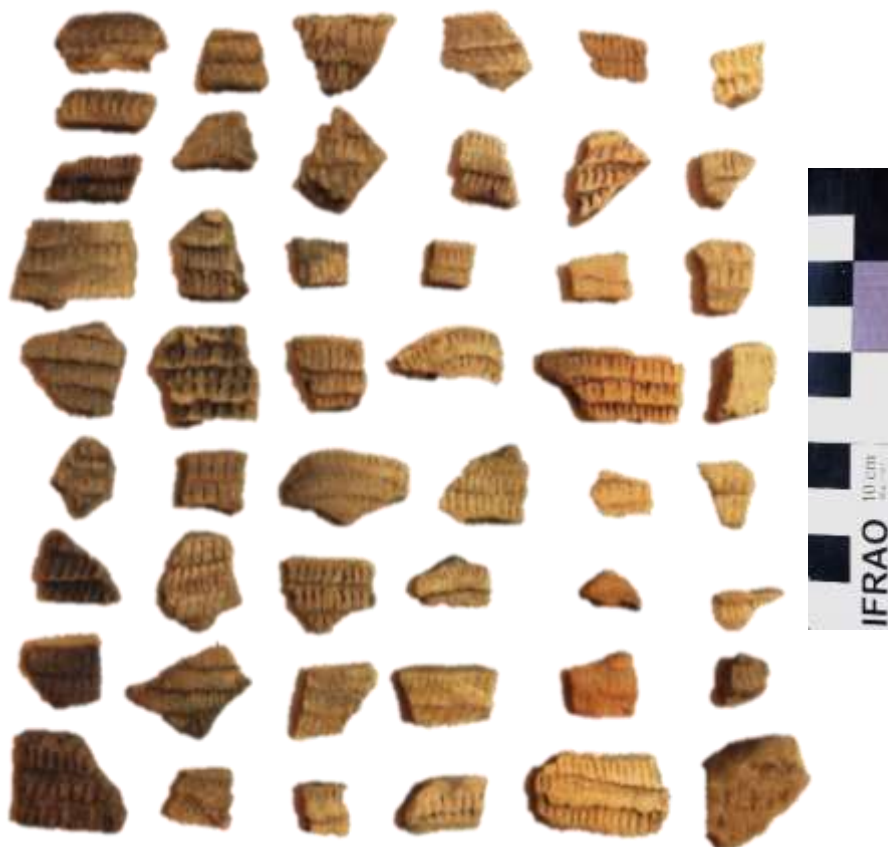
<sup>57</sup> Conceitos abordados em La Salvia; Brochado (1989, p. 120).

Figura 53. Antiplásticos: A (nódulo de óxido ferroso), B (caulim moído), C (quartzo leitoso), D (quartzo leitoso), E e F (caulim moído), G (quartzo leitoso), H (grãos de areia).



Fonte: Milder (2019) /Acervo LEPA/UFSM.

Figura 54. Fragmentos de paredes com decoração plástica ungluada ou pseudo-unglada (imbricado).



Fonte: Milder (2019).

Abaixo, relacionamos a queima da pasta cerâmica da coleção do sítio arqueológico VAC 3. Para um vislumbre dos tipos de queima relacionados aos tratamentos de superfícies, apresentamos os quadros que sintetizam as características da cor do núcleo e das barbotinas.

Observamos as marcas de queima das cerâmicas, baseadas em estudo recente (Figura 55) que leva em consideração outras variáveis na escolha tecnológica para a queima das cerâmicas, como, por exemplo, as hipóteses apresentadas por Delforge (2017).

Figura 55. Tipos de queima cerâmica.<sup>58</sup>



Fonte: Delforge (2017).

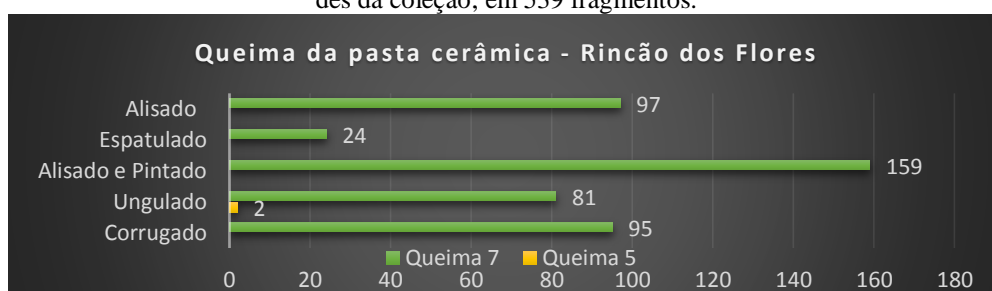
Alexandre Delforge (2017) formulou uma hipótese referente às marcas de queimas redutoras, observadas nas cerâmicas arqueológicas do sítio Cerâmica Preta (Minas Gerais). Segundo o autor, as queimas redutoras, daquele contexto, remetem a uma técnica morta que, no entanto, era praticada com regularidade intencional pelo grupo que a executava. O autor se utilizou da arqueologia experimental para reproduzir as condições de queimas. A partir dos experimentos e da análise das cerâmicas arqueológicas, Delforge (2017) propôs hipóteses tais como: Utilização de recipientes para produzir atmosferas redutoras, onde eram produzidas peças de proporções pequenas e médias. Desta forma, o autor concluiu que o grupo humano, que

<sup>58</sup> Fonte: Orton et al. (1993, p. 134); Bicho (2006, p. 448).

habitou o local, possuía uma tradição técnica que tinha como resultado a produção de cerâmica preta.

Além disso, Delforge (2017) problematizou outras marcas de queima encontradas nos fragmentos arqueológicos, indicando hipóteses que remetem às marcas de queima a funções específicas do vasilhame, como, por exemplo, o uso dos vasilhames como panela estão associados a um tipo específico de queima. As associações entre marcas de queimas, a utilização dos vasilhames e as colorações também geraram hipóteses que remetem a cosmologia do grupo.

Gráfico 3. Sistematização da queima, em relação às decorações e tratamentos de superfícies x número de unidades da coleção, em 539 fragmentos.



Fonte: Milder (2019).

Quadro 21. Sistematização da relação entre queima e decoração plástica corrugada.

Queima X Tratamento de superfície: Corrugada			
Queima / Cor do núcleo	Tratamento de superfície	Nº de fragmentos	Banho
Núcleo central cinza escuro espesso e camadas oxidadas finas e bem definidas (queima 7).	Decoração plástica corrugada.	95 Unidades.	Barbotinas internas e externas com variação de tonalidades cinza, bege, laranja e marrom.
	Superfície alisada.	97 Unidades.	Barbotinas internas e externas com variações de tonalidades: marrom, laranja e bege.
	Superfície alisada e pintada.	159 Unidades.	Barbotinas internas e externas com variações de tonalidades: marrom, laranja e bege.
	Superfície espatulada.	24 Unidades.	Barbotinas internas e externas com variações de tonalidades: marrom, laranja e bege.

Fonte: Milder (2019).

Quadro 22. Sistematização da relação entre queima e decoração plástica ungulada.

Queima X Tratamento de superfície: Ungulada			
Variações do ungulado	Queima/ Cor do Núcleo	Nº de fragmentos	Banho
Imbricado	Núcleo central homogêneo cinza (queima 7).	49 unidades	Barbotinas internas e externas com variações de tonalidades: marrom, laranja e bege.
Simétrico e Assimétrico (combinados)	Núcleo central homogêneo com variações de tonalidades: alaranjado, marrom escuro, cinza (queima 7).	32 unidades	Barbotinas externas e internas com variações de coloração: bege, laranja e cinza (médio e escuro).
Assimétrico	Núcleo central cinza (queima 5).	2 unidades	Barbotina laranja.

Fonte: Milder (2019).

Foram contabilizados 29 fragmentos de telhas coloniais. Tais fragmentos apresentam núcleos homogêneos na tonalidade alaranjada e núcleos heterogêneos, zoneados com tonalidades alaranjadas e cinza. Suas espessuras variam entre 1,3 cm e 1,8 cm. Possuem antiplásticos minerais: nódulos de óxido ferroso distribuídos pela pasta cerâmica.

De acordo com nossas análises, trata-se de telhas artesanais do período colonial, corroborada pela datação: A.D. 1873.

Segundo Brancante (1981), as telhas podem apresentar-se sob duas formas: curva e plana. Em Portugal, a telha simplificada é denominada de romana ou canudo. No Brasil, é chamada de colonial, capa e calha (BRANCANTE, 1981, p. 15).

A Figura 56 expõe um fragmento cerâmico que possui decoração plástica corrugada em uma de suas superfícies. No entanto, sua pasta cerâmica, espessura, antiplásticos e coloração enquadram-se dentro da coleção de telhas coloniais. Ademais, identificou-se a presença de um indício de rolete de argila associado à outra técnica de manufatura geralmente associada aos moldes para confecção colonial e manual dos materiais construtivos como tijolos ou telhas durante os séculos XVIII e XIX.

Figura 56. Fragmento com pasta e ângulo similar aos fragmentos de telhas, com aplicação da decoração corrugada.



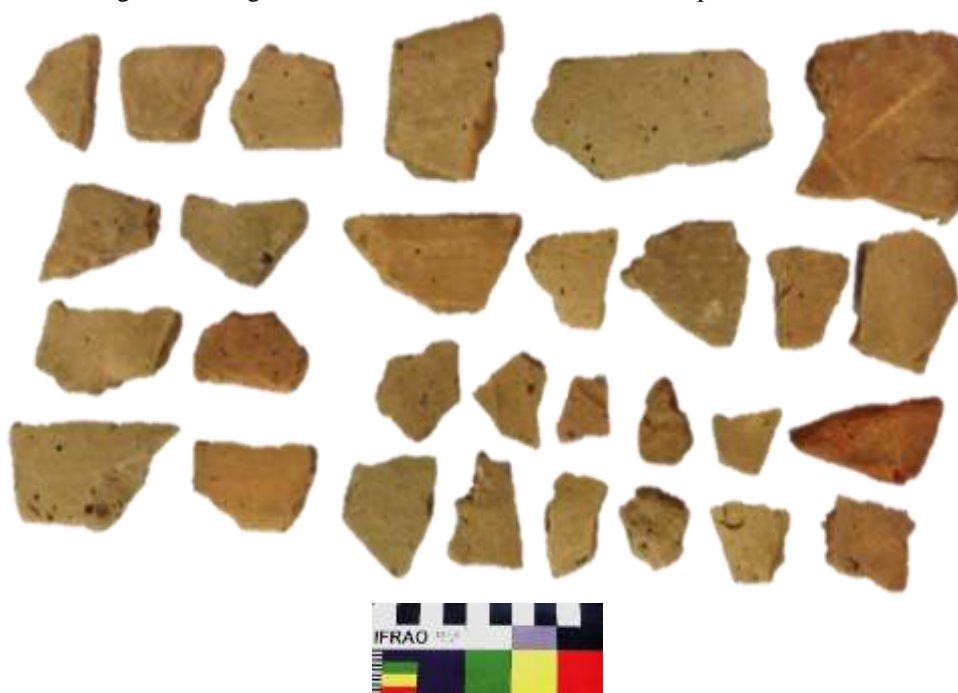
Fonte: Milder (2014).

Figura 57. Material construtivo (fragmentos de telhas) – Rincão dos Flores (VAC. 3).



Fonte: Milder (2018).

Figura 58. Fragmentos de telhas encontrados no nível superficial do sítio.



Fonte: Milder (2018).

Abaixo são apresentados os artefatos metálicos encontrados no sítio pelo proprietário no processo de lavrar e/ou revolver a terra para o cultivo. São moedas de 20, 40 e 80 Réis. As moedas de 40 Réis possuem um carimbo na parte central que difere um do outro em relação a localização exata de sua impressão.

A peça fragmentada em bronze (Figura 60 – à direita), não recebeu uma definição de sua função. A hipótese é de que seu uso pudesse estar associado à partes fragmentadas de ferramentas ou até relacionado à fragmentos de um badalo de sino ou argola para suporte de cordas.

Figura 59. Moedas – sítio arqueológico Rincão dos Flores. Anverso e reverso, respectivamente.



Fonte: Milder (Junho/2021).

Figura 60. Moeda com inscrição do ano 1869 (à esquerda). Peça fragmentada em bronze (à direita).



Fonte: Milder (Junho/2021).



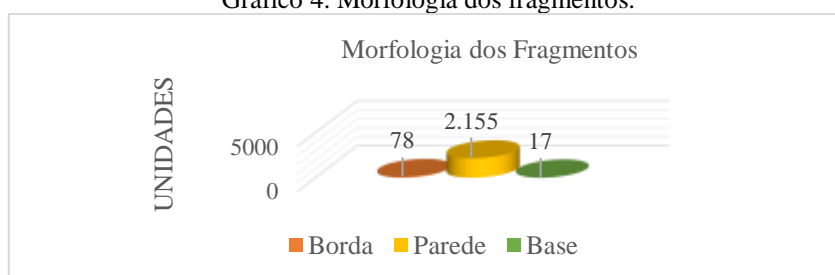
### 3.6 ANÁLISE TIPOLOGICA – SÍTIO ARQUEOLÓGICO ESTÂNCIA VELHA I, II E III (VAC 1, VAC 2 E VAC 4)

A coleção cerâmica do sítio arqueológico Estância Velha é composta por 2.250 unidades de fragmentos. Segundo o Livro de Catálogos do LEPA/UFSM, a localidade de Estância Velha comporta três sítios arqueológicos. Foram realizadas intervenções nessa localidade em diferentes momentos. Dentro de nossa perspectiva, trata-se de três concentrações de materiais arqueológicos distantes uma das outras, dentro do mesmo sítio arqueológico. Em outubro de 1983 e setembro de 1984 foram coletados fragmentos cerâmicos no nível superficial do sítio Vac 1, registrados com o número de catálogo 2, 30, 31, 32 e 33.

Nas mesmas datas e, em local próximo, foi registrado o sítio Vac 2. Seus fragmentos receberam os números de catálogo: 3, 4, 5, 34 e 41.

O sítio Vac 4 recebeu intervenção em agosto/setembro de 1984. Recebeu dois cortes: Corte 1 – do nível superficial até 40 cm de profundidade e Corte 2 – do nível superficial até 25 cm de profundidade. Seus fragmentos foram registrados com os números de catálogo: 37, 38, 39, 40, 42, 43 e 44.

Gráfico 4. Morfologia dos fragmentos.



Fonte: Milder (2019).

Figura 61. Fragmentos de bases (ct.5).



Fonte: Milder (2018).

As bases analisadas são arredondadas e possuem técnica de confecção acordelada. A queima dessas, caracteriza-se com regularidade pela presença das camadas externas e internas, sendo claras ou escuras (Queima 5 ou 6) da figura 55. As bases que aparecem na figura 61,

possuem: ( base à esquerda) – engobo branco na face interna e alisamento na superfície externa. Sua espessura é de 9mm. A pasta possui antiplásticos (grãos de areia e quartzos arredondados), que variam entre 1mm e 2mm. A base que aparece à direita, na Figura 61, possui um relevo central, que se observa na face interna do fragmento. Esse relevo aparece como uma seção da base, com técnica acordelada e mais espesso que as laterais da continuação da base. Neste caso em específico, nossa sugestão é de que se trate de uma base plano convexa (La Salvia; Brochado, 1989, p.120).

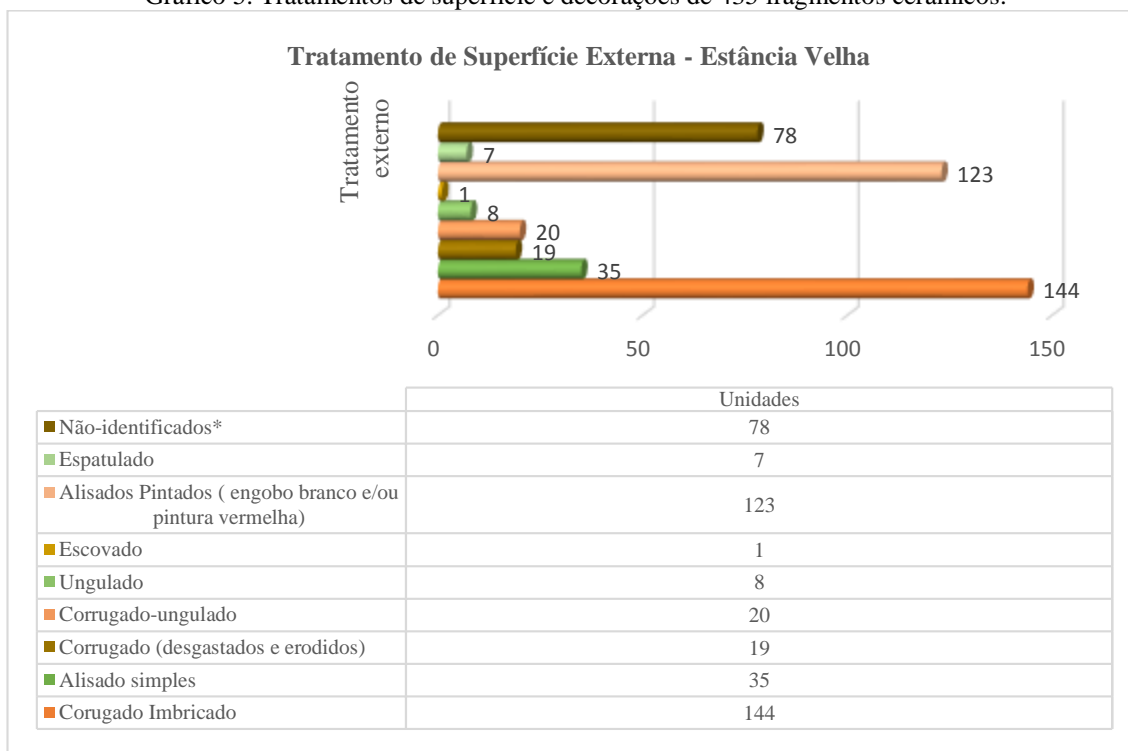
Na figura 62, ambas as bases possuem como técnica de confecção o acordelado. As decorações plásticas observadas foram o corrugado e o corrugado-ungulado. A base à esquerda das imagens (face interna e face externa), pode ser classificada na categoria das bases plano convexas e a base à direita (face externa e face interna) é classificada como convexa côncava.

Figura 62. Bases convexas (faces externas e faces internas, respectivamente).



Fonte: Milder (2018).

Gráfico 5. Tratamentos de superfície e decorações de 435 fragmentos cerâmicos.



Fonte: Milder (2019).

Quadro 23. Variação métrica das espessuras dos fragmentos.

Variação Métrica das Espessuras		
	Mínima	Máxima
Alisado simples	13 mm	15 mm
Alisado com engobo*	8 mm	12 mm
Corrugado imbricado	7 mm	20 mm
Ungulado	6 mm	11 mm
Corrugado -ungulado	10 mm	10 mm
Corrugado (erodido)	9 mm	9 mm
Espatulado	9 mm	10 mm
Escovado	10 mm	10 mm

Fonte: Milder (2019).

Quadro 24. Relação dos antiplásticos x decorações.

Antiplástico	
Alisado simples	Quartzo anguloso (4mm)
	Nódulos óxido ferroso
	Grãos de areia
Alisado com engobo*	Quartzo (2mm - 4mm)
	Nódulos de óxido ferroso (3mm)
	Grãos de areia
Corrugado imbricado	Quartzo (7mm - 12mm)
	Nódulos de óxido ferroso (2mm)
	Grãos de areia (fina e grossa)
Ungulado	Grãos de areia
Corrugado -ungulado	Quartzo (1mm)
	Nódulos de óxido ferroso
	Grãos de areia
Corrugado (erodido)	Nódulos de óxido ferroso (0,7mm)

Espatulado	Grãos de areia
Escovado	Grãos de areia

Fonte: Milder (2019).

Figura 63. Fragmentos de parede. Decoração plástica corrugado imbricado.



Fonte: Milder (2018).

Figura 64. Face interna dos fragmentos da Figura 63.




Fonte: Milder (2019) /Acervo LEPA/UFSM.

Figura 65. Núcleo do fragmento (Ct. 30) com inclusão de antiplástico (quartzo arredondado e areia grossa), em alta quantidade. A inclusão aparece zoneada no fragmento, tornando-o mais resistente e com maior dureza em relação a outros.




Fonte: Milder (2018).

Quadro 25. Fragmento de borda.

<p>Forma das Borda: Extrovertida.          Forma do Lábio: Arredondado.          Técnica de manufatura: Roletado/Acordelado.          Descrição: Fragmento de borda com tratamento de superfície externa ungulado. Barbotina bege na face interna e externa.</p>	 <p>Espessura 0,6 cm 1,0 cm</p>
--	---


Fonte: Milder (2019).

Quadro 26. Fragmento de borda.

<p>Forma das Borda: Introvertida.          Forma do Lábio: Arredondado.          Técnica de manufatura: Roletado/Acordelado.          Descrição: Fragmento de borda com tratamento de superfície externa espatulado. Barbotina cinza na face interna e externa.</p>	 <p>Espessura 0,7 cm 0,9 cm</p>
---	---

Fonte: Milder (2019). /Acervo LEPA/UFSM.

Quadro 27. Fragmento de borda.

<p>Forma das Borda: Introvertida.          Forma do Lábio: Arredondado.          Técnica de manufatura: Roletado/Acordelado.          Descrição: Fragmento de borda com tratamento de superfície externa alisada com engobo branco e faixa de pintura vermelha na secção da parede. Camada de barbotina aparente sob o engobo, na tonalidade alaranjada na face interna e externa. Exemplar com antiplástico exposto (grão de quartzo arredondado) e marca de ação antrópica recente (marca de lâmina de arado), na secção engobada da borda.</p>	 <p>5cm</p>
---	--

Fonte: Milder (2019). /Acervo LEPA/UFSM.

Quadro 28. Fragmento de borda.

<p>Forma das Borda: Introvertida.          Forma do Lábio: Arredondado.          Técnica de manufatura: Roletado/Acordelado.          Descrição: Fragmento de borda (remontada) com tratamento de superfície externa alisada e engobo deteriorado na secção junto à boca.</p>	 <p>5cm</p>
---	---

Fonte: Milder (2019). /Acervo LEPA/UFSM.

Quadro 29. Fragmento de borda torneada (ct. 33).



Fonte: Milder (2018); Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

O fragmento com catálogo 33 (Quadro 29), caracteriza-se por apresentar a forma da borda (parte terminal da parede) levemente introvertida, com lábio arredondado, o qual possui 5mm, sendo menos espesso que a parede (7mm). Possui núcleo com queima homogênea na cor bege. Suas camadas são da mesma cor, sem apresentar marcações zoneadas<sup>59</sup>, característica que se sobressai na análise referente aos outros fragmentos da coleção, devido a sua singularidade.

Apresenta banho na face externa, podendo tratar-se de uma pintura enegrecida. Por apresentar uma pasta bem homogênea e refinada, não foi possível observar a presença de antiplásticos maiores que 2 mm (dois milímetros).

As cerâmicas que foram classificadas com tratamento de superfícies alisadas e pintadas possuem três diferentes tipos de bordas, espessuras e composição da pasta. Diante desta observação, identificamos que se trata de três vasilhas engobadas na secção da borda delimitadas por faixas vermelhas do restante do corpo. Nas Figuras 69 e 70 é possível observar o banho de engobo após a faixa vermelha, sendo que dos 143 fragmentos, onze deles apresentam vestígios de faixas vermelhas, e dezessete deles estão associados também a marcas de fogo em suas paredes.

<sup>59</sup> As marcações zoneadas que aparecem nas superfícies dos fragmentos de cerâmica Guarani são características comuns às peças analisadas.

Quadro 30. Fragmento de borda – ct.40. Desenho e projeção do diâmetro.



Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

O fragmento da figura 66 caracteriza-se por apresentar decoração plástica escovada na superfície externa. A queima (Queima 3) de tal fragmento está representada na figura 55. Seu núcleo é cinza e suas camadas interna e externa são de tom marrom. Os antiplásticos não ultrapassam 1mm de espessura. De forma geral, as marcas de queima aparecem bem marcadas e bem queimadas.

Figura 66. Fragmento de parede com decoração plástica escovada (ct. 3). À direita, perfil com as zonas de queima do núcleo da pasta.



Fonte: Milder (2018).

Quadro 31. Fragmento de borda. Ct.38 e Ct.40/ projeção do diâmetro da boca do vasilhame.



Fonte: Milder (2018).

Figura 67. Paredes alisadas com engobo branco sob grafismos em vermelho (ct. 5).



Fonte: Milder (2018).

Os fragmentos da figura 67 e do quadro 31, tiveram suas paredes remontadas parcial-  
 mente. Ambas as faces (interna e externa), possuem alisamento de suas superfícies. Na face



interna, observou-se a presença de barbotina. Possuem queima bem marcada (Queima 7 – Figura 55), com núcleo cinza escuro. A espessura dos fragmentos é de 15 mm, e a espessura de seus antiplásticos são em média 1mm a 2mm.

Quadro 32. Fragmento de borda. Ct.4/ projeção de diâmetro da boca do vasilhame.



Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

Os fragmentos que remontam parcialmente um vasilhame (*ñaembê*) – Figura 68, pertencem ao catálogo 32 do acervo Victor Hugo. As paredes possuem a espessura de 7 mm, enquanto os fragmentos de borda medem 5 mm. Em relação a forma da borda a peça é classificada como introvertida com lábio apontado. Seu diâmetro mede 24 cm, indicando que se tratava de

um prato comunal (*ñaembé*) para pequenos grupos humanos, conforme a literatura arqueológica aponta (Brochado, 1994).

Na face externa, há grafismos vermelhos sobre engobo branco. Apresenta linhas paralelas e simples em diferentes orientações diagonais, formando uma composição de linhas diagonais. Na segunda secção da vasilha (base) há presença de pintura vermelha. A forma da base residual é convexa. No geral a peça é bem alisada, quase polida, além de possuir marcas de raízes de vegetais em sua face externa, sobre o grafismo.

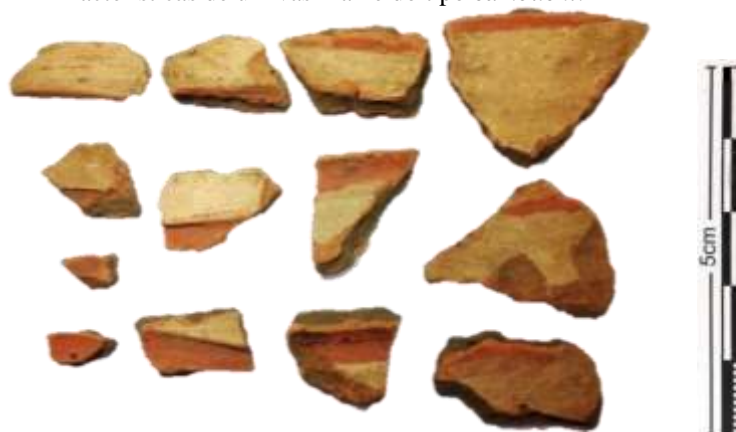
Na face interna, há presença de uma faixa ou banda vermelha (1,4 cm de espessura) na boca da vasilha. A parede interna é bem alisada e na coloração marrom avermelhada. Também se notam nódulos de óxido ferroso (0,1 – 0,2 cm de espessura) em sua pasta, possuindo queima homogênea.

Figura 68. Vasilha remontada parcialmente (ct. 32).



Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

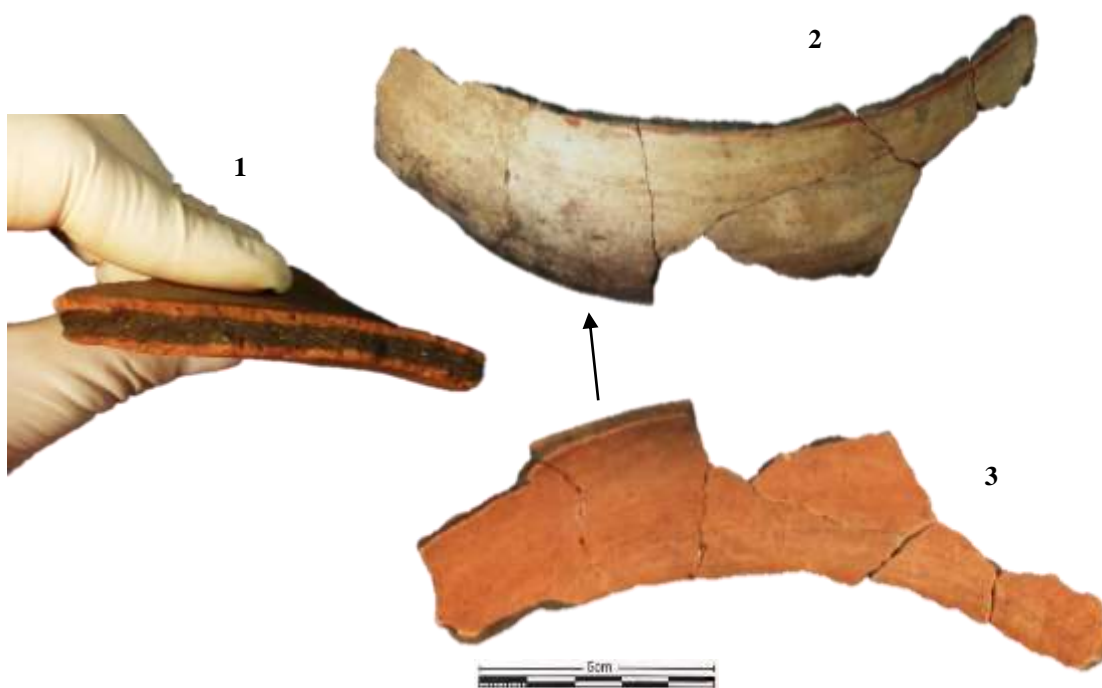
Figura 69. Fragmentos de paredes com aplicação de engobo branco e pintura (faixas ou bandas) vermelhas, características de um vasilhame do tipo *cambuchi*.



Fonte: Milder (2018).

Os fragmentos possuem, quase no total, como técnica de confecção o acordelado. Foram identificados três fragmentos cerâmicos com técnica torneada.

Figura 70. (1) Queima da pasta com zonas bem marcadas. (2) Remontagem de fragmentos (face externa). (3) face interna.



Fonte: Milder (2018).

Figura 71. Vasilha fragmentada (ct.5). Forma e dimensões de um *Ñamôpyu*, *ñamypiu*.



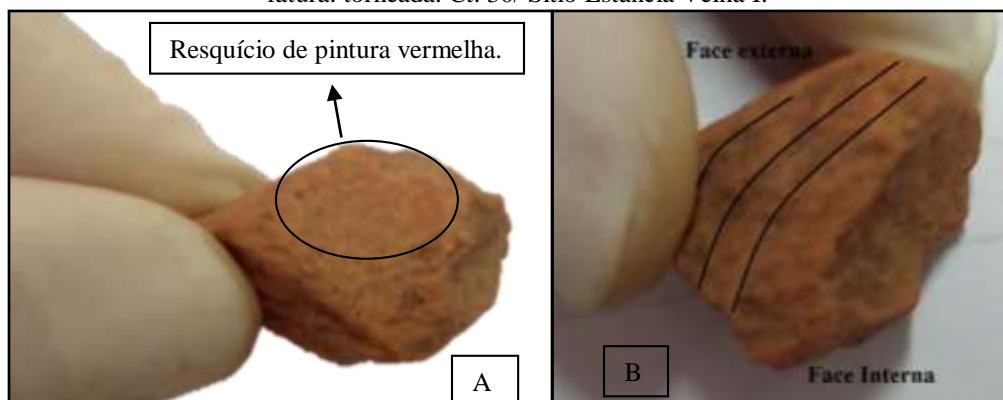
Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmento (2019).

A peça (Figura 71) possui borda levemente introvertida e lábio arredondado, o diâmetro da boca mede 12 cm. Apresenta pequenas unguiações dispostas nas faces interna e externa, de maneira assimétrica. Apresenta borda com espessura de 6mm e base com 13mm de espessura, essa possui zoneamento nas cores cinza e marrom oriunda do processo de queima. O núcleo da pasta é homogêneo na cor cinza escuro. Suas camadas externa e interna são marrons. Os antiplásticos observados foram: grãos de areia e micro nódulos de óxido ferroso.

Na face externa, o artefato apresenta uma sequência de unguiações em simetria, mais próximas da borda. Outras unguiações aparecem de forma dispersa na base, juntamente com marcas ou incisões de algum instrumento ou apoio utilizado durante o processo de confecção da peça, quando a argila ainda estava moldável. As unguiações externas podem ser consideradas de tamanho pequeno em relação às encontradas em fragmentos de proporções maiores. Elas medem 6 mm na face externa.

Na face interna, há presença de micro unguiações quase no centro da peça. As demais zonas da face interna apresentam alisamento. Foram observados cinco micros unguiações com a mesma medida (3mm). A borda possui seis micros unguiações. Essas possuem 3mm de comprimento e estão concentradas em apenas uma porção da peça.

Figura 72. (A) - Fragmento de parede, com resquício de pintura vermelha na face externa. (B) - Técnica de manufatura: torneada. Ct. 30/ Sítio Estância Velha I.



Fonte: Milder (2018).

O fragmento da Figura 73, (Ct. 4) é caracterizado morfológicamente como uma parede (10 mm) que preserva parte de sua borda e bojo. Possui como tratamento de superfície a decoração corrugada. A borda é extrovertida e o lábio arredondado, medindo 5 mm de espessura. A queima é homogênea e a pasta possui núcleo cinza com camadas interna bem externa definidas. A parede interna é bem alisada e há presença de nódulos de óxido ferroso (3mm). Inferimos que devido às características tecnológicas da peça que se trata de uma miniatura de *yapepó mini*.

Figura 73. Fragmento de vasilha Guarani (ct. 4).



Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

A remontagem (Figura 74) parcial de uma vasilha do tipo *cambuchí* proporcionou caracterizar a peça com aplicação de tratamento de superfície alisado com engobo branco e faixa ou banda vermelha, dividindo a borda no início do bojo. Possui borda direta, lábio apontado e pintado de vermelho.

A borda da vasilha está em relevo em relação a parede. Esse detalhe fornece a vasilha um aspecto cinturado em sua boca, pois abaixo da faixa ou banda vermelha abre-se o campo do bojo. Acima, a borda recebe um pescoço para logo em seguida expandir-se para a abertura da vasilha (espessura da parede: 0,8 cm, espessura da borda: 0,6 cm, espessura do pescoço: 0,7 cm).

A queima é homogênea com núcleo cinza e camadas interna e externa laranja. Há evidências de marcas do instrumento utilizado para alisar a face interna, além da presença de banho com argila avermelhada. Possui diâmetro de 40 cm.

Figura 74. Fragmentos remontados (bordas e paredes) / ct. 40/39.



Fonte: Milder (2019).

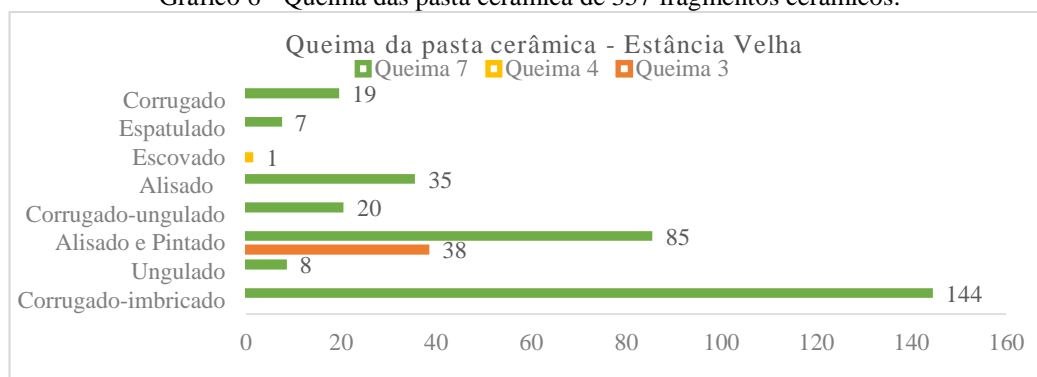
A Figura 75 caracteriza-se morfológicamente como uma borda de 10 mm de espessura introvertida com lábio arredondado. Na superfície externa foi aplicado um tratamento plástico espatulado. A parede possui 11 mm e sua queima é homogênea, apresentando um núcleo cinza com camadas interna e externa alaranjadas. O diâmetro da boca é de 30 cm.

Figura 75. Fragmento de borda espatulado (Ct. 5).



Fonte: Milder (2019).

Gráfico 6 - Queima das pasta cerâmica de 357 fragmentos cerâmicos.



Fonte: Milder (2019).

Quadro 33. Relação da queima x tratamento de superfície.

Queima X Tratamento de superfície: Alisados e Pintados com engobo branco e/ou pintura vermelha		
Queima/ Cor do núcleo	Nº de frag- mentos	Banho
Núcleo central cinza escuro. Camadas interna e externa na coloração laranja ou marrom (queima 7).	85 unida- des	Todos os fragmentos com barbotina avermelhada e marcas de alisamento.
Núcleo central cinza escuro. Camadas interna e externa na coloração laranja (queima 3).	38 unida- des	Barbotinas internas e externas com variação da tonalidade laranja.

Fonte: Milder (2019).

Figura 76. Fragmento de grês.



Fonte: Milder (2019).

O fragmento de grês coletado (nível superficial) no sítio Estância Velha possui pasta densa e forte, impermeável e grãos muito finos. Sabe-se que este tipo de louça é cozido a altas temperaturas, fator que os aproximam das porcelanas (ZANETTINI, 1986, p. 121). Pileggi (1958, p. 194), afirma que a origem do grês-cerâmico é alemã, datando do século XV. No Brasil, sua presença ocorreu a partir do Século XVII (ZANETTINI, 1986).

### 3.7 ANÁLISE TIPOLOGICA – SÍTIO ARQUEOLÓGICO ESTRADA/ALTO DAS PALMEIRAS

O sítio arqueológico Alto das Palmeiras (VAC.M.6) recebeu intervenções da equipe da UFSM, em dois de seus pontos, entre os anos de 1985, 1986, 1987 e 1988, na estrada que corta o sítio arqueológico e próximo da residência do proprietário das terras.

Nos registros de campo, as intervenções receberam nomenclaturas diferentes sendo: Estrada Alto das Palmeiras (um dos pontos com mancha escura no solo, associado a cerâmica Guarani) e, Alto das Palmeiras (contendo as mesmas características). Assim, para fins de compreensão, partimos da ideia de que se trata de apenas 1(um) sítio arqueológico. Neste sentido, a análise em laboratório seguiu a organização estabelecida em campo. O total de fragmentos cerâmicos contabilizam 2.495 unidades.

Quadro 34. Quadro com a sistematização das três intervenções realizadas no Sítio VAC M. 6 pela equipe do professor Victor Hugo, relacionadas com a metodologia aplicada em campo.

<b>Sítio Arqueológico Estrada /Alto das Palmeiras VAC M 6 – Sítio Cerâmico</b>				
<b>Concentração (“Mancha”)</b>	<b>Intervenção</b>	<b>Número Catálogo</b>	<b>Profundidade</b>	<b>Data de Coleta</b>
Aleatório	Coleta Superficial	Ct. 63	Superfície do terreno	19/10/1985
Aleatório	Coleta Superficial	Ct.64	Superfície do terreno	19/10/1985
Aleatório	Coleta Superficial	Ct. 97	Superfície do terreno	19/09/1987
Mancha “A”	Corte 1	Ct.98	0-15cm	19/09/1987
Mancha “A”	Corte 1	Ct.99	15-30cm *Carvão	19/09/1987
Mancha “B”	Coleta Superficial	Ct.100	Superfície do terreno	19/09/1987
Mancha “B”	Corte 2	Ct. 101	0-15cm	19/09/1987
Mancha “B”	Corte 2	Ct.102	15-30cm	19/09/1987
Aleatório	Coleta Superficial	Ct.104	Superfície do terreno	29/04/1988
Mancha “A”	Corte 1	Ct.105	0-15cm	29/04/1988
Mancha “B”	Corte 2	estéril	30-40cm	19/09/1987
Mancha “A”	Corte 1	estéril	30-40cm	19/09-1987
I-A	I-A (estrada)	Ct.67	Superfície do terreno	21/03/1986
II	II (estrada)	Ct.68	Superfície do terreno	21/03/1986
I-A	I-A (estrada)	Ct.76	Superfície do terreno	11/07/1986
I-A	I-A (estrada)/Corte 1	Ct. 77	0-20cm	11/07/1986
I-A	I-A (estrada)/Corte 1	Ct.78	20-30cm	11/07/1986
I-A	I-A (estrada)/Corte 1	Ct. 79	30-40cm	11/07/1986



I-A	I-A (estrada)/Corte 2	Ct.80	30-45cm	11/07/1986
I-B	I-B (estrada)	Ct.81	Superfície do terreno	11/07/1986
Mancha "A"	Coleta Superficial	Ct.97	Superfície do terreno	19/09/1987
Mancha "A"	Corte 1	Ct.98	0-15cm	19/09/1987
Mancha "A"	Corte 1	Ct. 99	15-20cm	19/09/1987
Mancha "B"	Coleta Superficial	Ct.100	Superfície do terreno	19/09/1987
Mancha "B"	Corte 2	Ct.101	0-15cm	19/09/1987
Mancha "B"	Corte 2	Ct.102	15-30cm	19/09/1987
Aleatório	Coleta Superficial	Ct. 104	Superfície do terreno	29/04/1988
Mancha "A"	Corte 1	Ct. 105	0-15cm	29/04/1988

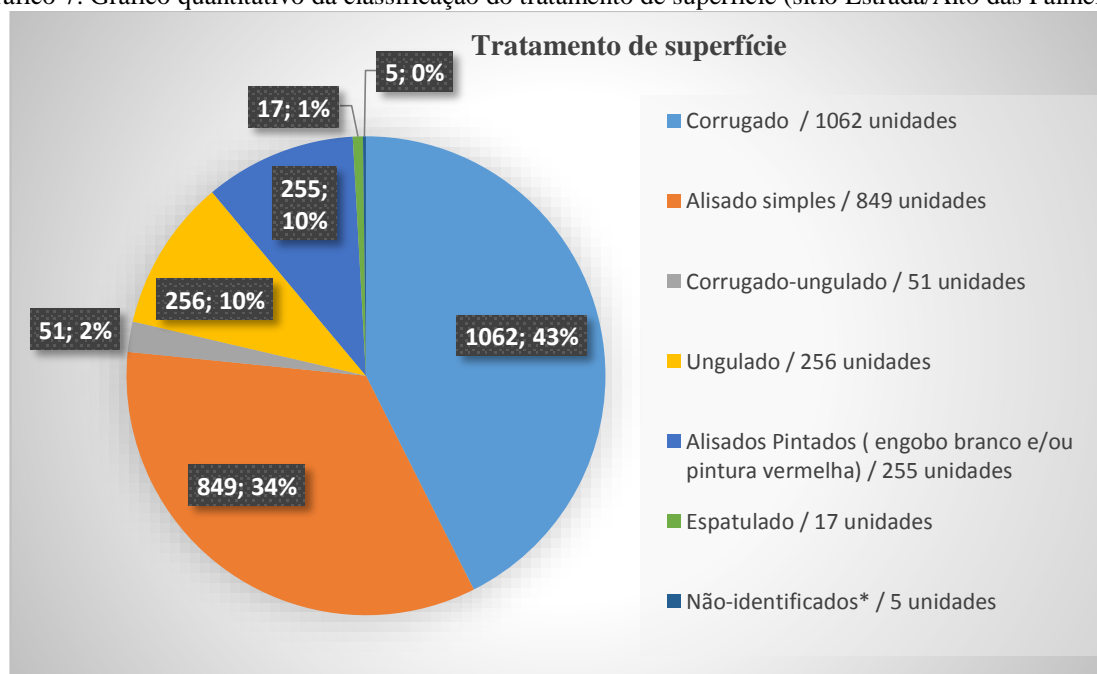
Fonte: Milder (2019) com base nos registros do Livro Catálogo do LEPA, croquis e no relatório sobre o Sítio Alto das Palmeiras.

Quadro 35. Variação métrica das espessuras dos fragmentos.

Variação Métrica das Espessuras		
	Mínima	Máxima
Alisado simples	6 mm	20 mm
Alisado / Pintados (engobo branco e/ou pintura vermelha)	5 mm	22 mm
Ungulado	5 mm	13 mm
Corrugado –ungulado	6 mm	15 mm
Corrugado	7 mm	18 mm

Fonte: Milder (2019).

Gráfico 7. Gráfico quantitativo da classificação do tratamento de superfície (sítio Estrada/Alto das Palmeiras).



Fonte: Milder (2019).

Quadro 36. Relação dos antiplásticos x decorações.

Tratamento de superfície /Antiplásticos		
Alisado simples	Quartzo	
	Nódulos óxido ferroso (1 mm – 6mm)	
	Caulim moído	
	Grãos de areia	
		849 unidades.
Alisado com engobo*	Quartzo	
	Nódulos de óxido ferroso (3mm)	
		255 unidades.

Grãos de areia		
Ungulado	Grãos de quartzo angulosos	256 unidades.
	Grãos de areia	
	Nódulos de óxido ferroso (1mm)	
Corrugado -ungulado	Quartzo rosa (8mm – 12 mm)	51 unidades.
	Nódulos de óxido ferroso	
	Grãos de areia	
Corrugado	Nódulos de óxido ferroso (2mm)	1062 unidades.
	Quartzo arredondado (1mm)	
	Grãos de areia	
	Quartzo leitoso (4mm)	

Fonte: Milder (2019).

No quadro 37, apresentamos a análise morfológica e quantificação da coleção.

Quadro 37. Morfologia e quantificação da coleção arqueológica cerâmica do sítio Alto das Palmeiras.

Lote	Nº de catálogo	Morfologia		
		Borda	Base	Parede
Lote 1	78/I-A	5		8
Lote 2	81/I-B	16		64
Lote 3	76/I-A	14		139
Lote 4	68/II	1		79
Lote 5	77/I-A	7		45
Lote 7	80/I-A	10	2	70
Lote 14	67/I-A	5		21
Lote 15	79/I/A	5		44
Total (morfologia)		63	2	1.147

Fonte: Milder (2019).

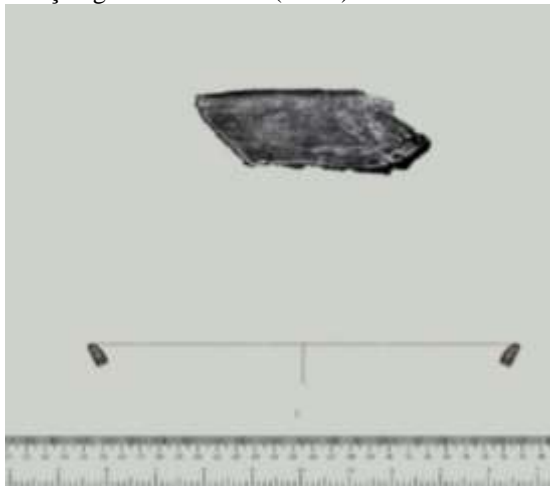
Lote	Nº de catálogo	Morfologia			
		Borda	Base	Asa	Parede
Lote 6	64	19		1	167
Lote 8	100/B	11			41
Lote 9	63	25			46
Lote 10	98/A	9			93
Lote 11	97/A	4			11
Lote 12	101/B				3
Lote 13	102/B	1			5
-	104	12			57
-	105	10			52
-	Sem catálogo	16			
Total (morfologia)		107		1	1.234

Quadro 38. Fragmento de borda (ct. 68).

<p>Forma das Borda: Introvertida.          Forma do Lábio: Arredondado.          Técnica de manufatura: Roletado/Acordelado.          Espessura da parede: 0,9 cm          Espessura da borda: 0,6 cm</p> <p>Descrição: Fragmentos de bordas (remontada) com tratamento de superfície externa alisada e engobada (desgastada). Face interna engobada (branco) com resquícios de grafismos em vermelho. Lábio pintado em vermelho (externo e interno). A queima caracteriza-se pela presença de núcleo cinza com camadas interna e externa bege.</p>	
---	--

Fonte: Milder (2018).

Figura 77. Representação gráfica de borda (ct. 68). Diâmetro de abertura (boca): 23 cm.

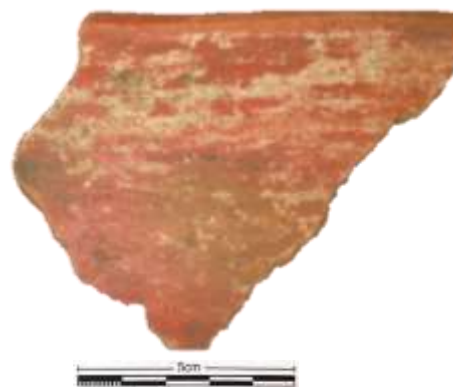


Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

Quadro 39. Fragmento de borda (ct.67).

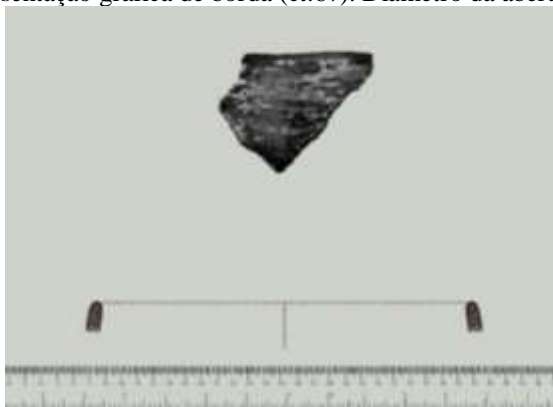
Forma das Borda: (levemente) Introvertida.  
 Forma do Lábio: Arredondado.  
 Técnica de manufatura: Roletado/Acordelado.  
 Espessura da parede: 0,7 cm  
 Espessura da borda: 0,5 cm

Descrição: Fragmento de borda com tratamento de superfície externa alisada com engobo branco sob pintura vermelha. A queima caracteriza-se por apresentar núcleo cinza escuro e camadas laranja (tijolo).



Fonte: Milder (2018).

Figura 78. Representação gráfica de borda (ct.67). Diâmetro da abertura (boca): 24 cm.



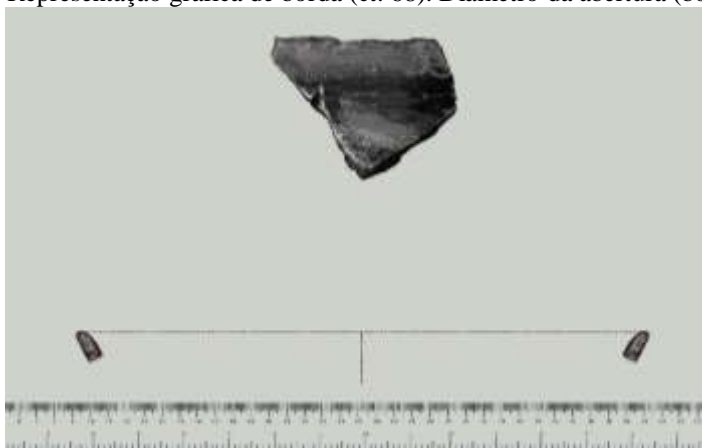
Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

Quadro 40. Fragmento de borda (ct.68).



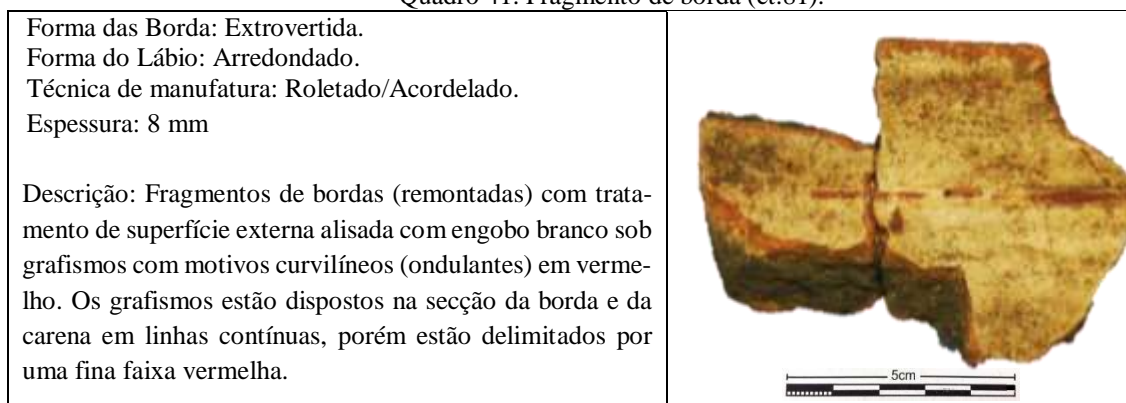
Fonte: Milder (2018).

Figura 79. Representação gráfica de borda (ct. 68). Diâmetro da abertura (boca): 32 cm.



Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmento (2019).

Quadro 41. Fragmento de borda (ct.81).

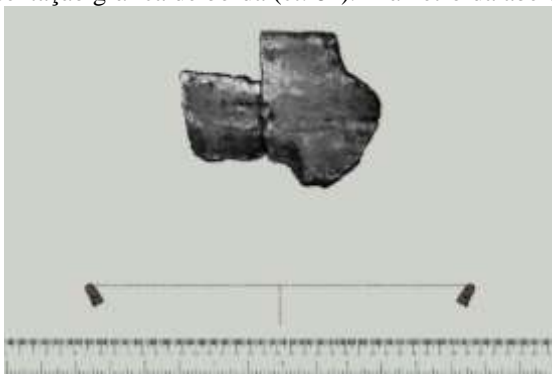


Fonte: Milder (2018).

A borda – ct.81/ (quadro 41), caracteriza-se por possuir superfície de tratamento alisada com engobo branco sob linhas e grafismos vermelhos. A queima da pasta indica um núcleo cinza com camadas interna e externa laranja (tijolo). Foi observado que os fragmentos de *campuchí* do sítio Estância Velha, em sua grande maioria possuem antiplásticos bem distribuídos e

moídos, o que torna as pastas homogêneas e sem rugosidades. Os fragmentos possuem uma dureza maior se comparados com fragmentos que possuam outro tratamento de superfície.

Figura 80. Representação gráfica de borda (ct. 81). Diâmetro da abertura (boca): 28 cm.



Fonte: /Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

A remontagem que aparece no quadro 42, possui em sua superfície de tratamento, unguilações que estão dispostas em sentidos diferentes. Em média cada unguilação possui 0,8 cm de comprimento. A queima caracteriza-se por apresentar um núcleo central cinza e camadas interna e externa zoneadas de bege e cinza. Há presença de grãos de quartzo, possivelmente originárias da argila.

Quadro 42. Fragmento de borda (remontagem) – ct.76.



Fonte: Milder (2018).

Figura 81. Representação gráfica de borda (ct. 76). Diâmetro: 24 cm.



Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

Na figura 82, a borda parcialmente remontada de um *cambuchí*, caracteriza-se por apresentar lábio apontado, borda introvertida, espessura da parede: 1,0 cm, espessura da borda: 0,6 cm, núcleo central homogêneo cinza com camadas interna e externa bege.

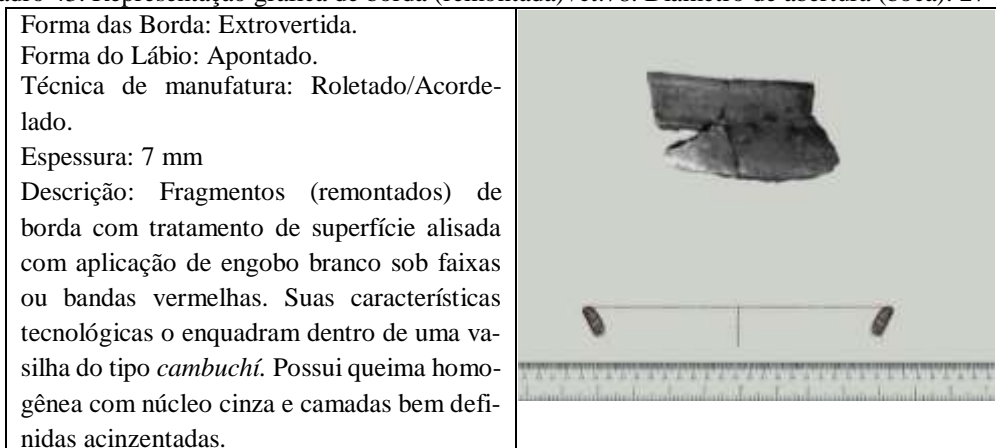
A face externa possui aplicação de engobo sob pintura vermelha. A faixa ou banda em vermelho na borda possui espessura de 10mm na face externa e de 15 mm na face interna.

Figura 82. Representação gráfica de borda (remontada) /ct.78. Diâmetro de abertura (boca): 13 – 15 cm.



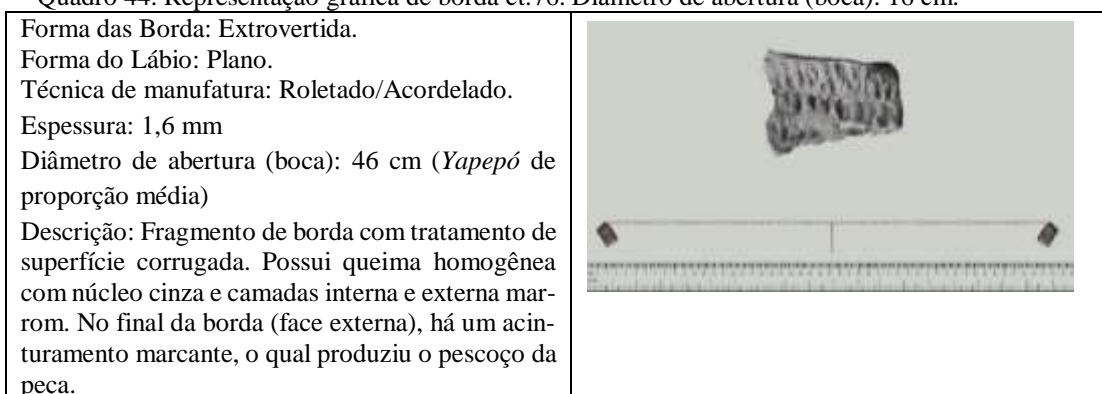
Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

Quadro 43. Representação gráfica de borda (remontada) /ct.78. Diâmetro de abertura (boca): 27 cm.



Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

Quadro 44. Representação gráfica de borda ct.76. Diâmetro de abertura (boca): 16 cm.



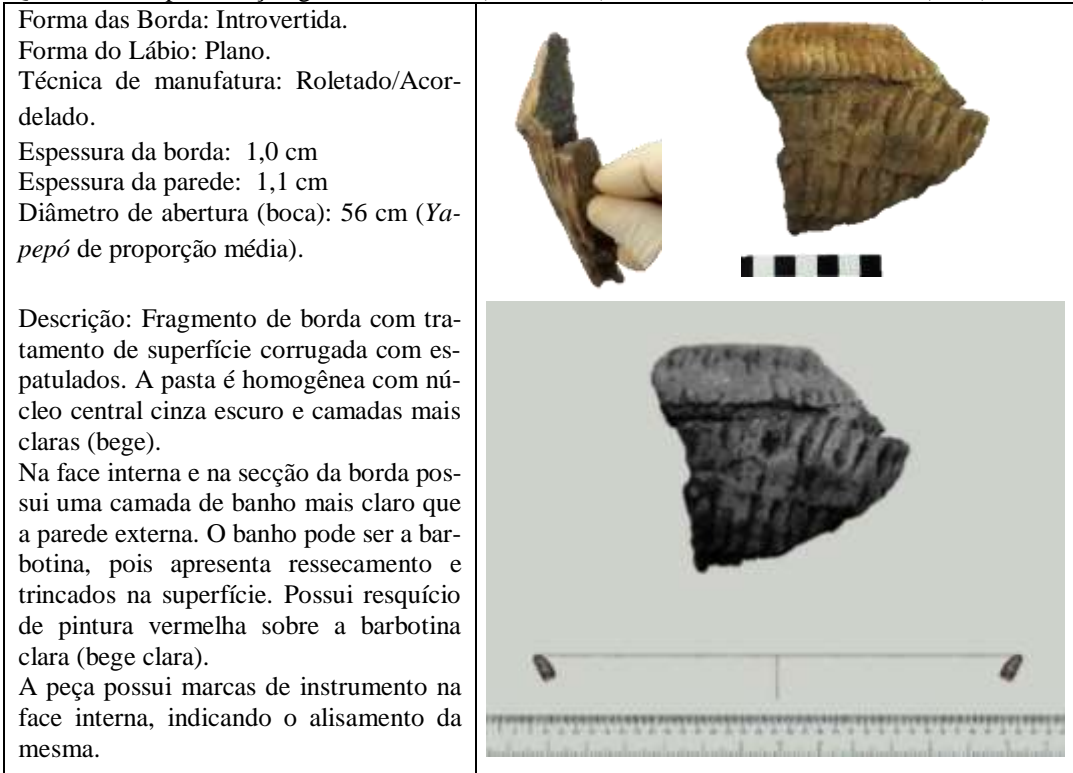
Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

Figura 83. Fragmento de parede com decoração plástica escovada.



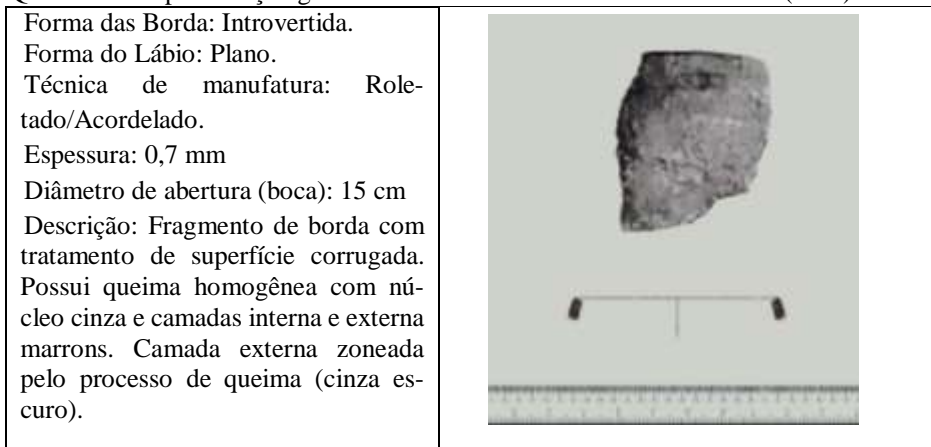
Fonte: Milder (2018).

Quadro 45. Representação gráfica de borda (remontada) /ct.68. Diâmetro de abertura (boca): 56 cm.



Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmento (2019).


Quadro 46. Representação gráfica de borda /ct.63. Diâmetro de abertura (boca): 15 cm.



Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmento (2019).

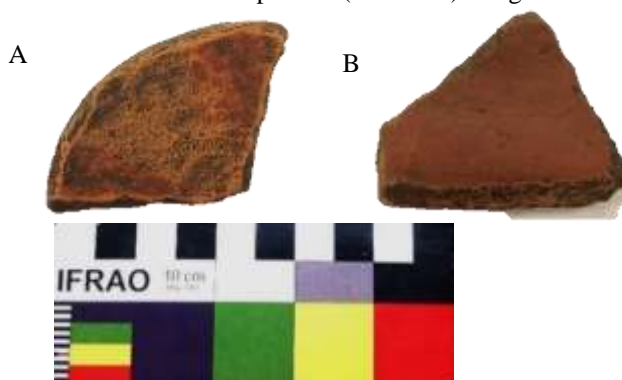


Quadro 47. Representação gráfica de borda /ct.98. Diâmetro de abertura (boca): 22 cm.

<p>Forma das Borda: Extrovertida.          Forma do Lábio: Arredondado.          Técnica de manufatura: Roletado/Acorde-          lado.          Espessura: 0,7 mm          Diâmetro de abertura (boca): 22 cm          Descrição: Fragmento de borda com trata-          mento de superfície alisada com engobo          branco, grafismos e faixas e/ou bandas ver-          melhas (linhas ondulantes).          Face interna: alisada com reforço na borda          e pintura vermelha.</p>	
---	--

Fonte: Milder (2018) /Desenho: Rafael Sarmiento (2019).

Figura 84. A - Fragmento de base (s/catálogo), com face interna alisada e pintada (vermelho). B - Fragmento de parede (s/catálogo), com face interna alisada e pintada (vermelho). Fragmentos coletados no perfil da estrada.



Fonte: Milder (2014).

Os fragmentos de bases da figura 84 possuem a superfície interna com pintura vermelha. No primeiro exemplo (A), o fragmento possui bandas vermelhas. No exemplo (B), a pintura vermelha cobre toda a superfície interna do fragmento.

Em relação a queima das pastas cerâmicas e da observação do núcleo de 2.495<sup>60</sup>, fragmentos pertencentes ao sítio VAC.M6, foi possível observar as particularidades e relacioná-las com os demais aspectos tecnológicos, como por exemplo, tratamento de superfície, anti-plásticos (e suas variações métricas), formas, grafismos e/ou pinturas externas ou internas e o contexto arqueológico.

Os fragmentos que apresentam superfície de tratamento alisadas (simples) possuem queima homogênea com núcleos cinza escuro e camadas bem definidas alaranjadas, beges ou com presença de barbotina branca ou acinzentada. As camadas internas e externas ainda que

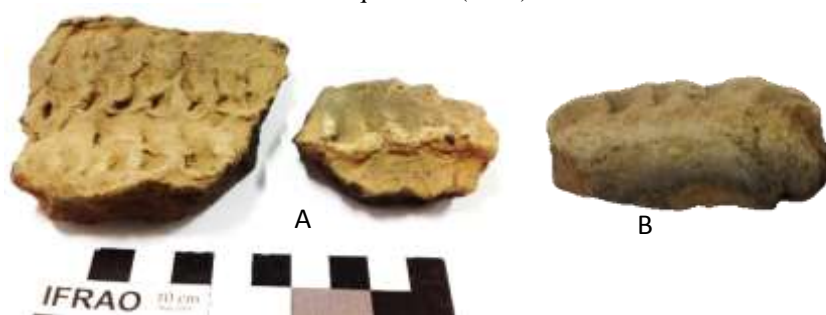
<sup>60</sup> Esta quantidade não representa o total da coleção VAC. M6, pois existem peças que ainda não receberam catálogo ou que foram analisadas em campo.

bem definidas, podem apresentar variações de coloração no mesmo fragmento, como por exemplo, camada interna cinza e camada externa laranja. Portanto, enquadram-se dentro do que Del forge (2017) designa de queima 7, em que: na seção transversal há presença de núcleo central e espesso e camadas oxidadas finas e bem definidas.

Nos fragmentos com decoração plástica corrugada as queimas são homogêneas (queima 7), os núcleos são de coloração cinza ou cinza escuro<sup>61</sup>, com camadas internas e externas bem definidas (cinza, bege, marrom ou mais claras - acinzentadas ou alaranjadas) ou núcleos bege, laranja ou marrom com camadas de outra coloração. Alguns fragmentos que possuem o núcleo cinza escuro e as camadas definidas na face interna e externa, apresentam uma queima zoneada (Figura 85) em suas superfícies.

Os núcleos pastosos de alguns fragmentos corrugados (10%) apresentam uma seção transversal com camada clara na parte externa e uma camada escura na parte interna (queima 5). Outros 10 %, apresentam a seção transversal com núcleo escuro e camada interna e externa claras (queima 3).

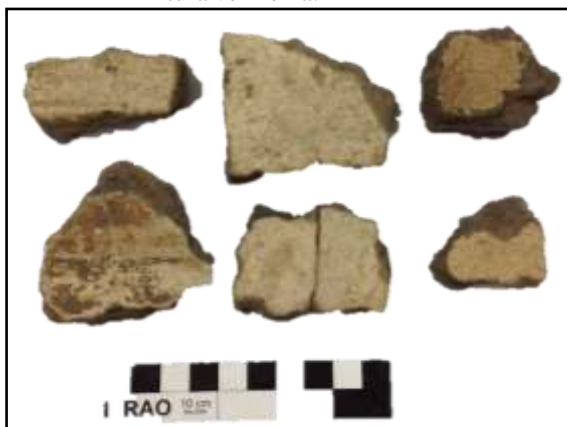
Figura 85. Fragmentos corrugados/espátulados com colorações diferentes em sua superfície externa (A). Fragmento com queima 5 (ct.64).



As queimas observadas nos fragmentos que possuem a superfície alisada com aplicação de engobo, pinturas vermelhas e grafismos possuem núcleos homogêneos (queima 7) cinza escuro com camadas definidas. Alguns destes fragmentos possuem também barbotina interna e externa de coloração bege com aplicação de engobo branco e/ou pintura/grafismos vermelhos.

<sup>61</sup> Todas as bordas da coleção foram classificadas como sendo queima 7.

Figura 86. Fragmentos cerâmicos com núcleos escuros e superfícies de tratamento alisadas com engobo e/ou pintura vermelha.



Fonte: Milder (2019).

Os fragmentos com tratamento de superfície unglada e corrugada-unglada, mesmo os que possuem pintura vermelha na face interna, apresentam uma queima homogênea (7), onde prevalecem os núcleos cinza escuro e camadas internas e externas da pasta bem definidas. Foi observado em menos de 10% da totalidade de fragmentos unglados uma queima sem presença de núcleos com cor uniforme variando do cinza ao preto (queima 4), os quais não há presença de barbotina.

## 4 MÉTODOS E ANÁLISES TÉCNICAS DA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

### 4.1 MÉTODOS E TÉCNICAS PARA O ESTUDO TÉCNICO

Também nessa etapa estão incluídas as análises químicas para análise da pasta e de seus elementos químicos: Microscopia Óptica, Difração de RX (DRX) e Microscopia Eletrônica de Varredura - Espectroscopia de Dispersão de Energia (MEV-EDE).

As amostras foram submetidas aos procedimentos de análises químicas em laboratório especializado. Estes têm como objetivo principal a observação microscópica da composição mineralógica e granulométrica da matéria-prima dos fragmentos, a fim de obter resultados que irão compor um quadro analítico mais amplo da tecnologia cerâmica e das escolhas dos grupos humanos pretéritos que habitaram a região central do Estado do Rio Grande do Sul.

Para a identificação da composição química e mineral das fontes de matérias-primas existem possibilidades diversas para análise, ou seja, diferentes métodos instrumentais. No entanto, a descrição macroscópica deve ser a primeira etapa da investigação analítica da composição química dos artefatos e/ou matérias-primas.

Para a utilização dos métodos instrumentais de análise, é necessário “um corpo de amostras bastante alargado de forma a resolver o significado dos resultados” (BICHO, 2006, p. 11). Além disso, cada análise instrumental possui uma sensibilidade diferente para os elementos. Como resultado das análises instrumentais são apresentadas lista de frequências relativas as dezenas de elementos químicos, os quais são considerados pelos arqueólogos dentro de um contexto social e arqueológico, abrindo margem para interpretações que privilegiam as escolhas tecnológicas dos grupos, tema que será apresentado no desenvolvimento da tese.

*Descrição macroscópica:* para as cerâmicas, o arqueólogo deve descrever sua pasta em detalhes, sobretudo os aspectos e elementos que dizem respeito às inclusões, textura, homogeneidade da pasta, tamanho do grão, cor interior e exterior da pasta (HERZ, 2001 APUD BICHO, 2006).

*Análise petrográfica:* A análise petrográfica arqueológica baseia-se no estudo microscópico das amostras de cerâmica ou argila e/ou rochas (cerâmicas e líticos). Tem como objetivo o estudo dos grupos de minerais presentes nas amostras e/ou artefatos arqueológicos. (SHEPARD, 1980; BISHOP et al., 1982; RICE, 1987; RAPP E HILL, 1998; STOLTMAN, 2001; WHITBREAD, 2001; BICHO, 2006)

A observação pode ser feita com luz polarizada simples, ou cruzada, e convergente. Este processo permite a identificação das características dos minerais (percepção dos vários eixos ópticos e dos índices de refração).

Abaixo, apresentamos uma sugestão de procedimento para a confecção das lâminas delgadas, segundo Bicho (2006):

- 1-Obtenção de um conjunto de amostras das cerâmicas.
- 2-Corte e colocação em epóxi (resina) para dar resistência.
- 3-A amostra é colocada na lâmina delgada (com auxílio de resina).
- 4-Deve-se lixar com pó de diamante até a espessura desejada (mais fina para as cerâmicas) 30 microns (0,03mm).
- 5- A lâmina delgada é protegida com uma lamela de vidro (para a conservação da amostra).

A escolha da amostra: A sugestão é incluir fragmentos da superfície do recipiente (para análise do tratamento de superfície / aplicações cromáticas e utilização de engobo).

#### 4.1.1 Difração de RX

De acordo com Goulart (2005), o método de difração de raios-X, além de permitir uma análise da composição mineralógica dos artefatos, possibilita a avaliação da temperatura de queima dos mesmos. Para os materiais cerâmicos observa-se que estes possuem a caulinita como principal argilomineral. Assim, a presença ou ausência desta fornecerá informações que permitem inferir interpretações sobre a temperatura de queima. A presença de caulinita nas amostras cerâmicas permite afirmar, portanto, que as temperaturas durante o processo de queima não ultrapassaram os 550°C (temperatura onde há destruição da caulinita).

Figura 87. Equipamento utilizado na primeira fase de análises químicas por Difractometria de Raios-X. Laboratório de Magnetismo do Curso de Física da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.



Fonte: Milder (2018).

A Difractometria de Raios-X é um meio através do qual pode-se inferir os índices de temperatura de queima, devido ao prévio conhecimento sobre o fato de que a argila deveria conter a caulinita, assim sua presença ou ausência na amostra cerâmica possibilita a inferência da temperatura de queima (LEITE, 1986; ALVES, 1994). Assim, quando a caulinita não aparece nos difratogramas, pode-se concluir que os artefatos cerâmicos foram queimados a temperaturas superiores a 550°C. (LEITE, 1986; ALVES, 1994; ZUSE, 2009). Zuse (2009, p. 223) afirma que a temperatura de 550°C é alcançada em fogueiras abertas.

Figura 88. Amostra 07: Amostra preparada em laboratório para procedimento de análise por difratometria de Raios-X. Raspagem do engobo vermelho/face interna do fragmento (ct.64). Fragmento de borda. Proveniência da amostra: sítio arqueológico Alto das Palmeiras.

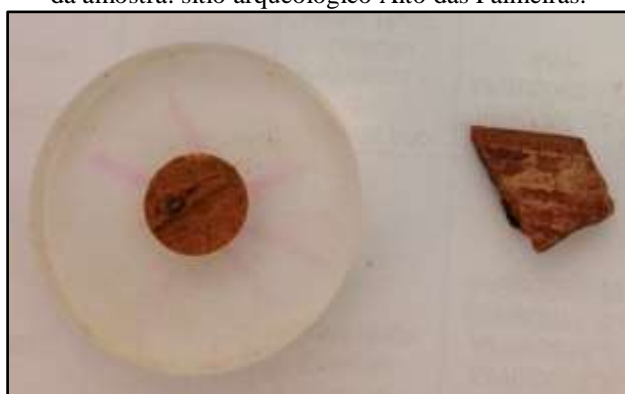


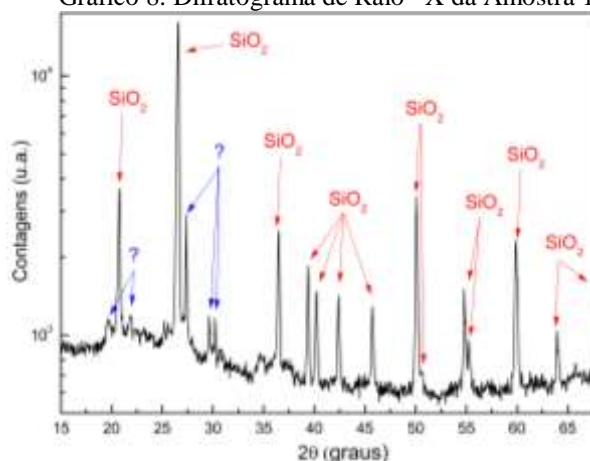
Imagem: Milder (2019).

No gráfico 8 aparecem os picos de Dióxido de Silício ( $\text{SiO}_2$ ), conhecido popularmente como Quartzo. Essa estrutura cristalográfica está presente na Amostra 1, pertencente ao sítio Rincão dos Flores, com número de catálogo 45. O fragmento cerâmico foi inserido dentro da categoria de materiais construtivos. A hipótese é de que se trata de uma evidência de ladrilho, tijoleta ou telha colonial. De acordo com a análise em laboratório, através da observação do técnico<sup>62</sup>, a amostra 1 não possui a presença de caulinita.

---

<sup>62</sup> Devido à falta de recursos e validade do programa que contém a base de dados para a identificação dos picos das estruturas cristalográficas das amostras, pela técnica de DRX, os resultados foram obtidos no laboratório de Magnetismo e Materiais Magnéticos, porém, a identificação dos picos em forma de gráficos foi realizada em outro programa. Apesar disso, algumas importantes e recorrentes observações técnicas foram relatadas durante o processo de difratometria em laboratório. Assim, os resultados obtidos nos gráficos e o conhecimento técnico prévio, foram essenciais para a interpretação dos resultados.

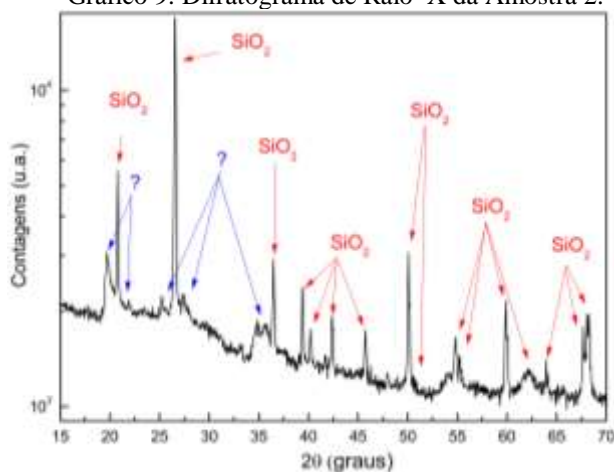
Gráfico 8. Difratoograma de Raio -X da Amostra 1.



Fonte: Programa *Match!3/Crystal Impact*. Banco de dados: *Crystallography open database*.  
Gráfico: Bruno Monteiro.

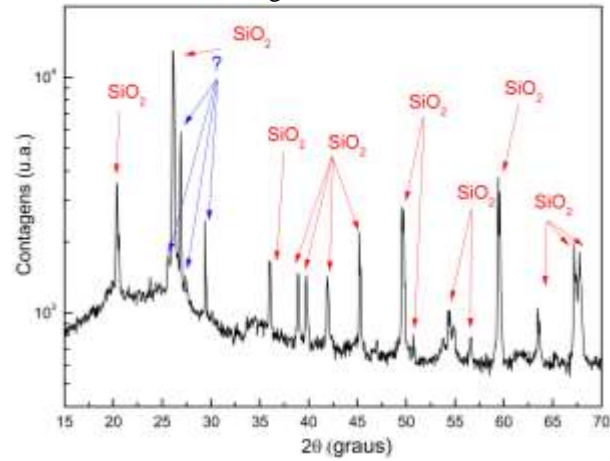
Na Amostra 2 (Gráfico 9), a partir de uma raspagem, foi possível coletar o engobo branco e o corante da pintura vermelha, ambos da face interna do fragmento de uma parede cerâmica. A peça pertence ao sítio Alto das Palmeiras e possui marcas da aplicação de uma asa junto à parede. Foi observada a presença de quartzo.

Gráfico 9. Difratoograma de Raio-X da Amostra 2.



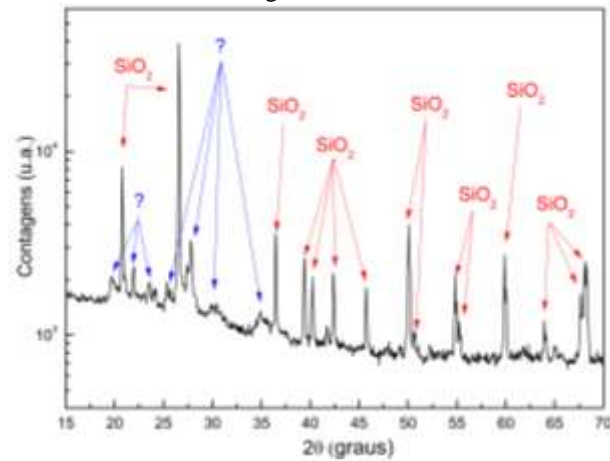
Fonte: Programa *Match!3/Crystal Impact*. Banco de dados: *Crystallography open database*.  
Gráfico: Bruno Monteiro.

Gráfico 10. Difratoograma de Raio-X da Amostra 3.



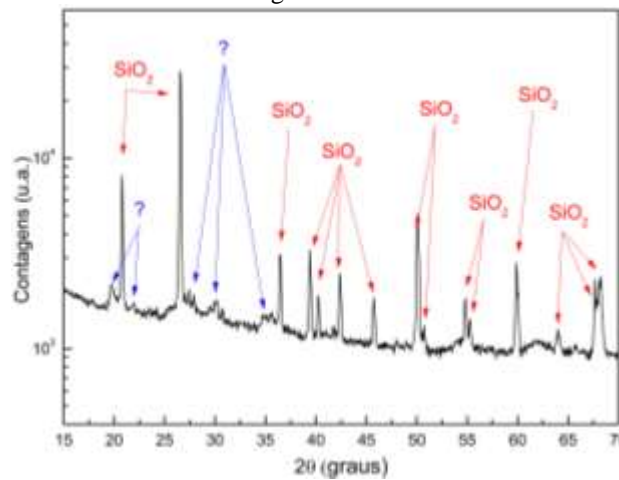
Fonte: Programa *Match!3/Crystal Impact*. Banco de dados: *Crystallography open database*.  
Gráfico: Bruno Monteiro.

Gráfico 11. Difratoograma de Raio-X da Amostra 4.



Fonte: Programa *Match!3/Crystal Impact*. Banco de dados: *Crystallography open database*.  
Gráfico: Bruno Monteiro.

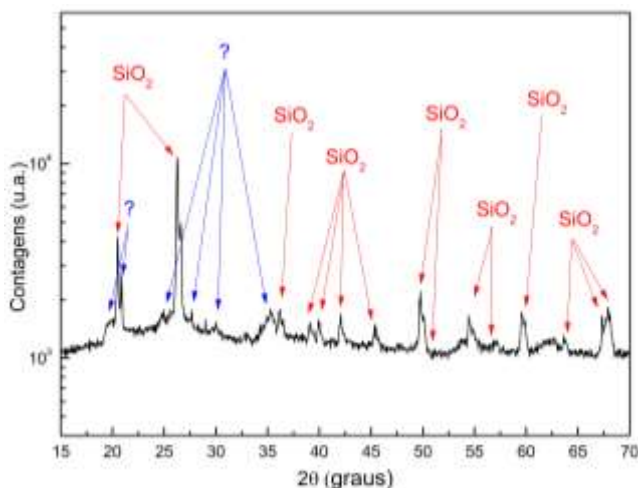
Gráfico 12. Difratoograma de Raio-X da Amostra 5.



Fonte: Programa *Match!3/Crystal Impact*. Banco de dados: *Crystallography open database*.  
Gráfico: Bruno Monteiro.

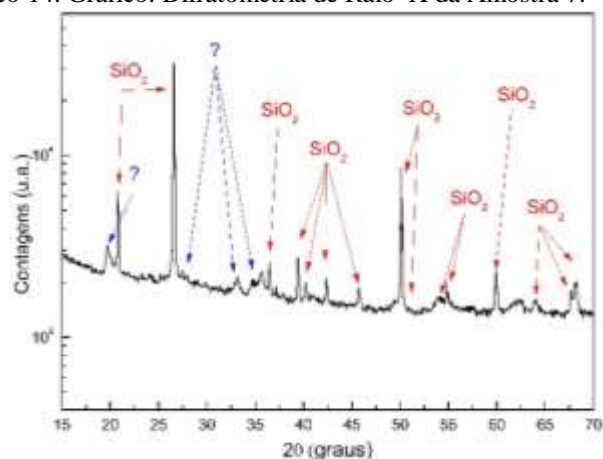


Gráfico 13. Difratometria de Raio-X da Amostra 6.



Fonte: Programa *Match!3/Crystal Impact*. Banco de dados: *Crystallography open database*.  
Gráfico: Bruno Monteiro.

Gráfico 14. Gráfico. Difratometria de Raio-X da Amostra 7.



Fonte: Programa *Match!3/Crystal Impact*. Banco de dados: *Crystallography open database*.  
Gráfico: Bruno Monteiro.

Em todas as 7 difrações de raios-X observamos a presença de dióxido de silício ( $\text{SiO}_2$  - quartzo). As posições angulares das difrações referentes aos planos atômicos desta estrutura cristalográfica estão indicadas no espectro de difração em vermelho. Todas as amostras possuem  $\text{SiO}_2$  com mesma estrutura cristalina.

Há ainda picos em ângulos que não são referentes ao  $\text{SiO}_2$  (estão indicados nos espectros de difração com um ponto de interrogação em azul). Não foi possível determinar a quais materiais se deve a difração nestes ângulos, mas certamente se devem a outros materiais, devido a limitações nos bancos de dados cristalográficos disponíveis. Em geral, todos ocorrem na mesma posição, mas sua existência varia com a amostra. A variação na existência ou não destes

picos pode indicar algum tipo de tratamento nas amostras (em que podemos considerar também os banhos, engobos ou pinturas).

Para se determinar com mais precisão a composição total da amostra é necessária uma análise mais profunda, utilizando simulações computacionais ou outros bancos de dados.

#### 4.1.2 As Análises: Microscopia Eletrônica de Varredura (Mev) e Espectroscopia de Dispersão de Energia (Eds)

Este tipo de análise foi elencada devido à falta de equipamentos especializados na UFSM, sendo, portanto, a Microscopia de Varredura e Espectroscopia de Dispersão de Energia uma alternativa à não realizada de análise por Fluorescência de raios-X. Assim, do mesmo modo e conforme Goulart (2005), as análises serão realizadas em microscópio eletrônico de varredura com acessório de espectroscopia de energia dispersiva acoplado. A Microscopia de Varredura e Espectroscopia de Dispersão de Energia pode ser um recurso para as análises de amostras de fragmentos cerâmicos que possuem engobo vermelho em suas superfícies. Como resultado, obtém-se a microestrutura e composição do engobo ou do banho aplicado (GOU-LART, 2005).

As análises de microscopia eletrônica de varredura e espectroscopia de dispersão de energia foram realizadas no laboratório de MEV<sup>63</sup> do Departamento de Engenharia Mecânica na Universidade Federal de Santa Maria.

Figura 89. Metalizador: Equipamento para a preparação das amostras. Amostras metalizadas (C, V, Y, A, X, F e I) prontas para a análise por MEV-EDS.



<sup>63</sup> Laboratório de Microscopia Eletrônica de Varredura, Departamento de Engenharia Mecânica. Responsável: Dr<sup>a</sup>. Natália de Freitas Daudt.



Fonte: Milder (2019).

Figura 90. Equipamento de MEV e EDS.



Fonte: Milder (2019).

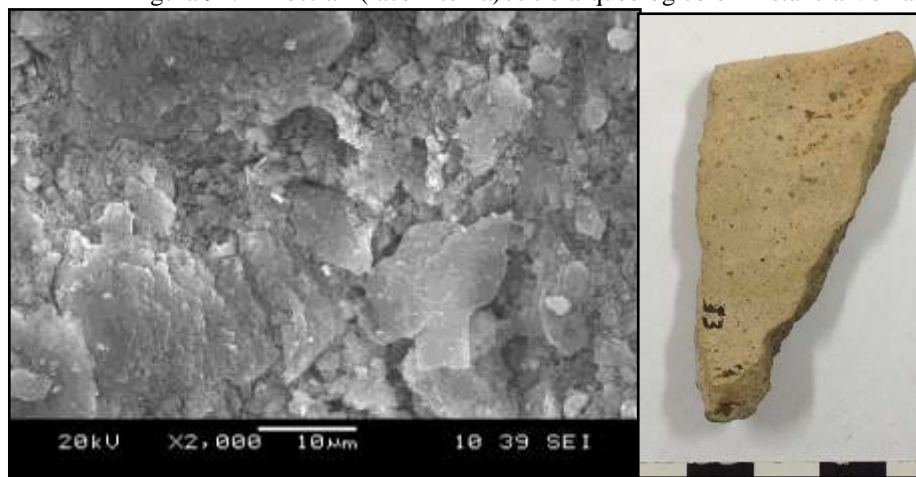
Quadro 48. Amostras cerâmicas analisadas por microscopia eletrônica de varredura (MEV) e espectroscopia de dispersão de energia (EDS).

Amostras	Sítio arqueológico	Nº de Catálogo	Descrição	Técnica de manufatura
Amostra I	Vac 1 (Estância Velha)	33	Fragmento cerâmico de parede e borda, com banho ou pintura na coloração cinza.	Torneada
Amostra J – face externa (engobo branco)	Vac 4 (Estância Velha)	38	Fragmento cerâmico (parede de <i>Cambuchí</i> ).	Acordelada
Amostra N	Vac M.6 (Estrada Alto das Palmeiras)	67	Fragmento de borda com pintura vermelha.	Acordelada
Amostra B	Vac 3 (Rincão dos Flores)	45	Fragmento de ladrilho ou telha colonial.	Torneada

Amostra A	Vac 3 (Rincão dos Flores)	45	Fragmento cerâmico com decoração plástica corrugada. (Telha colonial).	Acordelada
Amostra C	Vac 3 (Rincão dos Flores)	45	Fragmento de telha colonial.	Torneada
Amostra V	Vac M.6 (Alto das Palmeiras)	104	Fragmento cerâmico (base de vasilha).	Acordelada

Fonte: Milder (2019).

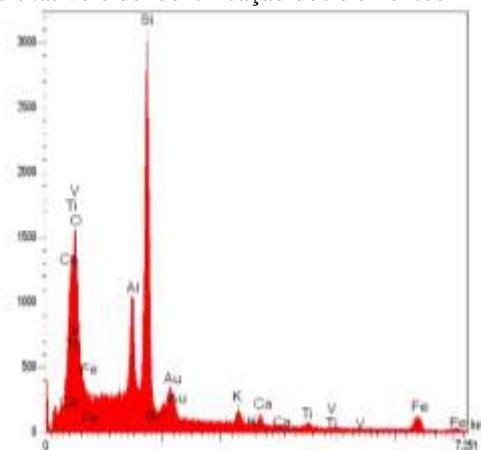
Figura 91. Amostra I (face interna) /sítio arqueológico em Estância Velha.



Fonte: Milder (2019).

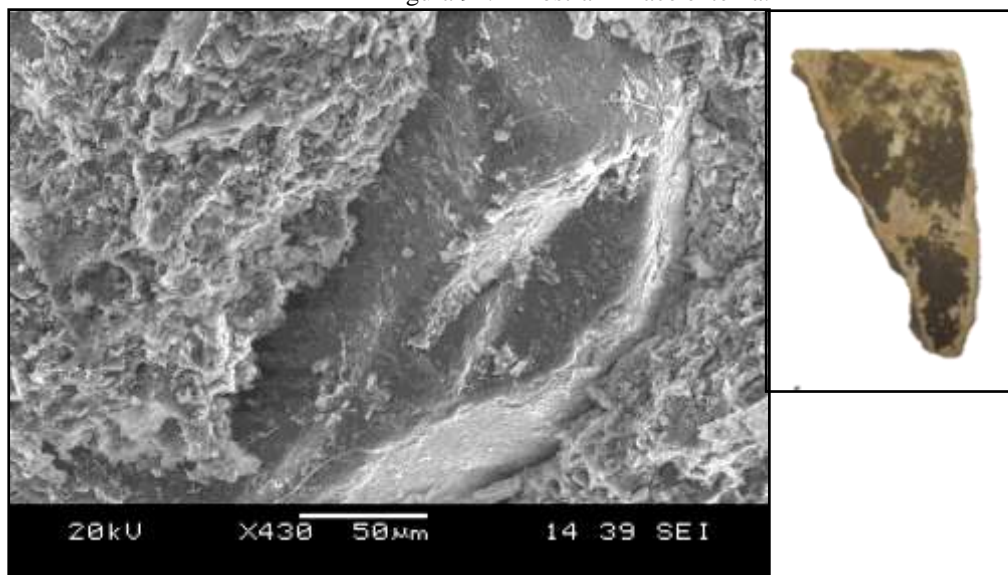
O fragmento cerâmico que está representado pela Amostra I e referente a Figura 91 é descrito morfológicamente como um fragmento da parede do recipiente que ainda preserva uma fração da borda. A imagem de microscopia eletrônica de varredura foi realizada na face interna do fragmento, a fim de identificar a presença de elementos químicos de sua pasta. Os elementos Si (silício) e Al (alumínio) se sobrepõem às demais quantidades dos outros elementos, conforme indica o Gráfico 15.

Gráfico 15. Gráfico quantitativo e de identificação dos elementos – face interna da amostra I.



Fonte: Milder (2019)

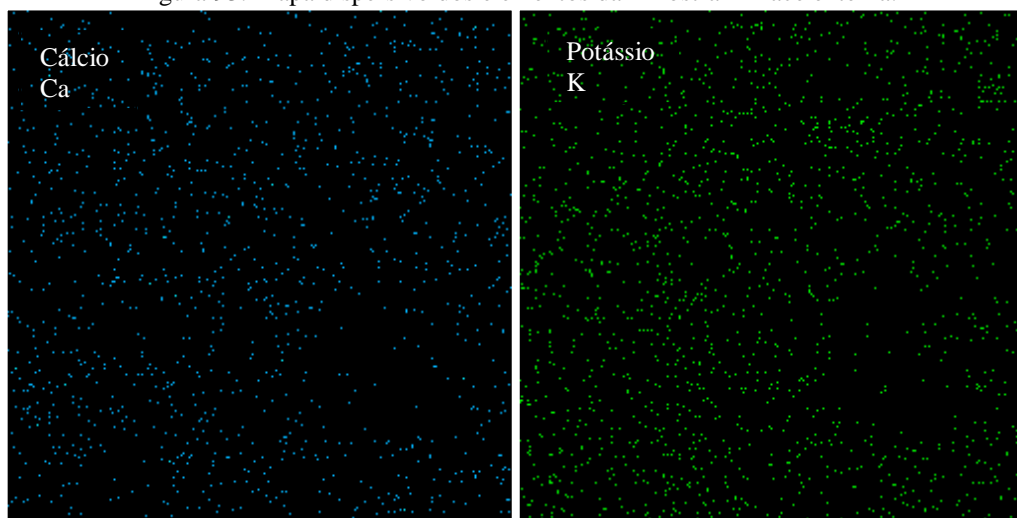
Figura 92. Amostra I – face externa.

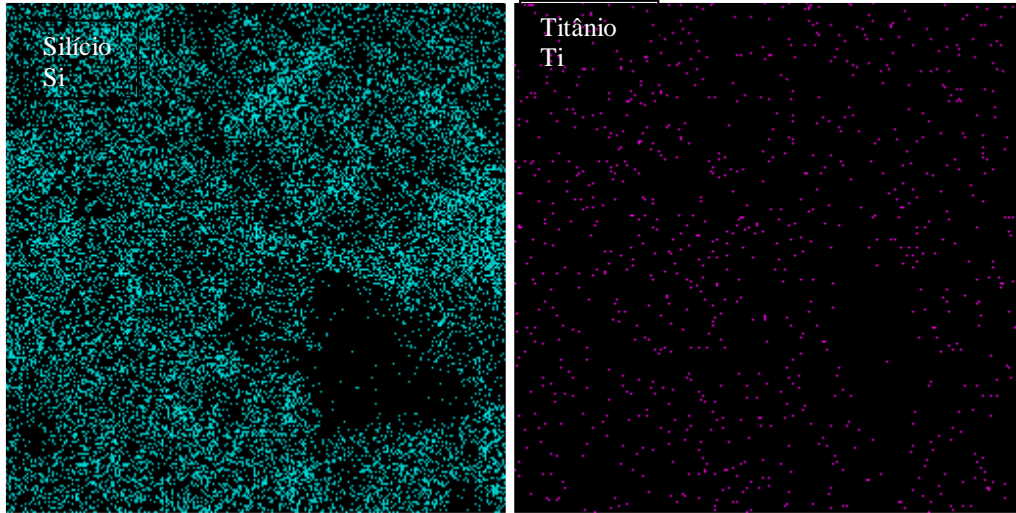


Fonte : Milder (2019).

A imagem de microscopia eletrônica de varredura referente a Figura 92 foi obtida a partir da face externa do fragmento cerâmico analisado. Conforme a Figura 93 e o Gráfico 16, observa-se a dispersão dos elementos químicos presentes na Amostra I (face externa), conferindo as proporções mais elevadas: Ca (Cálcio), K (Potássio), Si (Silício) e Ti (Titânio), estes considerados pela profissional que acompanhou os processos de análises como relevantes para a compreensão da composição que está presente em tal amostra.

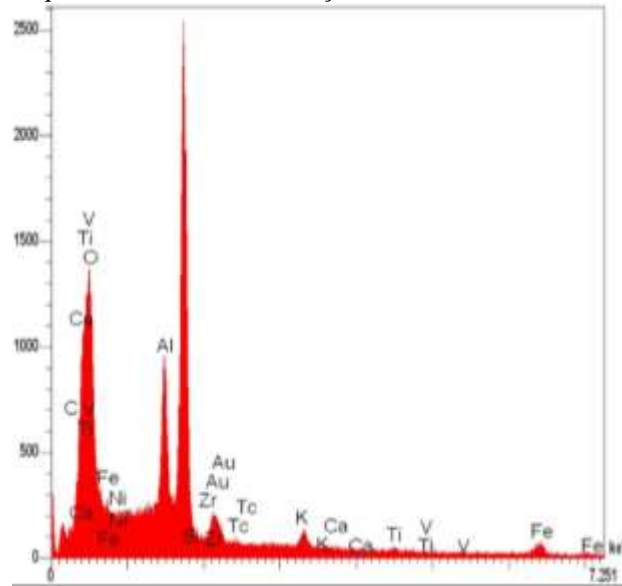
Figura 93. Mapa dispersivo dos elementos da Amostra I – face externa.





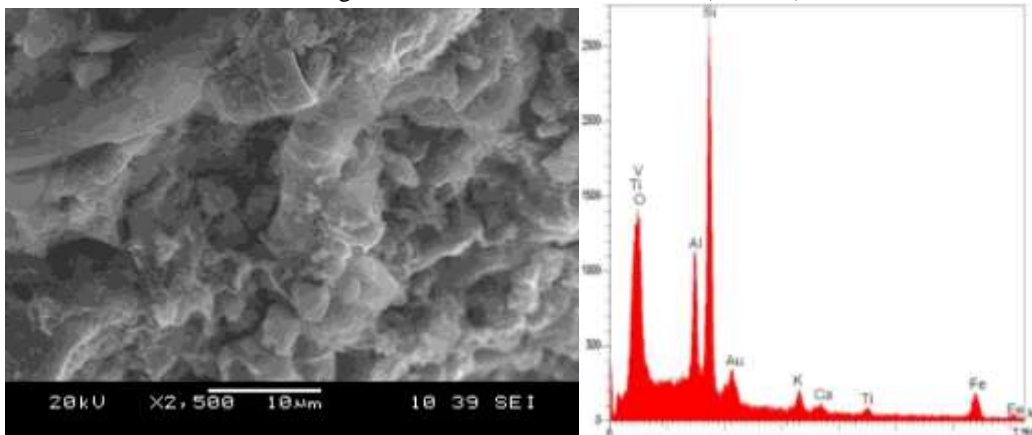
Fonte: Milder (2019).

Gráfico 16. Gráfico quantitativo e de identificação dos elementos – face externa da amostra I.



Fonte: Milder (2019).

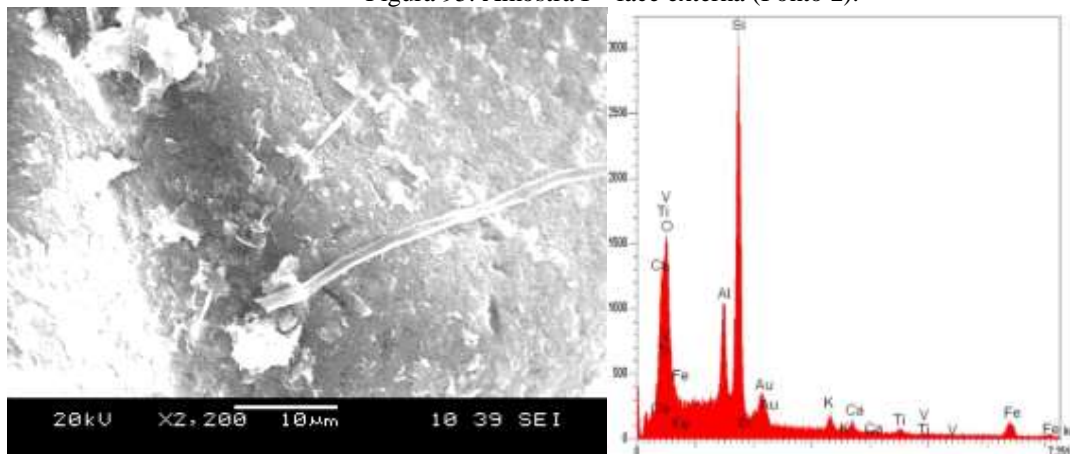
Figura 94. Amostra I – face externa (Ponto 1).



Fonte: Milder, (2019).

As Figuras 94 e 95 são imagens de microscopia eletrônica de varredura, referente a Amostra I em dois pontos diferentes da superfície do fragmento cerâmico. Esta análise comparativa da presença de elementos na composição mostrou-se coerente com as demais análises da mesma amostra. O Si (Silício), Ca (Cálcio) e o Al (Alumínio) são identificados em ambas as faces (interna e externa) do fragmento.

Figura 95. Amostra I – face externa (Ponto 2).

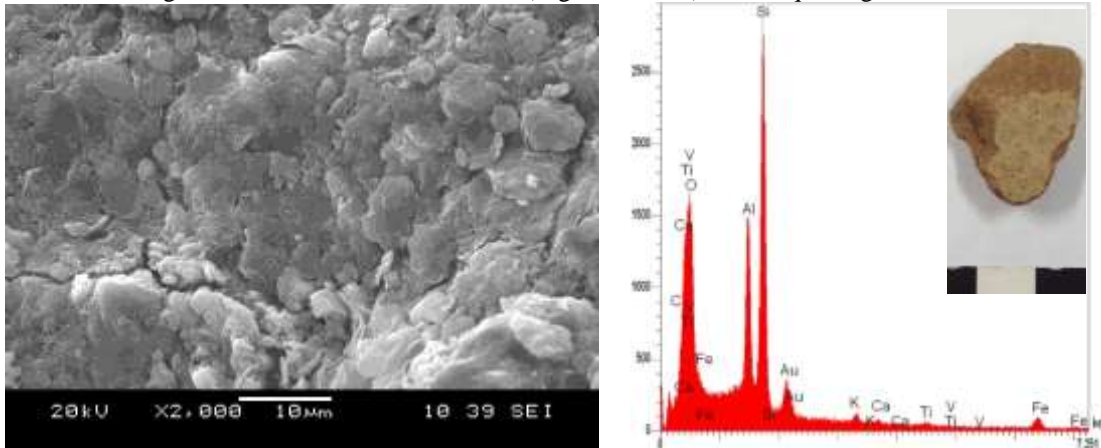


Fonte: Milder, (2019).

A Figura 96 representa uma imagem de microscopia eletrônica de varredura referente à Amostra J. Morfologicamente, o fragmento pode ser descrito como uma fração de parede de vasilhame do tipo *Cambuchí*. Esta conclusão ocorre devido à posterior análise da peça, em conjunto com as demais exemplares que compõem a coleção do sítio em questão. Motivo pelo qual o fragmento foi escolhido para análise.

O objetivo desta escolha recai sobre a presença dos elementos que fazem parte da constituição do engobo branco aplicado na superfície externa de tal fragmento. Conforme o gráfico presente ao lado da figura, nota-se a presença de: Si (Silício), Al (Alumínio), Ca (Cálcio), Ti (Titânio) e maiores índices, enquanto Fe (Ferro), K (Potássio), V (Vanádio), aparecem em menores proporções. O Au (ouro) deve ser desconsiderado, bem como a presença do O (Oxigênio), por motivos já justificados anteriormente.

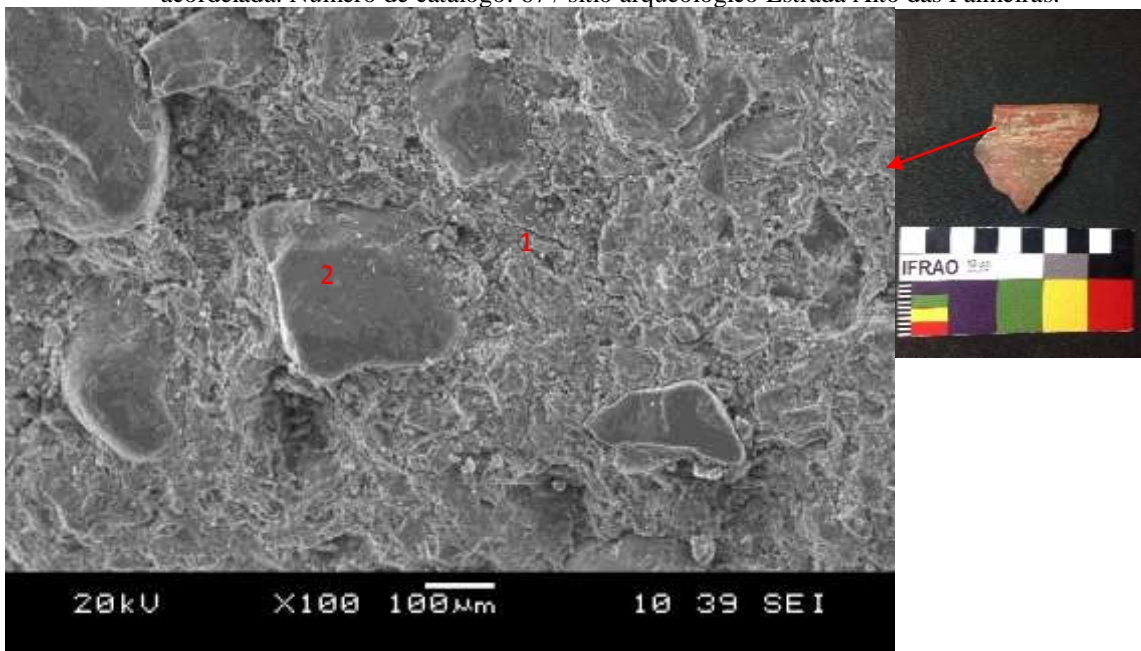
Figura 96. Amostra J - face externa (engobo branco) /sítio arqueológico Estância Velha.



Fonte: Milder, (2019).

A Figura 97 (Amostra N) representa a face externa ampliada em microscópio eletrônico de varredura de um fragmento cerâmico que é descrito morfologicamente como uma parede, com a preservação de uma fração de borda, oriundo de um vasilhame. A escolha da peça para análise contempla, principalmente, a observação da presença de certos elementos químicos que compõem a pintura vermelha e/ou o engobo branco aplicados na face externa.

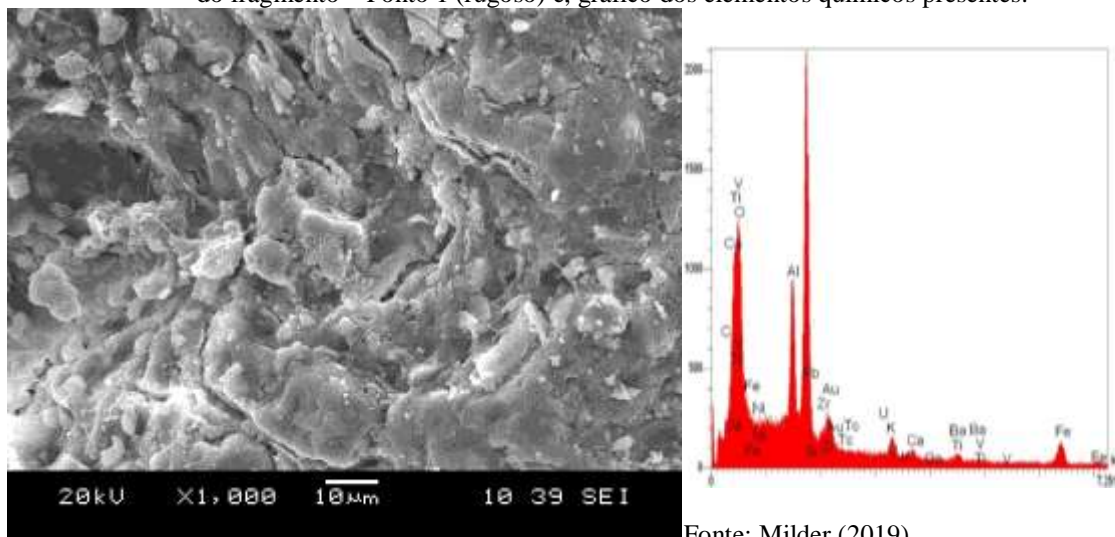
Figura 97. Amostra N – Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura da face externa. Fragmento cerâmico com superfície alisada e pintura vermelha externa sobre engobo branco. Técnica de confecção: acordelada. Número de catálogo: 67 / sítio arqueológico Estrada Alto das Palmeiras.



Fonte: Milder (2019).



Figura 98. Amostra N/Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura do ponto 1. Face externa do fragmento – Ponto 1 (rugoso) e, gráfico dos elementos químicos presentes.



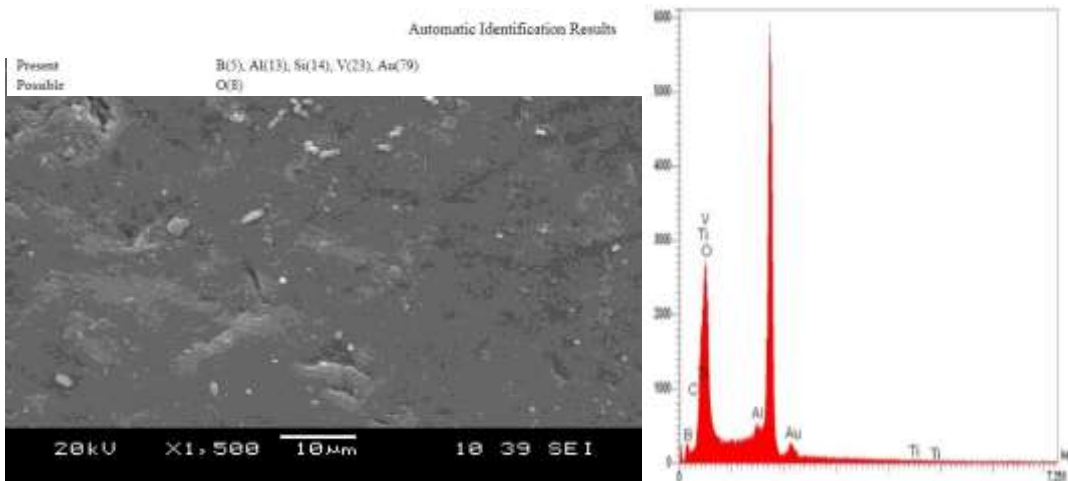
A Figura 98 apresenta o gráfico dos elementos químicos presentes na Amostra N, no Ponto 1. O oxigênio foi desconsiderado, pois algumas amostras apresentaram sinais de presença de umidade, o que pode ter ocorrido pelo manuseio e absorção de água do ambiente. O ouro (Au) foi desconsiderado, porque, para o processo de metalização das amostras, recebem um fino banho de ouro.

O Rubídio (Rb), o Titânio (Ti), O Bário (Ba) e o Urânio (U) foram apontados como elementos possíveis dentro da amostra N; e em outras análises não ocorreram, sendo, portanto, consideradas imprecisas suas presenças na composição dos fragmentos. Assim, os elementos que puderam ser considerados<sup>64</sup> e que receberam um enfoque em nossa observação analítica, de forma que são pertinentes dentro do que se espera em amostras cerâmicas, foram o Fe (Ferro), o Al (Alumínio) e o Si (Silício).

Com isso, o que podemos concluir inicialmente sobre a amostra N é que há uma concentração de material ferruginoso na superfície do fragmento, em que a pintura vermelha foi aplicada. O silício e o alumínio apontados na análise podem ser oriundos de uma camada mais interna que a pintura vermelha, pois, o engobo branco pode ter sofrido o processo de raspagem no momento da preparação da amostra N.

<sup>64</sup> O trabalho de análise por MEV-EDS foi realizado juntamente com uma profissional da área de engenharia de materiais sólidos, sendo, portanto, inferências que levaram em consideração variáveis que determinaram o comportamento de um corpo cerâmico, bem como a composição das argilas.

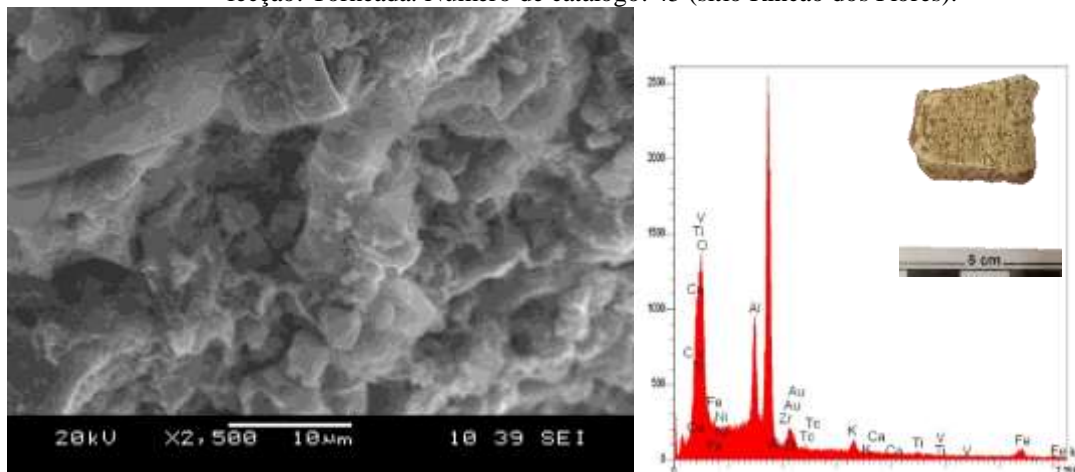
Figura 99. Amostra N/Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura de um ponto da face externa do fragmento – Ponto 2 (liso) e gráfico dos elementos químicos presentes no Ponto 2 (liso).



Fonte: Milder (2019).

No ponto 2 (liso) da Amostra N, a presença dos seguintes elementos químicos foi observada: Alumínio e Silício. O Vanádio (V) é um elemento que pode estar presente em alguns tipos de rochas fosfatadas.

Figura 100. Amostra B – ponto 1. Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura. Imagem de microscopia eletrônica de varredura. Fragmento cerâmico de ladrilho, tijoleta ou telha colonial. Técnica de confecção: Torneada. Número de catálogo: 45 (sítio Rincão dos Flores).

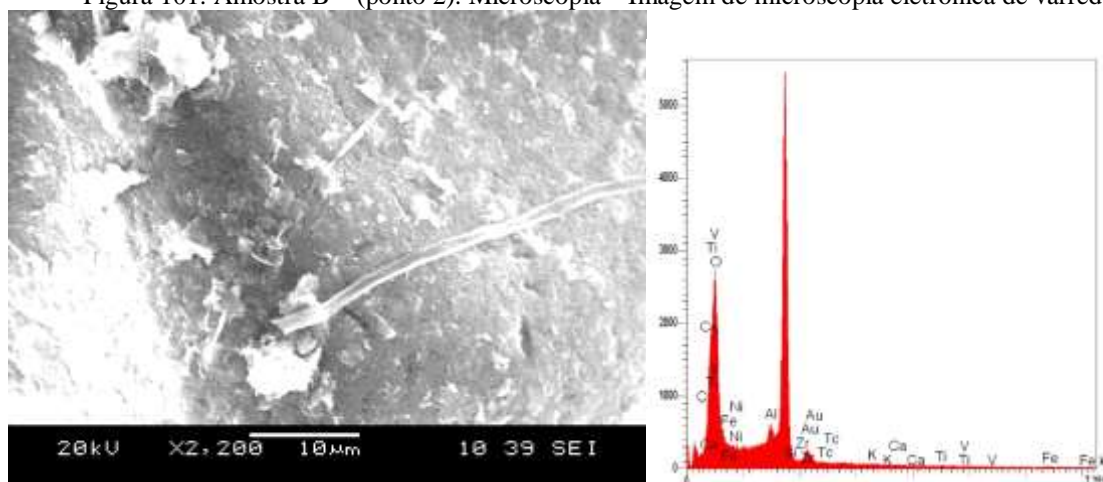


Fonte: Milder (2019).

O gráfico referente a Figura 100 apresenta os elementos que compõem a amostra B, no ponto 1. A presença de Ca (cálcio), Si (silício) e Al (alumínio) são mais expressivas que a presença de outros elementos, os quais aparece em menor quantidade. Do mesmo modo, a Figura 101 (ponto 2 da Amostra B) apresenta a mesma configuração, o que nos fornece a informação sobre a homogeneidade da composição da pasta cerâmica, tanto a olho nu quanto em microscópio eletrônico de varredura.

Morfologicamente, o fragmento se enquadra dentro da categoria de materiais construtivos. Devido ao ângulo de tal peça não ser compatível com as demais amostras de telhas coloniais, inferimos que se trata de um fragmento de ladrilho ou tijoleta.

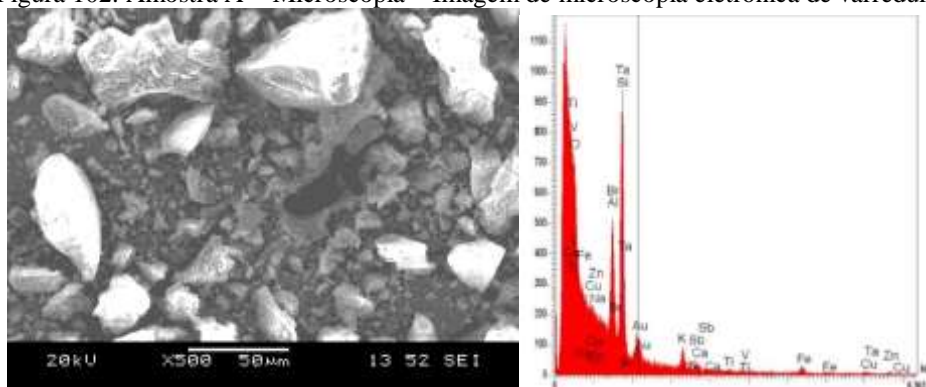
Figura 101. Amostra B – (ponto 2). Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura.



Fonte: Milder (2019).

A Amostra A (Figura 103), proveniente do sítio arqueológico Rincão dos Flores, apresenta características particulares em sua descrição. O fragmento cerâmico foi classificado como sendo um material arqueológico histórico de caráter construtivo (telha colonial) do período colonial da história do Rio Grande do Sul. A particularidade desse fragmento reside na aplicação plástica que o mesmo recebeu em sua superfície externa. O fragmento possui decoração plástica corrugada e técnica de manufatura do tipo acordelada. Além disso, a peça foi encontrada juntamente com as telhas coloniais (já apresentadas), por isso recebeu o mesmo número de catálogo (45). Com base nestas informações e no contexto histórico que abrange as localidades, bem como o período de ocupação, teceremos alguns argumentos, no próximo capítulo, os quais corroboram também com uma ocupação indígena tardia (Século XIX) na região.

Figura 102. Amostra A - Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura.



Fonte: Milder (2019).

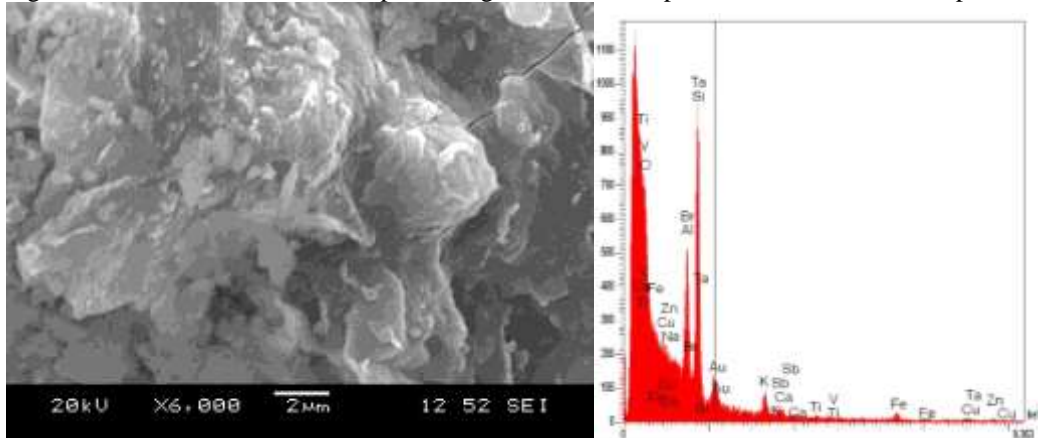
Figura 103. Amostra A – fragmento de telha colonial (face externa-face interna) /sítio arqueológico Rincão dos Flores.



Fonte: Milder (2019).

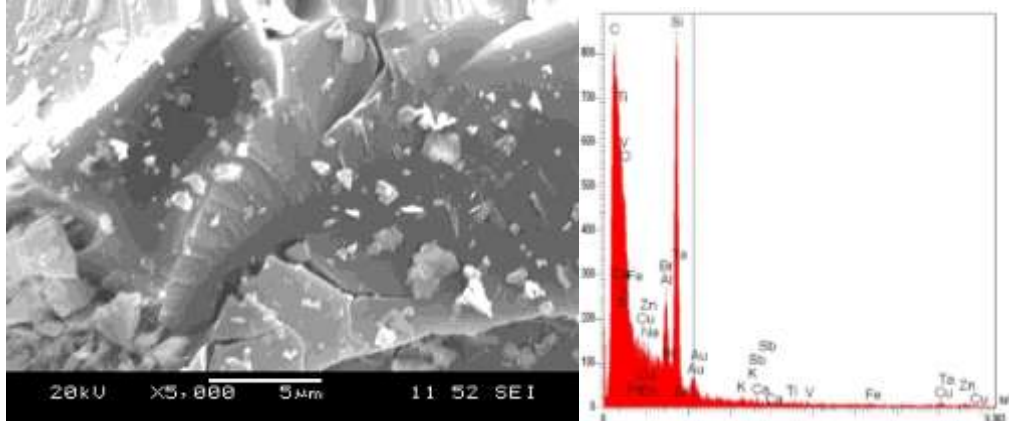
A amostra A foi analisada em quatro pontos diferentes de seu corpo (Figuras 102, 104, 105 e 106) e com ampliações diferentes. Tendo presenças mais elevadas em sua composição, foram identificados os elementos químicos Al (alumínio), Si (silício), Ti (titânio), Fe (Ferro), Ca (cálcio), Cu (cobre), K (potássio) e Zn (zinco).

Figura 104. Amostra A – Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura/ponto 1.



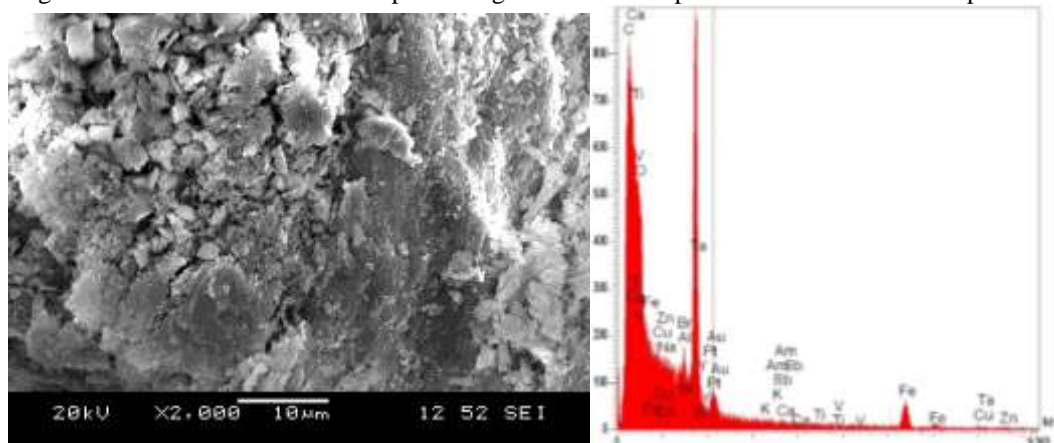
Fonte: Milder (2019).

Figura 105. Amostra A – Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura/ponto 2.



Fonte: Milder (2019).

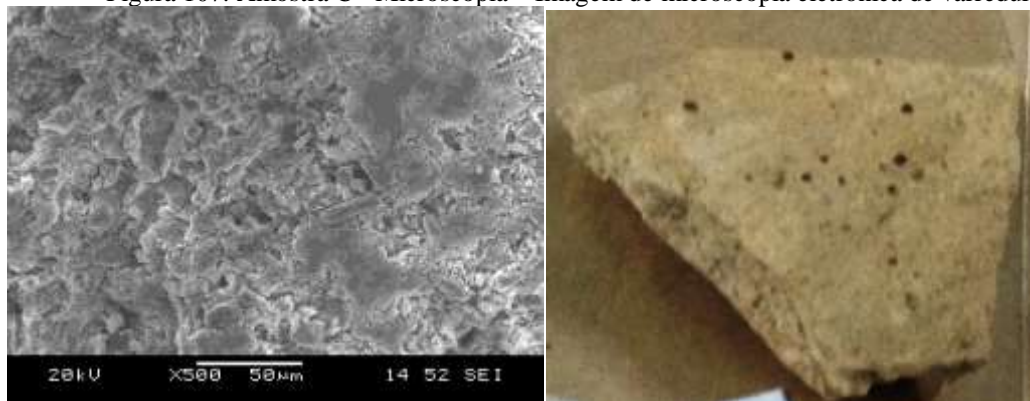
Figura 106. Amostra A – Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura/ponto 3.



Fonte: Milder (2019).

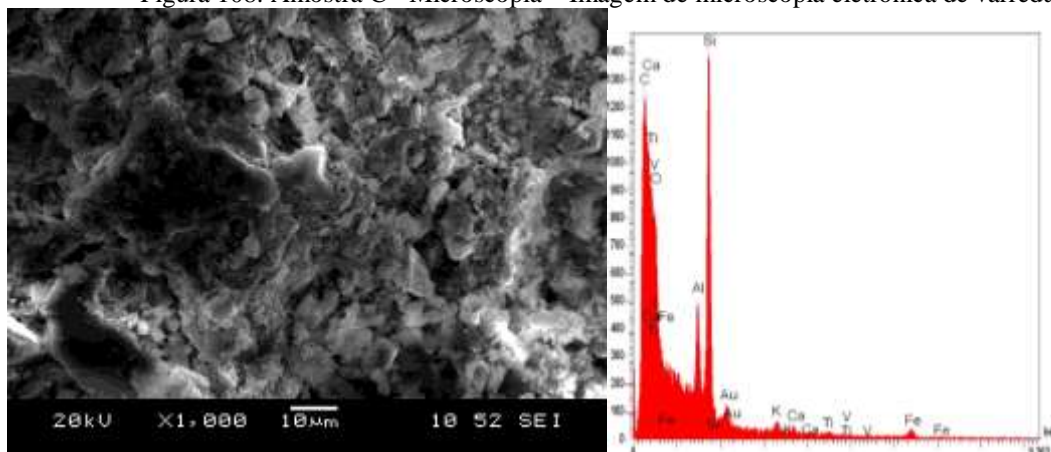
A amostra C (Figura 107) foi classificada como um material construtivo (telha colonial). Pertence ao sítio arqueológico Rincão dos Flores. Sua composição química apresentou maiores quantidades para os seguintes elementos: Si (silício), Al (alumínio), Ca (cálcio), Fe (ferro) e K (potássio), Cu (cobre) e Zn (zinco).

Figura 107. Amostra C - Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura.



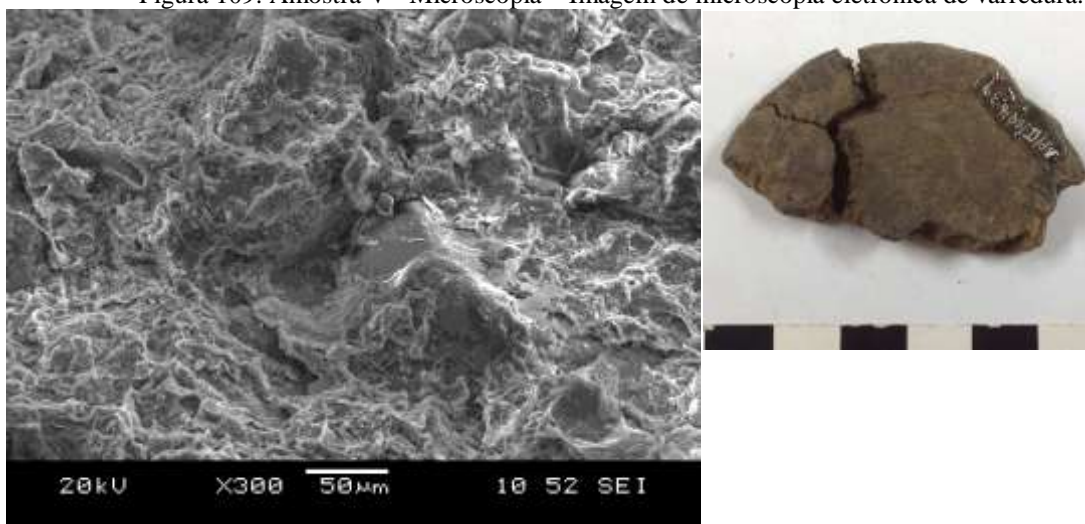
Fonte: Milder (2019).

Figura 108. Amostra C - Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura.



Fonte: Milder (2019).

Figura 109. Amostra V - Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura.



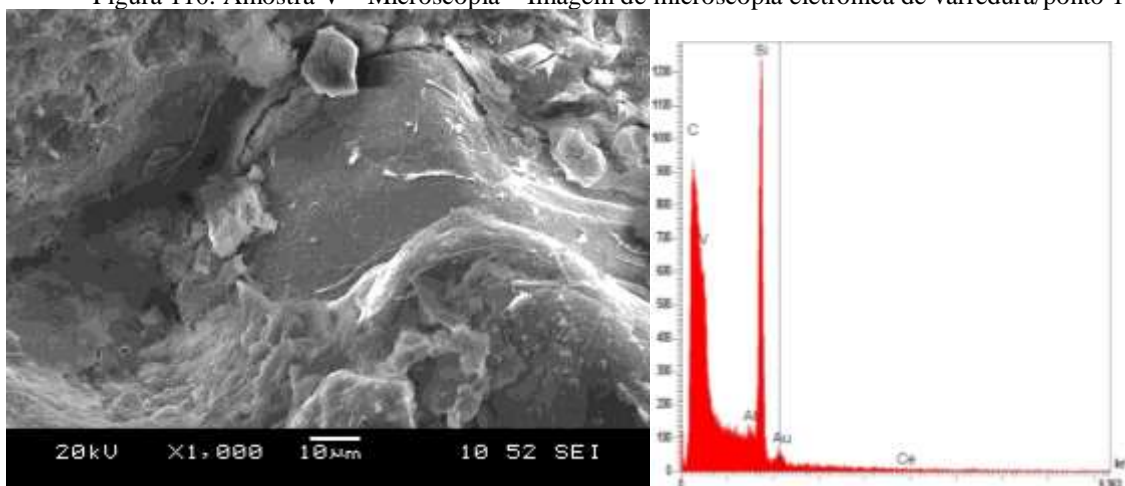
Fonte: Milder (2019).

A amostra V (Figura 109) é caracterizada morfologicamente como sendo uma base de vasilhame que possui o acordelamento como técnica de manufatura. Sua superfície externa recebeu um alisamento simples e não possuía resquícios de pintura ou engobo. A peça é proveniente do sítio arqueológico Alto das Palmeiras.

Na micrografia (Figura 109) a superfície apresenta-se rugosa, característica que aparece acentuada na Figura 111, em que há uma ampliação de valores do aumento.

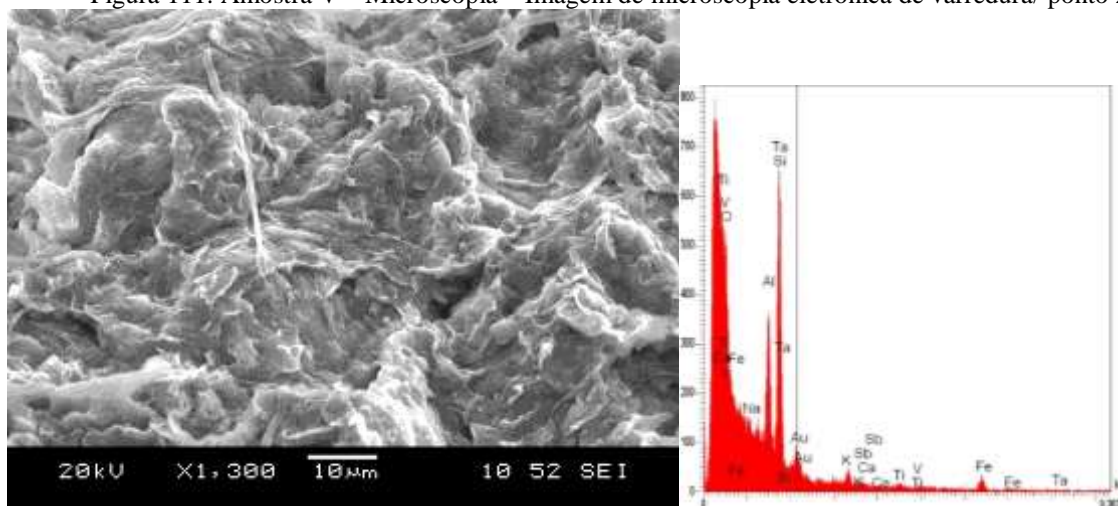
Os gráficos da composição química da amostra V (Figuras 110 e 111), apresentam os mesmos elementos recorrentes em todas as amostras anteriores: Si (silício), Al (alumínio), Ca (cálcio), Fe (ferro) e K (potássio).

Figura 110. Amostra V – Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura/ponto 1.



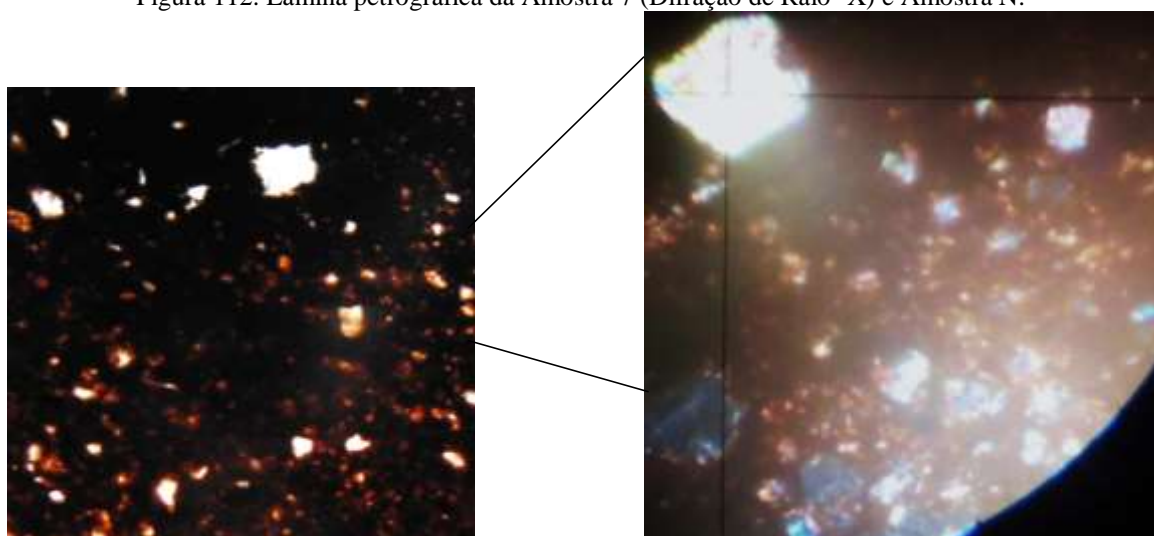
Fonte: Milder, (2019).

Figura 111. Amostra V – Microscopia – Imagem de microscopia eletrônica de varredura/ ponto 2.



Fonte: Milder, (2019).

Figura 112. Lâmina petrográfica da Amostra 7 (Difração de Raio- X) e Amostra N.



Fonte: Ronaldo Fontoura (créditos). Data: 28-05-2021.

Figura 113. Minerais observados na Amostra N. À direita, um quartzo.



Fonte: Ronaldo Fontoura (créditos). Data: 28-05-2021.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 5.1 ANÁLISE INTRA-SÍTIO

#### 5.1.1 Sítio arqueológico Estância Velha I, II e III (VAC 1, VAC 2 E VAC 4)

As análises tecnotipológicas dos fragmentos cerâmicos das coleções oriundas dos três sítios pesquisados, possibilitou-nos relacionar aspectos e atributos arqueológicos, a fim de definirmos algumas particularidades e alguns padrões das coleções.

La Salvia; Brochado (1989, p. 117) classificam e subclassificam as seções do corpo da vasilha. A exemplo, o objeto parcialmente remontado pertencente ao catálogo 32 (sítio arqueológico Estância Velha), possui dois segmentos em sua forma, sendo a primeira seção convexa invertida e a segunda em forma de calota. Esses dois segmentos são mais comuns em formas que La Salvia e Brochado (1989, p. 141), nomeiam de *plato* ou *plato hondo* (prato ou prato fundo). No entanto, a peça analisada, Figura 68/ (ct. 32), possui borda introvertida e lábio apontado, uma característica que a difere parcialmente da descrição de um *ñaembé*. Então, dentro de nossa perspectiva, a peça é considerada tal vasilha Guarani. A discussão é relevante na medida em que o enquadramento dentro de categorias nem sempre segue um padrão pré-estabelecido pela literatura arqueológica ou histórica, uma vez que há uma diversidade de combinações tipológicas ainda não inventariadas pela arqueologia, para as vasilhas Guarani.

La Salvia e Brochado (1989, p. 142) apresentam, no Glossário Etnohistórico do manual de Cerâmica Guarani, alguns verbetes em língua Guarani que são traduzidos do *Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani*, em língua espanhola do século XVII. Assim, *Ñâmôpyu* se refere a uma *caçuela*, *tostador* e *Tembirú* à *plato* (onde se come). Na Figura 71 (ct.5), a vasilha fragmentada apresentada possui, como apontam Brochado e Monticelli (1994), bordas muito baixas e dimensões muito rasas. A função de tal vasilha era, segundo os autores, torrar farinha de mandioca, porém, as miniaturas com 12 cm de diâmetro ou menor não possuíam a mesma função dos tostadores, de dimensões médias ou grandes (entre 18cm e/ou maior que 34 cm).

Nas Figuras 69 e 70 apresentamos fragmentos parcialmente remontados, de dois *cambuchís*. Regularmente, as marcas negras de redução (núcleo), oriundas do processo técnico de queima do vasilhame são encontradas em fragmentos que possuem engobos brancos e pinturas vermelhas, como os exemplos das figuras supracitadas (sítio Estância Velha).



Na análise, as queimas de número três e sete referem-se ambas com a presença bem marcada de um núcleo central de coloração cinza escuro, apenas com a ressalva de que a queima sete possui um núcleo muito mais espesso que o núcleo classificado como queima três.

Desta forma, a hipótese sobre a utilização da técnica de queima redutora está vinculada não só as formas e decorações específicas, mas também nas utilizações dos vasilhames. Além disso, as análises realizadas na coleção, sobre as escolhas em relação aos antiplásticos adicionados em pastas cerâmicas de *cambuchís* e de *yapepós*, revelaram que os antiplásticos das pastas cerâmicas dos *cambuchís* possuem proporções menores em relação aos antiplásticos das pastas dos *yapepós*. Tal aspecto observado produz uma textura diferente nas peças.

A queima redutora observada no interior dos fragmentos de *cambuchí*, poderia também produzir uma maior resistência mecânica, bem como condições para uma melhor impermeabilização, já que eram utilizados para conter líquidos, conforme Montoya descreve em seu Dicionário – narrativa, que está incorporada no Manual de Cerâmica Guarani (La Salvia e Brochado, 1989). As cerâmicas com outros tipos de decorações também sugerem escolhas no processo técnico da queima. A escolha das proporções dos antiplásticos para cada forma e decoração também relacionam-se de forma regular.

Os fragmentos com engobo branco interno e pintura vermelha interna possuem a espessura de suas paredes entre 5 mm e 7mm. As espessuras das paredes possuem relação direta com o volume em litros dos fragmentos analisados. Os fragmentos cerâmicos de *cambuchís* ou de vasilhas com pintura ou engobo analisados revelam, para a coleção do sítio Estância Velha, espessuras máximas de até 10 mm (dez milímetros) para esta tipologia, sendo 7mm uma espessura de parede considerada recorrente, enquanto seus diâmetros oscilam entre 22 cm e 28 cm. Assim, a projeção que se consolida consiste no fato de que tais fragmentos são oriundos de vasilhas do tipo *cambuchí* ou quicá de *ñaembé*, comportando volumes recorrentes, os quais variavam entre 1 litro e 3 litros, no máximo.

Em menor quantidade, estão os *cambuchís* que possuem diâmetros maiores. No sítio supracitado, foi possível identificar um *cambuchí* (remontado parcialmente), com presença de bojo e queima reduzida. Tal queima possui características que sugerem controle e rigor intencional, que inferimos se tratar de uma escolha técnica dentro da gama de sequências optativas para a tipologia. Desse modo, o intuito deste processo técnico sugere uma manutenção das tradições para esse tipo de vasilha, deixando assim, subentendido a manutenção dos ritos culturais.

### 5.1.2 Sítio Arqueológico Rincão dos Flores (VAC 3)

O sítio Rincão dos Flores possui uma característica particular em relação à cerâmica arqueológica. As peças que possuem tratamento superficial com decoração ungulada ou pseudo-ungulada configuram uma tendência da(o) artesã (ão), a qual sugere uma escolha quanto à disposição das expressões decorativas.

A ação perpendicular de aplicação da unguilagem marcam traços que tornam as peças deste tipo como parte de uma coleção particular, projetadas e finalizadas com uma intenção individual de torná-las muito similares, em espessuras, com relação a distância de uma unguilagem a outra, no que tange ao tamanho da unguilagem e em relação à estética, sempre com uma tendência ao imbricamento da ação aplicada.

Da mesma forma, as peças com decoração espatulada/corrugada imbricada dão formas e aspectos similares, fornecendo impressões de uma escolha técnica particular. Além disso, as peças unguladas e imbricadas assumem uma característica miniatural, tanto em relação às formas como foram aplicadas quanto às suas espessuras – as quais sugerem vasilhas de pequeno porte. Inferimos, então, que os indígenas que habitaram a área do sítio Rincão dos Flores eram um grupo pequeno de indivíduos.

O sítio Rincão dos Flores (VAC3) possui uma sequência de datas coerentes diacronicamente em relação a natureza e o tipo dos materiais datados. Ambas as amostras datadas foram coletadas em um nível superficial, porém apresentam datas distintas, indicando ter havido ocupação na área no final do século XVI ou início do século XVII, que pode ter se estendido até final do século XIX ou século XX. Devemos ir por partes neste caso. A ocupação mais tardia refere-se a grupos indígenas agricultores da região no período transicional, entre a pré-história dos grupos Guarani e a chegada de jesuítas e bandeiras na região.

Naquele contexto arqueológico, levamos em consideração o extermínio ou fuga de Guaranis para dentro das matarias, ou a transmigração das reduções para outras regiões definidas pela Companhia de Jesus. Embora a localização de algumas reduções na região não sejam exatas, salientamos que as áreas onde localizam-se os sítios em estudo faziam parte do entorno, conforme mostram os mapas do período.

A ocupação mais recente está relacionada com o contexto colonial, indicando que a escolha da paisagem, feita por humanos, prevaleceu por centenas de anos. Além disso, a cultura material encontrada (telhas e moedas) são indicativos de uma vida influenciada pela cultura colonial. Por outro lado, algumas características observadas na cultura material (cerâmica

Guarani e telhas), indicam similaridades nas escolhas tecnológicas de dois grupos humanos separados pelo tempo e unidos pelo espaço.

A utilização massiva, porém compreensível, dentro de um ponto de vista tecnológico, de antiplásticos (óxido ferroso), coloração das argilas das cerâmicas e das telhas, tipo de queima e banco de argila próxima ao sítio, podem estar relacionadas à uma tradição tecnológica que se reinventou aos poucos, devido ao próprio processo histórico que influenciou as maneiras, os modos e as necessidades das pessoas e/ou reocupação da população colonial nas áreas indígenas.

Embora seja impossível defirmirmos se a ocupação colonial do sítio Rincão dos Flores foi marcada pela presença de descendentes indígenas ou europeus, ou ambos, inferimos que o grupo que ocupou a área tardiamente (final do século XIX ou início do XX) pode ter tido contato com a cultura material pertencente ao grupo humano que ocupou o sítio entre o século XVI e XVII. Este argumento está calcado através da análise da materialidade.

A peça (ct.45 – Figura 56), um fragmento de telha com decoração plástica corrugada, bem como a sincronia que algumas peças estavam dispostas no nível cultural da estratigrafia, sugerem um tipo de interação do presente com o passado. Essa sugestão leva em consideração também e apenas o revolvimento do solo que provoca a destruição estratigráfica do sítio arqueológico.

Tendo isso em vista, tanto de um lado como de outro, os dados empíricos nos fornecem informações nas entrelinhas. Assim, evocamos aqui a memória da comunidade de Rincão dos Flores. Os moradores possuem a lembrança da história jesuítica e indígena na região, entretanto, de quem veio essa memória ainda é vago. Diz-se que foi de algum morador muito antigo que já faleceu. “De que há lembrança?, De quem é a memória?, [...] a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa.” (RICOEUR, 2007, p. 23).

A memória e a história podem dar lugar à memória e ao esquecimento, portanto estes são considerados níveis intermediários na experiência do tempo humano, o que torna uma memória, seja coletiva ou individual, uma lembrança. Assim, Paul Ricoeur (2007), indica que, na prática, a memória está exposta ao uso e abuso, podendo ser manipulada, impedida, coletiva ou obrigada.

O esquecimento é um emblema que nos lembra o quão vulnerável é a condição histórica do homem, havendo esquecimento onde houve marca. Neste sentido, relacionamos algumas memórias coletadas como sendo memória obrigação (“recorda-te”), em que há um “dever de

memória” que pode ser entendida como uma possibilidade de perdão e uma reconciliação com um passado, aonde podem ter envolvidos acontecimentos traumatizantes. Há também a presença de uma memória manipulada, em função da manutenção da identidade individual e coletiva.

Em relação às análises químicas (MEV-EDS), algumas particularidades observadas requerem nossa atenção. Embora seja considerado um fragmento de pequenas proporções, a Amostra B juntamente com o contexto histórico e arqueológico, principalmente com a presença de telhas coloniais, pode nos sugerir que além da confecção destas, também foram confeccionadas tijoletas ou ladrilhos de argila.

Tanto em relação ao ângulo, quanto em relação a densidade, as telhas diferem de tal fragmento. Além disso, a técnica de confecção sugerida por nós é o moldado, tendo como amparo para essa interpretação, as marcas características do molde irregular, porém, com estigmas do estriamento que um molde de madeira ou mesmo de argila poderia conferir ao material analisado, e as próprias telhas.

### **5.1.3 Sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras (VAC M.6)**

Os vestígios cerâmicos apontam que o grupo que ocupou a área do sítio arqueológico Alto das Palmeiras (VAC. M6) possuía um número maior de indivíduos em relação aos demais sítios pesquisados, não apenas devido a quantidade superior de fragmentos cerâmicos, mas também devido a extensão da mancha de solo antropogênico associado ao material arqueológico. Além disso, os diâmetros das bocas dos vasilhames, quando eram possíveis de mensurar, indicavam que possuíam maiores proporções, com paredes e bases mais espessas. Esses dados contribuem para o embasamento na afirmação sobre a projeção do número de indivíduos ser superior no sítio Alto das Palmeiras.

Para tal sítio, a ocupação mais tardia até agora apurada, inicia em meados do século XV (amostra cerâmica coletada entre 20 – 30 cm de profundidade) e se encerra no final do século XVIII ou início do XIX (amostra cerâmica coletada em 15 cm de profundidade).

As datas obtidas para este sítio indicam uma diacronia coerente com o princípio de sobreposição dos níveis naturais (princípio básico da geologia) com os estratos antrópicos (níveis culturais), ou seja, os resultados seguem uma linha lógica na sequência de datas e de eventos dentro dos princípios geológicos. Assim, a interpretação arqueológica confere à estratigrafia do sítio um aspecto importante de preservação de suas camadas, indicando que não houveram grandes alterações desde suas deposições.

Apesar dos efeitos sensíveis da bioturbação (pequenas tocas e raízes) e da constante erosão que ocorre verticalmente no talude da estrada Cirineu Rocha, consideramos que o sítio Alto das Palmeiras (VAC.M6) mantém-se preservado parcialmente devido à cobertura vegetal, que naquela área, entre a estrada e as lavouras, a manteve dentro de um capão de mato com árvores de grande porte.

Conforme Côrrea (2014) observa sobre os elementos emblemáticos para o estabelecido Conjunto (cerâmico) 5 Guarani, foi possível ratificar que a ocorrência de lábios serrilhados são raros e foram observados apenas em fragmentos com decoração plástica corrugada com borda direta. Já a presença de reforço interno entre a carena e a seção da borda em fragmentos pintados e engobados (*cambuchî*), tem-se um elemento diferente dos relacionados por Côrrea (2014), apenas por ser interno e não externo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### ANÁLISE INTER-SÍTIOS E A CONEXÃO CONTEXTUAL HISTÓRICA E ARQUEOLÓGICA PARA A REGIÃO

Ao contemplarmos a historicidade multitemporal de uma determinada localidade, abrimos janelas para a construção de uma história local não fragmentária e sem barreiras cronológicas rígidas.

Se de um lado a Arqueologia busca subsídios empíricos para esboçar alguns aspectos tecnológicos e sociais dos grupos pretéritos que habitaram os espaços que compõem os sítios arqueológicos do 2º e do 7º Distritos de Santa Maria/RS, de outro não nos descuidamos do que aparentemente é imaterial, subjetivo ou abstrato. Por isso, nos reportamos também a fenomenologia da memória, ao analisarmos o objeto da memória, que se constitui nas lembranças do local onde estão referenciados os assentamentos, ou mesmo o entorno de locais arqueológicos da dita cidade. Muitos destes locais arqueológicos/históricos permanecem invisíveis a muito tempo para a comunidade acadêmica, apesar de representarem um importante vínculo concernente ao passado pré-colonial e colonial.

A que se dizer também que a cultura material em si representa a memória de um grupo humano, no sentido de que as aprendizagens, as maneiras, os gestos apreendidos, o saber fazer representam uma memória ancestral, passada de geração para geração. Essa concepção que é agregada à memória coletiva da comunidade pode ser apreendida através da subjetividade que a análise da cultura material desencadeia, ou seja, o simbólico está subjacente no visível também.

Embora o vínculo e a memória das populações pré-coloniais ou coloniais que habitaram os espaços que hoje são os sítios em estudo estejam distantes temporalmente dos que hoje reocupam o território, é pertinente que haja uma mobilização social, através da pesquisa, para que esta contribua na construção de um vínculo com o passado, cumprindo, assim, uma função social de retorno e colaboração entre academia e comunidade.

Entendemos que a construção da identidade dos indivíduos de um lugar ou grupo é alicerçada pela própria comunidade. Porém, para que tal processo se desenvolva são necessárias estratégias sociais que possam dar conta das diferentes estruturas que compõem o universo educacional, as quais são assimiladas conforme as escolhas conscientes e inconscientes de um grupo ou comunidade. A pesquisa científica, como pesquisa de base, representa uma porta de entrada para que possam ser agregados conhecimentos, que até então permanecem ignorados.

As diferentes incursões na área dos sítios possibilitaram-nos um diálogo próximo e acolhedor entre academia e comunidade. De um lado, as informações técnicas e de contexto histórico da área em estudo, de outro, relatos e fatos particulares da região, os quais só podiam ser alcançados com a interação entre os indivíduos. A troca de saberes proporcionou aprendizagens e modos de pensar, ser e fazer diferentes. Do mesmo modo, a percepção e a conexão que a comunidade tem com a terra, a natureza e as paisagens contribuiu para o entendimento da ocupação das áreas no passado colonial e/ou pré-colonial.

\*\*\*

As particularidades e os padrões observados nas coleções (VAC.M6, VAC 1, 2 e 4 e VAC 3), confirmam que as escolhas referentes às formas das vasilhas nem sempre podem ser elucidadas de uma maneira completa pelos pesquisadores. As escolhas individuais das artesãs (ãos), bem como as suas assinaturas, são incontáveis grupos de tendências no universo tecnológico da confecção cerâmica.

Essas tendências englobam não somente as formas e combinações de segmentos, lábios, bordas, bases, mas também as decorações plásticas, as pinturas e outra série de categorias que definimos no presente.

Há um aspecto padronizado, não devendo ser negligenciado, pois se as particularidades são importante, com os padrões ocorre da mesma forma. Neste sentido, retomamos um de nossos questionamentos iniciais, sobre como explicar a variabilidade, dentro de um universo considerado tradicional e prescritivo.

Para isso, inferimos que as influências, assim como as tendências que os grupos Guarani sofriam não podem ser definidos e já colocados em dados inflexíveis, mas sim encadeados de acordo com suas histórias individuais, o que nos permitiu inferir que houve o preenchimento e o esvaziamento de ideias tecnológicas, dentro do tempo e do espaço de cada grupo ou aldeia. Há sim que se falar em padrões, entretanto, na prática observamos uma diversidade de aspectos que nem sempre estão nas entrelinhas da análise cerâmica, mas sim firmados na materialidade.

Essas diversidades não são enquadramentos, e sim percepções sociais, influências e tendências dos indivíduos que um dia confeccionaram determinado objeto. Nosso olhar arqueológico não permite transformarmos tudo em tecnologismo, mas que o entendimento tecnológico esteja associado com o entendimento social das pessoas e de seus grupos, observando uma paulatina metamorfose do sistema técnico ao longo do tempo, de acordo com as influências tradicionais (coletivo), com as alteridades que interagem entre si (ou outros) e com a própria visão particular de mundo (individual).

Da mesma forma que Criado-Boado (2015) nos alerta que o espaço é percebido como inseparável a própria realidade, a cerâmica arqueológica não é deslocada de sua realidade no ato de sua criação. Nós, arqueólogos, somos os indivíduos deslocados no tempo, e nossas análises representam nossas percepções e visões de mundo do presente.

Assim, nossa conclusão é de que a cerâmica Guarani possui tendências que as tornam únicas dentro de um universo infinito de coleções ou sítios arqueológicos. Desgeneralizar o prescritivismo da cerâmica Guarani, significa, aqui, ter um olhar atento à percepção do invisível. Nós sabemos diferenciar a decoração unglada da decoração corrugada na superfície das vasilhas. Nossa tentativa, mesmo que incipiente, foi a de distinguir a característica particular que cada coleção ou conjunto de fragmentos sugere.

\*\*\*

As datas obtidas permitem-nos inferir que houve ocupação tardia e recente nas áreas em que localizam-se os sítios arqueológicos. Assim, há um período de longa duração que comporta vários anos de resistência indígena ao território. Mesmo durante os mais severos contextos de afrouxamento e estreitamento das fronteiras, ou durante as mobilidades dos grupos devido à diferentes fatores históricos, a ocupação e a reocupação dessas regiões traz a tona, no presente, a desterritorialização e reterritorialização daqueles espaços.

A partir da análise da cronologia obtida para as cerâmicas, inferimos que a região que compreende o território dos três sítios analisados possui uma sequência de ocupação que durou por, pelo menos, 400 anos.

Assim, inferimos que a memória dos grupos deveria ser reelaborada a cada evento histórico impactante. Tanto a redução das aldeias inteiras como a constante expansão da sociedade colonial para dentro das matarias, gerava uma mudança, porém, o não abandono das áreas pelos Guarani, apesar de todos os infortúnios, confirma que o território era importante para o grupo, pois estava incorporado a visão de mundo, devendo comportar uma gama de elementos que fazia parte da construção identitária cultural daqueles indivíduos.

Os Guarani do período pré-colonial fizeram escolhas na paisagem da região, deixando os vestígios de sua ocupação através dos materiais cerâmicos encontrados na atualidade. O sítio Alto das Palmeiras representa um território ocupado e reocupado, desterritorializado e reterritorializado pelo grupo. Com isso, inferimos que os indígenas que habitaram o local no final do século XVIII eram *Ka'ygás* do mato – indivíduos não reduzidos ao cristianismo, que mantinham seus costumes, no que concerne ao uso da tecnologia cerâmica e seus desdobramentos, e que conviveram com a sociedade colonial.



Tal sítio possui subsídios que firmam a hipótese de que houve contato entre europeus e ameríndios locais, uma vez que algumas características da cultura material coletada possuem indícios morfológicos indicativos de sensíveis mudanças tecnológicas nas peças cerâmicas. Majoritariamente, a coleção apresenta elementos característicos indígenas, porém, a ocorrência de bases planas, asas, cerâmica vermelha típica do período missioneiro, e datação em torno da segunda metade do século XVIII, sugerem que houve um período de resistência em relação ao abandono do território e do processo produtivo de confecção e uso das cerâmicas.

O sítio Rincão dos Flores e Estância Velha, assim como o Alto das Palmeiras podem ser considerados territórios originários dos grupos Guarani na região, devido à sua cronologia tardia. A reocupação do sítio Rincão dos Flores e Estância Velha possuem indícios de que as áreas foram colonizadas e/ou incorporadas a propriedades rurais em período posterior.

O sítio Rincão dos Flores está a uma distância de aproximadamente 2,5 Km dos sítios Estrada/Alto das Palmeiras, e Cabeceira do Raimundo, e aproximadamente 10 Km do sítio Estância Velha. Dista aproximadamente 40 Km do Rio Vacacaí. Fica em uma área central entre os rios, Vacacaí ao Sul e, Ibicuí ao Norte. A cultura material deste sítio apresenta algumas particularidades, que indicam elementos diferentes na cultura material da indústria ceramista Guarani, e que podem estar associadas aos primeiros contatos entre jesuítas e ao grupo que lá habitou.

A hipótese para tal sítio consiste na inferência de que o local possa ter sido habitado por camponeses, ameríndios locais e europeus miscigenados, ou não. Por outro lado, inferimos a existência tardia de um posto indígena pertencente às remanescentes estâncias de gado que eram anexadas aos territórios das reduções jesuíticas da segunda fase missioneira na região. As estâncias possuíam centenas de hectares. Nesses espaços, haviam disputas por gado, água e território, além da ocupação do índio missioneiro ou dos índios que eram peões de estância na região.

A cerâmica indígena possibilitou-nos visualizar uma parte da história dos grupos Guarani pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais que habitaram os arredores da cidade de Santa Maria/RS, de uma forma empírica, concordando e problematizando indícios que podem ser observados nas entrelinhas dos documentos históricos.

\*\*\*

Ainda que nosso trabalho seja o de conhecer a cultura do outro e respeitá-la com suas diferenças, não podemos eliminá-la do nosso dia a dia, é necessário aprender a conviver. Por isso, ao escolhermos uma temática que tem como centro um elemento da cultura do outro, do

indígena, devemos nos comprometer em não apenas sistematizar de forma organizada a compreensão da cerâmica arqueológica dentro do círculo acadêmico, mas também em expor as formas de pensar que nos são passadas quando realizamos nosso trabalho em campo. Na maioria das vezes, a nossa maneira de sistematizar conhecimento não está de acordo com a visão de mundo dos indígenas.

Para isso, tomemos o exemplo da vasilha do tipo *Yapepó*, que segundo a vasta bibliografia descreve sua função como panela para cozinhar e uso secundário como urna funerária. Para nosso interlocutor Guarani (*Papá* – ver Figura 121), as panelas do tipo *Yapepó* possuem um formato que encaixa no corpo humano ao abraçá-las, quando há necessidade de trocá-las de seus lugares.

Nosso objetivo não é criticar um ponto de vista ou outro, mas exemplificar a diferença de concepção estabelecida em relação às prioridades de quando analisamos as formas ou utilização das vasilhas em relação ao olhar e concepção do indígena.

Assim, retomamos nesse momento a noção de totalidade social dentro da concepção sistêmica de Marcel Mauss. A relação do fisiológico com o social é um ponto a ser compreendido dentro da dinâmica analítica arqueológica da cerâmica Guarani. Mauss (2003), ao enunciar que o corpo humano sendo o primeiro e o mais natural instrumento do homem, e que ele nos serve de diferentes maneiras, variando em relação ao grupo social, no tempo e no espaço, abre para a possibilidade de que possamos compreender a interação entre corpo e objeto considerada por nosso interlocutor Guarani. Além disso, há um nó simbólico envolvendo o formato do corpo humano que abraça um corpo cerâmico anatomicamente proporcional.

Da mesma forma, as características do desempenho das vasilhas cerâmicas na relação com as artesãs ou artesãos possibilitam performances diferentes à cada indivíduo. Pois, estas (performances), estão diretamente relacionadas com as experiências incorporadas ao longo da vida com um determinado artefato. Esta noção nos permite no presente, observar a variabilidade das vasilhas cerâmicas e, concluir que não temos um inventário pronto das formas das vasilhas indígenas pré-coloniais.

\*\*\*

O sítio Estância Velha - no Distrito de Boca do Monte (Santa Maria, RS) - está localizado nos arredores do local que, segundo a interpretação de trechos do Diário de Jozé de Saldanha, foi onde estava localizado o acampamento dos demarcadores de terras da Coroa Portuguesa, liderados por Jozé de Saldanha (aproximadamente 1787), em sua quarta campanha. A conexão entre o sítio arqueológico e o período de implementação das missões recai no fato de

que Jozé de Saldanha registra em seu *Diário* a existência de um posto indígena em tempos pretéritos naquela localidade (ver Anexo 9).

A cultura material não apresenta persistentes mudanças em relação às técnicas ou morfologias diversificadas, em comparação ao quadro geral característico do período pré-colonial do território. Isto porque a cronologia estabeleceu o final do século XVI ou início do XVII – o que sugere que a cerâmica possui características tradicionais, que não representam uma mudança tecnológica, embora possua particularidades que sugerem as escolhas individuais e coletivas das pessoas que as confeccionavam.

Porém, os indícios materiais que sugerem uma reocupação do local dentro de uma área de fronteira, contato cultural, ou a indicação de um posto indígena do período reducional jesuítico, consistem na análise de peças arqueológicas cerâmicas produzidas pela técnica de montagem torneada, entre elas a peça cerâmica de catálogo 33 (ver Amostra I MEV – EDS), um fragmento de grês e outros fragmentos cerâmicos de menores proporções. Além disso, alguns fragmentos possuem a decoração plástica escovada, referenciada em algumas pesquisas arqueológicas como sendo mais frequente em coleções que pertencem à sítios de contatos entre indígenas e europeus. Assim, mesmo sem a cronologia da peça analisada, inferimos que houve reocupação colonial na área do sítio. O contexto histórico e os dados empíricos dão suporte a esta hipótese.

Inferimos que a cultura material cerâmica proveniente dos sítios arqueológicos neste estudo, juntamente com os contextos observados nos discursos das cartas anuais e diários, sustentem a hipótese de que os grupos indígenas procuraram manter o território e também seus costumes durante o período inicial de contato com ibéricos, através de uma resistência que consiste na manutenção cultural de elementos técnicos da cerâmica.

A cultura material proveniente dos sítios arqueológicos em questão, compõe um quadro que contempla vários períodos da ocupação Guarani, corroborados pela cultura material, dados etnohistóricos e diversos elementos dos contextos históricos e arqueológicos do entorno, entre eles, datações que sugerem que no período pós-contato houveram fortes resistências por parte dos grupos indígenas, que pouco a pouco foram obrigados a abandonar as matas ao redor dos núcleos populacionais que estavam transformando o espaço social da cidade em ascensão – o município de Santa Maria. Neste sentido, apontamos para a hipótese de longa duração da ocupação territorial do grupo na região.

As coleções cerâmicas receberam análises tecnotipológicas, consistindo na observação dos atributos que dão conta dos processos que envolvem as matérias-primas, as técnicas de

confeção e a queima. A partir das constatações entre as regularidades e/ou variabilidades dos diferentes atributos, relacionamos coleções cerâmicas e os sítios arqueológicos, contemplando assim uma análise mais ampla entre os contextos arqueológicos, mas também possibilitando uma microanálise de certas especificidades.

Levamos em consideração o paulatino estreitamento das fronteiras dos grupos originários, sua inserção e miscigenação aos grupos ibéricos, dizimação por guerras, doenças, transmigração das reduções jesuíticas e outras causas até o completo cancelamento de operações e abandono da confecção cerâmica.

\*\*\*

As observações analíticas sobre as queimas em relação às decorações plásticas e espessuras sugerem manutenções no modo de confecção dos vasilhames. A variação do modo que se aplica o tratamento de superfície, principalmente as decorações plásticas, revelam muito mais tendências diferentes do que a variação dos demais atributos. Portanto, concluímos que as diferentes tendências são oriundas de diferentes personalidades ou ideias. Devido a esse motivo, não podem ser inventariadas e compartimentadas, pois são únicas, exprimem as expressões e os modos particulares, são humanas, portanto variáveis no tempo e no espaço.

Tais ideias ou tendências, apesar de similares, possuem suas particularidades, assim, identificam-se dentro do universo simbólico da tecnologia cerâmica Guarani. Os códigos podem estar relacionados as mesmas referências do grupo social, porém, a forma de assimilar e expressar destoam. Isso implica a percepção de que a cerâmica pode ser vista de uma forma única, mas também particular, tanto para as pessoas que as confeccionavam, no passado, quanto para as pessoas que as analisam, no presente.

Em relação às formas das vasilhas para cada coleção salientamos que, apesar das pequenas proporções de alguns fragmentos, foi possível projetar, através das espessuras, diâmetros, decorações plásticas e decorações pintadas, um vislumbre, que nos permite inferir certas recorrências formais: No sítio Rincão dos Flores, um contraste em relação aos tamanhos e espessuras dos fragmentos, nos revelam a presença de fragmentos de vasilhas do tipo *Cambuchí (em vermelho, preto e branco)* e *Yapepós* (corrugadas com digitações profundas), com espessuras de suas paredes que podem medir até 18 mm, sugerindo que os vasilhames fossem de médio porte.

As formas que contrastam com essas espessuras das vasilhas de médio porte, referem-se, segundo nossa interpretação às pequenass vasilhas – essa observação deu-se através da análise dos fragmentos destas, que em grande parte não puderam ser projetadas, porém, outros dados analíticos deram conta do processo interpretativo. Assim, sugerimos a presença

abundante de *yapepós mini*, com a presença de decorações plásticas com unguiações, pseudo-unguiações, imbricadas ou não e corrugadas-unguladas, em relação à um menor número de vasilhas de médio porte. Além disso, inferimos a presença de *cambuchís* de pequeno porte com pinturas internas em vermelho e branco.

Para o sítio Estância Velha, a presença de formas varia. Os fragmentos de *cambuchís* e as remontagens destes, quando possíveis, revelaram que tal forma era recorrente dentro das escolhas do grupo, assim como a presença de *yapepós* de médio porte. Além disso, estes últimos e os demais fragmentos que possuem a decoração plástica corrugada, possuem uma tendência à sobreposição da decoração plástica unguilada e/ou imbricada, porém, neste caso, tanto as unguiações, quanto as incisões com instrumento para a aplicação de tal decoração, diferem das observadas no sítio Rincão dos Flores. No sítio Estância Velha, as decorações e os fragmentos não apresentam formas miniaturais.

A presença de uma vasilha do tipo *ñaembé*, uma do tipo *ñamôpyu/tembirú*, *cambuchís*, *yapepós* e *yapepó mini*, revelaram para tal sítio (Estância Velha), uma maior variedade formal em relação aos demais sítios estudados.

Para o sítio Estrada/Alto das Palmeiras, a ocorrência de formas, bordas e tratamentos de superfície, indicam que a presença dos *cambuchís* era uma constante. As reconstituições com fragmentos e projeções dos diâmetros, inferem a presença de *yapepós* e *cambuchís* com tamanhos similares. A maior projeção de diâmetro (56 cm), refere-se à um vasilhame que possui borda introvertida e decoração corrugada. O uso da pintura vermelha e do branco eram recorrentes., inclusive da pintura branca sobre a decoração plástica corrugada.

\*\*\*

A amostra B (MEV-EDS), pertencente ao sítio Rincão dos Flores, está enquadrada dentro dentro da categoria de materiais construtivos, juntamente com os fragmentos de telhas coloniais. Sugerimos que tal amostra (B), seja oriunda de um tipo de piso ou superfície. Assim, a presença de ladrilhos ou tijoletas cerâmicas podem estar associadas à uma remanescente habitação no local, bem como os fragmentos de telha colonial.

Machado (1999), refere-se às tijoletas e telhas na Redução de Nossa Senhora da Candelária do Caaçapamini (1627-1636). As tijoletas seguiam o mesmo sistema de confecção das telhas, possuindo características semelhantes entre si, fabricadas com moldes e queimadas em fornos. Em Caaçapamini, as tijoletas possuem na maioria das vezes uma queima completa,

assim como as peças analisadas no sítio Rincão dos Flores. Além disso, a tonalidade é muito semelhante.

A presença dos materiais construtivos desta natureza já estavam presentes desde o período da primeira fase das reduções, constituindo, assim, um indício de presença jesuítica e/ou colonial nestes locais. As áreas de influência das reduções jesuíticas, tanto da primeira fase, quanto da segunda fase missioneira (aproximadamente até o Ano: 1771) em terras sulinas também sofriam investidas de redução dos indígenas (ver Anexo 10, 11 e 12).

Segundo Santos (2006), os missionários jesuítas do Paraguai dos séculos XVII e XVIII conduziram o processo histórico missioneiro à luz da salvação, em que houveram eventos de profunda espiritualização do jesuíta e do índio. No século XVII, a experiência missioneira da atividade pecuária na região iniciou-se com a observação das imensas pradarias para a criação do gado. Devido a bandeira paulista entre 1636-1641 que assolou a região do Tape, os Guarani reduzidos transmigraram para a margem ocidental do rio Uruguai. Nessa ocasião, as áreas circundadas pelos rios Ibicuí, Quaraí, Negro e Jacuí foram abandonadas pelos jesuítas e índios reduzidos, que deixaram para trás as cabeças de gado bovino que pertenciam as Missões.

Embora tenha ocorrido a migração dos jesuítas e guaranis reduzidos, inferimos que a permanência de índios não reduzidos nesta região fortaleceram as bases para entendermos a história dos sítios arqueológicos pesquisados aqui. O espaço de influência das reduções, em que o gado se reproduzia sem domesticação estavam englobadas no século XVIII, nas estâncias de gado missioneiras, conforme mapa de 1771.

Em 1750, no Tratado de Madri traçou-se uma linha divisória entre as terras da Coroa Espanhola e as terras da Coroa Portuguesa. A fronteira passava pelas cabeceiras do Rio Negro até as nascentes do Ibicuí (Rio Uruguai). Esta fronteira era muito próxima aos arroios e nascentes de outro rio, o Jacuí. Assim o rio Ibicuí e Vacacaí são recursos hídricos muito importantes para a região central do Estado do Rio Grande do Sul.

No passado, as cabeceiras, nascentes e arroios destes rios comportavam aldeias indígenas, de acordo com os modelos locais já analisados nesta e em outras pesquisas sobre sítios Guarani. No período do tratado já supracitado, foi criada uma zona neutra que redefiniu o espaço. A zona neutra (zona tampão) tinha objetivo de resguardar o espaço, cortar as possibilidades de contrabando e garantir o equilíbrio entre as Coroas.

Porém, o tratado gerou uma crise entre as Coroas e as Missões, ocasionando violência entre os Guarani missioneiros, causando tensões sociais. Entre 7 e 10 de 1756, na margem direita do rio Vacacaí, os Guarani missioneiros e alguns homens do exército português envolveram-se numa batalha (Batalha de Caiboaté). O governador de Montevideu enviou

esquadrões ao encontro dos Guarani missioneiros. Ocasão essa em que ocorreu a morte do capitão Sepé Tiaraju, corregedor do povo de São Miguel. Ele foi morto às margens da sanga da Bica, próximo ao rio Vacacaí. (SANTOS, 2006).

Foi assim que a célebre frase dos Sete Povos foi bradada pelos índios que eram oriundos dos 30 Povos Missioneiros: “Esta terra tem dono.” Assim, as crises sociais e políticas interferiram na organização do espaço, gerando interações entre índios missioneiros, não reduzidos e sociedade colonial.

## ANÁLISES QUÍMICAS, CONTEXTO E PAISAGEM

A partir da análise da composição química presente nas diferentes amostras cerâmicas, foi possível inferir que, aquelas que possuem engobos brancos são oriundas do caulim, devido a presença de alumínio (Al) e silício (Si).

Infere-se também que o vermelho das pinturas, da presença do elemento ferro (Fe) seja oriundo do ocre ou urucum (matéria orgânica). Essa discussão está baseada na análise prévia que foi relatada também em (GOULART, 2004. p. 249-281). Além disso, a presença de óxido ferroso é uma característica presente em grande parte dos fragmentos, tanto na observação por lupa binocular, quanto nos indicativos dos gráficos dos elementos que constituem as amostras submetidas a MEV-EDS, onde a presença do elemento Fe (ferro) aparecem.

As análises (MEV) de dois fragmentos oriundos do sítio Rincão dos Flores (Amostras A e C), revelaram composições químicas semelhantes. O resultado sugere que as matérias primas utilizadas para esse caso são oriundas de uma mesma fonte ou banco de argila. Sabe-se que o sítio arqueológico (VAC 3) está a poucos metros de um banco de argila da região, o qual está exposto no talude da estrada.

Não é possível afirmar que a matéria prima era retirada do próprio local onde situa-se o sítio, porém, a ocorrência de bancos de argila, com distâncias muito curtas até os sítios, sugerem que os espaços para o estabelecimento de aldeias deviam comportar além de uma nascente, arroio ou córrego, bancos de argila e altitudes regulares no terreno, principalmente na meia-encosta, com suporte para que aldeia ao mesmo tempo que estivesse refugiada, também possuísse visão ampla das distâncias.

Os elementos químicos presentes nas amostras cerâmicas que receberam a análise por MEV/EDS apresentam uma concentração de cálcio (Ca) em suas faces externas. Esse fato, observado em amostras oriundas do sítio Estância Velha (ct. 33 – amostra I e ct.38 – amostra J),

está associado às amostras que possuem engobo branco na face analisada. Embora a presença do elemento Ca esteja presente em outras amostras, as quantidades que estas aparecem, em diferentes casos, sugere uma maior concentração de tal elemento nas faces com a presença do engobo branco. A amostra I, em sua face externa possui engobo branco sob pintura cinza. Esse detalhe, sugere que a presença do Ca pode ser oriunda de tal engobo. Enquanto que o Titânio (Ti) e o Ferro (Fe), podem estar relacionados à pintura cinza, sugerindo assim a presença de compostos minerais de ferro e titânio. Ambos os elementos são composições minerais presentes em alguns tipos de rochas e argilas.

As amostras oriundas do sítio Estrada/Alto das Palmeiras (ct.67 – amostra N e ct. 104 – amostra V), um fragmento de borda com pintura vermelha sobre engobo branco e um fragmento de base sem pintura, respectivamente, sugerem, a partir das análises por MEV/EDS que a presença do elemento Ferro (Fe) está associado a presença da pintura vermelha. A presença do elemento Carbono (C) na amostra N, pode estar associado a presença de fuligem, sugerida pela presença de resquícios de pintura preta na face analisada. O fragmento de base, sem pintura (amostra V – ponto 1) não apresenta elementos que foram observados em banhos, pinturas vermelhas ou engobos brancos, salvo em casos onde, por imprevisibilidade a superfície do ponto analisado estivesse (impregnado) exposto ao esmalte ou tinta nanquim (oriundas do processo de marcação de catálogos da coleção cerâmica).

As amostras B, A e C (ct.45), pertencentes a coleção cerâmica do sítio Rincão dos Flores, fragmentos de material construtivo, sem engobos ou pinturas, apresentam, além das composições básicas à todas (presença de alumínio e silício), elementos do grupo dos Metais da tabela periódica, o que indica que, compostos metálicos estão presentes nas composições de tais amostras, entre eles o Ferro, Cobre, Zinco e o Níquel. Esse fato pode estar relacionado a hipótese de adição de outras composições argilosas e minerais à pasta cerâmica usualmente produzida na região que engloba os três sítios arqueológicos.

De forma geral, a presença de elementos do grupo do metais mais aparentes nas análises das amostras, pode estar associada a um período mais recente da história ou a alguma adoção e/ou adição de materiais ou técnicas que, se inserem de formas mais imperceptíveis à produção de pasta argilosa para as vasilhas cerâmicas ou outras peças de mesmo material. Dentro de nossa perspectiva, outros recursos minerais (diferentes rochas com diferentes características) foram sendo incorporados intencionalmente à composição argilosa, revelando que o uso de técnicas distintas do tradicional acordelado indígena, podem também se relacionar, mesmo que de forma incipiente, ao uso de matérias- primas com composições mineralógicas diferentes.



Nas escolhas da paisagem eram excluídos os modelos geomorfológicos conhecidos como depressões, e os topos de coxilha, para os casos analisados. As escolhas podem estar relacionadas ao fato de ocorrerem alagamentos em períodos chuvosos, devido ao escoamento das águas, e dos invernos rigorosos na região Sul do Brasil, respectivamente.

Neste sentido, neste estudo ficou definido que: o sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras está situado em um modelo locacional conceituado por Morais (1999), como terraço fluvial. De acordo, com a topografia da área do entorno do sítio, foi possível compreender que, o sítio não localiza-se no topo do terreno, mas na meia-encosta deste. Além disso, na extensão do entorno, foi localizada uma sanga que corre de uma nascente, sendo este o ponto com menos altitude do entorno.

Para o sítio Rincão dos Flores, que possui sua localização em um terreno levemente inclinado e a poucos metros de uma nascente/cabeceira de nascente, inferimos que apesar de se encontrar em uma meia-encosta, que aparenta estar em processo erosivo do terreno, a melhor definição para estipular o modelo locacional de tal sítio seja o de “cabeceira de nascente”, também definido por Morais (1999).

O sítio Estância Velha é o mais distante do rio Vacacaí. Tal sítio fica entre as bacias do Vacacaí-Vacacaí-Mirim e do Ibicuí-Mirin. Nesse sentido, o modelo definido segundo os critérios em Morais (1999, o conceituam melhor dentro dos topos de interflúvio, por estar nas bordas de duas bacias hidrográficas. Além disso, o terreno sofre com os ravinamentos que causam as voçorocas na área do entorno próximo. As coxilhas naquela região são suaves e as cabeceiras de nascentes estão a distâncias mais ou menos longas.

Além disso, os minerais que foram observados em laboratório, oriundos das argilas e composições mineralógicas das peças cerâmicas, mostraram-se angulosos. Essa característica indica, segundo discussões com os técnicos laboratoriais que atuam na área da geografia, que os minerais (oriundos de rochas e/ou argilas), não foram transportados por longas distâncias, por isso, as características da argila sugerem que ela está próxima da rocha-fonte.

Para todos os efeitos, em relação aos sítios Estância Velha I, II e III ( Vac 1, Vac 2 e Vac 4) reiteramos que trata-se de um sítio apenas, isso se deve ao fato de que durante as pesquisas do professor Victor Hugo nos sítios cerâmicos em Santa Maria (RS), a metodologia e os conceitos utilizados seguiam os modelos utilizados pelos pesquisadores do PRONAPA.

Morais (1999:15) faz referência ao conceito de núcleos de solo antropogênico, afirmando que no Estado do Paraná, a arqueologia feita por Igor Chmyz ao estilo PRONAPA, considera cada núcleo de solo antropogênico como sendo um sítio habitação. Assim, não resta

dúvidas sobre a hermenêutica utilizada por Victor Hugo para a compreensão dos sítios arqueológicos em suas pesquisas. A conclusão que chegamos é que o conjunto de solos antropogênicos de Estância Velha devem ser entendidos como remanescentes de uma aldeia, formando um único sítio arqueológico.

A relação entre os três sítios arqueológicos analisados recai, principalmente, sobre o fator território. A forte presença indígena durante os séculos XV, XVI, XVII, XVIII e início do XIX na região fortalecem a história de longa duração. Através dos séculos e suas conjunturas, os Guarani tentaram resistir, a fim de manter seu território original. No Século XIX, XX e XXI a presença do grupo na região insiste em anunciar e mostrar a sociedade colonial seu lugar de direito.

Os dados do estudo do sítio Marafiga<sup>65</sup> são essenciais para compor o quadro contextual da pesquisa que propomos, pois ambas possuem informações de caráter cronológico que, aproximam temporalmente os locais. Assim, a ocupação territorial e a manutenção cultural Guarani pode ser melhor contextualizada e visualizada, ao expandirmos os espaços pesquisados dentro da região central.

O cruzamento de dados de caráter histórico e arqueológico nos forneceu um argumento coerente para afirmar que a manutenção ritualística guarani, mesmo com a presença de jesuítas (na primeira fase missioneira), espanhóis e portugueses, assim, com a presença da sociedade colonial (Séc. XVI ao Séc. XIX), há persistências em relação aos espaços ocupados, corroborada pelas cronologias obtidas e, manutenção cultural, representadas empiricamente pela presença da cultura material.

A interpretação dos sistemas tecnológicos dos fragmentos através das análises nesta pesquisa, infere um modo de vida para os Guaranis que habitaram a região. Tal modo, está de acordo com a dualidade que se impôs aos grupos indígenas em diferentes períodos e em diferentes locais. Embora, as estratégias sociais, as escolhas técnicas, os contextos históricos (eventos) e com eles o movimento das fronteiras territoriais, tenham exercido um forte impacto nas escolhas de cada grupo ou até mesmo de cada indivíduo, a tradição Guarani por estar enraizada e incorporada na dinâmica social de tais grupos, não permitiu a redução da cultura guarani à cultura do outro.

Jamais devemos confundir a tentativa de redução e a redução de fato de tais grupos indígenas. Há uma tradição acadêmica que divide a historiografia, deixando a história Guarani

---

<sup>65</sup> André Soares; Saul E. S. Milder. Arqueologia da morte: enterro de índio, vida de jesuíta, história que se escreve em cacós. In: Cadernos do CEOM: Representações do corpo e da morte. Ano 16 – Nº 16, Dezembro de 2002.

reduzida e dissolvida em uma história mais ampla. A história dos Guarani não foi e nem é o de sistema fechado de submissão e civilização, segundo Meliá e Temple (2009: 204). Isso se refere à história das reduções jesuíticas.

Assim, enfatizamos que a sociedade Guarani não se reduziu, nem ao menos se restringe à pré-história ou à história colonial, ela continua a sua dispersão. Meliá e Temple (2009:204), afirma categoricamente: “*Pues bien, lo que yo pretenderia es devolver la sociedad guaraní reducida a su dispersión, lo civilizado a la barbárie, la ley a la anarquía. Des-reducir. Y hacerlo, sin embargo, históricamente, es decir en base a documentos escritos.*”. Acrescentamos à esta citação de Meliá, que a des-redução, também ocorre pela materialidade, pelo empírico, tão fortemente perseguidos pela Arqueologia Brasileira.

Embora os grupos indígenas não sejam os mesmos, pois transmigraram, morreram em batalhas ou por doenças, no passado colonial e pré-colonial, o espaço ainda é conhecido e guardado na memória Guarani. Na cidade de Santa Maria, próximo ao Distrito Industrial e ao Distrito de Boca do Monte, está a Aldeia *Guarani Guaviraty Porã*. Tal aldeia representa um espaço importante, pois, infere a resistência do grupo no território mesmo após muitos séculos. Apesar do espaço representar o mínimo em relação ao passado pré-colonial e colonial do território Guarani, a necessidade de um projeto que possa inserir cada vez mais a presença indígena no município é uma necessidade.

A presença do indígena, do meu ponto de vista, ainda precisa vencer obstáculos sociais. A população urbana e na maioria das vezes branca, mesmo após séculos, perpetua um pensamento sobre o afastamento do indígena em relação ao branco, tanto do ponto de vista territorial, quanto social. Não podemos esquecer do vasto território ocupado por grupos indígenas num passado pré-colonial e colonial, nem tão distantes. A arqueologia através de evidências empíricas, é um instrumento político que pode ser utilizado na luta por direitos. A manutenção espacial dos territórios originários tem sido uma luta e uma guerra travada na atualidade por diversos grupos indígenas no território brasileiro.

## Fontes

### *Livros impressos*

SALDANHA, J. de. Diário resumido e histórico. *In: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1938.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. A. A Arqueologia no Extremo Oeste de Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, v. 15, n. 2, p. 96-117, 2013.

ALVES, M. A. **Assentamentos e cultura material indígena anteriores ao Contato no Ser-tão da Farinha Podre, MG, e Monte Alto, SP**. Tese (Livre Docência em Arqueologia) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo: USP, 2009.

ALVES, M. A. Estudo Técnico em cerâmica pré-histórica do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, p. 39-70, 1994.

ALVES, M. A. Teorias, Métodos, Técnicas e avanços na Arqueologia Brasileira. **Canindé**, Xingó, n. 2, 2002.

AYOADE, J. O. **Introdução à climatologia para os Trópicos**. São Paulo: Editora DIFEL, 1986.

BALFET, H. Des chaînes opératoires, pour quoi faire? *In: BALFET, H. (org.). Observer l'action technique: des chaînes opératoires, pour quoi faire?* Paris: CNRS, 1991. p. 11-19.

BALFET, H. Terminologia da cerâmica. *In: LEROI-GOURHAN, A. et al. Pré-História*. Ed. Labor: Barcelona, 1981. p. 248-253.

BALFET, H.; FAUVET-BERTHELOT Y MONZON, S. **Pour la normalisation de la descripton des poteries**. Paris: Editora C.N.R.S., 1983.

BARLEY, N. 'Placing the West African Potter'. *In: PICTON, J. (ed.) Earthenware in Asia and Africa*. London: Percival David Foundation, 1984. p. 93–105.

BARLEY, N. **Smashing Pots: feats of Clay from Africa**. London: The British Museum Press, 1994.

BARRIOS, B. **Historias con Aromas de Guembepi y Takuarembó**: aportes a la Historia del Arte Mby'a-Guarani. Posadas, 2004.

BARRIOS, B. **El Arte Escondido de los Mby'a-Guarani**: aportes a la Historia del Arte Mby'a-Guarani. Posadas, 2009.

BICHO, N. F. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Lisboa: Edições Ltda., 2006.

- BITENCOURT, A. L.V. Princípios, Métodos e algumas aplicações da Georquologia. *In: Goarqueologia – teoria e prática*. RUBIN, J. C. R; SILVA, R. T. (orgs.). Editora da UCG: Goiânia, 2008.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Perspectiva, 1989.
- BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. *In: BOURDIEU, P. O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: [s.n.], 1981.
- BRAUDEL, F. História e Ciências sociais: a longa duração. *In: BRAUDEL, F. Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BROCHADO, J. P. **An Ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America**. Tese (Doutorado). Universidade de Illinois, Urbana-Champaign. 1984.
- BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G.; NEUMANN, E. S. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Arqueológicas. **Veritas**, Porto Alegre, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.
- BROCHADO, J. P. Extensão das Pesquisas Arqueológicas nos Vales do Jacuí e Ibicuí-Mirim, in Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) 4. Resultados Preliminares do 4o. Ano, 1968-1969. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, PA, v. 15, p. 11-36, 1971.
- BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstituição gráfica da cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 20, n. 2, 1994.
- BROCHADO, J. P. Pesquisas Arqueológicas nos Vales do Ijuí e Jacuí, in Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) 3, Resultados Preliminares do 3o. ano, 1967-1968. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, PA, v. 13, p. 31-62, 1969.
- BROCHADO, J. P.; SCHMITZ, P. I. Petroglifos do Estilo Pisadas no Rio Grande do Sul. **Estudos Íbero Americanos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 93-146, 1976.
- CADOGAN, L. La Guerra de doscientos años de los monteses del Tarumã: Yvytyrusú. **Revista Gauaieña de Cultura**, Villarica, n. 2. p. 13-17, 1961.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (org.). **Marcel Mauss: antropologia**. São Paulo: Ática, 1979.
- CHMYZ, I. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, Paraná:1976.

CORRÊA, Â. A. **Pindorama de mboîa e îakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi.** Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: 10.11606/T.71.2014.tde-17102014-154640. Acesso em: 23 abr. 2019.

CRIADO-BOADO, F. Archaeologies of Space: an inquiry into mode of existence of Xscapes. An offprint from paradigm found: Archaeological Theory Present, Past and Future. **United Kingdom**, p. 61-83, jan. 2015.

CRIADO-BOADO, F. Límites y posibilidades de la Arqueologia del Paisage. **Revista de Prehistória y Arqueologia**, Sevilha, v. 2, p. 09-55, 1993.

DAVID, A. Chapter 1: Finding sites. In: BALME, J.; PATERSON, A. (ed). **Archaeology in Practice. A Student Guide to Archaeological Analyses.** Oxford, p. 1-34, 2006.

DALCIN, I. **Terra sem males.** Porto Alegre: Edições EST, 1993.

DEAN, A. **Teoria Cerâmica e Processo Cultural após 25 anos.** Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/259481925\\_Ceramic\\_Theory\\_and\\_Cultural\\_Process\\_after\\_25\\_Years](https://www.researchgate.net/publication/259481925_Ceramic_Theory_and_Cultural_Process_after_25_Years). Acesso em: 16 set. 2018.

DELFORGE, A. H. **O sítio arqueológico Cerâmica Preta: estudo das técnicas e da cadeia operatória da cerâmica queimada em ambiente redutivo dos povos pré-coloniais praticantes da tradição cerâmica Aratu-Sapucaí.** Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: 10.11606/T.71.2017.tde-19122017-102422. Acesso em: 23 mai. 2019.

DE HEUSCH, L. **Rois nés d'un coeur de vache.** Paris: Gallimard, 1982.

DESROSIERS, S. Sur le concept de chaîne opératoire. In: BALFET, H. **Observer l'action technique.** Des chaîne opératoires, pour quoi faire? Paris: CNRS, 1991. p. 21-25.

DIAS, A. S. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan./abr. 2007.

DIAS, A. S. et al. O discurso dos fragmentos: sócio cosmologia e alteridade na cerâmica guarani pré-colonial. **Espaço Ameríndio**, v. 2, n. 2, p. 5-34, jul./dez. 2008.

DIAS, A. S. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: uma proposta interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul.** Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2003.

ESPÍRITO SANTO, M. F. do. Fundamentos da incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao espaço português. In: **História Geral do Rio Grande do Sul/Colônia.** Passo Fundo: Editora Méritos, 2006, p. 23-41.

FAGUNDES, M.; ALVES, A. A.; GOULART, E. P. Análise técnica da cerâmica do sítio Re-zende, Centralina Minas Gerais – Microscopia Óptica, Espectrometria e Difratomia de Raios-X. **Canindé**, Xingó, n. 10, 2007.

FAGUNDES, M. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil.** Tese (Doutorado), Universidade Federal de São Paulo, 2007.

FAGUNDES, M; PIUZANA, D. Estudo teórico sobre o uso do conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales Niñez y Juventud.**, maio. 2010, p. 205-220.

FAJARDO, F. **Aspectos da ocupação pré-colonial platina: Cabeceira do Raimundo.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

FARINATTI, L. A.; RIBEIRO, M. R. P. Guarani nas capelas da fronteira: migrações e presença missioneira no Rio Grande de São Pedro (Alegrete e Santa Maria, 1812-1827). In: **Misões: reflexões e questionamentos.** Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016.

FARINATTI, L. A. E.; THOMPSON FLORES, M. F. da C. A fronteira manejada: apontamentos para uma história social da fronteira meridional do Brasil (século XIX). In: HEINZ, F. (org.). **Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma história comparada da América Latina.** São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 145-177.

GAMBLE, C. **Archaeology: the basics.** New York: Routledge, 2001.

GARLET, I. J. **Mobilidade Mbyá: história e significação.** Dissertação (Mestrado), PUCRS, Porto Alegre, 1997,

GOULART, E. P. Técnicas instrumentais para a caracterização mineralógica e microestrutural de materiais cerâmicos arqueológicos. **Canindé**, Xingó, n. 4, dez. 2004.

GOULART, E. P.; ALVES, M. A.; ZANDONANI, A. R.; MUNITA, C. S.; PAIVA, R. P. Sítio Prado, Estado de Minas Gerais: caracterização microestrutural e química de amostras de cerâmica indígena. **Canindé**, Xingó, n. 6, dez. 2005.

GONÇALVES; MONTE; CÂMARA. **IBGE: recursos naturais e meio ambiente - uma visão do Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: FIBGE, 1997.

GOSSELAIN, O. P. In pots we trust: processing of clay and symbols in Sub-Saharan Africa. **Journal of Material Culture**, v. 4, jul. 1999.

GUERRA, A.T.; GUERRA, A. J. T. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HAMILAKIS, Y. Archaeological ethnography: a González meeting ground for archaeology and anthropology. **Annual Review of Anthropology**, n. 40, p. 399-414, 2011.

JACQUES, C. C. **As pessoas e as coisas: análise espacial em dois sítios arqueológicos, Santo Antônio da Patrulha, RS.** Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LEITE, C. A. P. **Transformações térmicas de argilominerais Haloisíticos na faixa de temperatura de 400°C a 1300°C**. Estudo por Microscopia e difração eletrônicas. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Física, Universidade Federal de São Paulo, 1986.

LEMONNIER, P. L'étude des systèmes techniques, une urgence en technologie culturelle. **Techniques et Culture**, Paris, v. 1, p. 11-34, 1983.

LEMONNIER, P. **Elements for an Anthropology of Technology**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1992.

LEMONNIER, P. Introduction. In: LEMONNIER, P. (org.). **Technological choices: transformation in material culture since the Neolithic**. London: Routledge, 2002, p. 1-35.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra 1: técnica e Linguagem**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra 2: memória e ritmos**. Lisboa: Edições 70, 1965.

LÉVI-STRAUSS, C. "Introdução a obra de Marcel Mauss". In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MACHADO, N. T. G. **A Redução de nossa Senhora do Caaçapamini (1627 – 1636): o impacto da missão sobre a população indígena**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELIÀ, B.; TEMPLE, D. **El don, la venganza y otras formas de economía guaraní**. Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch" - Asunción del Paraguay, 2004.

MELIÀ, B. El "modo de ser" Guarani em La Primeira Documentación Jesuítica (1594 – 1639). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 24, p. 01- 24, 1981.

MELIÀ, B. **Mundo Guaraní**. Asunción: Banco Interamericano de Desarrollo, 2011.

MELIÀ, B. **Una Nación, dos culturas**. Asunción: CEPG, 1988.

MELIÀ, B. La tierra-sin-mal de los Guarani. Economía y Profecía. **América Indígena**, v. 49, México, 1989.

MENTZ RIBEIRO, P. A.; MARTIN, H. E.; STEINHAUS, R.; HEUSER, L.; BAUMHARDT, G. A redução jesuítica de Jesus Maria, Candelária, RS (Nota Prévia). **Revista do CEPA**, n. 4, p.01-60, 1976.

MILDER, S. E. S.; SOARES, A. L. R. Arqueologia da Morte: enterro de índio, vida de jesuíta, história que se escreve em cacos. In: **Cadernos do CEOM Representações do corpo e da morte**, n. 16, 2002.



MILDER, S. E. S. **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva geoarqueológica**. 174 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2000.

MILDER, S. E. S.; SANTI, J. R.; ZUSE, S. Ocupação pré-colonial da região de Santa Maria por grupos horticultores Guarani. *In: Nova História de Santa Maria: contribuições recentes*, Gráfica Editora Pallotti. Santa Maria, 2010, p. 89-106.

MILDER, V. dos S. “*Escuchando el sonido de nuestros calabazos e tacuaras*”: a cultura material relacionada a resistência e manutenção cultural de grupos Guarani arqueológicos/Boca do Monte – Santa Maria/RS. Monografia (Graduação) - Departamento de História da UFSM, Santa Maria, 2014.

MILLER, T. O.; ROCHA, W. A. Na pista da artesã: repensando a cerâmica arqueológica. *In: OOTERBEEK, L.; CEREZER, J. F. (orgs.). Estudos de Tecnologia Cerâmica*, Arkeos: Tomar, 2012.

MONTICELLI, G. O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani. **Bol. Museu Para. Emílio Goeldi**, Belém, v. 2, n. 1, p. 105-115, jan./abr., 2007.

MORAIS, J. L. **Perspectivas Geoambientais**. Tese (Livre Docência em Arqueologia) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1999.

MORDO, C. Artesanía, cultura y desarrollo: apuntes sobre arte popular y artesanía en la República Argentina. **Plan de Fomento de la Artesanías de las Comunidades Indígenas de la Argentina**, Buenos Aires, 1997.

MORDO, C. **El Cesto y el arco: metáforas de la estética mbyá-guaraní**. Asunción: CEADUC, 2000.

MORDO, C. **La Herencia Olvidada: arte indígena de la Argentina**. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes, 2001.

MULLER FILHO, I. L. Notas para o estudo da Geomorfologia do Rio Grande do Sul, Brasil. **Imprensa Universitária**, Publicação especial, 1970.

NIMUENDAJU, C. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religiões dos Apapokuva-Guarani**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1987.

NIMUENDAJU, C. Apontamentos sobre os Guarani. **Revista do Museu Paulista**, v. 3, p. 09-57, 1954.

NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Tekó**. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Rio Jacuí, RS. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1993.

NOELLI, F.S.; BROCHADO, J. P.; CÔRREA, A. A. A linguagem da cerâmica Guaraní: sobre a persistência das práticas e materialidade (parte 1). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 10, n. 2, dez. 2018.

- ORTIZ, R. Durkheim: arquiteto e herói fundador. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 4, n.11, out. 1989. Disponível em:[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_11/rbcs11\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_11/rbcs11_01.htm). Acesso em: 14 out. 2018.
- PALLESTRINI, L. Superfícies amplas em arqueologia pré-histórica. **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 1, n. 1, p. 7-18, 1983.
- PILEGGI, A. **Cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Editora S. A., 1958.
- PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros: a Pré-História do nosso país**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- RADAMBRASIL, **Levantamentos dos Recursos Naturais**. Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. Projeto RADAMBRASIL, folhas SH.22 POA, SH.21 Uruguaiana e SL.22 Lagoa Mirim. Rio de Janeiro, 1982.
- REICHEL, Heloisa Jochims. Fronteiras no espaço Platino. *In: História Geral do Rio Grande do Sul/Colônia*. Passo Fundo: Editora Méritos, 2006, p. 43-63.
- RIBEIRO, P. A. M.; HARDY, E. et al. A Redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, Rio Grande do Sul – Nota Prévia. Associação Pró-ensino em Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, n. 4, 1976.
- RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SANTOS, J. R. Q. dos. As Missões Jesuítico-Guaranis. *In: História Geral do Rio Grande do Sul/Colônia*. Passo Fundo: Editora Méritos, 2006, p. 103-133.
- SANTOS, J. R. Q. dos. As origens missioneiras de Santa Maria. *In: Nova História de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: Pallotti, 2010. p. 107-142.
- SANTOS, J. R. Q. dos. **Missões: reflexões e questionamentos**. Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016.
- SANTOS, J. R. Q. dos. **Guerreiros e Jesuítas na utopia do Prata**. Bauru: EDUSC, 2000.
- SALDANHA, J. de. **Diário geral das operações topográficas e observações astronômicas: primeira divisão da demarcação da América Meridional**. [S. I.]: Campanha 4ª, 1787.
- SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**, v. 62, n. 1, p. 27-50, 1997.
- SCHMITZ, P. I. A decoração plástica na cerâmica da Tradição Tupiguarani. *In: PROUS, A.; PROUS, L.; ANDRADE, T. (eds.). Os ceramistas Tupiguarani: eixos temáticos, Volume III*. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2010.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; ARNT, F. V. **Arqueologia do Rio Grande do Sul: documentos 08**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

SILVA, V. H. O. da; PRADE, E. E.; KLEIN, A. I. Sítio Cerâmico Tupyguarani na Bacia do Rio Vacacaí Mirim, RS (RS. VM – 05). **Revista IHGSM**, n. 3, dez. 1993.

SCHNEIDER, A. Beyond appropriation: Significant overlays in Guaraní-inspired designs. **Journal of Material Culture**, v. 17, n. 4, p. 345-366, 2012.

SCHWARCZ, L. K. M. “Entre amigas: relações de boa vizinhança”. **Revista da USP**, São Paulo, n. 23, p. 68-75, 1994.

SILVA, S. B. da. Iconografia e ecologia simbólica: retratando o cosmos Guarani. In: PROUS, A. & L.; ANDRADE, T. (ed.). Os ceramistas Tupiguarani: eixos temáticos. v. 3. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2010.

SOARES, A. L. R. Organização Sócio-Política Guarani: aportes para a Investigação Arqueológica. (Dissertação de Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SOARES, A. L. R.; MILDNER, S. E. S. Arqueologia da morte: enterro de índio, vida de jesuíta, história que se escreve em cacos. **Cadernos do CEOM: representações do corpo e da morte**, n. 16, dez. 2002.

SUSNIKTESCHAUER, C. S. J. **História do Rio Grande do Sul: dos dois primeiros séculos**. Porto Alegre: Livraria Selbach de J. R. da Fonseca & Cia, 1918-1922.

THOMPSON FLORES, L. A.; FARINATTI. **Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma história comparada da América Latina**. São Leopoldo: Oikos, 2009.

TORRES, P. S. Aventuras y desventuras de la arqueología pós-colonial: revisión crítica de las principales aportaciones teóricas y el caso de la expansión colonial Fenícia en la Península Ibérica. **Revista Arkeogazte**, n. 2, 2012.

TRIGUEIRO, A. Uma análise introdutória à noção de fato social total em Marcel Mauss. **Augustus**, Rio de Janeiro, v. 08, n. 17, jul./dez., 2003.

VASCONCELLOS, M. D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Revista Educação e Sociedade**, n. 78, p. 77-87, 2002.

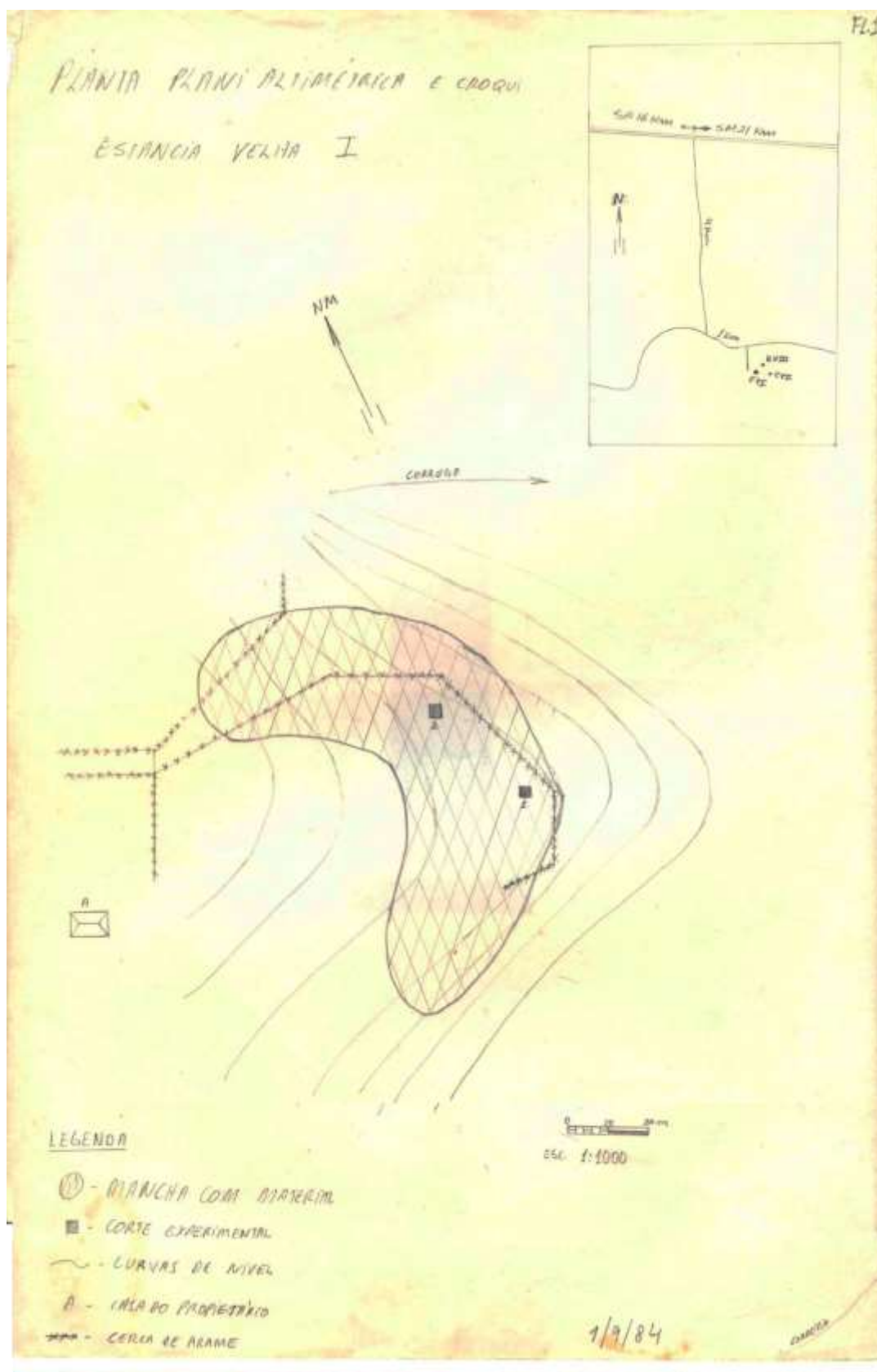
WACQUANT, L. Esclarecer o Habitus. In: WACQUANT, L. **Problemas e Práticas**, n. 25, Lisboa: Editora Celta, 2004.

WITTMANN, L. T. “História e religiosidade indígena: reflexões sobre um campo e um tema”. In: FLECK, E. C. D. (org.). **Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul (vol. 3): manifestações da religiosidade indígena**. São Paulo: Anpuh, 2014, p. 47-68.

ZANETTINI, P. E. Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia**, Curitiba, n. 5, p. 117-130, 1986.

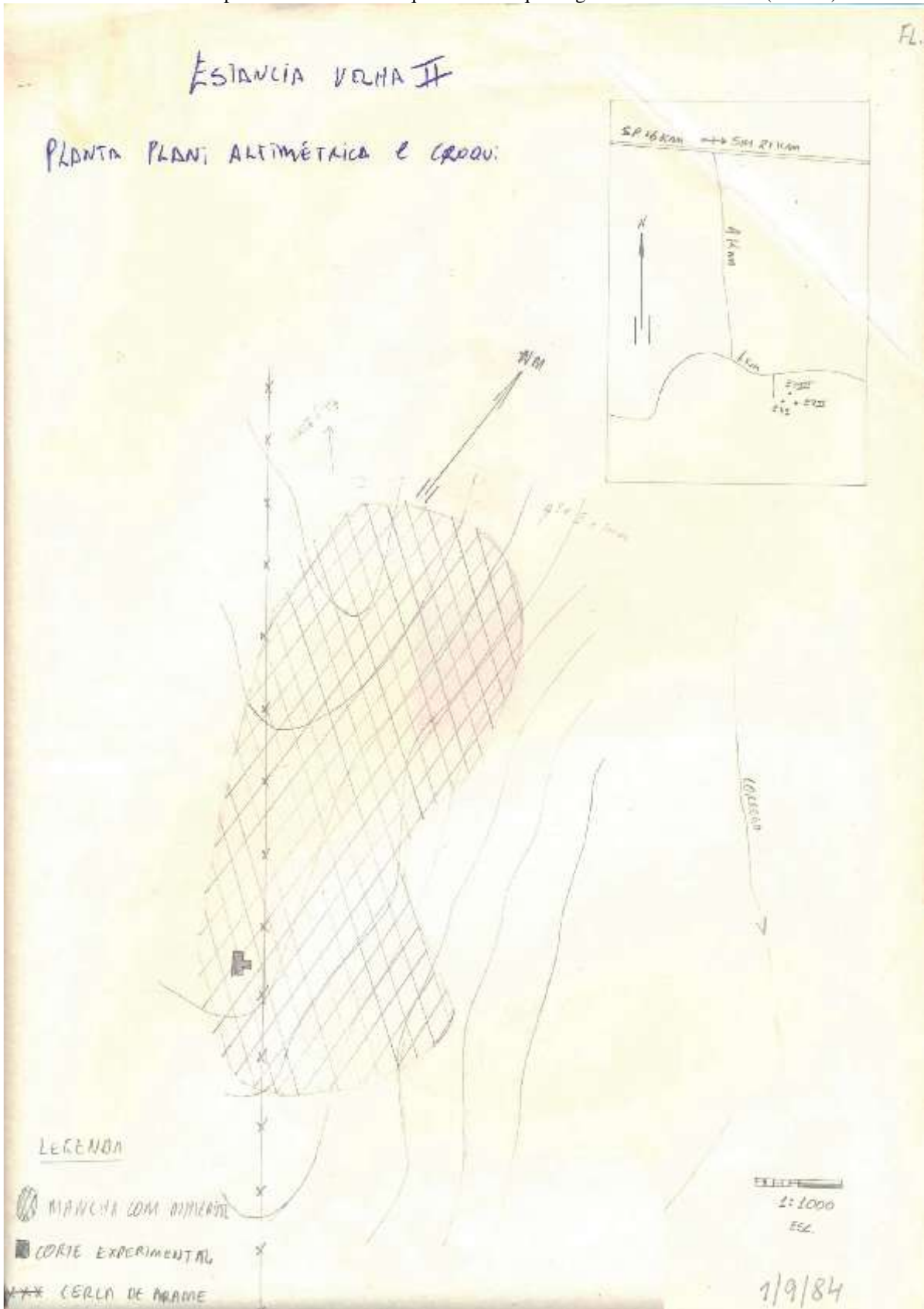
ZUSE, S. **Os Guarani e a redução jesuítica:** tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2009.

Anexo 1. Planta plani-altimétrica e croqui do sítio arqueológico Estância Velha I (VAC 1).



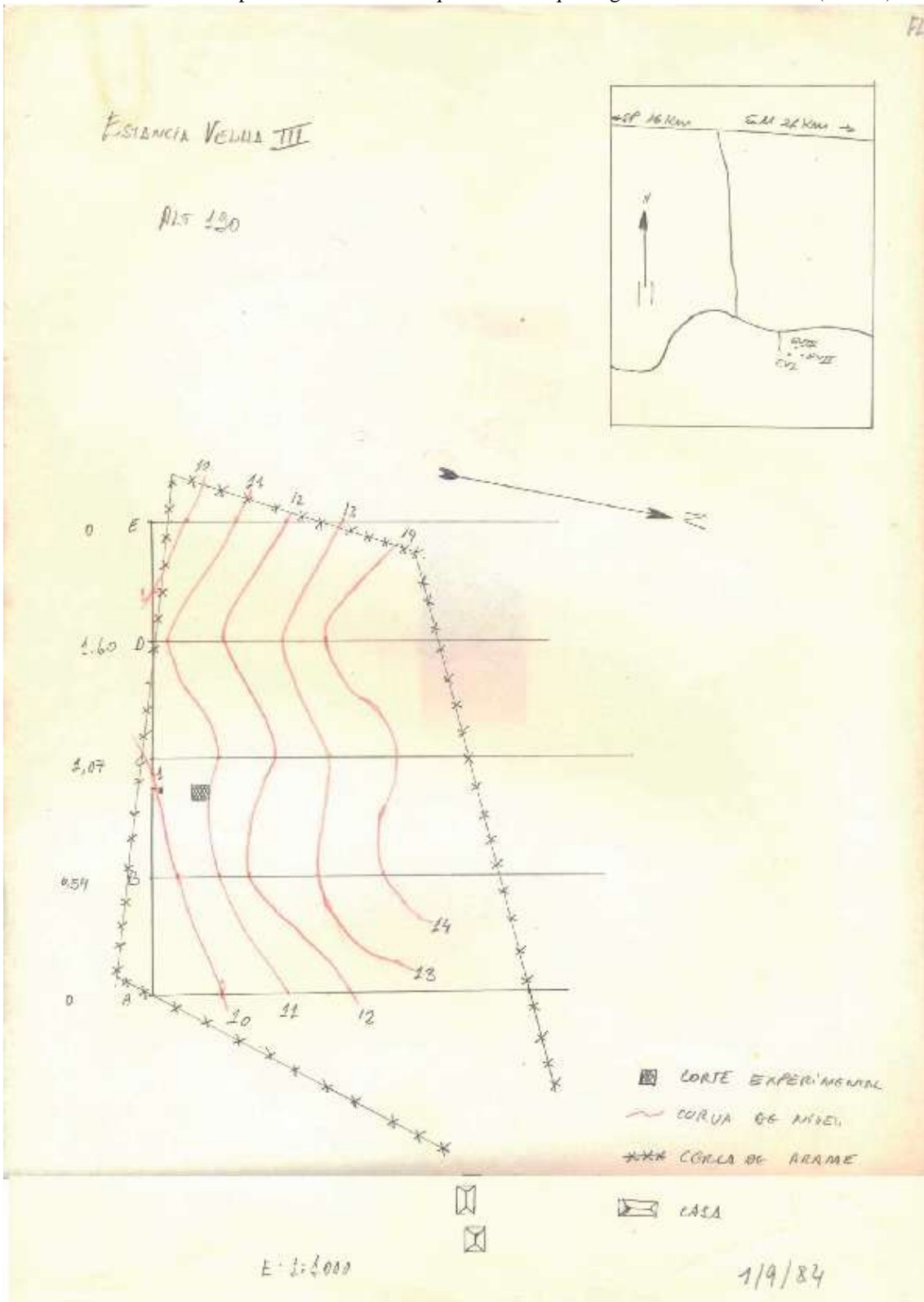
Fonte: Acervo documental LEPA/UFSM.

Anexo 2. Planta plani-altimétrica e croqui do sítio arqueológico Estância Velha II (VAC 2).



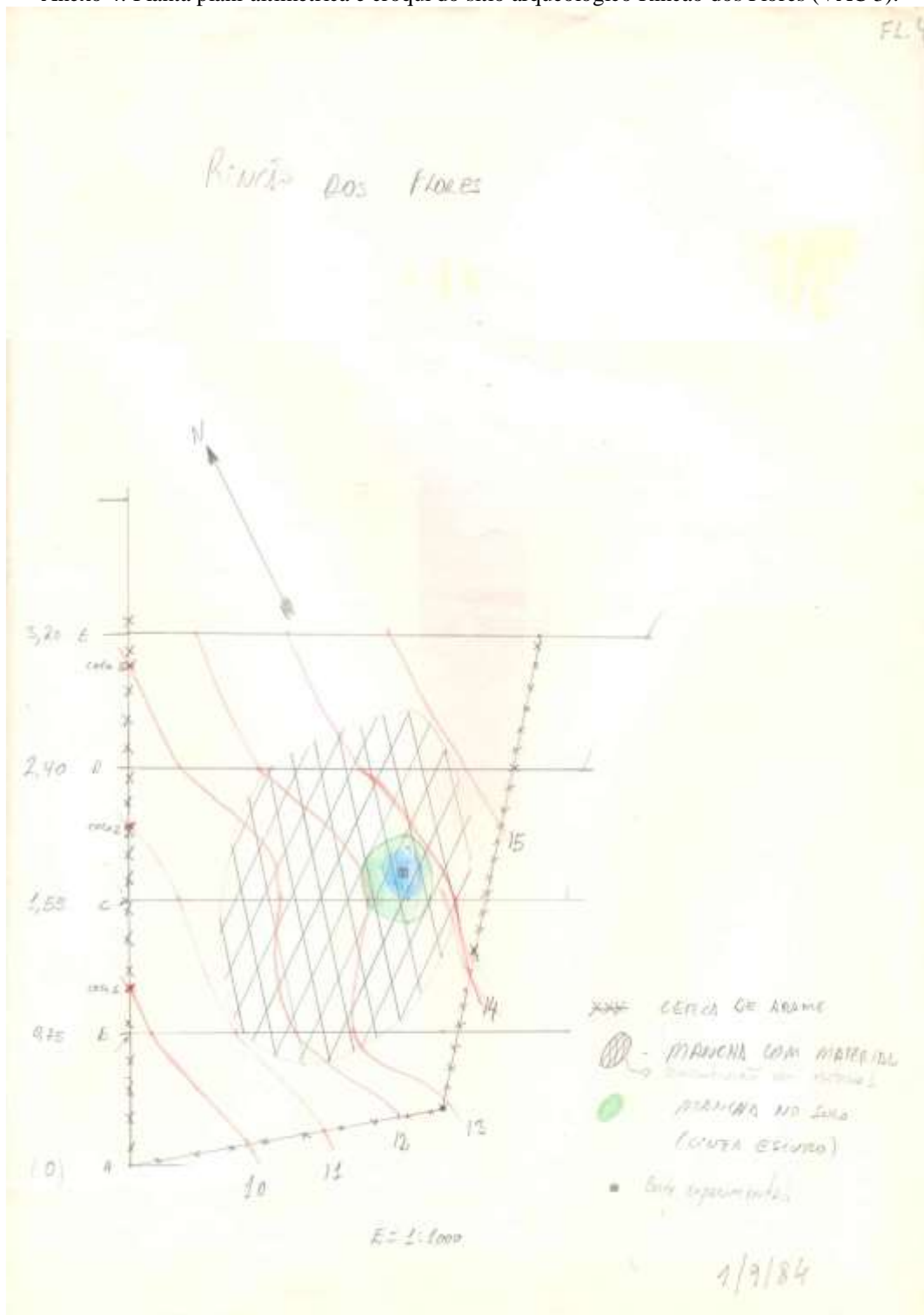
Fonte: Acervo documental LEPA/UFSM.

Anexo 3. Planta plani-altimétrica e croqui do sítio arqueológico Estância Velha III (VAC 4).



Fonte: Acervo documental LEPA/UFSM.

Anexo 4: Planta plani-altimétrica e croqui do sítio arqueológico Rincão dos Flores (VAC 3).

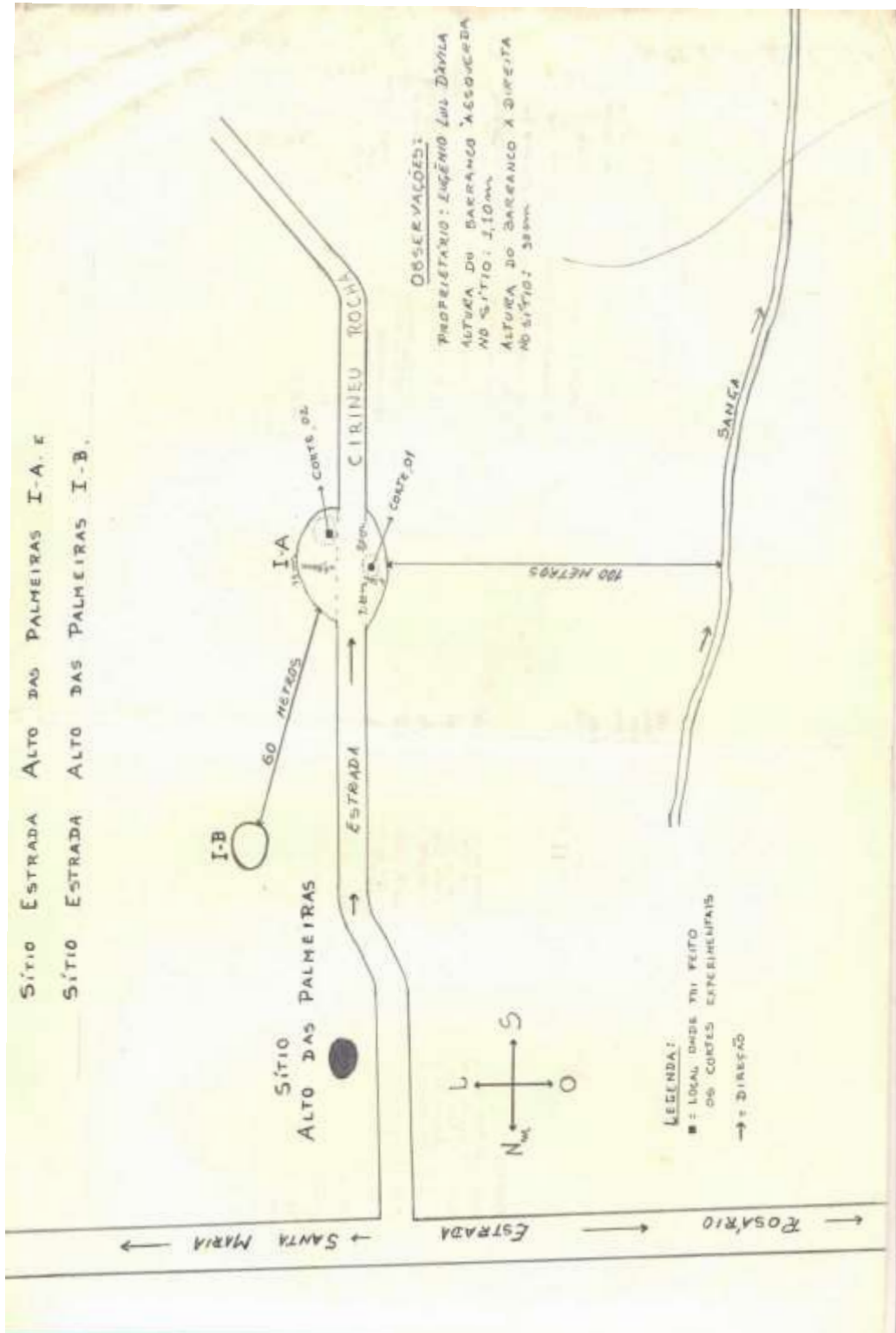


Fonte: Acervo documental LEPA/UFMS.

Anexo 5. Planta plani-altimétrica e croqui do sítio arqueológico Estrada/Alto das Palmeiras(VAC M6) .

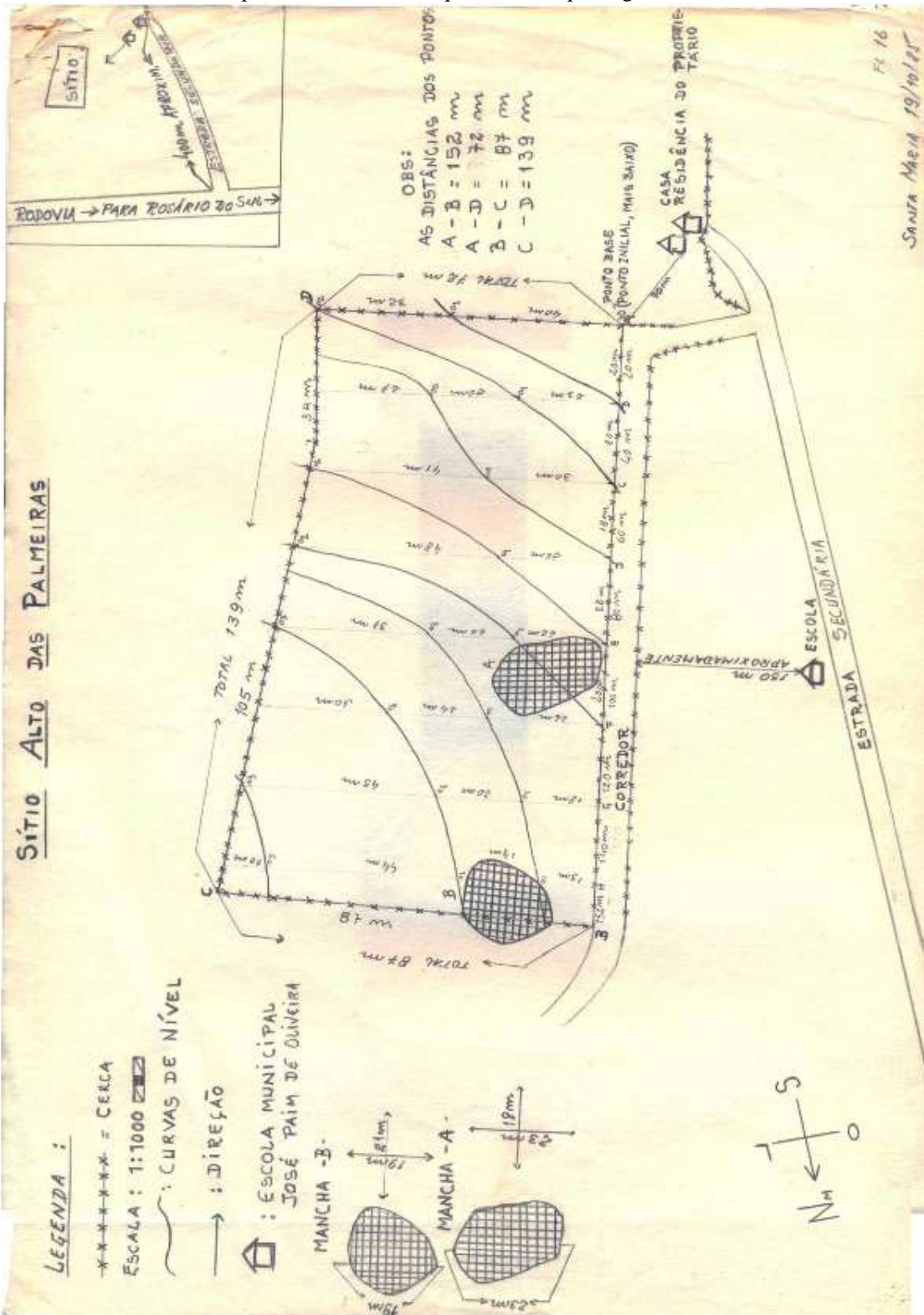


Fonte: Acervo documental LEPA/UFMS.



Fonte: Acervo documental LEPA/UFMS.

Anexo 6. Planta plani-altimétrica e croqui do sítio arqueológico Alto das Palmeiras.



Fonte: Acervo documental LEPA/UFMS.

Anexo 7 – Laudo de datação das Amostras cerâmicas A (3914) e B (3915), dos sítios arqueológicos (Estrada) Alto das Palmeiras e Rincão dos Flores. Ano: 2014.



**Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA.**

### **Relatório de Ensaio**

**CLIENTE: DR. SAUL EDUARDO SEIGUER MILDER**

**ANTRÓPICA CONSULTORIA CIENTÍFICA LTDA**

**EMAIL: [milderbr2@gmail.com](mailto:milderbr2@gmail.com)**

**MATERIAL: Sedimentos.**

**NATUREZA DO TRABALHO: Preparação de Amostragem e Elaboração de Laudo de Datação de Sedimentos pelo Método da Luminescência Ópticamente Estimulada (LOE) utilizando o protocolo SARs com 5 Aliquotas.**

### **REFERÊNCIA:**

#### **1. AMOSTRAS**

Foram fornecidas pelo cliente 08 (oito) amostras com as designações indicadas na Tabela 1, acondicionadas e devidamente embaladas de forma que não tomaram luz no envio. As amostras foram recebidas e identificadas no laboratório como 3914 até 3921.



## Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA.

### 2. RESULTADOS

Os resultados de dose acumulada, dose anual e da idade obtidos por LOE são apresentados na Tabela 1, a seguir:

**Tabela 1:** Código DAT, amostra, dose anual, paleodose média e idade média.

Código Datação	Amostra	Dose Anual ( $\mu\text{Gy/ano}$ )	P (Gy)	Idade (anos)
3914	Amostra A - Sup.	3.770 $\pm$ 345	0,80	210 $\pm$ 30
3915	Amostra B - Sup.	3.550 $\pm$ 310	0,45	130 $\pm$ 20
3916	Amostra 1 - 1,698 m	1.440 $\pm$ 130	4,5	3.120 $\pm$ 430
DESVIO PADRÃO		$\Rightarrow$	0,45	
3917	Amostra 5 - 1,698 m	1.225 $\pm$ 125	5,2	4.250 $\pm$ 640
DESVIO PADRÃO		$\Rightarrow$	0,85	
3918	Amostra 10 - 1,698 m	1.470 $\pm$ 220	4,7	3.200 $\pm$ 440
DESVIO PADRÃO		$\Rightarrow$	0,39	
3919	Amostra 11 - 3,022 m	1.620 $\pm$ 130	91,7	56.700 $\pm$ 7.340
DESVIO PADRÃO		$\Rightarrow$	13,4	
3920	Amostra 12 - 2,943 m	1.900 $\pm$ 220	136,2	72.100 $\pm$ 11.900
DESVIO PADRÃO		$\Rightarrow$	16,8	
3921	Amostra 13 - 2,943 m	2.210 $\pm$ 240	25,4	11.500 $\pm$ 1.800
DESVIO PADRÃO		$\Rightarrow$	3,6	



## **Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA.**

As concentrações medidas dos isótopos radioativos  $^{232}\text{Th}$ ,  $^{238}\text{U}+^{235}\text{U}$ ,  $^{40}\text{K}$  utilizados para calcular a dose anual são apresentados na Tabela 2, a seguir:

**Tabela 2:** Amostra, Th (Tório), U (Urânio), K (Potássio).

<b>Cod. DAT</b>	<b>Th (ppm)</b>	<b>U (ppm)</b>	<b>K (%)</b>
3914	17,255 ± 0,621	3,477 ± 0,375	1,354 ± 0,196
3915	15,354 ± 0,553	4,325 ± 0,432	1,060 ± 0,154
3916	4,322 ± 0,156	1,370 ± 0,132	0,565 ± 0,082
3917	3,441 ± 0,124	1,295 ± 0,193	0,437 ± 0,063
3918	3,446 ± 0,124	1,515 ± 0,099	0,619 ± 0,090
3919	5,013 ± 0,180	1,905 ± 0,106	0,588 ± 0,085
3920	4,226 ± 0,152	1,170 ± 0,178	1,088 ± 0,158
3921	6,172 ± 0,222	2,641 ± 0,351	0,913 ± 0,132

*OBS – A idade obtida para os fragmentos cerâmicos por TL estima o período decorrente a partir da última queima (acima de 450 °C) que a cerâmica foi submetida. A idade média encontrada pela técnica de LOE é a data na qual ao sedimento foi exposto por um longo período à luz solar pela última vez (16 horas), amostras com exposições de curta duração ou em várias épocas diferentes podem nos levar a interpretações errôneas. Por isso o conhecimento do local e da coleta é importante.*

São Paulo, 16 de Outubro de 2013.

**Dr. Silvio Luiz Miranda Brito**  
**Datação, Comércio & Prestação de Serviços LTDA**

Anexo 8. Laudo de datação das Amostras cerâmicas C, D e F dos sítios arqueológicos (Estrada) Alto das Palmeiras, Estância Velha e Rincão dos Flores, respectivamente. Ano: 2019.



**Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA.**

### **Relatório de Ensaio**

**CLIENTE: VANESSA DOS SANTOS MILDER**

**EMAIL: [vanessamilder@gmail.com](mailto:vanessamilder@gmail.com)**

**MATERIAL: FRAGMENTO CERÂMICO.**

**NATUREZA DO TRABALHO: Preparação de Amostragem e Elaboração de Laudo de Datação de Fragmentos Cerâmicos pelo Método da Termoluminescência (TL).**

**REFERÊNCIA:**

**AMOSTRAS**

Foram fornecidas pelo cliente 03 (três) amostras com as designações indicadas na Tabela 1, acondicionadas e devidamente embaladas de forma que não tomaram luz no envio. As amostras foram recebidas e identificadas no laboratório como 5246 até 5248.



## **Datação, Comércio e Prestação de Serviços LTDA.**

### **RESULTADOS**

Os resultados de dose acumulada, dose anual e da idade obtidos por TL são apresentados na Tabela 1, a seguir:

**Tabela 1:** Código DAT, amostra, dose anual, paleodose média e idade média.

Código Datação	Amostra	Dose Anual ( $\mu\text{Gy}/\text{ano}$ )	P (Gy)	Idade (anos)
5246	Amostra C	$1.880 \pm 65$	1,0	<b><math>530 \pm 55</math></b>
5247	Amostra D	$2.885 \pm 80$	1,2	<b><math>420 \pm 45</math></b>
5248	Amostra F	$2.440 \pm 75$	1,1	<b><math>450 \pm 50</math></b>


As concentrações medidas dos isótopos radioativos  $^{232}\text{Th}$ ,  $^{238}\text{U}$ ,  $^{235}\text{U}$ ,  $^{40}\text{K}$  utilizados para calcular a dose anual são apresentados na Tabela 2, a seguir:

**Tabela 2:** Amostra, Th (Tório), U (Urânio), K (Potássio) e Umidade.

Cod. DAT	Th (ppm)	U (ppm)	K (%)	Umidade (%)
5246	$7,280 \pm 0,359$	$1,508 \pm 0,093$	$0,839 \pm 0,071$	-
5247	$10,648 \pm 0,498$	$2,358 \pm 0,117$	$1,431 \pm 0,087$	-
5248	$9,366 \pm 0,446$	$2,588 \pm 0,119$	$1,002 \pm 0,079$	-

*Importante: A idade média encontrada pela técnica de LOE é a data na qual a amostra foi exposta por um longo período à luz solar pela última vez (16 horas), amostras com exposições de curta duração ou em várias épocas diferentes podem nos levar a interpretações errôneas. Por isso o conhecimento do local e da coleta é importante.*

São Paulo, 10 de Outubro de 2019.

  
**Dr. Sílvio Luiz Miranda Brito**  
 Datação, Comércio & Prestação de Serviços LTDA

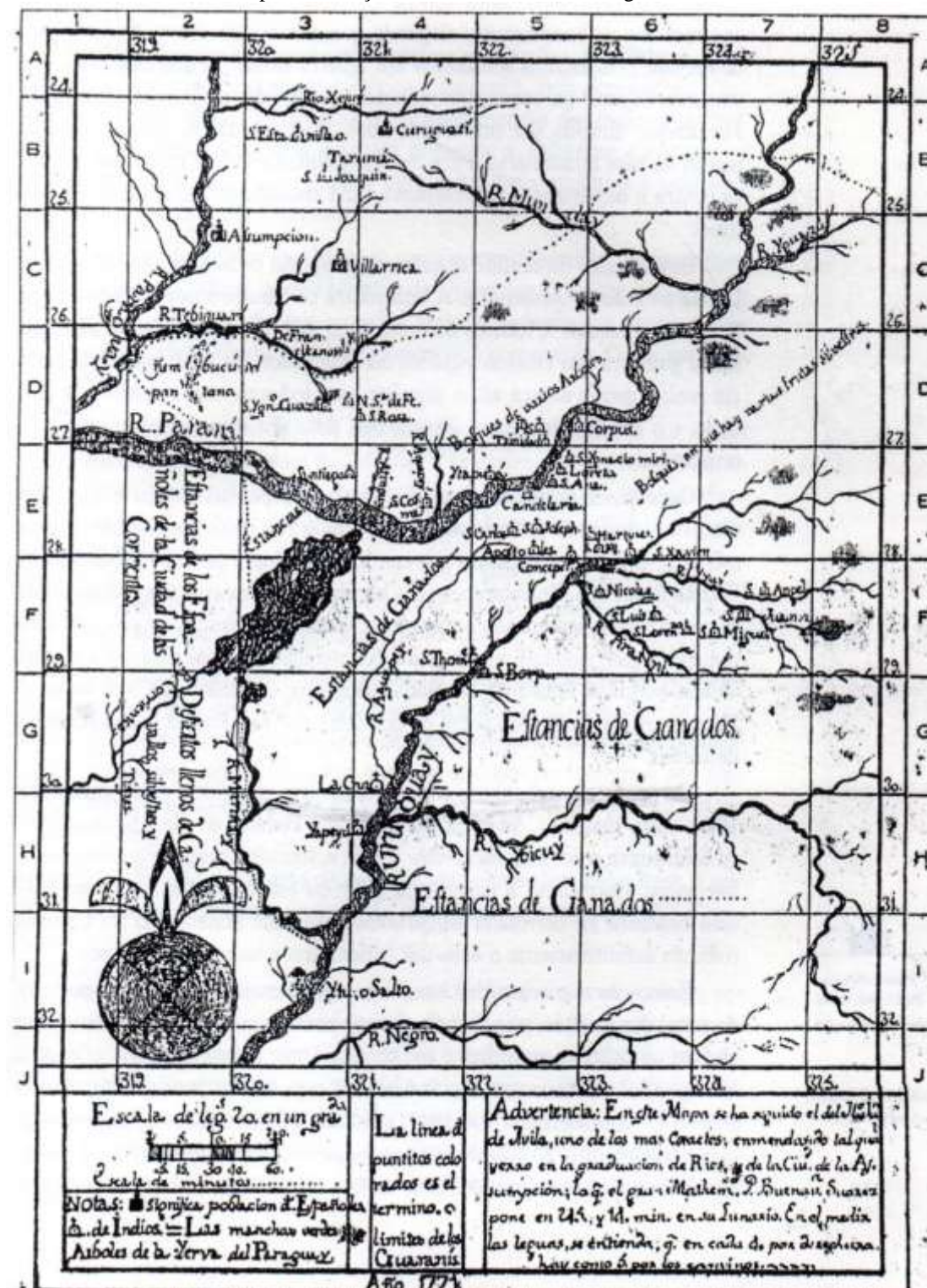
Anexo 9. Mapa de Jozé de Saldanha: demarcação das terras portuguesas (1787). Em vermelho, local aproximado do sítio arqueológico Estância Velha.



Fonte: Diário da demarcação de terras portuguesas (4ª campanha – 1787) de Jozé de Saldanha.



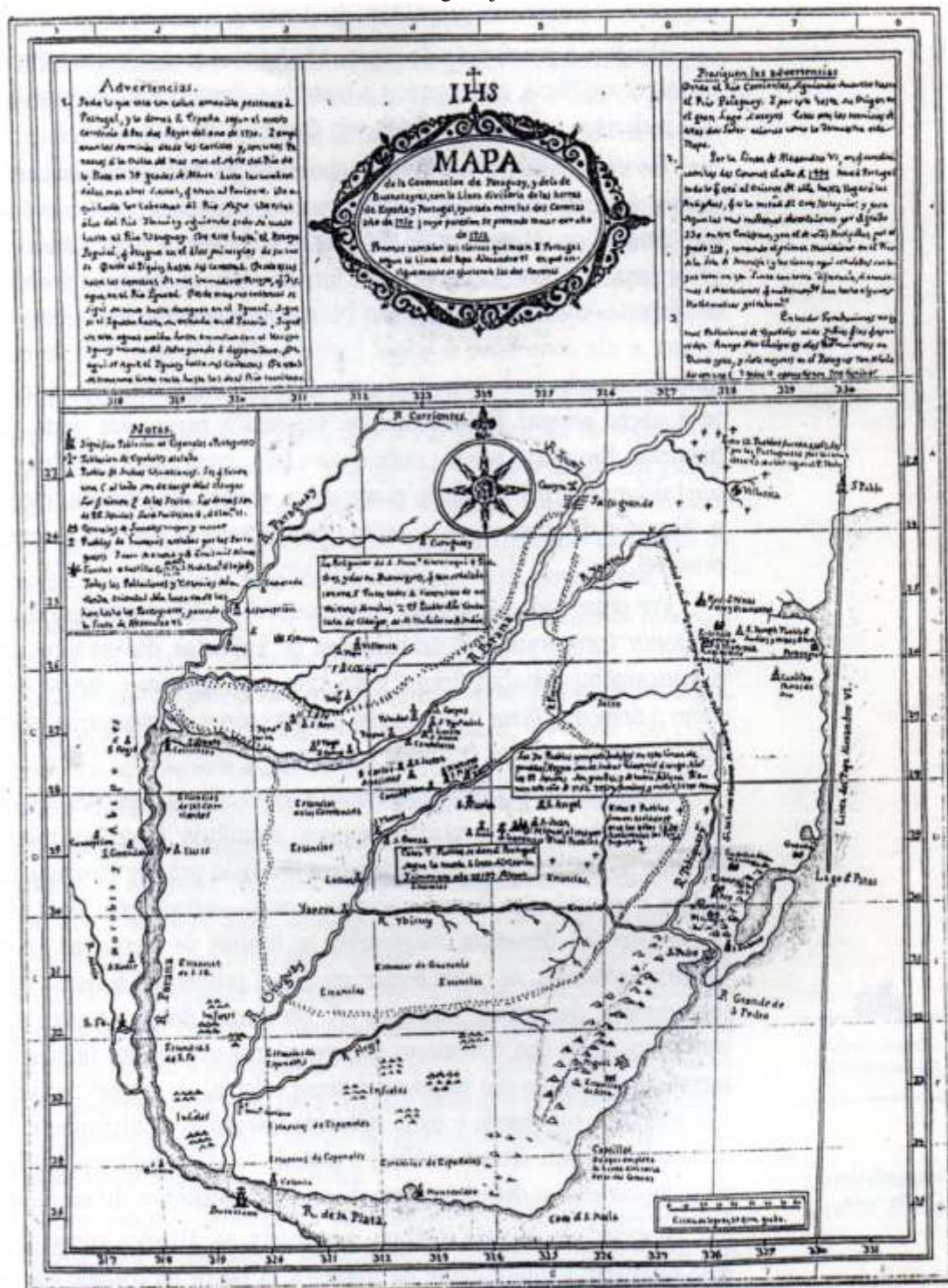
Anexo 10. Mapa das reduções Guaranis e estâncias de gado no século XVIII.



Fonte: SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. As Missões Jesuítico-Guaranis. In: **História Geral do Rio Grande do Sul/Colônia**. Passo Fundo: Editora Méritos, 2006, pg. 103-133.



Anexo 12. Mapa do Governo do Paraguai e de Buenos Aires com alinha divisória das terras de Espanha e Portugal, ajustadas em 1750.



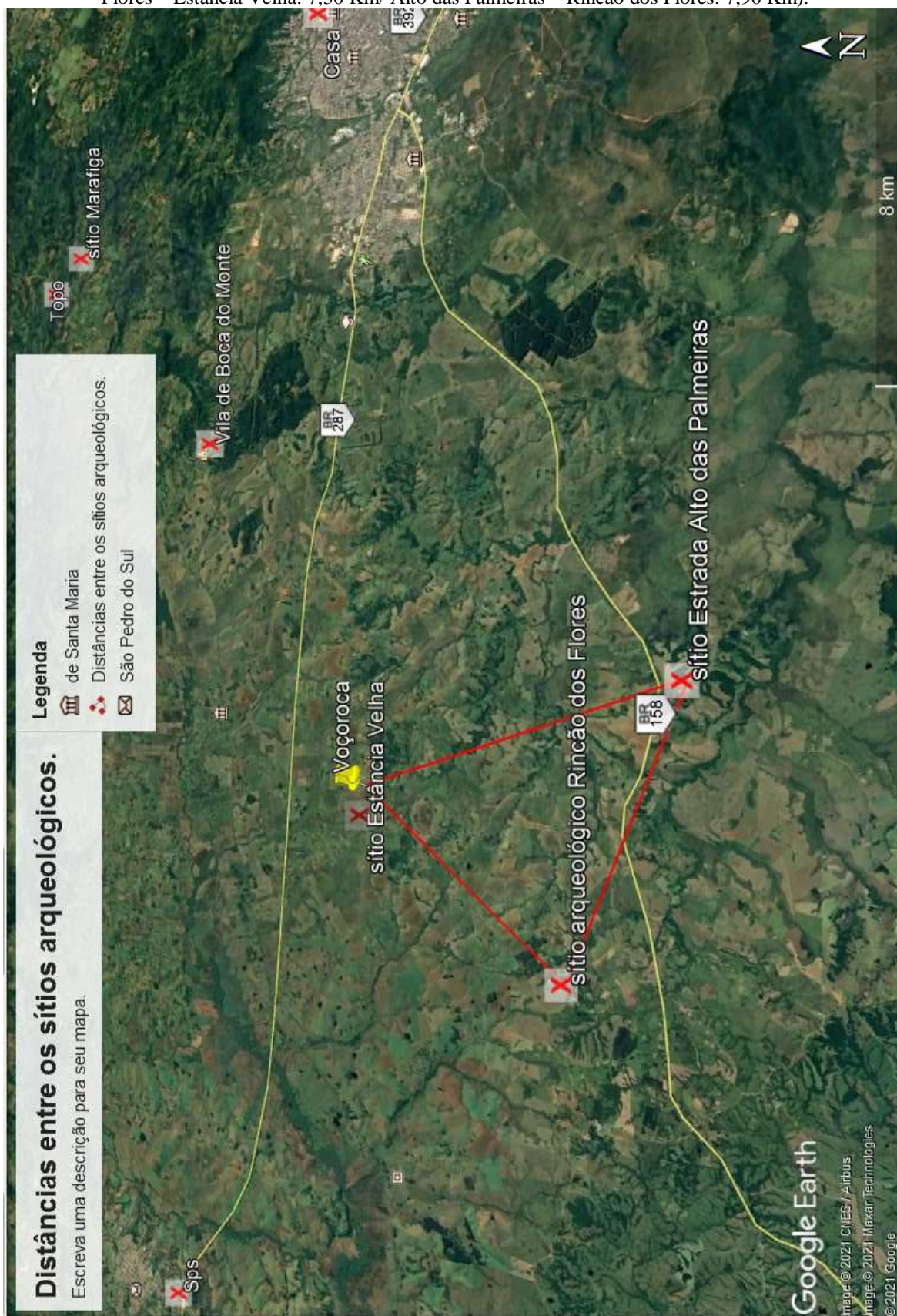
Fonte: SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. As Missões Jesuítico-Guaranis. In: **História Geral do Rio Grande do Sul/Colônia**. Passo Fundo: Editora Méritos, 2006, pg. 103-133.

Adendo 1. Localização dos sítios arqueológicos – imagem de satélite.



Fonte: Google Earth. Edição: autora./ Acessado em 11/06/2021.

Adendo 2. Distâncias entre os sítios arqueológicos. ( Alto das Palmeiras – Estância Velha: 9,14 Km/ Rincão dos Flores – Estância Velha: 7,30 Km/ Alto das Palmeiras – Rincão dos Flores: 7,90 Km).



Fonte: Google Earth. Edição: autora./ Acessado em 11/06/2021.

## FOTOS

Figura 114. Sondagem A (50cm x 50 cm) /  
sítio Alto das Palmeiras.



Autora: Vanessa Milder. Data: 07/02/2021.

Figura 115. Sondagem C - barranco da estrada/sítio  
Alto das Palmeiras.



Autora: Vanessa Milder. Data: 07/02/2021.

Figura 116. Sondagem B (50 x 50 cm) /sítio Alto das Palmeiras.



Autora: Vanessa Milder. Data: 07/02/2021.

Figura 117. Sondagem B/ Material cerâmico entre 30 e 40 cm de profundidade.



Autora: Vanessa Milder. Data: 07/02/2021.

Figura 118. Indígenas da etnia *Mbyá Guarani* no calçadão de Santa Maria/RS (comércio de artesanato indígena).



Autora: Vanessa Milder. Data: 27/07/2015.  
(Acervo pessoal da autora).

Figura 119. Aldeia Guarani *Guaviraty Porã* (nas proximidades do Distrito Industrial e do Distrito de Boca do Monte/Santa Maria - RS).



Autora: Vanessa Milder. Data: 13/08/2015.  
(Acervo pessoal da autora).

Figura 120. Diálogo com Genício Karáí (*Papá*), interlocutor Guarani. Primeira intervenção na Aldeia *Guaviraty Porã*/Distrito Industrial de Santa Maria-RS.



Autora: Vanessa Milder. Data: 13/08/2015. (Acervo pessoal da autora).

Figura 121. Genício Karáí (*Papá*), analisando as formas das vasilhas em LEPA/UFMS.



Autora: Vanessa Milder. Data: 20/08/2015. (Acervo pessoal da autora).

Figura 122. Diálogo com Genício Karáí (*Papá*), interlocutor Guarani, em sua primeira intervenção no Laboratório de Estudos Arqueológicos LEPA – UFMS/Santa Maria-RS.



Autora: Vanessa Milder. Data: 20/08/2015. (Acervo pessoal da autora).



Figura 123. Diálogo com as mulheres Guarani artesãs.



Autora: Vanessa Milder. Data: 22/08/2015.  
(Acervo pessoal da autora).

Figura 124. Apresentação dos espaços da aldeia, pelos Guarani.



Autora: Vanessa Milder. Data: 20/08/2015.  
(Acervo pessoal da autora).

Figura 125. Mulheres Guarani reunidas em frente a uma das habitações da aldeia. Apresentação de artesanatos pelas mesmas.



Autora: Vanessa Milder. Data: 22/08/2015.  
(Acervo pessoal da autora).

Figura 126. Diálogo com as mulheres Guarani artesãs. Explicação da simbologia nas cestarias, sua possível relação com a cerâmica pré-colonial Guarani (grafismos) e o processo de coleta da matéria-prima (*tacuaras*).



Autora: Vanessa Milder. Data: 20/08/2015.  
(Acervo pessoal da autora).

Figura 127. Ritual de recepção, entrega de fumo em corda para o *Abuelo*. Conversa para deixá-lo ciente de nossa visita. Processo fundamental afim de receber a sua permissão para dar prosseguimento aos diálogos.



Autora: Vanessa Milder. Data: 20/08/2015.  
(Acervo pessoal da autora).

Figura 128. Participação da *Abuela* durante o ritual de recepção dos brancos. Explicação da função do *Mbaraka Mirim* (chocalho Guarani) e dos seus grafismos.



Autora: Vanessa Milder. Data: 20/08/2015 (*Abuela* em último plano da imagem).  
(Acervo pessoal da autora).

Figura 129. Mulheres utilizando cachimbo (de *tacuara*) e fumo. Mulheres sentam-se no chão e os homens em banquinhos de madeira, segundo a tradição.



Autora: Vanessa Milder. Data: 20/08/2015.  
(Acervo pessoal da autora).

Figura 130. Trincheiras com com material cerâmico *in situ*. Solo arenoso da região. Sítio Estância Velha (Santa Maria-RS).



Fonte: Acervo documental/fotográfico do LEPA/UFSM.  
Data: 29 de outubro de 1984.

Figura 131. Trincheira com três quadrículas próxima à estrada. Divisão das quadrículas com cortes estratigráficos entre elas. Sítio Estância Velha (Santa Maria-RS).



Fonte: Acervo documental/fotográfico do LEPA/UFSM.  
Data: 29 de outubro de 1984.

Figura 132. Proprietário da área onde se localiza o sítio arqueológico Rincão dos Flores. Demonstração de lascamento (madeira petrificada) e produção de faíscas para o fogo, realizada pelo Sr. Arani.



Fonte: Milder (21-06-2020).

Figura 133. Trecho da nascente, localizado a 50 metros do sítio Rincão dos Flores. Exposição da formação rochosa em processo de erosão de suas margens. Olho d'água perene.



Fonte: Milder (21-05-2019).

Figura 134. Alguns membros da equipe de campo (Rincão dos Flores): Família do Sr. Arani (Proprietário) e Márcio Ilha (agricultor e interlocutor entre a comunidade e academia).



Fonte: Milder (21-06-2020).

Figura 135. Equipe de campo (sítio Estrada/Alto das Palmeiras) do LEPA/UFSM e Sra. Euci Jaques D'Ávila (proprietária). Reconhecimento inicial da área.



Fonte: Milder (Maio/2014).

Figura 136. *Uprooting* (sítio arqueológico Alto das Palmeiras).



Fonte: Milder (Maio/2014).

Figura 137. Processo de confecção de uma lâmina petrográfica.



1 e 2 - Adição de pó abrasivo.  
 3 e 4 - Processo abrasivo na peça cerâmica. O vidro é utilizado para deixar a amostra plana e lisa.  
 5 - Secagem no forno (6 horas).  
 6 - Pesagem.  
 7 - Polimento (2 horas). Resina a ser aplicada na face polida da amostra.  
 Após esse processo, o fragmento é colado na lâmina de vidro (fosca - para melhor aderência da resina) e a amostra é colocada no forno a 50° C. Após 24 horas a amostra está pronta para análise microscópica.